

deixar ela aqui. Mas ela não pode vir porque tem que fazer o trabalho, trabalhar fora, ela mexe com medicamento, né? E ela (inaudível) apresentar o trabalho dela na farmácia, né?

Shnaider - Como que foi assim, que vocês resolveram ter a Angélica, enfim, como vocês resolveram se casar?

Antônio - Na realidade nós não casamos. Nos conhecemos, eu e Sônia. Eu sempre fui solteiro, nunca convivi, nunca fui apegado em conviver com mulher, né? Aí, eu (inaudível) livre e viver só, né? (inaudível) 2 filhos, o Daniel que é registrado e a outra é a Raquel. Mas a Raquel não foi registrada porque a mãe dela era casada, né? Tinha outro filho. O marido dela resolveu ficar e assumiram a minha filha. Não deixaram registrar no meu nome. Então ficou aquele registro sem eu poder... Até entrei na justiça pra registrar (inaudível). Mas eu não podia avançar porque eu (inaudível) seria como se fosse um seqüestro, né? Podia me prejudicar. Então, não insisti no processo. Esperei que eles falassem, a mãe dela aceitasse, como não aceitou o registro eu fiquei sem poder registrar, mas ajudo ela, todo mês eu ajudo ela. Ela tá fazendo faculdade de Direito, né? Sempre me ameaça me botar na justiça, eu digo: “Olha, eu tentei registrar você.” Aí, ela diz: “Ah, o senhor tem uma filha que o senhor faz tudo por ela.” Até ela falou umas palavras desagradáveis com minha filha, que nesse dia, que passei a ficar muito chateado com ela, porque ela falou que minha filha era louca: “Você tem uma filha louca. Aí, (inaudível) só dá atenção pra ela.” Eu digo: “Não é que ela é louca, mas é porque é uma criança que precisa mais de mim do que você, porque a sabedoria dela e a saúde dela depende mais da gente tá ensinando e cuidando dela. Na saúde e na sabedoria a gente tem que ir atrás de profissionais pra poder ela conviver no mundo normal como você.” Ela criticava isso, né? Eu me afastei dessa minha filha. Não é que me afastei, assim, digo: “Não gosto.” Eu gosto, mas eu fui obrigado a me afastar porque eu tive medo de convidar pra chegar, ficar junto (ela já conhece a Angélica, mas quando era menor) e fazer alguma coisa errada. Eu sempre fico calculando o que poderá ocorrer no futuro. Eu calculo muito, o futuro pra frente, eu fico pensando (inaudível) “Porque a pressa, Antônio, o que vai acontecer pra frente e isso faz com que você passe a sofrer mais.” Realmente é verdade, né? Às vezes, tenho uma visão que na frente vai ter um sofrimento pior, alguma coisa que eu tenho, vai ter sofrimento, aí eu procuro andar com cuidado, evitar pra que não aconteça lá na frente. Eu ponho na minha cabeça que aquilo vai acontecer e tenho que procurar me precaver, né? (inaudível) pra que não aconteça coisa ruim na frente, né? Rezo, peço a Deus, pra não deixar acontecer. E quando acontece, eu fico preocupado, às vezes, eu falo pra minha mulher: “Viu, você fala que eu tenho problema de contar esses problemas meus, essas visões que eu tive, você acha que é besteira, mas você viu o que aconteceu, aconteceu aquilo comigo, aconteceu aquilo com a Angélica.” O nascimento dela, eu cheguei a comentar aqui?

Shnaider - Não. Você só me disse ...

Antônio - Quando a Angélica nasceu, eu tive uma visão, uma espécie de um sonho muito ruim, que eu tive. Que eu ia sofrer um acidente, uma facada que eu tive e que eu ia sofrer aquilo, né? Que eu via aquilo ali, que eu tinha ido dormir no chão, no colchão. E a minha mulher na cama quando tava grávida, nem sabia que tava grávida da Angélica. E eu dormindo ali, eu tive um aviso, mas forte mesmo, uma coisa que eu fiquei apavorado, né? Diante daquele aviso que eu tive da Angélica, que eu ia ter uma filha, a filha tava num canto, eu ia pegar e eu queria puxar o pescoço, né? Tirar a vida. E no sonho eu digo: “Olha, ela não pode nascer porque vai nascer com problema.” (inaudível) ela tinha tomado medicamento, né? Nós tentamos evitar filho porque nós estávamos meio de idade, então ela tinha tomado (inaudível) abortar. Como eu tava com uma certa idade e ela também, não queria mais ter filho. Eu queria viver só, sem ter filho pra me cuidar, pra não preocupar com nada. Aí, tentei evitar isso, algumas 2 ou 3 vezes eu tentei evitar, com outras pessoas também que eu tive e com a Sônia também. Chegamos, eu tentei evitar que a Angélica viesse a nascer, né? E eu fui atrás dos medicamentos (inaudível) tomou 2 e mesmo assim não evitou, né? Esse problema

não foi evitado (inaudível). E eu tive o aviso depois que eu fiz isso, muito ruim esse sonho, eu sofria esse acidente e depois nascia essa criança, mas como se, não era uma criança no sonho, era como se fosse um animal, um bichinho de estimação (inaudível) e tinham 2 rapazes, a Sônia segurava de um lado de mim e a minha mulher segurava, o rapaz segurava do outro lado, um do lado direito e a minha mulher, outro do lado esquerdo segurava, então (inaudível) lado esquerdo é filha mulher, lado direito aborto, né? (inaudível). E foi realmente que aconteceu tudo isso. Sonhei (inaudível) sonhei com a imagem de uma cobra muito grande, com os olhos pretos que olhavam pra mim, tipo um bandido, né? Sofri o acidente. Aí, depois que saí do hospital, passei 15 dias UTI. Aí, veio a notícia que a Sônia estava grávida. Ela nem sabia, depois de 1 mês, tava grávida de 2 meses já. E ela tinha tomado (inaudível) eu pensei que não tinha mais nada, tava grávida. Aí, fiquei preocupado, digo: “Vai nascer com problema, né?” Aí, eu digo: “Lembra do sonho? O que eu falei já aconteceu. Da filha, você vai ganhar uma filha, né?” E eu senti que era mulher mesmo no sonho... E vamos fazer os exames mas é mulher. Era mulher, né? E eu já sentia que ia nascer com problema (inaudível). Eu digo: “Vai nascer com problema.”

Shnaider - Que tipo de problema passava pela tua cabeça?

Antônio - Eu, me passava, porque eu olhava muito, sempre me preocupava em olhar muito os filhos dos outros, coisa que eu até me arrependi. Quando tinha defeito (inaudível) tinha medo que mulher tivesse filho e nascesse com defeito. Sempre evitava. Não queria filho nenhum (inaudível) vinha aquilo na minha mente direto. E quando ela nasceu, eu não vi defeito. Aí, depois de 2 anos e meio, descobriu o defeito (inaudível). Que a Angélica tinha defeito (inaudível). Quando o médico me deu o diagnóstico, mandou pra Brasília. Fui pra Brasília, procurei essa psiquiatra, que era de São Paulo. Uma outra psiquiatra foi a Foz do Iguaçu atender e não consegui descobrir a doença dela, aí, em Brasília, tinha essa grande profissional (inaudível). E lá eu cuidei da Angélica e descobrimos um neuropediatra muito bom que era o dr V. (inaudível) falou que a mãe dele, até me contou a história: “Minha mãe teve problemas.” E acho que tentou abortar ele e aquilo me tocou. E eu não falava besteira naquele sonho. A minha mulher sempre me fala: “Você não conta pra todo mundo, que as pessoas, no lugar onde você trabalha, aí (inaudível) outra vida diferente, contando esse tipo de sonho, um aviso (inaudível) as pessoas vão criticar, achar que isso é besteira, esse sonho.” Digo: “Não, eu não tenho vergonha de contar, eu conto pra qualquer um (inaudível).” E eu contei pra esse doutor que também tive esse sonho (inaudível). E ele começo a contar o caso da mãe dele que tentou abortar também ele (inaudível). Parece que tinha raiva do pai ou da mãe. Não falou raiva pra mim. Mas a gente sentia no olhar dele que ele tinha raiva daquilo e ele se formou, médico, né? Mais pra provar que conseguia, né? Um grande médico aliás, faz (inaudível). Descobriu que a Angélica teria que partir pra um outro tratamento mais avançado. Porque ele já tinha chegado ao final do tratamento dele. Ele não tinha descoberto nada. Que era problema. “Não descobri nada. Ela não tem problema mental, não tem nada. Bate o eletro e nada, é normal.” O único problema, a Angélica era outro, né? Aí, nós imaginamos, já tínhamos ouvido falar em autista, em criança hiperativa, né? Criança mongol, né? Eu tinha muito medo de ter filho, justamente por causa da criança ser mongol, baixinho, pequenininho, com olho puxado. Eu tinha medo de nascer assim, né? Aí, pronto! (inaudível). Mas ela não nasceu assim, ela nasceu bonita, a Angélica é bonita. Mas nasceu com esse problema e eu evitava por causa desses problemas.

Shnaider - Você evitava ter filho?

Antônio - É, porque filho, quando eu via que tava grávida eu (inaudível). Uma outra mulher que eu tive antes, quando eu era mais novo, eu não quis assumir, mesmo. Era mais novo, eu tinha 22 anos (inaudível). Pra mim, isso foi como se fosse um crime, até hoje eu (inaudível) com 3 meses, quase 4 e tirou, né? Quase morreu a moça, na época. E tive esse problema, isso tudo foi ocorrendo. Porque me trouxeram, pra hoje eu ser assim perturbado,

não dormir bem, ficar nervoso demais, que talvez esteja na minha mente mesmo (inaudível). Pensar o que vai acontecer, né? Futuramente, que vai ajudar que aconteça aquilo, né? Depois disso tive uma outra mulher, tentamos tirar também. Aqui, no Brasil, não podia, era proibido, tava de 4 ou 5 meses (inaudível). Mas mesmo assim, veio o Daniel, primeiro e depois veio o Daniel. Não, veio esse primeiro, eu não quis e “não, vamos fazer isso.” Aí, como no Brasil era proibido e no Paraguai, não. Fomos pra o Paraguai e os médicos fizeram o (inaudível) e o médico tirou. Aí, depois disso, tentei tirar a Angélica. Aí, vem o Daniel. Parece que aquela criança (inaudível) falou: “Ó, ela não nasceu, mas Deus mandou ela vir nesse menino, Daniel.” Aí, nasceu ele. Então, pra mim aquelas crianças eles não morreram. Morreu a matéria, mas pra mim, eu falava pra Sônia: “Eles não morreram. Eu tirei, mas eles voltaram no Daniel.” É um menino muito inteligente, fala muito pouco comigo. Ele também não tem muito carinho por mim, sabe? Mora lá pelos lados da Bahia. Mora lá, tá estudando, muito inteligente, mas ele não tem muito carinho por mim. Ele não é de ligar, ele fica 3 a 4 meses sem ligar pra mim. Ele não liga. Ele é meio (inaudível). E depois tentei que a Sônia abortasse a Angélica (inaudível) que veio também (inaudível). A Angélica nasceu assim. E hoje eu sou muito apegado a ela devido a esses problemas que ela teve.

Shnaider - Eu queria que você me contasse, assim, com foi o período da gravidez da sua mulher? Como era você com ela?

Antônio - Sempre tivemos uma vida muito boa. Eu nunca fui de discutir muito, de brigar com mulher, pancadaria. Eu nunca tive esse problema. Se eu não gostava, eu me afastava (inaudível). De um dia pra noite eu largava tudo, desaparecia e ia embora. Quando eu era mais jovem (inaudível) trabalha por governo (inaudível) transferência e desaparecia e não procurava mais a pessoa (inaudível) 3, 4 anos, já tava fora (inaudível) sempre eu escapava dos problemas assim. Eu não queria me perturbar, então, sempre escapava. A minha vida com a Sônia já foi diferente, nós nos conhecemos. Eu a conheci, ela já tava com 30 anos (inaudível) é, não tinha 30 anos. Tava com 29 anos. Sônia era mais nova que eu 1 ano só, ela tinha 28 anos, por aí, (inaudível). Com 1 ano já nos juntamos (inaudível) não quero ter filhos.

Shnaider - Vocês dois?

Antônio - É. Eu que não quis.

Shnaider - Você falou com ela isso?

Antônio - Não, comigo (inaudível). Eu não quero ter filho pra evitar, né? (inaudível). Mas aí, eu gostei muito dela, nos demos muito bem, né? Eu não tinha uma vida muito apegada. Eu tinha uma vida livre, ela não pegava no meu pé. Eu podia sair, fazer o que quisesse, né? Aí, Sônia, eu gostei dela por causa disso. Ela foi uma pessoa muito tranqüila, não existia ciúme, né? Eu ia aonde eu queria, eu voltava, mas sempre respeitei muito ela, desde o dia que eu conheci ela, eu nunca tive problema (inaudível) sempre a mulher que eu convivi, durante o período que tive com ela, eu sempre respeitava muito, eu nunca abandonava, não saía com outra, não tinha traição, né? E o tempo que passei com a Sônia (inaudível) a respeitei, nunca tive outra sem ser ela, tanto que tem quase 18 anos que eu vivo com ela. Então, eu nunca traí ela com outra mulher, dentro desses 18 anos, nunca me apaixonei por outra mulher. A não ser colegas de trabalho que ela tem, ela também tem isso. Aí, às vezes, eu saio com colegas minhas (inaudível) dou carona (inaudível) porque ela confia em mim, né? E eu também (inaudível) errado, nem por onde ela saber que eu tivesse problema, porque eu também nunca tive mesmo. O tratamento dela, quando ela ficou grávida, que eu tentei tirar, depois a Angélica, não teve jeito, tomou remédio e não abortou. Aí, eu fiz um tratamento muito rigoroso com ela. Eu (inaudível) do médico com um convênio da Receita Federal que é muito bom, que a Angélica também tem, qualquer hospital ela pode ir, pra (inaudível) muito bom, pra ela e minha mulher (inaudível) do governo, né? Botei elas no meu convênio e acompanhei todo o período dela. Eu achei que o médico errou porque, (inaudível). Eu achei que o médico errou no tratamento. Depois eu comecei a pensar, talvez

seja... Eu tava calculando e via que o médico tratou Sônia meio seco, né? (inaudível) “Doutor, o conveio meu paga pro senhor?” Falou: “Paga muito bem.” “Mas fora, à parte, pro senhor cuidar da minha mulher, eu quero que o senhor, além do quanto que o convênio para pro senhor, fazer o acompanhamento da minha esposa.” Aí, ele fez os cálculos, lá e disse: “O convênio me para em torno de tanto.” “Muito bem pago (inaudível). Então, além do que o governo lhe paga eu vou dar mais tantos dólares pro senhor cuidar da minha esposa, mais do que uma outra pessoa. Ela vai ser atendida primeiro.” Eu paguei fora, à parte (inaudível). Na época do parto, ficava em 500 dólares lá, em Foz do Iguaçu. Aí, digo: “Eu dou mais, depois que terminar eu vou lhe dar um presente ainda.” Não falei quanto, mas o presente que eu dei pra ele foi de 1.000 dólares. Aí ele ficou muito satisfeito. Mas ele cuidou dela secamente. Minha mulher falava e o médico ... Aí, olhava (inaudível) até hoje ela mesma fala: “Aquele médico (inaudível).” Há uns 3 anos, tinha uma placa lá de um médico particular, digo: “Esse, dr N., não atende aqui não, né”? “Não, não é o dr N. que você tá pensando (inaudível).” “Não é esse médico não, Antônio. Aquele realmente ninguém gosta dele, dizem que ele é um mal médico.” Digo: “Ah, então minhas idéias tavam certas. Que aquele além de ser péssimo médico, minha filha nasceu assim e assim (inaudível), se quiser falar pra ele pode falar, eu falo na frente dele.” Mas nunca me confrontei junto com ele. Aí, deixei pra lá. Depois achei que foi culpa dele, mas depois que pensei, Deus me tocou muito, que não foi culpa dele não. Foi porque Deus quis assim, então, talvez nos meus erros, eu tava pagando aquilo. E a Angélica nasceu e hoje ela pra mim, eu considero a Angélica um anjo. Se falar às vezes alguma coisa, que ela aprende, saiu da boca da gente, ela fala, eu digo: “Angélica, palavrão é feio, filha!” Ela aprende, sem querer falo um palavrão perto dela e ela fala (inaudível), se vê alguma pessoa na rua falando, ela aprende. “Papai, eu não sei o que é (inaudível).” “Angélica, isso é feio.” (inaudível). Eu trato ela com muito carinho, tenho ela como um anjo da guarda, do meu lado. Eu acho que eu vivo, passei a viver mais ainda, como eu expliquei pra senhora, aquele lado, que eu passei mais a conviver, eu voltei mais a ser mais forte por causa da Angélica (inaudível), preparo físico, eu pesava 70 kg, eu diminuí. Eu comecei a ficar doente há uns 2 anos atrás, até 1 ano atrás eu tava mal. Eu tinha uma doença que eu ia no médico e não era nada. Uma dor muito grande de cabeça, uma dor na perna. Aí eu comecei a fazer (inaudível), ortopedista, fiz exame, não deu mais nada. Que a Angélica consegui fazer eu ficar mais jovem. Por dentro, não na aparência. Na aparência eu continuo com 48 anos. Ela fez que eu ficasse mais jovem e ter mais força, que o próprio jovem mesmo. Mas (inaudível) levantar cedo, dormir pouco. Eu durmo muito pouco, tomo remédio controlado, pra dormir 4 ou 5 horas por noite só. Eu levanto de manhã, faço física, tem uma academia pequena onde eu moro. Faço abdominal, flexões. Faço todo tipo de física, né? Que aprendi no Exército, quando fui militar por 6 anos, o que eu aprendi no Exército eu voltei a praticar. Hoje em dia, eu levo minha vida com muito amor por ela, pela Angélica.

Shnaider - Tá bom, Antônio.

### 3ª Entrevista com o pai – 26/10/2004

Shnaider - ... Começa a me contar sobre isso, você tem medo (inaudível). Você já me disse que tem problema no coração.

Antônio - É, eu já fiz dois cateterismos. Eu, a última vez que fiz (inaudível), achei muito ruim, né? E eu tenho esse problema de veia entupida, né? Que ela não consegue desentupir, porque é muito fina (inaudível) e o médico que tá tratando, não adiante tentar que pode correr risco de morrer (inaudível).

Shnaider - Mas o que você sente?

Antônio - Um mal-estar, porque essa veia, ela continua entupida, então, tem hora que dão umas paradas, assim rápido, né? Que acelera rápido, eu não consigo, aí, eu paro o carro, em questão de segundo, volta ao normal (inaudível).

Shnaider - E desde quando você sabe do seu problema?

Antônio - Eu descobri depois da Angélica. Tive muitos problemas, né? Com a minha família que mora em Brasília, né? Tem muitos problemas (inaudível) não era muito bom pra Angélica. Até me afastei, apesar de eu ter minhas coisas lá, mas me afastei e vim pra cá, preferi vir pra cá (inaudível). O tempo que eu fiquei lá, com a Angélica, 3 anos, não foi bom pra mim. Eu preferi me afastar pra mim ter uma vida mais tranqüila.

Shnaider - A sua família, além de seu filho, quem mais mora em Brasília?

Antônio - Lá vive meus pais e irmãos meus, que são difíceis de conviver com eles, né? Me perturbavam muito quando eu, a Angélica teve esse problema, perturbaram muito, criticaram...

Shnaider - O que eles diziam?

Antônio - Falavam que tinha uma filha com problemas, né? Inclusive, essa outra filha, né? Que eu tenho, a Raquel, que eu te falei. Ela, algumas vezes, criticava que a Angélica era louca, né? Aí, eu me afastei também dessa filha (inaudível). Aí, deixei de lado (inaudível).

Shnaider - Você estava me contando a semana passada, eu queria que você me falasse um pouco mais, assim, do período que a sua esposa ficou esperando a Angélica, o que você se lembra desde quando você e ela ficaram sabendo?

Antônio - Bom, o período que a Sônia estava esperando a Angélica (inaudível) preparação, médico, né? (inaudível).

Shnaider - Mas, além disso, como era a Sônia com a notícia de que a Angélica viria, você, como vocês foram se arranjando?

Antônio - Bom, depois nós fomos nos encaixando assim, gostando da Angélica vir, né? Só que muito arrependido de ter feito, tentado fazer o aborto, né? Ela tomou esses remédios e nós tentamos fazer (inaudível). Não deu certo. Ela veio, a Angélica. Depois, eu fui tentar conviver com a Angélica, né? A conviver com essa vinda dela, né? (inaudível) ficamos sentindo bem, mas nos primeiros 6 meses eu acho que foi meio (inaudível) eu sempre tive que a Angélica ia nascer (inaudível) com defeito. Mas eu tinha mais medo, que eu via gente falando, da idade, que ela ia nascer com defeito físico. Com defeito mental (inaudível) mongol, que a gente fala, né? Eu discriminava, olhava pra essas crianças e imaginava a Angélica daquele jeito, né? Mas, graças a Deus, não foi daquele jeito que ela veio, ela veio de um jeito diferente, ela veio saudável, bonita, né? Então, ela (inaudível). O medo que eu tinha, esperava (inaudível) ela não veio. Deus mudou as coisas (inaudível) do 7º mês pra frente, já senti alívio, né? Fui sentindo mais alívio, apesar de não ter assistido o parto dela, que eu tive muitos problemas no dia (inaudível). Deixei ela no hospital, em Foz de Iguaçu, deixei ela lá e de lá, ela teve a Angélica sem eu ver (inaudível) eu cheguei, é que eu fui ver a Angélica, né? De nordestino, a cabecinha chata, (inaudível) “É feinha, a Angélica, tem cabeça chata.” Sem cabelo, ela fica mais feia, com a cabeça sem cabelo fica mais... Digo: “A Angélica é feia, a cabeça dela é chata, parece com minha mãe.” Minha mãe, ela tá de idade e cortou o cabelo.

Tipo, é idêntica à Angélica, minha mãe. É parecida (inaudível). A aparência da Angélica é ver minha mãe quando era nova. A Angélica parece, assim, que às vezes, eu fico pensando, a Angélica é como se fosse, segunda minha mãe que vou ter novamente, depois de minha mãe morrer. Vou ter a Angélica futuramente, né? Então, eu sinto aquele prazer, hoje em dia, de ter minha mãe duas vezes praticamente. Eu fico ligado à Angélica, na minha mãe futuramente. Ela parece muito com minha mãe. Minha mãe também deu uns problemas, assim que ela foi criada no interior, (inaudível) meu avô, ele era meio problemático. Ele não sabia o que era dinheiro, ele não contava dinheiro, né? E, às vezes, até minha avó... Dizem que ele escondia até as coisas da minha avó pra não dar pra ela, né? Era problema mesmo que ele tinha, mas era um homem direito, respeitava muito minha avó. E a minha mãe puxou um pouco a ele, minha mãe não teve condição, morou em um lugar muito longe da cidade e não estudava (inaudível) duas filhas, né? E ela nunca estudou e até hoje minha mãe (inaudível) católica, vai na igreja sempre (inaudível). E ela tinha aquele, quase como se fosse a Angélica, né? No modo de ser ...

Shnaider - É? Mais ou menos como?

Antônio - É, uma na aparência e outra nos modos de olhar, né? O jeito dela falar, o jeito dela olhar. (inaudível) igual a minha mãe, ela olha assim, sinto ela como se fosse minha mãe, uma segunda vez. E depois sinto, também que Deus me deu uma pessoa na vida que é um anjo pra mim (inaudível). Alguma coisa que eu esteja pagando, né? E, Deus me deu a Angélica pra que eu tivesse (inaudível) arrepender de alguma coisa que eu fiz, né? No passado, com aqueles problemas que eu já falei pra senhora, dos 2 filhos que eu tirei, né? E acho que vieram ao mundo, de uma forma ou de outra eles vieram, voltaram, né? (inaudível). Então, (inaudível) Deus colocou pra me defender. É como de fato eu sinto (inaudível) a Sônia fala pra mim: “Mas você tem hora que tem um, diferente, a gente olha e você muda, né? O comportamento.” Porque, às vezes, eu mudo muito sobre a Angélica. Às vezes, eu penso em casa, um desânimo, alguma coisa que entra em mim. Aí, eu começo a pensar na Angélica, nela assim, talvez como se ela tivesse morrido, né? Acordo meio assustado e aquilo, durante o dia, certo horário, eu não tiro aquilo da minha cabeça, né? Com medo, parece que eu fico imaginando o jeito que ela vai, o jeito que ela caiu, que vai morrer de acidente de carro. Devido ela não ter consciência de alguma coisa que entra, anda, (inaudível) ela pára, sente, tem medo, de altura, tem medo e, às vezes, não tem. Às vezes, tem medo de uma coisa e não ter medo de outra, né? Então, aquilo me deixa, assim, vem imagem, assim em mim que (inaudível) penso em controlar, né? Aquelas coisas como se fosse um aviso.

Shnaider - Que tipo de imagem você lembra de ficar passando, assim, na sua cabeça?

Antônio - Ah, doutora, a gente (inaudível) entender o que vou explicar pra a senhora. Eu vejo imagens, que não bonitas, são feias, são imagens, vendo a Angélica com a cabeça, assim, batida, muito sangue, assim. Às vezes, eu chego a ver isso aí mesmo assim, chego a olhar assim, pensando (inaudível) “Esse carro assim, um caminhão grande, né? Bate aqui e pega só ela, né? Como que vou olha pra Angélica depois de ver, né?” Eu olho pra ela, assim atrás do carro e vejo no que ela tava deformada, no rosto, com a pancada. Eu digo: “Matou a Angélica.” Então, eu sinto o medo de eu perder ela, né? Eu acho que o medo é devido às coisas que eu não cometi de bom, né? Vieram, me perturba, né? Aí, eu levo essa vida assim com a Angélica. Eu e ela em casa. Eu levo muito, com medo disso aí. Mas depois que eu me ajoelho, né? Me coloco de joelho, pedi a Deus, peço pra aquilo (inaudível) coragem (inaudível) sentir mais ela perto de mim. Porque esses problemas, defeituoso assim, acidentes feios que eu vejo na minha cabeça, não aconteça com ela. Eu prefiro assim, porque (inaudível). Ela não vai ter entendimento, eu vou ter entendimento pra ver, ela me ver de qualquer jeito, Ela não sente aquela emoção que eu sinto (inaudível) por ela, né? Essas imagens são assim, não são boas, né?

Shnaider - E você está falando das imagens que vem na sua cabeça, falou também dos sonhos, dos avisos que você diz ter da Angélica antes de nascer?

Antônio - É. Antes, desde que eu tive aqueles avisos, que ela ia nascer daquele jeito, né? Eu já tava sentindo. E o medo de eu não ter filho era isso, né? Que eu já tinha e eu não queria ter. Eu queria viver uma vida, assim, (inaudível). Eu já tava com 30 e poucos anos, eu já tava. Só que a Angélica fosse, eu não queria que ela viesse. Fosse só nós, eu e a Sônia, né? (inaudível). Porque eu tinha 2 filhos, Sônia tinha 1 filha (inaudível), não aceitava criança. De forma que veio a Angélica, né? (inaudível). Tive aquele sonho que ela ia nascer daquele jeito. Mas eu contei isso antes de ter a Angélica, tive um acidente, né? Depois, que eu tive o acidente, que eu comentei, eu contei pra Sônia que eu tinha tido um sonho. E que ia ter uma filha assim e que eu tentava matar no sonho aquela filha. Eu mesmo tentava, né? Tirar. Mas, como se ela fosse um animal que vinha, né? Um bichinho de estimação. E ela veio, né? Veio, Deus colocou a Angélica (inaudível).

Shnaider - Você se lembra se na sua vida, antes da Angélica, de ter tido alguma experiência parecida com isso? De ter visto alguma cena, na tua cabeça, de ter tido algum sonho desse tipo?

Antônio - Lembro sim. Eu me lembro que eu tive antes alguns avisos, antes disso, antes, eu já sentia, eu pressentia esse aviso, assim que nós íamos ter um filho e que essa filha (inaudível) que a gente tinha tentado tirar o filho, mas eu vi que (inaudível) que ia nascer com problema. Aquilo me perturbava, né? Já tinha (inaudível). Eu não queria ter a Angélica. Agora, não sei se Sônia quis ter, né? Porque eu não me segurava quase em ninguém, né? Talvez, pra ter isso aí, foi um meio que ela quis ter e... Digo: "Olha, não vamos ter filho, eu te conheço (inaudível)." Acho que Sônia quis ter um filho. Eu não. Com certeza a minha versão sempre foi essa, eu não nego, eu realmente não quis ter a Angélica. Peço perdão a Deus. Eu não quis ter. Eu tentei tirar, a Sônia não. Então, a culpa foi minha, na realidade, porque tudo que eu pedia: "Sônia vamos tirar?" Às vezes, eu sentia que ela queria (inaudível) ter essa filha, talvez o modo da gente viver junto, né? (inaudível) me segurar mais.

Shnaider - Como assim?

Antônio - É, (inaudível) eu pensava assim, eu digo: "Ah, se não der certo, depois a gente desliga." (inaudível). Mas ela, acho que não pensava assim. Ela pensava no futuro com alguém junto, pensava em viver comigo o resto da vida, né? Eu pensava (inaudível) passagem na minha vida. "Não vai durar, né?" A gente vive a vida assim, né meio ... Ela viaja muito, né? Eu também acho importante que ela viaje, que ela trabalhe. Eu não atrapalho, não existe ciúme dentro de mim que possa me perturbar sobre ela. Confiança, vai, fica (inaudível) digo: "Pode viajar que eu cuido da Angélica, né?" Tem uma menina que sempre me ajuda, aí, né? (inaudível). Me ajuda muito, em algumas coisas em casa, né? (inaudível) não gosto de ver na Angélica, o banho, né? Ela não tem malícia, né? De ver a pessoa, o homem, a mulher assim, sem roupa. Mas, eu evito pra aquilo não despertar (inaudível) tanto eu quanto a Sônia. Que a mulher deve ensinar mais a parte da mulher. E o homem já é mais difícil, de ensinar pra ela. (inaudível) palavras, eu falo pra ela, pra Angélica, digo: "Olha, homem é diferente da mulher. E filha não pode olhar o pai, às vezes, no banho, que é pecado, Deus não gosta, né?" Eu falo assim pra ela, assim, né? "Você é um anjo." Ela diz: "Deus não gosta?" Digo: "È, Deus não gosta."

Shnaider - Você diz a ela que ela é um anjo?

Antônio - Eu digo. Falo. Eu falo muito isso na frente dela. Eu digo: "Angélica, você é um anjo que veio salvar, talvez minha ida pro inferno, né? Talvez a minha ida pra outro lugar, você foi um anjo." E na realidade é mesmo. Eu vejo ela na minha mente como se fosse um anjo (inaudível) suspenso no ar. Eu olho pra Angélica e vejo isso. Eu fico com ela, eu durmo muito pouco. Tomo até remédio controlado. Mas mesmo com remédio, eu tomo ele umas 10hs e vou conseguir dormir só meia-noite. Ele dá 2 horas pra poder me derrubar.

Quando dá 4 e meia, 5 horas, já acordo (inaudível). Aí, eu olho pra ela, eu vejo ela dormindo, assim (inaudível) olho e vejo ela pálida, amarela (inaudível) pode ser impressão minha, né? Aí, olho, fico olhando, às vezes, ela tá com o bico na boca, eu tiro, ela respira forte, né? (inaudível). Eu passo Vick, né? Depois limpo. Aí, quando ela dorme, eu tiro o bico pra ajudar a respirar melhor. Então, eu olho ela dormindo, grande, mas vejo que a Angélica é como se fosse um anjo (inaudível) como se fosse um anjo. Às vezes, eu vejo até coisas, a Sônia não acredita muito, né? E, aliás muita gente não acredita, né? Eu acredito que, nisso que eu vejo, eu acredito. E, às vezes, eu tô com ela, né? De repente, ela (inaudível) eu vou rezar (inaudível) tem um crucifixo, inclusive eu tenho um santo que eu tive na época que eu sofri o acidente, né? Tive, assim muito forte meu (inaudível) senti aquela força de viver, né? Me peguei naquilo, né? Eu via a Angélica como hoje eu olho a Angélica. A Angélica, depois disso veio, como se fosse um anjo. Às vezes, eu tô em casa assim, eu digo: “Ó, dentro do quarto, vou orar.” Ela entra e senta no banco, quando ela vê eu rezando, ela senta no banco e fica olhando pra mim. E, às vezes, me assusta. A Angélica tá lá e eu olho parece que ela tá ali, depois ela sai da minha vista. Às vezes, dentro do carro, acabo de deixar ela no colégio (inaudível) e olho pra traz, aí, olho (inaudível) e vejo. Quando eu chego ali no trabalho, na Receita Federal, que olho pra trás, “Ah, eu deixei a Angélica no colégio.” Pra mim, ela tava indo comigo. Eu me esqueço durante o período, chego na Receita dirigindo, né? Porque eu dirigo também pra Receita Federal, eu saio ainda dirigindo e ela tá atrás. Parece que a Angélica tá, indo como se fosse pro colégio, não pra um outro lugar, não pra o trabalho, pro colégio. De repente, eu olho e não vejo mais (inaudível). A viagem que eu fiz pra Brasília, sozinho, quando eu vinha embora pra cá, olhava pra trás, eu via a Angélica andando comigo, parece que ela tava do meu lado. E eu acho que tava mesmo. Eu sentia a presença dela. Não sei se a senhora acredita, que eu acho que (inaudível) eu acho que tem outra vida, tem que ter, né? Porque não pode a pessoa, às vezes, eu penso, não pode a pessoa nascer assim, viver na vida, vagar a vida interia assim, com esse problema, precisando sempre dos outros, pra defender do aprendizado, nesse mundo (inaudível) cheio de maldade, né? Perigoso. Tem que ter outra vida, né? Então, eu acredito que dentro daquela matéria existe a máquina e existe a alma nossa, que é a dor e o espírito que é de Deus, né? Então, acho que nós temos as duas coisas. A alma, o espírito (inaudível) tá sempre junto. (inaudível) “Não, Angélica, aí doeu a sua alma.” E diz: “Pai, o que é alma?” Digo: “Alma é a dor que a gente sente, o sangue que a gente vive, que nos liga à matéria, faz o coração (inaudível) tipo um automóvel, Angélica, tipo como, carro não anda? Anda porque tem um motor e uma máquina pra dominar ele, a máquina que somos nós. O homem que dirige, que eu acho, que é o espírito do carro e a alma do carro tá no líquido, o combustível que ele consome, né?” Aí, ela: “É?” Eu digo: “É. (inaudível) ensino pra ela (inaudível) acho que é melhor do que aquele que a gente tinha. Não é melhor, Angélica?” Ela diz: “È.” “Mas em que sentido ele é melhor?” “Ah, ele é maior, pai. O senhor dá o freio e eu não caio igual aquele carrinho nosso, que o senhor tinha, um Gol.” O Gol parece (inaudível) a Angélica pensa que ele (inaudível). Eu sinto a Angélica assim (inaudível). Quer perguntar alguma coisa dela?

Shnaider - Eu estou te ouvindo, Antônio, acho que é interessante ouvir. Na medida que você vai lembrando ...

Antônio - É, o que eu falo, às vezes, até eu misturo um pouco, né? Mas, isso aí que eu tô falando, foi a vida mesmo que eu vi. Às vezes, até entra um pouco em outro assunto, dos acontecimentos atrás, né? Entrar ... Agora, sempre alguma coisa dentro dessas palavras que tô falando são diferentes que eu falei. Podem até se parecerem iguais mas não são iguais. São diferentes, né? Mas depois a senhora pode fazer o texto sobre aquilo ali e olhar o que cabe dentro das palavras, colocar, né? Poder dá o diagnóstico da Angélica melhor, ouvindo o que eu tô falando. Mas tudo isso que eu tô falando é o que eu sinto dentro de mim. No meu coração, eu sinto aquele ... Não é aquela palavra que tô aumentando, aquele sentido, pra

explicar pra senhora, já expliquei isso aí, pra vários psiquiatras em Brasília. Falei pra Dra B. Ela sempre conversa comigo (inaudível) em Brasília. Agora, eu só tenho ido de 3 em 3 meses. Pra mim conversar sobre o comportamento da Angélica, né? Como a Angélica tá indo, o que ela fala comigo, sobre a atitude dela (inaudível) até de banho, ela pergunta. Como ela toma banho, se enxuga, né? Às vezes, eu não gosto de pegar muito por isso, porque ela já tá grande e ela grande, é pesada. A Angélica (inaudível). Porque o pai que pensa numa maldade do filho tem que ser monstro, né? Angélica é uma pessoa, como se fosse, (inaudível) em mim e eu sentir uma dor. Então, o corpo dela pertence a um lado de mim que saiu. Então, eu sinto aquilo ali, é um anjo que não sabe a malícia do nosso mundo. Não tem a maldade que nós sentimos, né? Então, eu olho pra Angélica, não olho como uma mulher ... É diferente. Eu não olho pra Angélica como mulher. Acho que nunca vou ver a Angélica pensando que ela é uma mulher. Eu sempre vou olhar, pensando que ela é um anjo mesmo, que não t,m maldade que existe esse lado da vida amorosa. Eu penso na Angélica sempre assim. Ela poderá aprender muita coisa, eu não sei se eu vou ter a Angélica a minha vida inteira (inaudível). Aprender a viver, pra se defender de algumas coisas, né? Mas, sabendo que a Angélica, não é nesse mundo que ela vive, o nosso. A vida dela é diferente da nossa. Como ela age, como ela vive, a dor, até a dor que a Angélica sente é diferente da nossa (inaudível). Eu tô ensinando ela. A mãe dela tem muito medo de tirar sangue, como eu não tenho medo, né? De tirar sangue, eu mesmo aplico injeção nela. Pego (inaudível) prefiro até eu aplicar porque eu tenho medo quando a pessoa tá aplicando tremer. Eu aplico então, sei que não dói. Eu pergunto: “Angélica, doeu?” Ela diz: “Não.” Eu não tiro sangue nela porque não é bom. Eu levo ela lá no médico e ensino: “Aí, eu vou segurar ela, aperto aqui, né? E você procura a veia mais fundinha dela, né? Pra tirar o sangue da Angélica.” Porque ela não fica vendo. Então, ela senta no meu colo e é só comigo. Inclusive, até a unha dela que vai cortar. Se você chegar e perguntar: “Angélica, quem corta suas unhas?” Ela fala que é eu. Quando tá grande, ela diz: “Não, mamãe não, mãe não sabe cortar. Pai, mamãe não enxerga direito.” Não enxerga, mas ela sente mais segurança em mim. Aí, eu corto, ela deixa eu cortar, porque ela não deixa ninguém cortar a unha. É só eu que corto as unhas das mãos e dos pés dela.

Shnaider - Quando a Angélica nasceu, como foi? Quem mais cuidava dela? Como era a Sônia com ela?

Antônio - É, eu até sinto um problema entre a Sônia e a Angélica. A Sônia gosta muito, eu sei que ela ama muita a filha dela. Mas eu acho que eu demonstro ter mais amor pela Angélica. Mais amor? Não seria amor, não sei. Eu fiquei mais apegado à Angélica do que Sônia. Apesar dela cuidar muito bem, sabe? Mas (inaudível) ela tem medo de mim a Angélica. Já da Sônia ela não tem muito medo. Quando eu falo com ela: “Angélica, isso não pode. Não pode vomitar!” Que ela vai colocando o dedo pra querer vomitar, que ela aprendeu isso, acho que comigo, ela via eu ir pro banheiro escondido (apesar de que eu tô largando esse lado (inaudível) tem 3 meses, já que eu não vomito ou mais, né?). E a Angélica, ela respeita mais a mim, bem mais do que a mãe dela. Eu acho assim, a Sônia parece também ... Eu sinto que ela fica, que ela não tem muita maldade, malícia, apesar que ela é uma pessoa bem adulta já, né? 48 anos, não é tão jovem, né? Ela, não sei o que ela sente. Eu não sinto. Não consigo entender, eu vou na igreja, às vezes, digo: “Sônia, você não vai não?” Não vai por causa da menina. “Então você fica com a Angélica que eu vou à igreja.” Eu oro por elas, duas, né? Aí, eu pergunto pra ela: “Você gostaria de ir na igreja?” “Não, eu fico com a Angélica.” Parece que não tem, ela não comete (inaudível) palavrão. Sônia não blasfema (inaudível) não tem pecado nenhum durante a semana? Não cometeu nada? Alguma maldade? Chega o final de semana, o domingo, sempre. Não é que a gente vai à igreja pra agradar a Deus. A gente vai a igreja, porque somos chamados. Eu não sou obrigado a ir no domingo? Não (inaudível) por que a gente foi tocado no coração pra ir até à igreja, né? E eu sou tocado sempre, aos domingos, pra mim descarregar o que eu senti, a raiva que eu tive, ódio que, às

vezes tenho, muita raiva. Sinto muito, às vezes, o problema de alguém malvado. Não gosto que alguém fale da Angélica. E eu guardo aquilo comigo, aquela ... O pensamento que não é muito bom, né? Guardo aquele pensamento comigo, aquela raiva, aquele ódio mesmo. Ou talvez seja um tipo de vingança. Eu tenho esse lado. Nordestino sempre tem esse lado meio quente, de vingança, né? (inaudível) já perdi muitos familiares, né? (inaudível) esse problema de vingança, a família inteira, eles são muito vingativos.

#### 4ª Entrevista com Antônio – 09/11/2004

*No dia anterior ele desmarcou porque disse que tinha sentido mal e ia fazer exames.*

Shnaider - ... Ah, a gordura no sangue deu alterada?

Antônio - Deu. Sempre que aumenta muito, né? (inaudível) O médico, ele pede pra mim fazer os exames. E fico, assim agitado o dia inteiro. Eu quase não paro, né? Eu trago a Angélica pra cá, quando é 1 hora eu levo pra escolinha (inaudível). Depois eu venho buscá-la (inaudível).

Shnaider - Você sentiu o quê? Você fez exame de rotina ou ...

Antônio Não, há muito tempo, eu fiz cateterismo (inaudível) tive enfarto, né? Um início de enfarto, né? Aí, eu fui no médico, cheguei lá tive que fazer cateterismo. Eu fui fazer em Cascavel. Daí pra cá, eu nunca mais tive. Eu sempre mantenho a comida, comer só folha, essas coisas. Não comer carne vermelha, não como, muito pouco eu como, uma vez ou outra e mais é peixe (inaudível).

Shnaider - Mas você sentiu mal nesses dias em que fez os exames?

Antônio - Ah, senti. Senti duas vezes a dor no peito. Fui fazer um, eu sempre pratico uns exercícios, eu faço muita aquela flexão (inaudível). Eu faço 80 a 100, por dia, né? E não pode. E eu fiz umas 40 de uma vez só e me deu uma dor no peito. Aí, eu tava assim, (inaudível) no chão e uma dor muito grande no peito (inaudível) tal de angina, né? Angina que ataca e dói a via entupida, né? (inaudível). Eu fui pra Brasília, esses dias que a Angélica não veio, eu fui pra Brasília porque o meu pai teve muito doente e eu fui com a Angélica, né? Levei a Angélica.

Shnaider - Foram vocês dois?

Antônio - Fui eu, ela e a minha mulher já tava lá, que minha mulher mexe com tratamento, ela já teve lá, né? Meu pai tava muito ruim. Inclusive, ele tá internado, né? Aí, a Angélica pediu pra ver o avô, né? Queria ver o avô. Aí, eu digo: “Vamos lá, né?” É muito longe daqui em Brasília, 400 e poucos kms. Aí, eu levei e ela ficou lá 3 dias (inaudível). Tem outra menina lá que briga muito com ela. E a Angélica não briga, não reage. Essa menina bate nela, xinga ela. Ela fica calada, né? Eu acho interessante que essa menina, às vezes discute com ela e ela não reage, ela aceita o que a menina fala e a menina é bem pequenininha (inaudível). Ela até brigou com a Angélica e a Angélica não age com ela com mais violência, pra nada. Ela fica sempre calma, às vezes chora. Ela é muito irritada, nervosa, a Angélica (inaudível). Muito nervosa, agoniada, quando volta de lá, volta doente. Inclusive voltou, né? Tá com um pouco de febre (inaudível).

Shnaider - Porque você acha que ela volta doente?

Antônio - É porque lá tá longe de casa, né? E é muita gente que entra e sai na casa e eu acho que a menina também perturba ela, né? E ela quer uma coisa, brincar, ela fica meio desobediente. Quando ela tá lá, ela não obedece muito o que eu falo. Ela fica mais nervosa, quer fazer o que ela quer, com a menina, brincar como ela quer. Aí, eu proíbo, ela fica mais nervosa, né? Quando ela fica nervosa, se não souber negociar com ela, fica mais (inaudível) tem que saber trabalhar a Angélica. Inclusive, pra vir embora tem que avisar uns 3 dias antes, (inaudível). “Ó, Angélica, vamos brincar um pouco, quando for amanhã ...” “Tá, papai, até que dia eu posso brincar?” “Até amanhã, só. Amanhã, sábado, nós temos que ir pra Uberlândia, nós moramos lá.” “Uberlândia é feio não quero, não vou mais não (inaudível).” Aí, eu consigo trazê-la. Depois que ela entra no carro ...

Shnaider - E o que seu pai tem?

Antônio - Meu pai teve, já deu 4 paradas cardíaca, né? Deu (inaudível) e agora deu mais 2 enfartos. Ele tá lá em Brasília. Agora ele foi dormir, era enfarto, muita dor, né? Aí, levaram ele pra o hospital, fazer cateterismo (inaudível). Esse problema dele quase toda a família tem, porque eu tenho. Tenho pressão alta, tomo remédio direto pra pressão. De manhã, eu tomo os remédios pra pressão e outros remédios pra triglicérides. E me ataca o intestino, eu tenho de tomar muita vitamina (inaudível). Eu como muito pouco, à noite quase nada. Já a Angélica, come bastante, mas (inaudível) a comida dela, dar gordura pra ela (inaudível) então, eu evito muito as comidas gordurosas pra ela. Açúcar, ela não come muito, eu ponho ... Minha vitamina é Adocil. Não dou açúcar pra ela não. Muito raramente eu dou açúcar pra ela. Ela come assim, um Danone (inaudível). Ela teve, uns tempos atrás, que ela tava com colesterol alto, tava com 202, o colesterol. Quase chegando na minha, a minha dá 300, ela foi a 202. Aí, eu evito dar comida gordurosa pra ela. Ela não come carne, ela come muito pão, carne ela só come se for moída.

Shnaider - Antônio, você estava falando do teu pai. Agora me lembrei, você falou da tua família da outra vez. Você disse assim que vocês são rancorosos, vocês são de família ... Você falou rancorosos, não. Vingativos. Agora, eu me lembrei. Eu queria que você me contasse um pouquinho ..

Antônio - A nossa família que veio lá do nordeste, lá de (inaudível) vivia sempre em guerra com esse pessoal, com outra família, não sei se já ouvir falar, a família Alencar (inaudível) e a M. que é papai, que é a nossa família. Então, vivia sempre em guerra com essa família por causa de roças, (inaudível) propriedade. A gente tinha lá um lugar que invadia, a gente não aceitava aquilo, ia lá e reclamava, não aceitava que fizesse, reclamasse, né? E a gente ia e matava o gado deles, né? Ia na roça tirava o gado dele e matava. Às vezes, criança mesmo, já aconteceu, eu cheguei a fazer isso, ir nos mais ricos, né? (inaudível) não ligava pras pessoas mais fracas. E como nós éramos a família mais fraca, sempre meu pai era e o gado invadia (inaudível) as propriedades, então ia lá, às vezes, com espingarda... Uma vez, que eu me lembro, que eu fui e matei lá umas 4 cabras deles de uma vez. E o homem soube, né? A outra família soube, né? Houve uma briga e naquela confusão, envolveu um parente, um tio meu morreu, mataram. Por causa do que eu fiz, né? Aí, outro parente meu, já foi e matou um outro e outro matou o outro e continua (inaudível). Meu pai, com o decorrer do tempo, (tinha muita vingança, muita violência) ele resolveu retirar os filhos (inaudível) internou num colégio de padre, né? Eu fiquei 4 anos no colégio de padre (inaudível). Só ia em casa uma vez por ano.

Shnaider - Como foi pra você?

Antônio - Ah, eu fui pra lá através de um tio, né? Porque tava muita violência, como nós éramos muito, não levava muito desaforo dessa família que a gente tinha essas confusões. Eles queriam tomar a terra da gente, invadir as terras da gente e eu não aceitava aquilo, né? E eu sempre falava pro meu pai: “Vou vingar, vou matar todo o gado.” Era um tal de Joaquim. Eu lembro dele, tá vivo até hoje. O filho dele já morreu, morreram 3. Morreu o L., morreu o outro, tem mais outro em São Paulo. E esse, ele era muito poderoso, nossa roça era pouca e ficava no meio da dele. E eu não aceitava aquilo, eu dizia: “Uma hora, eu vou acabar com o gado dele todinho.” Tinha aquela conversa, né? Meu pai, inclusive também apoiava, dava apoio. E a gente esperava fazer aquilo, ia e fazia mesmo. Mas devido ter esses problemas, o pai resolveu me afastar pro Recife. Me tirar pra um colégio, (inaudível) tio da minha mãe que era médico, inclusive. O médico que cuidou até (inaudível) uma doença que matou muita gente lá onde eu morava, Pernambuco. A tal tuberculose, né? (inaudível) inclusive, que era família inimiga, contrária (inaudível). Cuidou dessa pessoa que deu tuberculose. A pessoa até era inimiga da nossa família. Cuidou desse homem e o homem ficou bom. Mas, aí, devido à família não ter gostado, ele foi embora pra Recife (inaudível). Aí, depois disso, eu voltei pra lá ainda, meu pai já tinha mudado de lá, pra cidade onde a gente

morava (inaudível) trabalhei uns tempos com meu pai, trabalhei (inaudível) tratorista, mexia com trator, arava a terra (inaudível). Mas, como ele tava achando muito violento, ele resolveu que eu viesse embora e o Roberto, outro irmão, inclusive que mexe com laboratório, medicamentos, ele e a Sônia. Aí, ele resolveu me mandar pra (inaudível) o Roberto pra Brasília. Aí, eu fui embora na frente primeiro, né? No início foi muito difícil pra mim em Brasília. Em Brasília, eu fiquei lá uns tempos. Com o tempo, mandei buscar o Roberto, né? Mas como o Roberto era desvairado no mundo (inaudível). Aí, eu fui ser militar, fui servir o Exército. Aí, eu fiquei quase 8 anos (inaudível). Até participei daquele (inaudível) no norte de Goiás (inaudível). No rio Araguaia, até participei disso daí e eu fiquei quase 8 anos no Exército, depois eu saí, fui pra Polícia Civil, né? Depois, eu fiz o concurso do Ministério da Fazenda, passei, na época era (inaudível) passei no concurso (inaudível), na Receita Federal. Mandei buscar (inaudível) do meu pai, minha mãe e meus irmãos. Hoje moram todos em Brasília. Fiquei um tempo em Brasília e depois pedi transferência, fui trabalhar no Paraguai, na divisa, na fronteira. Fui trabalhar lá. Lá, eu tive problemas também, um acidente (inaudível).

Shnaider - E aí, a Sônia já estava grávida da Angélica?

Antônio - É, já tava grávida (inaudível) grávida mas não sabia também. Depois, quando eu saí do hospital foi que nós descobrimos. Nós descobrimos que tava grávida (inaudível).

Shnaider - E quando foi que você teve o seu primeiro filho? Irmão ou irmã, da Angélica?

Antônio - Tem um irmão e uma irmã.

Shnaider - Mas o mais velho é um menino?

Antônio - É um menino, o Daniel (inaudível) me liga, mas é muito pouco. Tive a outra, né? (inaudível) e tive um filho, o Daniel.

Shnaider - Em que época ele nasceu?

Antônio - Acho que foi em 90.

Shnaider - Você estava lá em Brasília?

Antônio - Não, estava lá no Paraná. Ele nasceu, acho que em 90 ou 92, por aí (inaudível).

Shnaider - Você namorava essa moça, você ficou sabendo que ela estava grávida?

Antônio - Não, eu não sabia porque quando eu namorava ela, eu não vivi com ela. Vivia sempre em Brasília, mas ela ia pra lá sempre, né? (inaudível). Viver junto mesmo, eu só vivi com essa mulher que eu tenho, a Sônia. 15 anos que a gente vive junto, por aí assim... Só com a Sônia, com as outras não (inaudível).

Shnaider - E quando ficou sabendo que ela estava grávida, como foi para você?

Antônio - Eu não queria, né? Não aceitava (inaudível). Depois disso ela teve um outro e a gente tirou, como eu falei, aquela vez que ela tirou. Aí, deixamos (inaudível) cresceu, (inaudível) estudou, né? Inclusive, estuda num colégio bom lá. Ele tá terminando o 2º grau (inaudível) já tá bem adiantado, é inteligente... Tive uma outra filha, mas não é registrada, é registrada em nome de outro, a mãe registrou.

Shnaider - Ela é mais velha então?

Antônio - Ela, a menina é a mais velha. Mas isso foi antes, eu morava lá em Brasília (inaudível). Não registrou porque a mãe registrou no nome do marido dela (inaudível). Inclusive, eu até já entrei na justiça, ela já entrou também. Mas é meio complicado, eu não posso registrar uma pessoa que já tem o nome de outro. O juiz não autoriza, preciso de uma ordem judicial (inaudível).

Shnaider - Você tinha falado pra mim que a Angélica é parecida com sua mãe. Eu queria que você me falasse um pouco de sua mãe?

Antônio - A minha mãe, ela é uma pessoa que nunca estudou, minha mãe não tem estudo. E ela fala as palavras erradas do jeito do povo do nordeste. Eles falam que minha, eles eram, o pai da minha mãe, ele era retardado mesmo. Ele tinha problema, né?

Shnaider - Você se lembra dele?

Antônio - Me lembro. Ele ia muito, ele morava lá. Tinha umas propriedades, o pai dele, tinha muitas propriedades, lá onde a gente morava, né? E ele deixou muita terra, mas os outros irmãos, devido ele ser muito, as pessoas chamavam lá no nordeste, uma pessoa “broco”. Chama “broco”, “broco” quer dizer doido, né? Ele não tinha noção daquilo que valia nada. Ele não tinha noção. Inclusive, não sabia contar dinheiro. Trazia o dinheiro pra cidade, tinha muita gente, direita, honesta. Queria farinha. Porque lá, a gente ia pra cidade fazer compra, a feira era no meio da rua. E eu me lembro, ele comprava na feira direitinho. Fazia compra, meu avô, né? Comprava as coisas dele, arroz, feijão, ele comprava tudo por litro. Um litro dá 1 kg. 1 kg de arroz, 1 kg de farinha. Rapadura ele não comprava. Sabia comprar tudo. Dinheiro, ele dava pra pessoa, mas ele ia mais na confiança, se você pagava o troco dele certo. Porque ele não sabia o que era dinheiro. Não sabia contar o dinheiro. Na época, cruzeiro era chamado de tostão, eu peguei essa época, né? Então, sempre passava o troco pra ele certinho. Ele comprava aquelas compras e levava pra casa dele certinho, ele levava pra minha avó (inaudível). Ele levava as compras pra ela e era tão exigente, que ele até escondia a comida da minha avó. Minha mãe dizia que ele escondia a comida pra não deixar comer tudo (inaudível) o cara tava roubando lá, ele prendeu a pessoa dentro do curral, né? (inaudível) “Agüenta aí que eu vou chamar o outro irmão”. Ele tinha um outro irmão que era esperto. Inclusive, ele que tomou as terras deles, né? Deixou ele sem terra, sem nada, né? Porque ele era, cada irmão tinha que tomar conta (inaudível). Mas ele casou com essa minha avó, né? (inaudível)

Shnaider - Como que é a expressão que se chama lá?

Antônio - “Broco”, “broco” quer dizer a pessoa que não sabe falar as palavras, não sabe explicar, né? Faz coisa de doido. Tipo, é doido, praticamente é considerado “Ele é broco, é doido.”

Shnaider - Mas você acha que ele era mesmo? Seu avô?

Antônio - É, ele tinha problema devido (inaudível) tinha mesmo problema, ele desde de criança, falaram que ele já nasceu assim, com esse problema, ele ... Mas como não existia tratamento, ninguém sabia ...

Shnaider - Que tipo de coisa, desde pequeno, você lembra que ele tinha?

Antônio - É, minha mãe me contava e contavam pra ela, que ele de criança, era uma criança lerda, lesa (lesa, essa palavra hoje se trata de outra palavra) lerdo, leso, “broco”, né? Não queria saber, tinha dificuldades pra aprender as coisas, tinha muita dificuldades, né? Então se criou na roça, criou-se uma pessoa “broco”, lesa. Os outros faziam com ele o que quisessem, né? O que desse pra ele tava bom. E ele, do jeito que ele vivesse tava bom (inaudível). Trabalhador que era, mas trabalhava, mas não tinha noção do valor do dinheiro. Você tinha que falar: “Isso aqui vale dinheiro.” Tinha que pagar pra ele e ele trabalhava e a pessoa pagava, e ele vendia (inaudível) na propriedade que ele tinha, que sobrou pra ele. Tinha coqueiro, ele vendia goiaba (inaudível) ele fazia rapadura, ele fazia pra vender. Mesmo assim, com os problemas, ele fazia rapadura pra vender na cidade, fazia aquele melado de rapadura, ele fazia e levava pra cidade, vendia (inaudível) recebia o dinheiro de acordo com o que valia, as pessoas que falava: “Ó, isso aqui é, o valor desse litro aqui de melado é 5 tostões.” Aí, ele dava o preço, né? (inaudível) mas ele não sabia que era 5 tostões, ele confiava em você. Ele tinha a confiança que você tava falando com ele certo. Se fosse hoje, se alguém fizesse aquilo, seria lesado. Como ele (inaudível) havia muita vingança, né? (inaudível) que era de vingar a morte de parente, irmão (inaudível). Lá no nordeste, os problemas de família, agia sempre com vingança (inaudível).

E a Angélica, ela puxou esse lado da minha mãe. Minha mãe, ela é inteligente, só que minha mãe não conhece até hoje, agora ela já aprendeu, na escola, há pouco tempo, fazer o nome, ler o nome. Aprendeu, a gente colocou ela, então já aprendeu. Escrever o nome dela, o dinheiro (inaudível) ela já aprendeu (inaudível) minha mãe já sabe. Ela é muito ativa, ela sabe falar, sabe pedir, ela tá doente vai ao médico, ela pede. Sempre ela pede (inaudível). Eu acho, assim, a Angélica até na aparência, até a cabeça da Angélica, se cortar o cabelo, ela parece com minha mãe. Minha mãe tem essa cara, os olhos, mesma coisa da minha mãe é. Inclusive, ela até parece um pouco comigo, os olhos, a cabeça que ela parece. E o jeito dela é da minha mãe, o olhar dela. Tem hora que ela olha assim, fico olhando, tipo minha mãe. Fica assim, pára pra pensar. Tem hora que ela fica olhando igual como se fosse minha mãe. Às vezes, até falo: “É, Angélica, acho que eu vou ter minha mãe duas vezes”, vou ter ela envelhecendo, depois eu vou ter a Angélica que vai ser minha mãe que vai cuidar de mim, futuramente a minha mãe que vai ficar. A Angélica é cópia da minha mãe. Até o andado, o porte dela, o jeito de andar é da minha mãe. O jeito dela olhar. Então, eu falo assim, a Angélica parece com minha mãe.

E tenho dificuldade com essas coisas que eu tenho assim, como esses avisos que eu tive quando a Angélica nasceu, né? Direto a Sônia fala: “Tem que parar com pensamentos negativos.” Digo: “Mas não é pensamento negativo, isso não sai da minha cabeça (inaudível) me levanto (inaudível). Cuidado com a Angélica (inaudível) você dá uma olhada na Angélica, cuida dela, porque eu tive um sonho muito ruim essa noite (inaudível).”

Shnaider - No seu sonho? Você tinha me falado da outra vez ... Por exemplo, esse que você está contando agora como é?

Antônio - É porque eu tenho muita visão (inaudível). Porque eu durmo muito pouco e o pouco que eu durmo, eu tenho aquilo, como se fosse quase assim, real. É até difícil de tocar, eu não gosto de falar muito sobre isso (inaudível). Eu tenho medo da morte por causa da Angélica, porque eu fico com medo depois, quem será que vai cuidar da minha filha, a Angélica (inaudível). Então, eu fico muito com medo e às vezes eu sonho com a Angélica caindo de altura, às vezes, eu tenho aquele sonho que outra criança, mas às vezes, eu fico pensando: “Bom, se era outra criança, que era mais ou menos parecida com minha filha, então quer dizer, que pode mudar” (inaudível). Sonhava com outra pessoa e aconteceria na minha família (inaudível) outro filho meu. Assim, tava misturada com ele, a mãe dele e entre a Angélica, tava misturada as pessoas, as 3 pessoas. Misturava a mãe dele também no sonho. E a Angélica estava e o sonho era agonizante, era um sonho que tudo era sujo, por exemplo, água suja. Eu não gosto da água suja, né? E essa coisa faz com que eu, eu me impressiono com isso, né? Sonhar com água suja não é uma coisa boa, sujeira, é uma coisa que pode acontecer de mal, fazer mal pra gente, né? Com animais (inaudível). Eu fico calculando o sonho. Acontece (inaudível) “Olha, lembra do que eu falei (inaudível). Eu sonhei aquilo e você viu o que tá acontecendo com sua família (inaudível) tá passando isso o meu pai, né?” Uma semana atrás eu tive um sonho muito ruim, né?

Shnaider - Como foi o sonho?

Antônio - É, um acidente, (inaudível). Eu andando num lugar muito ruim com coisa de carne, de gente, de animal, né? “Sônia”, eu digo, “tive um sonho muito ruim, não sei se é com a família, parece que envolvia a família, parece.” Logo nos dias que eu tive a notícia do meu pai. Quando eu (inaudível) fui lá, meu pai estava mal. Já tava internado. Igualzinho, tipo do sonho. Eu acho que é, ele desceu pra cirurgia. (inaudível) tudo isso eu vi no sonho. Não foi com ele que eu sonhei. Com outras pessoas que eram da família. E aquele sonho ruim, eu vendo aquela, sujo, né? Sangue, essas coisas, então, eu digo: “Olha aí, aconteceu com meu pai. A cirurgia (inaudível) cateterismo. Então aconteceu realmente.” Recebi o telefonema. Já no outro dia de manhã cedo (inaudível). Saí domingo pra lá, tava mal. Saí de lá (inaudível) quando cheguei aqui (inaudível) cheguei também agonizado. (inaudível). Depois

que meu pai vem adoecendo (inaudível) eu com problema do coração, a Angélica adoece. Eu tô sempre com aquilo negativo. Muito ruim, ficar pensando, maltrata a gente, a gente fica (inaudível). Ele falou: “Antônio, realmente o que você vê pode que existe uma realidade. Só que você tá antecipando, o que vai acontecer, você tá prevendo. Já, já tá sofrendo antes de acontecer a coisa, você já tá prevendo que vai acontecer aquilo.” Realmente existe (inaudível). Eu sou católico, mas eu não acreditava (inaudível), depois eu comecei a ver as coisas reais mesmo, eu via minha vida, o que ia acontecer. Aí, eu comecei a acreditar nesse lado, né?

A Angélica nasceu assim, desse jeito. É que eu passei a ter aquela visão sobre esse outro lado, né? Várias vezes eu fiquei com medo. Tem hora que eu sinto assim, não sei por que isso, doutora, mas tem hora que eu sinto uma presença rapidamente perto de mim (inaudível). Vou e olho a Angélica. Se tá tudo bem, olho se ela tá respirando, eu ponho o ouvido (inaudível) ela respira pelo nariz, eu limpo o nariz dela, ponho sorinho infantil (inaudível).

Shnaider - Antônio, essas visões, esses sonhos que você tem tido, antes de você ter aquele sonho que dizia pra você que a Angélica nasceria com problema, na tua vida, quando você era criança, ou mais jovem, enfim, em qualquer época da tua vida, você se lembra de ter sonhos ou visões assim?

Antônio - Desde criança eu fui preocupado. Sempre fui preocupado, lembro que eu tinha muitos sonhos.

Shnaider - Por exemplo, quando você era criança, lembra de algum que tenha marcado?

Antônio - Que eu me lembro mais assim (inaudível) eu tive uma visão. Meu avô deu derrame. O pai do meu pai. Deu derrame, meu avô, chama Sebastião. E ele gostava muito de mim, ele era muito apegado comigo. Inclusive, eu falo nele e sinto assim, aquela emoção muito grande. Então, o meu avô, ele gostava muito de mim e de Roberto. Ele chamava eu e o Roberto de meus rapazes. Tinha uma festa que a gente sempre gostava de ir que é a de 7 de setembro que ele acompanhava, ele dizia: “Vou levar meus dois rapazes.” Tinha a safra do algodão. Ele colhia algodão, juntava aquele dinheiro pra levar nós pra festa de setembro, era 7 de setembro. Na minha cidade tinha uma festa muito boa, tinha carrossel, tinha aquelas (inaudível) e ele gostava muito de andar nisso daí, né? Mas eu fui um neto do meu avô muito obediente. Eu era muito obediente, eu cuidava muito, eu amava muito meu avô, gostava muito dele. E meu irmão era mais levado, o Roberto, esse outro. Roberto fugia (inaudível) pegar o dinheiro meu. Eu juntava o dinheiro, o Roberto ia lá e às vezes, pegava o dinheiro pra gastar na festa. Então, meu avô pegava nós na festa (inaudível) meu pai era novo, meu pai ia na frente, gostava muito de passear. Meu avô levava a gente, eu e o Roberto, (inaudível) muito grande com ele, ele levava nós nas festas de setembro, comprava roupa e dava pra nós. Ele cuidava muito da roça (inaudível). Ele deu um derrame, tirando leite no gado, deu derrame (inaudível). De repente, ele caiu, com o derrame, que hoje seria o enfarto, né? Teria recurso hoje (inaudível) se ele tivesse em outro lugar. Deu o derrame cerebral, na cabeça, ficou 8 dias assim. Só que ia levar ele pra cidade (inaudível), eu chorei muito, né? Eu gostava muito (inaudível). E na roça, deu derrame levava pra cidade. Meu pai vendeu tudo quanto tinha pra gastar com ele. Mas não tinha cura mais (inaudível). Quando foi um dia, eu tava brincando atrás, nós morávamos numa casa de barro, casa que fazia de madeira e envolvia de barro. Inclusive dava muito barbeiro, fiz até um exame um dia desse pra ver se tenho doença de Chagas (inaudível). Mas eu não tive (inaudível). E meu avô foi pra cidade (inaudível). E eu tava brincando naquela casa, a casa era assim ... Aqui atrás era um cantinho onde eu gostava de brincar, fazer carrinho de madeira, bonitinho e fazia esses carrinhos, ia pra traz da casa brincar. Eu tava de cócora, né? Eu fico muito bem acorçado. Apoio muito bem em cima das pernas, né? Tenho um físico assim muito fácil de dobrar. E eu tava brincando com aquele

carrinho que eu tinha feito (inaudível). Naquele tempo quase não tinha, eu me lembro. Isso eu me lembro muito bem (inaudível). Meu pai tava na cidade com meu avô. De repente, era de manhã, umas 10 horas da manhã, conheci por causa do Sol, né? Fazia um relógio no chão, né? Eu marcava os ponteiros (inaudível). Eu sempre inventava muito brinquedo quando era pequeno. Aí, eu me lembro que eu tive uma visão de ver meu avô. Aí, falei chorando de traz desse lugar que eu tava: “Mãe (e pra outras pessoas que tavam aguardando meu avô), o vovô morreu.” “Mas, como você sabe, ele ainda tá na cidade?” Digo: “Não, mas ele morreu, tá chegando.” E nisso, em pouco tempo ele chegou, no jipe, né? Já morto, já quase morto, tava deitado na sala, onde morava, eu brincava na casa onde ele morava. Nós morávamos noutra casa em baixo (inaudível). Deitaram ele naquela sala e ele ficou. E ele, acho (inaudível) que ele fazia gesto. Ele pegou na minha mão e apertou (inaudível) e do meu pai. Aí, no outro dia ele morreu. (inaudível) de ver as pessoas morrendo, chamava na hora que tava morrendo pra vir ver, chamavam eu pra ver, eu me lembro que no último suspiro, aí diziam: “Ele deu o último suspiro, ele morreu.” Aí, caí naquele choro, agoniado, morreu o meu avô. Eu fiquei chorando de desespero, né? Mas eu senti que depois ele me consolava, que ele saía mesmo, que ele saía do corpo, senti que ele tivesse saindo do corpo. Mas depois, com o tempo, eu falava: “Acho que meu avô tá muito bem, porque ele nunca veio nem em sonho. Porque até hoje eu nunca tive visão com o meu avô, nunca.” Com meu avô eu nunca tive assim uma coisa, nem um sonho. Eu tive leves impressões. Eu nunca sonhei com ele, nunca tive o prazer de ter um sonho assim, como eu vejo uma outra pessoa (inaudível). Eu nunca tive com o meu avô. Fiquei, né? Com aquela impressão que ele sempre tava com a gente, né? (inaudível). Naquela festa, sempre sozinho (inaudível) mas sempre só ia eu e o Roberto, levava o Roberto. Juntava dinheiro levava Roberto, eu ia pra (inaudível) fugia (inaudível) lugar perigoso, eu ia atrás, fugia pra tomar meu dinheiro, né? Que em outra festa ele gastava o dinheiro todinho. Nunca ligou muito pra dinheiro, como até hoje, (inaudível) ele nunca ligou muito pra dinheiro. Eu era seguro com o dinheiro, eu sempre segurava (inaudível) passava muita falta no nordeste, né? Muita dificuldade ... E eu sempre segurava o dinheiro e ele não segurava, gastava o dinheiro dele e depois o meu. Como eu não dava, aí ele corria pra (inaudível) dizia que ia jogar debaixo do trem. Aí, eu corria e dava o meu dinheiro pra ele brincar. Aí, ele gastava o meu e o dele (inaudível). Nós voltávamos pra casa (inaudível) meia noite, 1 hora da manhã (inaudível). E Roberto, hoje em dia comigo, é o único irmão que dou certo, os outros eu não me dou. Só ele (inaudível). E depois disso, meu avô se foi (inaudível) a vida, assim, nós levando, eu passei dificuldade financeira. Vender tudo pra gastar com a morte dele (inaudível).

Shnaider - Você tinha que idade?

Antônio - Eu tinha em torno de 8 pra 9 anos. Eu inclusive peguei um, tive uma impressão tão grande, uma imagem dele quando ele tava presente, né? Na roça.

Shnaider - Você via ele?

Antônio - É o que eu vi, assim (inaudível). Que eu chegava na roça, eu via ele tossia pra mim, eu falava: “Vô” me acordava (inaudível). Eu guardei um rastro dele durante mais ou menos 1 ano, esse rastro. Quando ele pisou, no dia, um dia antes de dar o derrame dele, teve um rastro que ele pisou na lama, né? Ele pisou naquele rastro, que pisava, né? Aí, eu me lembrei daquele rastro. Depois que ele morreu, eu fui lá na roça e guardei aquele rastro. Eu cerquei, fiz um cercado, falei pra meu pai e minha mãe pra ninguém mexer naquele rastro. E guardei aquele rastro durante quase 1 ano, eu guardei aquela pisada dele lá. Então, quando eu queria matar a saudade dele, eu ia naquele rastro (inaudível). Aliás, como eu lembro dele até hoje (inaudível). Só nunca consegui (inaudível).

Então, eu sempre tive muito essa previsão. Minha mulher ainda fala: “Você não deve contar isso pra ninguém, são pensamentos negativos.” São pensamentos negativos, mas negativo ou não, acontece. Eu não sei o que é que, às vezes, eu ponho na cabeça, que não é

bom mesmo, eu sei que é ruim, mas, (inaudível) um psiquiatra e falei isso. A doutora falou: “Olha, não é muito bom, negativo é ruim. Você tá puxando as coisas, tá sofrendo. Se você pensa no ruim, você sofre antes de acontecer (inaudível).” Aconteceu comigo, esse acidente aconteceu comigo, essa dor que eu passei, essa doença (inaudível) de coração, o cateterismo que eu fiz. Eu sentia (inaudível) o gosto na boca ruim. E aconteceram todos (inaudível) tudo que eu digo. Aconteceu tudo. A dor que eu tive, minha filha nascer, tudo isso que eu falo, vai acontecer. Não queria que nascesse, (inaudível) não queria que a Angélica viesse e veio, né? E tudo aquilo que eu fiz de errado, eles vieram, nada ficaram pra trás. Deus deixou nada ficar pra trás. Então, depois que eu passei a ver esse lado, que o espírito da gente faz no momento da matéria (inaudível). Eu passei a ver esse lado (inaudível).

Shnaider - Antônio, nós vamos ter que interromper.

### 5ª Entrevista com Antônio – 22/11/2004

Shnaider - ...Outra vez Antônio?

Antônio - É, ele tá na UTI, em Brasília.

Shnaider - É mesmo? Da outra vez você disse que (inaudível).

Antônio - Foi. Fez o cateterismo de novo. Aí, depois voltou (inaudível) tá aguardando pra fazer o cateterismo.

Mas aquele dia conversando sobre (inaudível) Angélica, a família da minha mulher, né? Eu tava até falando pra Sônia sobre a família dela, que assim, deve ter várias pessoas que tem esses problemas, né? Inclusive, ela tem um sobrinho dela e tem um irmão dela que também tem esses problemas, que ele tinha falado (inaudível).

Shnaider - Você me disse que tinha, mas não me falou que tipo de problema.

Antônio - É, tem. Nunca foi, eles nunca foram em médico, né? Ver assim. Já o irmão dela não foi, mas o sobrinho dela foi, né? E teria diagnosticado que tinha problema.

Shnaider - Qual o problema?

Antônio - Esse mesmo da Angélica. Esse de autista, né? Procuraram um tratamento, o irmão da Sônia. Só que não fizeram (inaudível) porque lá não tinha. Eles iam pra capital (inaudível) ficaram com um neurologista que falou que tinha esses problemas, até muito mais (inaudível). É mais agitado, toma muito remédio controlado, pelo nervoso dele (inaudível).

Shnaider - E a Sônia, quando a Angélica nasceu, vocês lembraram dessas coisas. Como foi?

Antônio - Assim que a Angélica nasceu, na minha família não tem esses problemas. Eles, (inaudível) pessoa nervosa, meu pai, meus irmãos, mas não tem nenhum com esses problemas. Um pouco nervoso, a família do meu pai mesmo e da minha mãe. Apesar de que a minha mãe se criou meio atrasada, assim, porque ela não tem estudo (inaudível). Ela foi criada naqueles moldes, um jeito assim, atrasado mesmo, né? Como diz, abobado, como se diz, né? Mas, o pai dela tinha esses problemas, mas ele era (inaudível) só que pra algumas coisas ele fazia (inaudível) devido (inaudível) estudo, né? Não estudava. E ele (inaudível) meu avô, pai da minha mãe.

Shnaider - Mas você... Duas coisas eu queria te perguntar hoje. Uma dela é assim, você tinha começado a me falar de uma outra vez, sobre a Sônia e a Angélica. Você disse que “quem fica mais por conta da Angélica sou eu”. Mas como você se lembra que era a Sônia com a Angélica quando nasceu, quando ficou sabendo que a Angélica estava doente e tal?

Antônio - A Sônia e a Angélica, ela gosta muito, é filha dela. Sempre eu fui mais apegado desde quando ela nasceu, né? Só que na realidade, no início, eu não aceitava a idéia de ter, eu queria mais como se fosse filho homem (inaudível) de ser mulher ...

Shnaider - Vocês conversaram?

Antônio - É (inaudível) igual, bem vindo pra gente, né? Mas eu queria mais esse lado. E a Angélica veio filha mulher. Quando ela veio assim, aí eu ficava, fiquei meio assim, no início (inaudível) fiquei meio, como se diz assim, tinha preferido homem, né? Mas (inaudível) a Angélica pequena, ela cuidava. E ela se apegava com a Angélica bastante. Só que eu acho que eu era mais apegado com a Angélica, eu comecei a gostar mais do que a Sônia, talvez.

Shnaider - Porque você acha isso?

Antônio - Devido ser uma filha que eu tentei alguns problemas, evitar... Eu passei a ter aquele amor muito grande com a Angélica, como hoje eu tenho, né? Muito bem com ela, eu gosto muito dela, tenho receio que aconteça qualquer coisa com ela. Então, pedi pra Sônia que eu cuidasse mais na parte de levar ela, viajar com ela, (inaudível) cuidado mais desde

criança, quando aconteceu esse problema, né? Tomar conta mais dela, como hoje eu cuido mais da Angélica, levo ao médico, levo pra Brasília e na escola.

Shnaider - Mas e antes, assim (inaudível) quando você começou a ver que tinha alguma coisa diferente...

Antônio - (inaudível) pra nós foi muito triste. Quando nós descobrimos mesmo com alguns médicos, foi ruim, difícil principalmente pra Sônia, foi um choque pra ela. Pra mim também foi, que eu não aceitava, como até hoje eu levo e não aceito (inaudível). Eu sempre olho como uma criança normal. Mas no início, (inaudível) eu fiquei muito triste, abalado, a Sônia também, chorou, desesperou. Depois (inaudível) até que consolamos (inaudível) a gente convivia muito bem com relação, começamos a conviver bem (inaudível) não tem um tratamento que tenha fim (inaudível).

Shnaider - E você se lembra assim, como a Sônia cuidava da Angélica, antes de vocês saberem?

Antônio - Lembro. Ela cuidava muito bem, cuidava, tratava ela muito bem. Só que a Sônia nunca conseguiu oferecer leite pra ela, né? Não amamentava ela e então, a gente usava mais leite (inaudível). Porque a Angélica não se alimentava com leite materno. Então, Sônia não alimentava ela com leite materno, foi mais com leite mesmo fabricado, né? (inaudível) Mas cuidou dela muito bem, com muito carinho.

Shnaider - E assim, ainda assim você era mais apegado que ela?

Antônio - Era. Eu sempre fui, desde quando ela nasceu, (inaudível) tivemos aqueles problemas, mas eu, com poucos meses, eu comecei a me apegar muito com a Angélica. Eu dava banho nela, criança pequena, (inaudível) eu dava banho nela, eu mesmo dava banho nela. E eu sempre que comecei, desde esse tempo, eu comecei a ter carinho por ela, antes de acontecer esses problemas já tinha, né? Antes de descobrir, eu não sabia também de nada. Eu fui descobrir depois (inaudível). Mas eu sempre tive muito carinho com a Angélica. Eu acho assim, que eu tenho um carinho maior, que eu demonstrava mais do que a Sônia. Eu sentia assim (inaudível) sempre fui muito amoroso. Inclusive, até com a minha família eu sempre fui (inaudível) desde criança eu fui muito amoroso. E quando a Angélica nasceu também eu fui muito amoroso com ela (inaudível) quando era criança. A Angélica, como sou até hoje, ela tem maturidade emocional com pouca coisa, tenho medo que aconteça várias coisas com a Angélica. E eu mantive sempre esse jeito com a Angélica, como sou até hoje, né? Nunca deixei de ter aquele grande carinho com ela e um amor que tenho com a Angélica, é uma filha que eu, apesar de eu ter mais dois filhos fora, né? Eu apego muito na Angélica como se fosse uma pessoa que Deus deixou pra mim cuidar muito bem dela. Com o corpo, com os dentes dela, eu escovo, ela pede pra limpar com fio dental, ela tem medo de (inaudível) um pouco agitada, (inaudível). Cuido muito bem da Angélica, tenho muito carinho por ela.

Shnaider - Você tinha dito uma vez que ela, às vezes, fica provocando vômito?

Antônio - É Ela tem esse problema porque, antes eu falei que eu tinha o hábito de vomitar, né? Eu tenho vontade, mas eu me controlo, eu seguro pra não vomitar (inaudível) ansiedade (inaudível) viu eu vomitando, né? Entro no banheiro, trancava a porta, mas ela sempre via, é curiosa. Aí, ela aprendeu. Aí, ela achava que comia demais, aí, ela queria ir ao banheiro. Eu dizia: “Angélica, não pode!” Dizia: “Papai, a Angélica quer vomitar.” Aí, eu: “Filha, não pode!” Como ela viu, forçava e ia. Quer dizer que agora eu tô conseguindo tirar, é difícil, mas eu tô conseguindo tirar de uns tempos pra cá. Ontem mesmo ela pediu pra ir, porque ela comeu demais (inaudível). Aí, eu deixei, mas tentei tirar. Ela aprendeu isso comigo, ela viu fazendo aquilo e ia lá no banheiro e vomitava.

Shnaider - Como isso surgiu na sua vida?

Antônio - Ah, surgiu na época que eu era militar, eu fui do Exército, né?

Shnaider - Logo depois que você chegou, que saiu de lá da tua terra e foi pra Brasília?

Antônio - Foi. Antes, eu não tinha isso não. No nordeste, eu não tinha isso. Depois do Exército que surgiu isso. Só que eu pensava que não ia ficar tanto tempo e ficou. Eu não parei mais.

Shnaider - Você se lembra como que apareceu? Quais as lembranças que você tem?

Antônio - É, eu sempre, no Exército, eu era, era não, sou, sentia-me pequeno, baixo, não queria ficar muito, comia às vezes demais, como a Angélica. Comia e sentia aquela ansiedade em fazer o preparo físico, né? Aí, eu achava assim, que vomitando eu ficaria mais leve, ficaria mais fácil de eu fazer o exame, o preparo físico. Sempre era muito bem, corria na época no Exército, né? Eu sempre fazia, eu sempre queria fazer o melhor que os outros e eu achava que pra mim pegar a perfeição tinha que vomitar (inaudível) ia lá e vomitava, comia, (inaudível) era dia de treinamento. E como tinha aqueles treinamentos de física, de correr, de pagar tantos abdominais, sempre fazia aquilo. Às vezes, tomava o café no quartel e, em seguida, quando eu andava um pouco, parece que aquela comida, eu sentia aquela ansiedade, parava, com aquela ansiedade de chegar pra (inaudível) o preparo físico, né? Aí, eu ia lá e vomitava. Começou a surgir daí. Surgiu, saí do Exército, aí, surgiu mais, sendo nervoso, ia fazer algum trabalho meu, sentia uma ansiedade, então ia lá e vomitava.

Shnaider - Mesmo quando você não tivesse comido?

Antônio - Mesmo, até um copo com água, eu tomava um copinho, achava que, ia lá e vomitava, eu vomitava. Só que eu fui controlando esse vômito, né? Vomitava a metade, “senão eu vou ficar sem nada no estômago, vou vomitar só um pouco”. Aí, controlando, controlando, (inaudível) agora (inaudível) bem mais magro de quando eu cheguei aqui, né? Agora (inaudível) eu fui ficando mais forte (inaudível) que tenho dor de cabeça, enxaqueca, né? Mas é ansiedade (inaudível). Já tá com um tempo que eu tô sem vomitar, esse ano de 2004 que eu parei (inaudível).

Shnaider - Você nunca lembra assim, com exceção do Exército, de você ter um tipo de ansiedade, não de vomitar, mas uma ansiedade parecida com essa que você tinha lá no exército?

Antônio - Não, antes eu tinha, inclusive nem estava em Brasília, eu tinha esse tipo já de ansiedade, de sistema meio nervoso, queria e ficava com aquela ansiedade. Eu sempre sentia. Eu acho que quando eu fui pro Exército aumentou mais. Mas antes, quando eu era mais novo, eu tinha 18 anos, 17 anos, (inaudível) eu já tinha problema de ansiedade, sistema nervoso. Ia num lugar e fazer as coisas perfeitas, eu pensava em fazer as coisas bem perfeitas, né? (inaudível). Aí, tinha aquela ansiedade, mas não vomitava, só sentia aquela ansiedade. Às vezes eu ficava, sentia meio cheio, assim, né? Tinha aquela ansiedade, mas não vomitava, quando eu era mais novo. Depois que eu entrei pro Exército é que eu não tinha muita preocupação a não ser a vida militar, né? Com algum comandante que às vezes, antigamente era muito rígido, né? O comandante, às vezes (inaudível), explodia e eu ficava com aquela ansiedade. Quando ele dizia: “Olha, você tá muito mole soldado, tem que ser mais forte, mais resistente, né?” E eu já me sentindo cansado (inaudível), vomitava e ficava bem mais forte. Pra fazer os preparos físicos.

Shnaider - Mas, normalmente acontecia quando os comandantes falavam alguma coisa pra você?

Antônio - É, sempre que acontecia isso aí, eu ficava com alguma ansiedade, alguma coisa, desde criança eu sempre tive. Eu era mais preocupado com o que ia acontecer pra frente, né? Então sempre tinha aquela ansiedade. Desde criança eu tive, eu me preocupava muito com a situação de meu pai. Meu pai (inaudível) muito bem, né? Porque o meu avô morreu, né? O pai dele. E como eu gostava muito, eu gostava do meu avô, sentia aquele

carinho muito grande por ele, que ele mais que cuidava da gente. Então, eu tinha aquela ansiedade, preocupação, então, eu sentia assim, mas não vomitava ...

Shnaider - Mas, assim, hoje você contando que (inaudível) te preocupavam?

Antônio - Quando eu era mais novo? Ah, eu me preocupava, assim. Meu pai tinha aquele, meu pai, no início, era muito bem, né? Meu avô deu esse derrame e ele gastou quase tudo, né? Depois que ele morreu, aí, foi pior ainda porque eu sentia uma saudade do meu pai muito grande. Como nós éramos 7 irmãos, né?

Shnaider - Você é o mais velho?

Antônio - Eu era mais velho, a outra menina morreu, a outra morreu nova. E eu fiquei sendo o mais velho. Aí, eu sempre cuidava de todos eles, né? E o meu pai ficou numa situação muito difícil no nordeste, já era difícil e ele perdeu tudo quanto tinha com a morte do meu avô. E eu preocupava com trabalhar quando era criança, não tinha muito tempo pra estudar, eu morava muito longe dos colégios, né? Na roça (inaudível). Então, sempre ia pras roças trabalhar, ganhar dinheiro limpando chão, né? Fazendo aqueles trabalhos assim, na roça a gente fazia, limpava milho (inaudível) eu pegava aquele serviço desde pequeno já e trabalhava. Tinha eu e o outro irmão, Roberto. Mas Roberto era mais, ele não gostava muito de trabalhar, ele preocupava mais com a vida da cidade, ia pra cidade, vivia (inaudível) como de fato ele conseguiu as outras coisas mais do (inaudível), mas conseguiu. E eu sempre com aquela preocupação (inaudível) tinha que trabalhar, né? Então, ia pra roça, fazia os trabalhos, ganhava aquele dinheiro. Ganhei tanto pra na 2ª feira (inaudível) pra meu pai fazer aquela, a feira dele, trazer pra casa o dinheiro pra não passar fome. Às vezes, passamos até necessidade, não tinha aquela comida adequada pra gente comer, que era arroz, feijão, não tinha nem carne. Mas a gente usava outro tipo de comida, né? Tirava da roça. Então, eu preocupava pra não deixar que a fome pegasse a gente, né? Eu sempre preocupava em ter. Eu administrava, eu sempre trabalhava assim, eu digo: “Eu vou ganhar, mas eu não vou querer comprar tudo aquilo que eu quero.” Então, eu guardava esse dinheiro, chegava na 2ª feira, eu via a situação do meu pai, que meu pai (inaudível) situação na época, trabalhava de, chamava de “alugado” pros outros, né? Por dia, trabalhava por dia nas roças dos outros. Os fazendeiros lá que contratavam meu pai e meu pai trabalhava o dia inteiro. Aí, trabalhava fazendo aquele tipo de cancela que chama no nordeste (inaudível). E eu ia pra roça, quebrava os caroços de mamona, não sei se você conhece, a mamona (inaudível) juntava no chão (inaudível) quebrava, juntava quando era seca, ficava a semana inteira trabalhando. Quando era na 2ª feira eu tinha (inaudível) 40 a 60 kg de mamona, eu tinha. Aí, eu colocava num (inaudível) ia pra cidade e vendia (inaudível) eu me lembro que era 40 contos de réis. Dava 40 contos de réis (inaudível) e dava pra eles fazerem a feira (inaudível). Roberto me atentava pra tomar meu dinheiro, pra ele gastar com outras coisas, outras coisas melhores ele queria na vida, estudar. Eu andei largando o estudo pra ficar trabalhando, pra poder ganhar o dinheiro (inaudível). Mas sempre eu era um aluno muito bom (inaudível) notas boas, sempre eu tirava, até a 4ª série primária (inaudível) sempre tirava notas boas (inaudível) no ginásio também, eu fiz um bom ginásio (inaudível).

Shnaider - Você se lembra se você e seu pai conversavam alguma coisa (inaudível)?

Antônio - Não conversava sobre isso não, meu pai nunca conversou (inaudível).

Shnaider - Falava alguma coisa pra você?

Antônio - Não. Eu sempre, eu ouvia sempre meu pai, minha mãe, mais ouvia da minha mãe. Que às vezes, eu chegava e meu pai sempre observava. Eu dizia: “Mãe, tem ...” eu ia sempre pro colégio, eu tava fazendo ginásio, eu tava cursando o ginásio, era longe, eu andava a pé, né? O colégio era (inaudível) eu saía, gastava 2 horas pra chegar no colégio. Mas sempre eu dizia: “Mãe, o que tem pra comer? Tem alguma comida?” Aí, ela falava: “Olha, meu filho, não tem nada. A única comida que a gente tem aqui é...” Aquela abobrinha que a

gente colocava na roça, o tal de maxixe, como falam. Eu dizia: “Então, tá bom mãe, eu como o caldo de maxixe com farinha.” Tomava aquilo e ia pra roça, pra o colégio. Mas (inaudível) lanche não tinha (inaudível) eu olhava sempre os outros comerem. Mas, meu pai nunca foi muito de diálogo, nem de conversa. Não vi meu pai falar o que tava sentindo. Mas via sempre, eu sempre observava ele comentando que tinha medo da gente passar fome (inaudível), sentindo aquela necessidade de ter mais alguma (inaudível). Sempre procurava ir trabalhar “alugado” pra manter o pouco que ele tinha, né? E como eu via aquilo ali, sem ele me falar nada, eu passei a ser uma criança que trabalhava desde os 8 anos, trabalhava na roça, (inaudível) o gado que ele tinha, que comprou (inaudível) pra tirar o leite pra gente vender (inaudível). Mas eu sempre fui bem desenvolvido, né? Eu e o Roberto meu irmão. Sempre quis estudar pra poder sair de lá daquela vida.

Shnaider - Da sua mãe, você lembra de ouvir alguma coisa?

Antônio - Não, da minha mãe sempre ela falava que não tinha, o dinheiro não dava pra comprar tudo e não tinha (inaudível) não falava. Mas também não reclamava que tava ruim e nem bom. Ela não reclamava, nem meu pai, nem minha mãe. Por isso que eu sinto uma leve, assim, impressão muito grande entre Angélica e a minha mãe, sabe? Até no jeito de olhar, elas se parecem. A não ser o problema que aconteceu que ela nasceu assim. Dela nascer assim, partiu mais da família minha mulher. Porque da família da minha mulher, essas famílias descendentes de alemão, de italiano, espanhol, né? (inaudível). E o pai dela era alemão puro mesmo, filho de alemão. E a mãe dela já é neta de alemão, o avô dela era alemão (inaudível). Então, eu sinto, porque inclusive, até falo, falo pra minha esposa. Mas eu não quero contrariar ela porque não é muito bom ficar falando isso. Às vezes eu (inaudível) digo: “Olha, mas a Angélica (inaudível)”, nem tudo né? (inaudível) até parece um pouco comigo, né? Dá pra ver que ela é um pouco parecida comigo (inaudível). Mas ela, eu pareço muito com minha mãe. Quando eu era mais jovem, eu tinha o cabelo... Então, eu era muito idêntico com minha mãe. E a Angélica parece com minha mãe. Inclusive, tem até uma foto muito antiga quando minha mãe era bem jovem, com cabelo, aquele jeito penteado. E a Angélica, eu vejo que ela parece um pouco com minha mãe, bastante, na aparência. Só nessa, nesse lado eu acho a Angélica, eu falo pra Sônia, eu digo: “Olha, a minha filha, esse lado dela aí, puxou a tua família.” Eu digo que eu sinto que eles, apesar de ter muitos deles formados na família, inteligente (inaudível). Mas alguns têm esse problema. Inclusive, são 3 na família dela que têm esse problema. Um que tem esse problema, esse menino que toma muito medicamento controlado, os pais deles até não tiveram uma situação muito boa pra descobrir e avançar o tratamento. E outro que, tem o irmão dela também que faz tudo, mas não conhece nada, tá com quase 50 anos e ele faz tudo e não conhece nada. E, às vezes, eu olho, né? Eu tenho uma parte meio orgulhoso de olhar assim, olhar pro outro, né? E, às vezes, eu olho (inaudível) eles têm um jeito diferente nos olhos deles, da família dela. Eu acho eles assim ... A Angélica, ela, eu acho que ela não tem, mas eu olho nos olhinhos dela, da irmã dela. Eu não sei se você já observa assim, tem pessoas que tem olho parece como se fosse assim meio morto, meio retardado. Um olho atrasado assim meio, um olho que a pessoa tava assim, com problema e não nasceu, parece que ele trabalha pouco. O olho deles é assim meio, tipo olho de gente que tem problema, retardado, uma criança que tem problema, eles tem um olho meio sem vida, um olho morto, né?

Shnaider - É o que você vê na Sônia?

Antônio - É, eu olho pra Sônia, eu, às vezes, nem comento isso muito com ela. É ruim a gente falar pra pessoa (inaudível): “Sônia, acho que você (inaudível) problema.” “Por quê?” “Ah, porque eu sinto que você tem um olhar assim meio, o olho parece de pessoas meio... Não tem olho rápido, rápido assim, um olho bobo.” (inaudível) essas pessoas que tem o olhar meio morto, ele sempre tem problema trágico na vida, né? Uma vez passou na televisão, o Clodovil falando, a pessoa sempre tem um atraso na vida. Aí, até eu falei

(inaudível): “Deve ser devido não ter uma rapidez muito grande, meio abobado, tua família é...” Que ela tem uma irmã que (inaudível) eu digo: “Sônia, você já olhou por olhar de sua irmã? Que ela tem problema?” E olhando pra ela, eu olho sempre no olho da Angélica.

Shnaider - Na Angélica você não percebe isso?

Antônio - Percebo (inaudível). A gente vê que a Angélica... “Faz isso, Angélica!” Ela fica assim, olha e pára com aquele olhar, tipo, chama “olho de carneiro” (inaudível) aquele olho carente, aquele olho humilde, aquele olho atrasado, assim, não tão rápido, com a malícia de olhar as coisas, não tem aquela malícia muito rápida (inaudível). Então, eu sinto que a Angélica, eu digo: “A Angélica tem um olhar igual à tua família, se ela nasceu assim, é tua família que tem problema, não a minha.” Aí, às vezes, ela diz: “Ah, a tua família também tudo é louco, louco pra ter dinheiro, são ambiciosos.” Eu digo: “Bom, ambicioso eles são realmente (inaudível) como eu sou, que eu também sou ambicioso. Se não, eu não chegava a ter a situação que eu tenho hoje.” (inaudível) eu cheguei a batalhar pra ter alguma coisa, pelo fato de eu, ter ambição na vida. E a ambição, eu falo pra mim, tem que ter, porque se você for uma pessoa parada, só pensar em dormir, deitar e achar que o dia da manhã é difícil, é difícil. Porque nós dependemos de ter dinheiro, porque sem dinheiro nós não faz nada. Primeiramente, nós temos que ter Deus e, aqui na terra, tem que ter dinheiro pra você ir ao médico. Se não tiver dinheiro, não é bem tratado, não é bem cuidado. Se não tiver a sorte de uma pessoa boa, a pessoa não vai te atender bem. Por isso, que eu cuido sempre pra ter esse lado, ter um bom convênio pra Angélica e pra ela também pra (inaudível) fila do governo, de INPS, do governo. E tudo que é do governo, a gente paga todos os impostos, mas não é bem atendido, é maltratado pelo funcionário (inaudível) que cuida do funcionário público, ele é não vê aquilo, ele não vê aquele lado. Mas quem tá lá dentro (inaudível) ele faz as coisas escondidas, trata a pessoa mal. Eu digo: “Olha, quando meu pai tava no hospital esperando (inaudível) tratado mal.” Eu nem respondo muito pra um médico (inaudível) às vezes, tá tratando mal (inaudível) eu sei (inaudível). Às vezes, eu levo a Angélica no médico, quando eu levo ela (inaudível) do governo também eu digo: “Vocês tratam tão mal porque vocês não sabem dar valor ao nosso dinheiro (inaudível). Eu acho que o nosso dinheiro, você tá aí por causa do nosso dinheiro, pois nós pagamos impostos pra você estar.” Aí, digo: “Acho você um péssimo funcionário, um mal funcionário.” A Sônia diz: “Cuidado, senão uma hora você vai ser preso.” Ou, então, desacatando o caro do guichê (inaudível) trata a gente até mal na Receita mesmo. Funcionário que trata o contribuinte mal (inaudível) “você é pago pra isso e trata mal, né?” E eu sempre discuto esse lado quando vou com a Angélica em médico. Eu discuto muito. No início, eu fiz o tratamento da Angélica, eu tive que ir em alguns hospitais do governo (inaudível) diferença, né? Como eu mesmo já fui, mesmo tendo convênio, eu já fui em hospital do governo, só que eu cheguei lá, eu discutia, xingava alguém, né? E era atendido, né? (inaudível) eu era um funcionário, tinham medo, eu falava, ameaçava e eles me atendiam bem. Mas eu mesmo falava (inaudível) eu tenho convênio, às vezes, nesse convênio meu que eu tenho, às vezes (inaudível). Meu pai tá lá no hospital como tá agora. Eu só posso ir uma vez e olhar pelo o vidro, né? A gente não pode falar muito (inaudível) eu digo: “Doutor, e isso, é isso? Ele diz: “Ah, isso é outro departamento.” Eu vejo que o cara (inaudível) jeito. Às vezes, digo à Sônia: “Sônia, eu tenho uma vontade de chamar aquele cara e xingar o cara, chamar, tinha um jeito de bicha, né? Você viu que ele, eu deveria ter falado aquilo pra ele (inaudível) tem um jeito de bicha.” Mas seria discriminação. E meu pai tava na UTI, eu não ia falar aquilo porque podia ser usado como vingança contra meu pai no tratamento. Eu sempre baixava porque tava precisando. Só porque estava precisando. Eu digo: “Olha, se não tivesse (inaudível) claro que eu ia desacatar ele agora.” Eu sempre desacato (inaudível) na estrada, a polícia rodoviária, com a Angélica junto. E a Angélica viu essa discussão nossa dentro do carro. Desacatei um policial rodoviário. Eu digo: “É, infelizmente, vocês têm o hábito de trabalhar mais em cima da corrupção do que em cima do cidadão.

Porque quantos estão errados por aí e recebem propina, mas querem agora me prender por causa de um problema que é muito simples dentro do carro. “Naquilo ali a pessoa me segurava, ficava 1 ou 2 horas, mas continuava desacatando a autoridade policial. A minha mulher dizia: “Olha, por causa que você tratou mal, o cara segurou nós aqui, agora vamos ficar 1 e meia presos aqui.” Digo: “Mas não tem problema. Quando eles liberar, que vai ter que me liberar, porque eu sou cidadão, eu vou chamar eles de novo, vou desacatar o policial, é pilantra.” Eu falo assim, eu desacatava, algumas vezes. Depois eu maneirei também, mais com eles, porque eu não ia ganhar nada. Vi que uma hora eu ia (inaudível) algum problema (inaudível). A Angélica andava com a gente e ela queria ir na frente e ela chorava, dava aquele... E os policiais paravam, todos eles que paravam, aí, eu dizia: “Só se eu pegar (eu ficava tão nervoso com o policial, que pegava a Angélica), só se eu pegar essa menina e colocar aqui atrás ou então matar porque ... Você acharia bom que eu fizesse uma coisa dessa na sua frente?” Ficava nervoso, né? Com eles, eu xingava mesmo o policial. E dizia não, eu perdia o controle naquele momento com a Angélica. E a Angélica chorando, chorando. Naquela época, ela dava muito trabalho. Eu dizia: “Quer que eu faça isso na sua frente? Eu faço agora pra você ver! (inaudível) você que é incompreensível, que não tá vendo o problema que eu tenho. Eu tenho documento aqui dentro dizendo que ela tem problema. Ela não pára no cinto de segurança. Ela quer andar.” Isso foi durante muito tempo, Angélica (inaudível) até que Deus me deu paciência, em nome de Jesus e eu coloquei a Angélica pra andar atrás. Tanto que ela anda atrás, mas ela não usa o cinto. Aí, o policial (inaudível) problema, porque quando ela vai atrás: “O cinto da menina.” Aí, (inaudível) eu digo: “É (inaudível) eu vou explicar o problema novamente, porque fica chato você (inaudível) mas eu vou te explicar o meu problema que eu carrego comigo. Não é que eu carrego porque não gosto, eu amo minha filha. Mas minha filha tem esse problema, ela não aceita o cinto. Eu sei que é errado mas se você tiver bom senso você poderia deixar. Se você quiser ver os documentos, eu trato dela, o tratamento tá aqui.” Às vezes, eu vou pra Brasília, né? Eu viajo sozinho (inaudível) “Eu lhe mostro os documentos.” Às vezes, eles, muitos (inaudível) “Não interessa.” Eu digo, aí eu fico nervoso com ele: “Não interessa, não? Interessa sim, porque você também tem filho e pode acontecer com um filho seu um dia.” Aí, (inaudível) “Pode acontecer com você um dia devido à sua conduta, (inaudível) trata desse jeito uma criança dessa (inaudível).” E aquilo ali me deixava muito nervoso (inaudível) eu chegava até a vomitar. E a Angélica também, quando provoca o sistema muito nervoso, que abala ela (inaudível) aí, ela tá nervosa, a gente briga com ela, diz: “A Angélica quer vomitar. Vou vomitar. A Angélica tá nervosa.” Dá ansiedade nela igual a mim.

Shnaider - Você disse que tem documentos? Que documentos são esses?

Antônio - Documentos, que muitos exames dela eu guardei todos. O que é da Angélica, eu guardo todos os exames que eu fiz. E o último foi atestado, que foi constatado que ela tinha esse problema (inaudível).

Shnaider - E aí, você tem todos os exames e quando você viaja com a Angélica, você leva os exames?

Antônio - Carrego. Eu sempre levo eles, porque às vezes pode dar algum problema, tem que ir no médico, né? (inaudível) e ela ficava nervosa (inaudível) ficava com ela. Começou daí, né? Ela, quando pequena, levou uma pancada muito grande, morava em Brasília no apartamento, tinha um (inaudível) e ela corria, ela era danada e corria e batia com a cabeça em cima do batente, mas com muita força. Bateu, desmaiou, apagou e eu peguei ela nos braços e ela (inaudível). Minha mulher tava no banheiro, meu irmão tava comigo. Eu digo: “A Angélica tá morrendo, foi uma pancada muito grande!”. E de repente ela voltou ao normal, né? Aí, eu fiz muitos exames também ...

Shnaider - Você estava falando do olhar. O olhar da Angélica, muito parecido com o olhar da família da Sônia. Por que interessa tanto a você o olhar, você fica curioso com o olhar?

Antônio - Desde o início eu (inaudível).

Shnaider - Não é só o da Angélica, você olha o olhar de muita gente.

Antônio - É. Então, eu sempre tive um... Muito no olhar. Quando eu vejo (inaudível) tem gente que é muito ativo, muito esperto. Então, se você olhar o olhar dele, tem um que é do olhar tão rápido, ele é ativo e ao mesmo tempo esperto demais, passa até as pessoas pra trás. Chega até a, tem um olho, enxerga tudo, tudo que se passa ele enxerga. Enquanto, às vezes, a gente não enxerga tudo, porque não sabemos ao redor, não enxerga tudo. E ele já observou tudo. Onde eu trabalho, as pessoas falam: “É, Antônio, você é muito perfeito, perfeccionista, você gosta das coisas muito perfeitas.” Porque eu fazia, eu faço esses aviões, algum trabalho que fui fazer, então eu quero tudo perfeito, o trabalho, eu digo: “Eu quero esse trabalho, eu vou fazer esse trabalho mais perfeito.” Às vezes, o aparelho não tá perfeito, não tá assim, eu digo: “Eu vou quebrar aqui, vou colocar outra peça pra ficar perfeito.” Quando eu faço um trabalho pra alguém de aeromodelo (inaudível). Às vezes, eu vou em casa (inaudível) digo: “Olha, isso não tá perfeito (inaudível) quero sem defeito, bem bonito.” (inaudível) roupa pra mim, às vezes eu... Tem hora que eu não me sinto bem, que eu compro roupa, não dá certo, aí, eu quero apertar a calça (inaudível). Aí, eu sempre cuido desse lado.

Shnaider - Você já observou o olhar da tua mãe? Do teu pai?

Antônio - Já. O olhar da minha família tudo é esperto. Às vezes, a Sônia, eu digo: “Sônia, você viu minha família como são espertos? Conseguiram me passar pra trás, né?” Eu tinha comércio (inaudível) em Brasília e minha mulher tomava conta e ela tem hoje esse remédio, ela mexe (inaudível). Meu irmão é muito esperto. Meu irmão é esperto demais, do nada ele conseguiu subir (inaudível). Mas só que ele quer as coisas muito longe. E eu olho pra minha mulher e digo: “Olha, viu o Roberto? Tá vendo além da gente, já tá enxergando lá (inaudível). Ele é muito esperto. Se você observá-lo você olha os olhos dele (inaudível).” Então, eu passo a olhar muito na esperteza da pessoa. Tem uns que é inveja, né? Inveja não é bom. E tem uns que tem ambição. Ambição já é, faz parte da nossa vida. Se a pessoa não tiver ambição, é tipo uma pessoa assim, que tem problema, né? (inaudível). Então, eu acho isso daí é a ambição, faz parte da vida, você quer subir. Então eu digo: “Tem que fazer parte da sua família (inaudível).” Eu que tomei a decisão de levar a Angélica num tratamento fora, eu pedi licença da Receita, eu digo: “Eu quero ver, eu quero descobrir que problema tem.” Até descobrir. Eu também tive problema do coração, eu digo: “Ah, eu quero descobrir.” “Não vai, você poderá descobrir problemas mais graves.” Eu digo: “Não tem problema, se eu descobrir, eu vou aceitar, né?” Então, eu aprendi a tirar o medo de mim assim, fazendo as coisas, eu sempre venci o medo. Sempre eu querendo, eu tenho medo que aconteça, mas eu sempre vou dentro dele pra que eu tire o medo, me descansa, tire aquele pesadelo de mim. Eu vou sempre dentro mesmo, pra que eu descubra. Como (inaudível) eu digo: “Olha, eu não nasci pra ser parado igual vocês. A gente tem de lutar pra ter as coisas.” Eu falo pra irmã dela que é muito enjoada, eu não me dou bem com ela, eu digo: “A tua irmã tem algum problema, quando a gente fala que tem que ter dinheiro na fica ela fica: ‘É, dinheiro não é tudo.’ E depois fica ligando pra gente, pedindo dinheiro pra ajudar a fazer um exame médico, pro irmão dela, pra família tudo ... Tá me pedindo. Pede lá porque, olhe lá, o olho. Tem olho de ‘carneiro morto.’ Olha (inaudível).” Vi que a Angélica puxou a (inaudível) Deus perdoe, não é bom falar nisso. Por isso que a menina, eu acho que tem esse lado da família (inaudível). Uns nasce (inaudível) outros nasce aí, parado. Então, se você olha pra eles, no olhar aparece que te olham, aquela pessoa que tem aquele olhar mais atrasado, aquele olhar meio ... Parece que pára (inaudível), olhar pra você com mais inveja. (inaudível) sempre chegam em mim: “Ah,

só fala em dinheiro, é muito (inaudível).” Depois fica me pedindo (inaudível) porque não tem condição, é porque não tem ambição e tem sentimento da inveja (inaudível). Olha, quer, mas é morto.

Shnaider - Você quando começou a se relacionar com a Sônia, namorar ela, você lembra se chamava atenção esse olhar dela?

Antônio - Inclusive, logo no início não. Depois, um certo tempo, eu comecei a olhar a família, eles queriam, queriam não, querem pra eles, mas não querem fazer por onde ter. Então, eu sempre observava, eu sempre olhava assim esse lado dos olhos. Porque eles não têm aquela vontade de fazer mal a ninguém, mas tem aquele... Aí, eu olhava (inaudível). O olhar (inaudível) até agora, eu falando, são coisas que me tocam, é o jeito da irmã dela (inaudível) eu digo: “Invejoso não, ambicioso, eu concordo. Invejoso não. Invejoso é a pessoa parada, que olha, fica falando do que eu tenho, mas não luta pra ter e depois quer. Isso chama-se inveja. Eu não. Eu sou um cara ambicioso, luto pra ter as coisas, mas não sinto inveja não.” Começou a despertar o olhar dela, né? (inaudível) olhar da mãe, apesar que mãe é mãe, né? Mas eu senti que volta e meia ela falava com uma boca assim, aquela pessoa, quando fala com uma raiva, assim, fala (inaudível). Digo: “Olha lá, tem uma raiva incalculável, sua irmã. Olha pra mim com aquele olho morto, mas matando por dentro.” Eu digo: “Tá me matando por dentro.” Na alma dela tá me matando, só no olhar ela tá te observando. Todos têm o olhar, tem o olho morto. Aquele olho sem atividade. E a Angélica tem aquilo (inaudível) e a Angélica, a gente via no olhar dela, é assim. Tem hora que ela pára e fica, tem hora que ela até trabalha rápido pra olhar, igual eu. E tem hora que ela tem aquela coisa (inaudível). É difícil explicar. Porque os médicos não conseguiram explicar como essa doença veio (inaudível) mas, se a gente olhar, tem tudo a ver, se você analisar bem... O psiquiatra tem (inaudível), é quase louco junto com os loucos que envolvem, né? Tem até que envolver porque é obrigado a se envolver (inaudível). O psiquiatra tem que entrar dentro daquela vida, louco (inaudível). O psiquiatra tem que aprender estudar e aprender a sair da loucura. Ele entra na vida do louco, de uma pessoa que tem problema grave. Ele chega a entrar, andar e viajar, no tempo dele. Viajando junto com ele. Só que depois ele aprende a se sair. Quem tem um problema já assim, não sai. O psiquiatra estuda pra aprender a sair, entrar e sair (inaudível) conseguir tratar a pessoa, cuidar bem, orientar. Como eu mesmo faço: “Angélica, não me olha assim, Angélica, com esses olhos! Fique parada não, com esse olhar, tenta olhar, olha assim, olha ali, olha aquilo, tira o olho daquilo ali!” E ela tá aprendendo (inaudível).

Shnaider - Pois é, aí você falou que isso te toca tanto ... Percebe que ela tá te olhando assim, com esse olho, o que acontece com você?

Antônio - Ah, (inaudível) pra mim, quando ela me olha assim, com aquele olhar parado, ela tá, eu sinto que ela tá mais atrasada, (inaudível) tá pensando numa coisa, sofre pra ela. Ela esquece a gente e fica atrasada, acho que ela tá fora de si. Depois rapidamente ela volta (inaudível). Dá atenção àquele lado (inaudível). “Angélica (inaudível), papai tava lhe olhando, olha pro papai!” Não olhava pra gente, eu digo: “Aprende a olha pro papai, no olho (inaudível) nos olhos do papai!” Aí, ela olha (inaudível) sempre parado, né? Pra mim, sinto ela assim.

Shnaider - E você, como você se sente quando você vê esse olhar dela?

Antônio - Ah, eu sinto que ela, que o problema dela, até enquanto ela tá, tem hora que ela (inaudível) quando ela pára, que sente desse jeito, o comportamento, aí, eu começo a analisar que aí, ela entrou naquele lado emocional parado dela, que ela tem, né? Eu sinto que ela entrou e, aí, tem que acordar, tem que até dar um susto nela. Muitas vezes eu falava (inaudível) dou um susto, falo: “Angélica!” Um susto e aí ela fala: “Me assustou, papai!” Então, aí, ela pára. Então, eu descobri (inaudível) entra naquele lado e depois (inaudível) só que é um perigo a gente chamar ela pra acordar, dela passar pra esse outro lado meio assim. Mas eu falo isso pra Sônia, eu digo: “Eu tive um sonho com a Angélica (inaudível) que ela

morria, num lugar diferente, outras pessoas, água suja.” Começo a ficar preocupado o dia inteiro. Aí, depois, eu volto ao normal. Às vezes, eu também tenho problema (inaudível) nervoso demais. Eu tenho esse lado de (inaudível) assim, sou preocupado. Muito preocupado (inaudível). “Será que ele me fez uma pergunta, será que a pergunta dele?” Eu fico pensando. Aí, eu começo a buscar: “Será que ele falou por causa disso? Será que ele me perguntar, ele acha que eu tenho alguma coisa a ver com aquilo?” Eu me maltrato durante (inaudível). Quando eu vejo que a pergunta é muita pesada (inaudível) “Antônio, eu tenho um negócio pra lhe comentar sobre o que aconteceu no trabalho, tal, tal.” (inaudível). Aí, eu começo a imaginar (inaudível) tudo lembrando: “Passei aquilo, passei por aquilo. Pode ver que o que tô pensando não é muito bom. Esse cara pode querer entrar mais (inaudível), esse cara pode querer entrar na minha vida com outras, com outro jeito (inaudível).” O que eu vou fazer? Fico calculando.

Shnaider - Você pensa em todas as possibilidades?

Antônio - Fico. Todas as possibilidades que eu tenho que (inaudível), né? Aí, eu fico preocupado e aquilo (inaudível) aquela ansiedade. Aí, (inaudível) quando eu descubro que não é nada, aí, eu me sinto aliviado. Pronto! Acabou a ansiedade não tinha mais problema de vomitar. Pára naquele momento (inaudível). Aí, eu fico calmo, eu fico assim, (inaudível). Comecei a analisar, era só nervoso.

Shnaider - Quer dizer, na verdade, você pensava em tantas possibilidades ...

Antônio - Que não aconteciam (inaudível). Eu trabalhei lá em Foz do Iguaçu (inaudível) totalmente diferente, em área de trabalho, uma área muito arriscada. Eu trabalhava com gente, eu via acontecer coisas (inaudível). Então aquilo ali tudo (inaudível) “Porque o fulano de tal falou aquilo comigo? Então, eu acho, ele tá querendo me prejudicar. Como ele tá querendo me prejudicar, eu vou tentar descobrir.” (inaudível)

Shnaider - Tá bem, vamos terminar.

**6ª Entrevista com Antônio – 30/11/2004**

Antônio desmarcou no dia anterior.

Shnaider - (inaudível) você ontem parecia que estava tão apreensivo.

Antônio - Foi. Eu fui pra Brasília a semana passada. Eu tive uns telefonemas em casa direto, né? Eu tenho 3 irmãos que eu sempre ajudei muito, homem. O meu pai mais que cuidou deles...

Shnaider - Você é o mais velho?

Antônio - Sou o mais velho. Meu pai até chegou tirar, assim, mais de mim, pra ajudar eles, na época. Digo: “Ó, pai, é melhor, deixar o senhor ficar do meu lado (inaudível) porque eu futuramente, quando o senhor estiver mais velho, o senhor vai precisar é de mim, porque eles não vão te ajudar. Com certeza os seus filhos que tá ajudando, criando aí, contra mim praticamente, porque eu tenho uma coisa mais, né? Mas eu lutei pra ter essas coisas. O que eu tenho a mais, tudo que eu trabalhei, tudo foi lutando, não foi fácil pra mim conseguir.” Eles acham que eu tenho que dar, como de fato que dei pra todos eles. Dei pra um irmão, casa, dei loja, dei ... Ajudei todos eles só que (inaudível). Falam que se meu pai tiver algum problema, se morrer, que eles vão atrás do prejuízo, né? (inaudível) falam pra mim. Eu e outro irmão, que somos mais unidos, eu e Roberto. E perturba bastante, inclusive, era pra mim levar a Angélica e minha mulher (inaudível) ela trabalha, ela tem representação de medicamento e ela tá aqui sempre. Eu digo: “Eu vou pra lá (inaudível) não vou ficar lá pra evitar confusão (inaudível) piada (inaudível)”. Eu vou. Aí, eu saí daqui 4ª feira à noite, eu acho e voltei domingo. Domingo de manhã, saí e cheguei 2ª feira. E desestrutura bastante. Isso daí me faz ficar até agoniado, ontem mesmo eu tava com Angélica, (inaudível). A Angélica, sempre ela dá um pouquinho de trabalho. Tem coisa que ela pergunta pra mim, não sabe que eu tô nervoso, eu nem respondo pra ela. Ela também fica agoniada (inaudível). E a é pressão muito grande (inaudível). Uma pressão daquele tipo. Nós somos dois irmãos, né? Tem eu e Roberto, nós dois nos damos bem. E eles acham que (inaudível) porque eu tenho um carro... Até um carro melhor, mais novo, eu tenho medo de trocar, porque se trocar eles dizem: “Olha aí, meu pai tá aí.” Mas eles não lembram, é igual, por exemplo, (inaudível) não lembram de você ajudar seu pai, você sozinho (inaudível) sozinho adquiriu ... Eu tenho mais condição. “Vou dar uma ajuda pro meu pai, vou dar isso e isso.” Mas se teu pai sempre puxou pra ajudar mais aqueles outros que eram mais fracos. Só que depois que eles subiram, acharam que não precisava mais e o velho ficou doente e o velho adoecendo... Então, eles jogaram a culpa pra cá. E ficam condenando: “Claro que a mulher a mulher dele não deixa dar. Ele não dá porque ele gasta muito com a filha, ele tem a filha no colégio particular.” Então, eles ficam sempre jogando aquilo ali. Chegaram até ao ponto mesmo de falar, uma irmã minha, que, aliás, a minha mulher não se dá muito bem com ela, essa mesma chegava a falar: “Você tem uma filha louca. Quer dizer que todos são autista em sua casa, né?” Ligando pra mim direto, (inaudível) discriminação. Por isso que eu fico mais nervoso, fez com que eu me afastasse mais. Eu podia ter ido até pra Brasília, tratar da Angélica, tinha tratamento (inaudível). Mas eu preferi olhar em todos os cantos e escolher Uberlândia, porque eu fico numa certa distância, longe pra tratar da minha filha e fico... Evita de problemas. É mais difícil eles virem aqui. Pra gastar eles não vem aqui. Com certeza não têm condição de estar aqui direto, como eu, talvez, tenha condição de ir a Brasília 2 vezes por mês. Eles não têm. (inaudível).

Shnaider - E você falou que eles dizem que se acontecer alguma coisa com seu pai você é culpado? Por conta de que?

Antônio - Porque meu pai, assim, meu pai tá com 74 anos. No início, eu ajudei muito o meu pai, claro. Ajudei o meu pai, dei a casa pra ele morar (inaudível) e dei pra ele (inaudível) pra eles não achar que eu ia ficar pra mim e minha esposa (inaudível) “Ficar pra você e a mulher dele, ele adquiriu, é pra filha dele.” Então, eles adquiriram, mas não pensam

que as mulheres deles são piores do que tudo. Eles acham que, esse lado que eles fizeram assim, me pressionando, né? E que eu sou obrigado dar pro meu pai (inaudível). Digo: “Futuramente meu pai vai precisar e o que vocês estão tirando de mim hoje...” Que eu dei pra ele, (inaudível). Um trabalhou 3 anos numa loja minha, num comércio que a gente tinha em Brasília, uma outra loja que era uma distribuidora de bebida, (inaudível) mas o homem cresceu tanto hoje, que mudou tanto na vida dele que ele chegou ao ponto que no final ele virou-se contra mim, né? Quando trabalhava num prédio lá, de limpar, de limpeza. Inclusive, eu tenho um apartamento alugado. E lá eu comecei... Os primeiros imóveis que eu comprei em Brasília foi lá. Comprei lá. E comecei daqui e dali. Começou a, tirei ele daquele serviço de limpeza. Botei ele nessa loja minha. Foi uma (inaudível) como se diz, dei o céu e depois ele percebeu que tudo tava ao redor dele, ele (inaudível) me levou na justiça, pediu indenização alta, de 50.000,00 na época, há 2 anos atrás. Eu digo: “É muito dinheiro, 50.000,00 eu não posso dar porque trabalhou 3 anos. Você trabalhou limpando o chão desse prédio aí, limpando o chão, quando saiu o síndico lhe deu 4.000,00. Então, você quer 50.000,00 de mim? É muito dinheiro. Dou 30.000,00.” Aí, dei 30.000,00 pra ele comprar uma loja mais fora da cidade. Mas coloquei ele pra fora, graças a Deus, da minha loja. Ele deixou muito imposto pra mim pagar, né? E isso aí, me perturbou muito na época. Foi uma perturbação muito grande (inaudível). Fiquei 1 ano mais ou menos. Fiquei 3 anos de licença e esse 1 ano eu tive muito problema com ele, denúncias. Parei o tratamento da Angélica em Brasília por causa dele, né? Eles perturbaram muito a família minha. E como hoje, agora, depois que tudo passou, digo: “Bom, agora eu tô livre, né? Ajudei a todo mundo, já ajudo o meu pai até hoje, como sempre. Dentro do possível, dentro do limite que eu posso fazer pro meu pai, eu ajudo bem, eu tenho minha despesa em casa, eu tenho minha filha que precisa de um tratamento melhor, levar ela no psiquiatra em Brasília, sempre eu levo ela na dra B. que é a psiquiatra dela, eu levo ela de 6 em 6 meses, pra fazer avaliação (inaudível). Então, agora, acho que tô livre. Mas acho que foi pior. Não, não tô livre não.” Eu fiz (inaudível) mas antes eu tivesse negado pra eles, não ter dado, né? (inaudível) dei tudo aquilo ali pra eles, foi pior. Pegaram e levaram. Inclusive, a dra. B., eu tive nela, falei do problema, que eu tava passando por isso (inaudível) da Angélica e a dra B., que é psiquiatra dela muitos anos, que eu fiquei quase 3 anos tratando dela, né? Duas vezes por semana (inaudível) “Eu acho isso que os teus irmãos tá fazendo, tá conseguindo mentalmente te abater, Antônio, sua mente, porque é um terrorismo isso aí. Tô achando um terrorismo. Não dá nem pra acreditar numa história dessa.” Eu digo: “Dra, é verdade.” (inaudível) paguei (inaudível) indenização que eu dei pra ele (inaudível). “Você lembra que eu fiz aquilo pra você?” “Ah, tu nunca me deu nada.” (inaudível) ameaçar o outro. Praticamente eu acho que se o cara chega, teu irmão fala (inaudível) “Vai ter vários caixões!” Tá te ameaçando, tu e tua família.

Shnaider - E eles dizem isso porque eles estão falando que você não ajuda?

Antônio – É. Eles querem dizer que eu devo ajudar. Só que eu ajudo. Só que eles querem que eu agora ajude sozinho. E eu digo: “Não, todos é filho, agora é hora de ajudar porque eu tenho minha família, eu tenho minha filha, a Angélica e eu tô fazendo um tratamento com ela, eu gasto (inaudível) um dinheiro que a gente (inaudível). Então, eu sozinho não posso. Se todos nós somos filhos, nós vamos ajudar. Se você não pode ajudar com tanto, numa quantidade igual à minha, vocês podem ajudar numa quantidade menor.” Às vezes, eu falo assim, que às vezes, até eu falo, minha mulher diz: “Você não deve tá contando essas coisas porque, assim, pra pessoas estranhas. Você não deve contar isso aí, que as pessoas vai pensar que você é louco, Antônio. Vão ver que esses problemas que acontecem e ninguém vai acreditar (inaudível) que a tua família te ameaça.” Mas é verdade, né? Eu falo no trabalho. Às vezes, eu chego no trabalho e falo: “Nossa Senhora, se meu pai morrer, eu vou te contar! Meu pai tá na UTI. Graças a Deus que ele já saiu da UTI (inaudível) ele já tá na sala de recuperação, recuperando no Hospital de Base, pra fazer uma ponte safena.” Eles alegam

também, muito isso, por ser um tratamento do governo (inaudível) “Ah, porque o tratamento do governo. Sabe como é o governo. Você tem que botar num convênio particular.” Um convênio particular pra uma pessoa de idade, 74 anos, é no mínimo 700,00. E a franquia é depois de 2 anos pra poder ter direito àquela cirurgia (inaudível) foi o que eu falei pra eles. Agora, o exame, eu vou pagando o exame (inaudível) “Não, vocês querem que eu ajude sozinho?” “Ah, porque você tem mais.” Eu digo: “Olha, vocês são homens cheios de problema, tem um monte de mulheres cheias de problemáticas. Não querem que ajude o pai. Eu não, minha mulher não proíbe, eu faço o que quiser, eu desvio o dinheiro, dou o dinheiro a meu pai a hora que eu quiser, minha mulher não tem esse problema.” Tem tantas coisas, que não dá pra acrescentar muito, que eles são muito perigoso realmente, sabe? Somos de família, que a gente é de família do nordeste, já te falei. Família que são meio perigosa, assim de, aquela violência que existe lá de irmãos, uma coisa assim, de irmão (inaudível). Então, eu tô evitando pra não acontecer aquilo que aconteceu comigo há 3 anos atrás, aconteceu comigo (inaudível). Então eu evito, porque os cabras não tem uma mente, assim, como se diz, tem uma humanidade. Saber que eu sou um cara (inaudível) porque você não liga e fale: “Oh, Antônio, você é uma pessoa que tá sempre do lado do meu pai.” Eu sou muito amoroso com meu pai (inaudível) faço o possível pra cuidar bem do (inaudível), né? Aí, digo: “Você devia ligar bem assim pra mim: ‘Ô, irmão dá pra você vir aqui, o que você pode fazer pra ajudar nosso pai, né? Meu pai tá muito doente!’” Mas não, dizem: “Ô, cuidado, se não vir tem hora marcada.” Intimar você pra ir aí, tipo polícia, não. Eu não gosto desse tipo, que alguém me pressione, eu não gosto que me pressione. Eu, às vezes (inaudível) preocupado, se me pressiona eu fico... Pronto! Pra mim acabou! Aí, eu não durmo, aí meu problema de tomar remédio controlado pra dormir, porque eu tomo esse (inaudível). Até ontem eu fui ao médico, eu cheguei tarde (inaudível). Aí, fui no médico ontem e pedi até um (inaudível) pra dormir. Ele disse: “Eu não posso te dar, Antônio, (inaudível) você levou uns dias atrás, não tem 1 mês, você pegou 3 caixa.” E tem dia que eu tomo 2 mg e não durmo. E pensando naquele problema que a pessoa falou, o que será que vai dar, né? E, às vezes, por causa desses problemas que eles comentam comigo, eu levo esses problemas até pro meu trabalho, pra pessoas que não devem ouvir, eu levo meus problemas pra ... Tem gente no meu trabalho (inaudível). Eu trabalho num setor que tem pessoas meio maldosas. Na (inaudível) espionando tua vida (inaudível) pra saber os problemas, as origens das coisas. Todo mundo sempre, não quer saber de onde veio, uns estão espionando e estão procurando, sempre eles procuram saber o que é a tua vida. Às vezes, eu trato pessoas mal. Como ontem mesmo, eu cheguei muito nervoso, chateado (inaudível) “Você vai querer isso?” Eu digo: “Ah, não me interessa não, se você quiser passar pra outra pessoa, passa. Eu não tenho isso pra aplicar assim, porque tá aplicado nesse outro lado e esse outro lado é mais fácil.” Com raiva, fico com raiva do governo, que realmente eu tenho raiva do governo, (inaudível) ele faz com os mais humildes, né? E, às vezes, eu chego perto de um colega de mais autoridade, então, eu dou aquela indireta pra atingir aquela autoridade. Aí, eu sempre falo, eu digo: “Ah, tão novo (inaudível) cheio de problema, né? As pessoas tirando dos mais fracos. Meu pai tá lá no hospital dependendo e ninguém chega lá, a única coisa que o governo sabe é fazer isso, né doutor? Cobrar impostos das pessoas humildes, porque os poderosos mesmo não precisam pagar, “você não tem coragem de acionar eles, não tem coragem de prender (inaudível).” Isso ataca a pessoa que tá envolvida, né? (inaudível) e eles não gostam e com isso eu me prejudico. E eu fico carregando isso, às vezes, (inaudível) minha mulher diz: “Cuidado, que você pode, com a tua boca mesmo, você pode ser ferido. Você fala uma coisa com a pessoa que não tem nada a ver e as pessoas (inaudível).” Eu digo: “É verdade, eu tento me controlar.” Eu controlo um pouco, eu tento me dominar (inaudível) e tento levar minha filha bem. Então, uma coisa que me ajuda muito ainda, assim (inaudível). Aí, eu penso na minha filha, né? Na Angélica e me leva o pensamento, eu chego a ficar mais aliviado, eu me levo até ela, né? Eu chego até a

Angélica, mentalmente, eu penso, chego até ela e o carinho que eu tenho por ela então, faz com que eu tenha mais calma. Tenha mais sossego na vida. Não penso tanto em estragar, fazer extravagância, pra não ter problema de doença mais grave (inaudível). Volta e meio eu tenho que fazer sintilografia, pra ver, que é o exame mais (inaudível) e é menos dolorido, né? Eu faço, que é através de uma agulha (inaudível). Aí, de 6 em 6 meses eu faço (inaudível) saber como é que estou.

Shnaider - Você consegue perceber se há alguma época ou alguns determinados acontecimentos que fazem você ter essa dor no peito? Porque das vezes que eu percebi que você voltou de Brasília, destas vezes você disse que voltou com dor no peito.

Antônio – É, antes realmente (inaudível) muito importante, minha mulher falou isso aí, falou pra mim, brincando: “Você tava em Foz do Iguaçu (inaudível) levava uma vida tranqüila, antes de ir pra Brasília tratar da minha filha, depois que foi pra Brasília foi que você arrumou todas as doenças.” Realmente, foram verdade. E arrumei (inaudível) minha família, que houve pressão, né? Porque cheguei em Brasília, investi em negócio, comprei imóvel, né? Comprei loja, minha mulher montou esse negócio, farmácia. Então, isso tudo foi o que me prejudicava, porque minha família cresceu, talvez mais naquele lado ruim, contra mim, devido inveja. Eu não chamo de ambição. Porque ambição, eu também sou, os outros são ambicioso pra ter as coisas, não pra tomar (inaudível). Eles cresceram mais com inveja por mim. E aquilo ali abateu muito. Às vezes, me perturbava e eu comecei a ter várias discussões com a família por causa de eu ter esse lado, ter melhorado na vida um pouco, né? (inaudível) quando eu voltei pra Brasília, pra tratar da minha filha, né? Eu fui e a minha mulher (inaudível) ela já tinha uma situação financeira boa, do Rio Grande do Sul, né? Então, isso tudo acarretou pra que eles me discriminassem, assim, de vários tipos: de me abater com palavras, com violência. E esse período foi onde eu voltei pra Foz e quando, depois que voltei, eu adquiri essa doença. Que eu fui no médico e tava com problema de coração. Então, realmente, minha mulher falou, nós falamos brincando: “Realmente, você não pode falar da minha cidade (eu tinha falado que não queria voltar pra Foz ... Eu não arrumei tratamento lá, discriminaram minha filha no colégio também tudo isso foi verdade) e agora você esqueceu-se de tudo o que você recebeu da minha cidade, sem violência, minha família é muito humilde, minha família é muito boa, trata muito bem, muito educado, diferente da sua que te deixou doente do coração. Que hoje você tem uma doença, até perturbado, você às vezes se preocupa mentalmente.” Eu digo: “Me perturbo mesmo, né?” “O que que eles vão fazer, eu fico: ‘Nossa’, porque eu liguei pra eles me perturba?” (inaudível) foi tudo adquirido pela (inaudível). Porque eu era saudável, eu era bem, era forte, não era tão magro, como eu sou, né? Depois de... Que começou da minha licença (inaudível) voltei pra Foz. Chequei aqui em (inaudível) voltei pra Foz há 2 anos atrás (inaudível). Eu cheguei aqui há 2 anos atrás. Então, (inaudível) há 2 anos atrás, eu comecei a fazer os exames e acusou (inaudível). Eu tive no médico e ele disse que esse problema que eu tenho de aumentar essa triglicérides minha, triglicérides, aumenta através de sistema nervoso (inaudível) eu cheguei a 400, 500 mas (inaudível). Ela afeta (inaudível).

Shnaider - O coração é uma doença do teu pai e do teu avô também?

Antônio - É, meu pai. Meu avô morreu cedo. Meu pai tá (inaudível), né? Tá na UTI. Lá parece que deu 5 enfarto. Ele deu 4 paradas cardíacas, ele deu. E deu mais uma úlcera dentro que estourou de estado nervoso. Nervoso dele, quase morreu, né? E teve outro enfarto agora, com esse derrame que deu nele. Também agora, a semana passada eu tive lá com ele, né? Eu tô ligando (inaudível). E meu avô também, acho que foi... Deu derrame nele, pai do meu pai. Então, ele é mais nervoso, né? Já lá em casa, só eu, só tem eu com esse estado nervoso. Porque os outros não se preocupam não.

Shnaider - Você faz alguma ligação, assim, (inaudível) seu pai, com seu avô?

Antônio - Eu faço muita, sabe? Às vezes, eu (inaudível) adquiri a doença de meu pai. Mas outra hora eu começo a pensar: “Adquiri a doença do meu pai.” Não é que eu adquiri a doença do meu pai, é porque ele tinha aquele estado nervoso. Realmente ele trabalhou muito pra criar nós (inaudível) trabalhou muito pra cuidar dos filhos, não abandonou nenhum. Que eles falam que “um pai é pra 10 filhos e um filho não é pra 10 pai.” Então, meu pai realmente foi pra 10 filhos, só que um modo diferente, né? Meu pai agia com um sistema meio ignorante (inaudível), tá falando, né? Meu pai foi bom. Ele nos criou ...

Shnaider - Você pode me contar um pouco mais disso, porque você falou que, às vezes, ele tirava de você pra teus irmãos.

Antônio - Então ele, ele nos criou assim, ele criou e não abandonou nenhum. Trabalhando naquelas épocas de (inaudível) eu lembro. Aí, eu lembro que ele nos criou desse jeito, né? Aquele, bom, a criação, que ele trabalhou pra nos criar, não nos abandonou. Mas ele tinha aquele lado nervoso, violento. Eu me lembro, às vezes, com minha mãe. Brigava, às vezes, eu e meu irmão, esse que eu falei, o Roberto, ele nos tocava de casa (inaudível). Aquelas brigas de pai, né? Saia, depois ele chamava de volta. Então, ele tinha problema, assim, o meu pai, ele tinha não, ele tem algum problema, meu pai, mentalmente, assim ele ....

Shnaider - O que você acha? O que lhe chamava a atenção?

Antônio - Às vezes, eu chego ao ponto de pensar, doutora, às vezes, eu tenho uma coisa dentro de mim que agita e começo a sentir bem, né? Mas não falo muito isso porque eu tenho medo de Deus estar nos ouvindo, né? Às vezes, eu penso: “Puxa vida, meu pai, teve um lado assim com a gente que ele tratava bem e outra, ele queria nos bater, jogar fora de casa.” A gente não fazia nada, eu era um bom filho, eu trabalhava e estudava na época, andava 2 léguas a pé pra estudar, eu tava terminando o ginásio (inaudível).” Mas sempre tava em casa. E eu sentia que meu pai tinha aquele lado muito, assim, meio bravo com a gente, nervoso, ruim. Não era muito bom, eu não achava aquilo bom. Que ele bebia e praticava aquilo quando bebia, principalmente eu e Roberto, fomos criados assim, né? Fomos mais... Cedo eu saí de casa. Eu saí de casa tinha 16 anos. Fui pro mundo, né? Roberto saiu de casa depois de mim, em seguida ele saiu de casa também, foi pro mundo. Teve longe de mim, separado em outros lugares (inaudível). Mas deu muita sorte de passar (inaudível). Devido sair de casa mais cedo, saímos pra não ver tanto problema do meu pai ficar mais nervoso. Então, isso que eu sempre falo pro meus irmãos: “Eu convivi com meu pai em estado muito nervoso e vocês não conviveram. Eu chegava, meu pai me mandava embora de casa. Depois ele resolvia no outro dia. Ia e procurava a gente nas roças (inaudível) eu e o Roberto, a gente escondia na roça (inaudível).” Hoje eu tenho (inaudível) “será que eu gosto de fulano? Ou tô fazendo minha obrigação com meu pai?” Aí, dentro de mim mesmo, eu sinto que eu não sei se eu tenho amor por meus pais. Eu não sei. Até, eu conto isso pra minha mulher, eu tô lhe contando esse tipo de problema. Dentro de mim eu vejo meu pai doente, aí, eu chego perto dele e eu sinto aquele, tipo de dó, dele. Será que ele sara? Com o aparelho enfiado que nem quando eu vi, né? Eu dizia: “(inaudível) outra parte eu sinto, assim, mas eu acho que deve ser de mim mesmo.” Talvez seja até ruindade minha. Digo: “Mas será que é ruindade minha, um filho sentir um pouquinho de raiva do pai, não gostar tanto numa hora dessa?” Mas depois eu penso, eu esqueço aquilo ali e continuo demonstrando minha aparência que eu gosto. Por dentro talvez de mim, no coração, se for pecado contra Deus que Deus me perdoe. Às vezes, eu penso aquele lado. Se eu tô errado me perdoe. Eu sinto realmente que não tenho aquele carinho assim (inaudível) não gostava daquele jeito que ele agia com a gente. Eu digo: “Eu acho que eu ...” Depois eu olho pra minha mãe, digo: “Mãe, mas tudo isso que fizeram...” Já agravei minha mãe até, às vezes, com palavras. Não foram muito boa, no início por causa desses problemas que eu tive, porque eles apoiaram as pessoas que fizeram mal a família, né? E eu agravei minha mãe, depois voltei pra ela e pedi perdão, em nome de Jesus, pedi perdão e ela me perdoou. Que mãe é uma coisa que a gente tem que respeitar e todas elas é bem-vinda ao

nosso lado (inaudível). E o pai também. Deus pede pra que a gente perdoe mesmo que esteja errado. Então, eu peço perdão a Deus, pelos meus erros (inaudível). Me emociono com aquilo, fico meio... Depois eu tento esquecer. Que não é bom aquilo ali. Então, eu levo esse peso na consciência há muitos anos. Esses problemas, aonde eu levo ... Então, às vezes, eu penso que eu tive muita chance de fazer alguma coisa na vida. Porque eu, talvez, não sou muito bem.

Shnaider - Será que isso tem a ver com o que você me falou da outra vez que (inaudível) Angélica veio pra você pagar as coisas que você fez?

Antônio - Esse... É, realmente, se a gente colocar assim... Analisando dentro das coisas é aí, onde chega. Eu analiso muito isso aí. Esse amor que (inaudível) dentro do coração. Porque você tem um amor por uma pessoa, dentro você chegar a gostar do fulano, amar. Você ama de dentro, você (inaudível) gostar, tocar aquela pessoa. Você sente até prazer. Mas quando você não gosta, você vai tocar naquela pessoa, não falo nem no sentido amoroso, do estado emocional. Esse lado de amor, de amor mesmo que a gente gosta com o coração, não é amor ... A gente fala em outros tipos de amor, entre homem e mulher. Mas o amor entre pai, mãe, aquele amor. Às vezes, esse lado toca (inaudível) não é tanto (inaudível) depois eu volto e caio na real e digo o que foi feito por mim. Depois eu caio na real e parece que eu não gosto muito. Então, eu sinto assim, que sou um cara que comecei a olhar. Hoje eu tenho a minha filha, Angélica, e eu sinto de mim no meu coração e na minha mente transmite. Eu olho e tô vendo ela. Às vezes eu cuido tanto dela que, às vezes, eu falo pra minha mulher: “Olha, eu não queria nunca, se um dia eu chegar a separar de você, eu não quero que a gente, eu não quero que você... A Angélica, eu não gostaria que você levasse. Fica comigo, eu também não quero ter mais ninguém. Eu vou cuidar da Angélica, até ...” Porque é muito grande o que eu tenho da Angélica. A Angélica, realmente, coisa que tô falando assim pra você, mas dentro de mim, eu não vou dizer que eu tenho mais amor pela minha esposa. Eu não comento isso com ela. Tô comentando aqui (inaudível) e eu tô abrindo o que eu sinto dentro de mim. São coisas que eu sinto, embora a gente tá misturando as palavras, entrando noutros assuntos, né? Como já passamos pra outro passado. Mas sempre estamos atravessando no meio deles, né? É uma estrada, é uma estrada cheia de traço, é traçada. É um labirinto, não tem entrada e nem saída. Eu volto dentro dele e eu vou caminhar sempre dentro desse labirinto. Penso que tô saindo, mas tô sempre voltando pra trás. Talvez seja lá que começa (inaudível). Eu já lhe expliquei aqui. Às vezes, eu penso: “Puxa, mas pra que expliquei tudo aquilo pra ela? Mas o que eu vou explicar? Eu vou explicar o que vem na minha mente. Me perguntar, a gente conversar, o que sentir, o de hoje, o da manhã, de depois. Mas sempre tô entrando dentro, quando eu tô saindo, eu tô voltando lá no início, eu tô indo de novo. E tudo que eu ... Falando do que eu sinto, que eu tô contando o que eu sinto. Coisa que eu nunca contei a ninguém. Até minha mulher, às vezes, fala: “É, acho que a psicóloga tá tratando de você.” Eu digo: “Não, eu sou muito inteligente. Eu tenho um lado, todo mundo tem um lado meio difícil de entender, né? E, às vezes, o psicólogo é bom. Procurar a conversar com a pessoa assim, pra saber as origens. Que, às vezes, o problema é a Angélica, assim, origem? Se a gente não conversa (inaudível) a gente começa a entender, pra poder trabalhar com ela. De ter o tratamento, pra não ter o tratamento que eu tive. O profissional tem que saber entender (inaudível). E eu falo pra Sônia que esse amor da Angélica (a gente tava nele, né?) ele dentro de mim ele existe mesmo. Deus sabe que não é um amor leviano, que vai e volta. Ele é amor certo dentro de mim, não é um amor, assim, eu diria, como se fosse assim, que a gente... Claro que eu tenho muito amor por Jesus, né? Jesus Cristo, né? Seria um amor, talvez assim, (que a gente não pode nem falar, é desrespeito falar isso) como se fosse entre Deus e o homem. Se a gente (inaudível). E talvez eu tenho aquele amor tão grande com a Angélica, que eu até quero (inaudível). E, talvez, eu tenha aquele amor tão grande pela Angélica, que eu até (inaudível).

Eu sou muito devoto. Eu vou sempre na missa, mas eu não sou fanático por religião (inaudível) eu não sei. Até, eu falo, eu não sou tão, não gosto muito, não sou assim muito, de religião (inaudível), tá lá, tá firme (inaudível) eu não gosto desse tipo de coisa. Porque ninguém pode julgar ninguém. Só Deus pode. Então, eu sinto aquele lado, às vezes, fico ... Eu tô contando isso aqui, né? Deus me perdoe, sabe que não é nada disso, porque eu não vejo Deus, (inaudível) a presença do Filho, né? A gente sente, mas a gente não vê, né? A Angélica, eu vejo ela, então eu peço: “Deus, eu gosto tanto da Angélica, que entrego em tuas mãos (inaudível)” A gente não deve se apegar com as coisas materiais aqui, a não ser a Deus primeiramente. Primeiramente a Deus. Então, eu digo: “Deus, já que eu sinto tanto amor por ela, eu sinto que tenho, como se fosse a ti, mas é uma filha, é tua filha, então, eu peço perdão, entrego nas tuas mãos. Se achares que eu mereço ter a Angélica, que tu me dê ela pra mim viver o resto da vida com ela. E eu deixar ela tranqüila, fazer tudo que eu puder aqui por ela pra eu, pelo menos sair desse mundo e deixar minha filha (inaudível) perdida nesse mundo. Que ela saiba se virar, andar e percorrer os lugares, as ruas, qualquer canto que ela tiver que ela saiba se comunicar com alguém. Eu peço que eu transmita isso pra ela e que ela aprenda isso. Que não deixe eu me ir (inaudível).” Então, eu peço pelo menos 30 anos, pelos menos mais 30 anos de vida, eu tô com 48 anos. Então, eu peço mais uns 30 anos, já dá muito bem pra Angélica... Eu ver ela (inaudível) fazer tudo aquilo pro ela, né? Então, me apego muito com ela (inaudível) é filha única (inaudível). Então (inaudível) pedi perdão a Deus, falando assim: “Eu amo tanto a Angélica, Senhor, que eu entrego em suas mãos. Se o Senhor achar que ela deve viver comigo, não deve morrer, eu não devo ver a cena dela morrendo na minha frente.” Eu acho que eu ficaria, se a Angélica morrer, eu acho, louco. Talvez até cometeria um suicídio. Penso, talvez um suicídio, algumas vezes até pensei nisso. Carregando uma culpa, eu cheguei a pensar (tá voltando lá atrás, no início) eu cheguei a pensar nesse lado, né? Depois (inaudível) isso foi logo no início quando eu soube, depois do tratamento. Eu achei que eu tinha aquelas culpas daquilo que nós cometemos, a história de aborto daquelas crianças. Então, eu cheguei a pesar na consciência tanto que pensei. Mas depois, eu pensei assim: “Mas não é difícil fazer.” Eu pensei aquilo, levemente passou assim, na minha mente, de achar que eu tinha erro, de achar que eu tinha de sair, né? Mas não era um meio eu de sair daquele mundo porque eu tava com ela presente, então, eu não ia esconder de Deus nunca. Ninguém se esconde de Deus. A gente simplesmente fecha os olhos e acha que Deus não tá vendo, Ele tá nos vendo, né? Então (inaudível) um meio (inaudível) entregando ela pra... O amor é tão grande que eu entreguei pra Ele. Ele me socorreu, né? (inaudível) na minha mente e eu esqueci aquele lado e passei a conviver com Angélica. Depois me pesou o lado, foi mais difícil, esse lado da Angélica me pesou, de ver ela assim. Eu pedi perdão a Deus, que é muito grande o amor (inaudível) a Bíblia, ler a Bíblia não, porque eu nunca li a Bíblia toda, leio alguns trechos. As orações (inaudível) eu leio (inaudível) as coisas mais importantes e gravei elas depois, pra aprender sozinho, falar. Eu acredito que eu não podia amar tanto assim uma pessoa, né? “Já que eu amo tanto, Senhor, eu entrego em tuas mãos. Eu amo tanto, quanto a ti e é um anjo que tu me deste pra cuidar de mim, de ter uma obrigação na terra aqui. Como eu não pude assumir aqueles outros passados, fugi daqueles passados, Tu me mostrou que a força de cima era maior, né? (inaudível) achei que eu deveria agora cuidar dessa menina. Porque eu achei que tudo isso, dessas pessoas, são tudo elas, tudo a Angélica. Então pra mim a Angélica é todos aqueles que eu não deixei vir.”

Shnaider - E você percebe, assim, que no momento que você ficou sabendo que a Angélica tinha algum problema, você acha que seu amor ficou maior?

Antônio - Ele ficou muito grande por Angélica e começou a crescer, foi engrandecendo. Porque eu achava que fosse... No início, não acreditava que seria um caso desse, ter uma filha assim, né? Ela é grande, bonita. E ter uma filha assim e ter esses problemas, né? Não ser como nós, não poder (inaudível) cresceu tanto que eu daria até minha

vida pra salvar a da Angélica. Então, Deus sabe o amor que eu tenho por ela. Daria a minha vida pra salvar a Angélica. Foi isso que eu pedi, entreguei mais de Deus. Amo a Angélica como que sou eu mesmo. Já pedi pra Ele me perdoar. É muito grande o amor que eu tenho por ela, pela Angélica. É um amor mais do que de pai. É um amor que ele cresce dentro de mim, um amor, tipo (inaudível) a vida, chegar até Ele. Querer uma vida boa ir pro céu...

Shnaider - Mais do que de pai?

Antônio - É, mais do que de pai. No sentido assim: porque o pai, ele tem os filhos aqui, ele cria, educa, depois ele se separa, né? Eu já não queria que a Angélica nunca se afastasse de mim. Sempre ficasse ... Então eu podia estar olhando pra não acontecer nada com ela, ninguém maltratar, ninguém... Queria esses anos de vida pra mim viver. Porque sempre tem um filho que você ama mais, não é? Tem um filho que você tem mais amor por ele. Alguma coisa conquista em você. Então, a Angélica, ela... O jeito dela falar comigo, eu sinto (inaudível) crescendo, crescendo e eu sempre me preocupando com ela, tenho medo que ela caia, que ela quebre o dedo (inaudível). Até pra levar no médico, eu tenho medo que o médico fure ela, eu levo ela. Ela tem muito medo de agulha. Então, tudo aquilo, eu sinto. Se ela leva uma pancada, eu sinto uma dor como se fosse aquele sangue meu que tá trabalhando lá na frente. É um sangue que trabalha na corrente. O coração, que talvez, bata de lá pra cá, é um só. Eu acho que a Angélica ... eu e a Angélica, nós somos um só. Nós nascemos um só. Todos aqueles que eu tive, que aconteceu, juntou e fez com que eu amasse num só. Aquele amor por ela. O medo de perder a Angélica é muito grande, sabe? Que eu tenho (inaudível) até a psiquiatra falou, me chamou, né? Eu tinha um acompanhamento com ela. Ela me chamou e disse: “Antônio, você tem um amor tão grande pela Angélica, que você tem ela como um jarro de cristal, de vidro, tem medo que caia e quebre.” Ela falou isso pra mim: “Então, você tem que parar um pouco com isso daí, que não é muito bom. Que jarro de vidro, às vezes se quebra. Gente, pessoas, convivendo com o mundo, elas caem e quebram igual a um jarro (inaudível) ele morre (inaudível). O jarro também não tem conserto, mas o ser humano não tem, quebra, cai, ele morre. Você pode ficar, ter um problema (inaudível)”. Só que é que nós controlamos eu e a Angélica. Eu, às vezes, eu evito muito, assim, que eu tenho minha sobrinha que me ajuda, nós aqui em casa, ela sempre ajuda, né? Então, eu evito muito, que a Angélica é mulher, eu vivo falando que se fosse homem era mais fácil. Como ela é mulher (inaudível) a minha mulher não tá aí e eu digo: “Olha, o dia que acontecer isso, a Angélica, tem de ir no banheiro sem eu. Tem que ser com a menina, com a fulana.” Então, eu até discuto, digo: “Ó, você tem que fazer isso pra Angélica.” Às vezes, eu começo a ficar um pouquinho nervoso, tem que fazer, digo: “Não, faz...” Eu tenho que fazer. Certas coisas eu quero fazer, mas eu sinto realmente, assim, que o homem e a mulher é diferente. Principalmente quando se trata de filha mulher. Tem coisa que a gente não poder ver nos filhos, na filha mulher. Já no filho homem eu posso ver. Já na filha mulher (inaudível) vai crescendo, já muda, é mulher, né? Então, a pessoa tem sempre que pensar nesse lado, pra não acontecer o que acontece com muitos tipos de pais por aí, tipo de brutalidade diabólica que acontece com muitos pais (inaudível). Então, graças a Deus, eu, minha consciência é muito limpa, em Deus mesmo, que sinto que é. Eu não parto pra esse lado com a minha filha. Como se fosse o meu... Uma corda que entre nós dois combina. Se eu machucar ela, se alguma coisa eu fizer com ela, eu tô cortando o meu braço, eu tô cortando minha perna, eu tô me matando, né? (inaudível) às vezes, eu discuto com ela, brigo com ela pra ela cair na real. Eu fico nervoso, digo: “Angélica, cai na real, a vida é assim, Angélica, você tá errada, Angélica!” (inaudível). Depois eu manero (inaudível) ela vem a mim, me abraça (inaudível). Ela confia muito em mim (inaudível). Ela tá até com umas feridinhas nas pernas (inaudível), ontem eu levei ela no pediatra (inaudível) ele mandou eu ir no dermatologista pra queimar umas feridinhas que tá nascendo na perna. A doutora disse que é (inaudível) fungos (inaudível) tem que ir no dermatologista pra ele queimar (inaudível) senão vai e volta, né? Aí, eu levei. Eu

pedi pra Sônia: “Você leva, você entra com ela.” Eu explico pra doutora quase tudo, né? (inaudível) eu acho bom. Às vezes, eu peço (inaudível) a Angélica também não dá muito trabalho. A doença que ela dá é doença de garganta. Ela gosta muito de remédio, que a mãe dela mexe com medicamento, né? Eu também tomo muito remédio. E ela fica olhando (inaudível). “Qual remédio que é bom, papai, pro coração?” Eu digo: “É esse.” (inaudível).

Shnaider - Você falou, assim, que Deus te deu a Angélica pra você cuidar, você pede isso a Deus (inaudível) falado, de certa forma (inaudível)

Antônio - (inaudível) Esses que hoje são meio difícil comigo, eu fui muito amoroso. Sempre eu criei (inaudível) meu pai sempre saia, eu levava muito meus irmãos. Eu era mais velho, então eu tomava conta da (inaudível). Eu ia pras roças, levar eles. Deixava eles num canto. Às vezes, eu ia pro rio, tinha água perigosa, eu deixava eles num canto e não deixava eles ir pro rio, digo: “Não vá!” Porque eu tinha medo de perder eles, deles morrem, cair e afogar, né? Então, eu tinha o maior carinho por eles. Depois esse carinho, ele existe dentro de mim por eles, só que eles me maltratam. Aí, eu sinto aquela raiva deles. Mas não quer dizer que tenho ódio deles.

Shnaider - Você diz: “O que seu pai faria”, como que é?

Antônio - É, tipo assim: eu era o que mais era responsável dentro de casa. Eu tomava conta. Quando meu pai saia. Meu pai tinha a roça. E ele entregava na minha mão e eu, pequeno, já tomava conta daquela propriedade que ele tinha, né? Eu fazia tudo, né? Então, praticamente eu fazia tudo, aquela irrigação, eu trabalhei muito na agricultura com ele. Ele saia pra cidade e me entregava aquela chácara que ele tinha, né? (inaudível) do governo. Tudo nas minhas mãos. E mais outras coisas, (inaudível) da morte do meu avô, aí, eu também cuidava. Então, eu trabalhava muito pra poder manter aquelas (inaudível). Eu era muito amoroso com minha família. Minha mãe fala que eu era o filho realmente mais amoroso mais (inaudível).

Shnaider - Então, de uma certa forma você mantinha a sua casa?

Antônio - É, eu sempre mantinha unidos todos aqueles meus irmãos. E, sempre eu procurava (inaudível) pra não perder nenhum.

Shnaider - Você, quando você via seu pai com uma certa ... Às vezes brigando com sua mãe, alguma coisa, assim ... Como você lembra disso?

Antônio - Meu pai bebia e chegava, em casa bêbado e batia na minha mãe. Tava eu e o Roberto. Depois as meninas foram crescendo (inaudível) e eu sempre cuidava, não sabia pra onde ir. Dizia: “Puxa vida, eu vou embora, mas pra onde eu vou?” Então, o lugar que eu tinha pra esconder, era um bananal que meu pai tinha, né? Escondia no bananal, eu e o Roberto, nós somos muitos apegados, esse eu sou muito apegado. Fui apegado com todos. Eu fui o mais velho, teve uma menina que morreu. Aí, depois que fiquei sendo o mais velho. Então, eu cuidei de todos, tive todo o carinho com todos e o mais apegado, terminou eu me apegando com um só, o Roberto. E os outros, não quer dizer que eu tenho ódio, não quero que nada aconteça a eles porque doe. Se acontecer com seus irmãos você sente aquela dor. Mas eles, simplesmente me maltratam muito, foram muito ruins comigo. Não age bem comigo, né? Não me tratam, assim, com carinho de chegar (inaudível). Então, eles não fazem, não falam isso pra mim. As palavras que eles falam é me condenando como se tivesse culpa do que tá acontecendo. Como se eu trouxesse problema, as doenças de meu pai. Eles acham que eu trouxe, acham que eu (inaudível) deveria ter cuidado antes. Aí, eu volto lá e digo: “Deveria ter cuidado antes, se não tivesse (inaudível) não pai não tivesse tirado de mim pra dar pra vocês. É onde eu falo que meu pai foi pra todos e vocês não tão sendo pra ele. Então não sou eu que abandonei meu pai, foram vocês.” Então hoje, como diz, o amor, ele pode virar em desespero, ele vira desespero quando não sabe como se chegar. Aí, você fica desesperado por não saber por onde entrar neles, pra poder conquistar as pessoas (inaudível). Eles são tão forte, tão violentos que não sabe conquistar uma pessoa muito brava. Então,

(inaudível) o que eu acho, que eu me afastando como eu me afastei. Eu poderia ter saído de Foz do Iguaçu e ter ido pra Brasília onde tenho apartamento lá tenho casa pra morar. Lá eu tenho tudo lá, pra morar em Brasília. Tudo de bom e do melhor no centro de Brasília. Não é subúrbio de Brasília não. Bem no centro, eu tenho casa pra morar em Brasília, né? Então eu digo: “Eu podia estar aí, mas porque eu não tô aí? Eu conheço (inaudível) desavença entre eu vocês e nós chegamos ao ponto de cometer uma coisa errada. Como já aconteceu, como vocês me agredir aí, em Brasília. Durante o período que eu tratei da Angélica, você (inaudível). Aí, eu preferi tá aqui, morar aqui. Me sinto bem aqui. Eu quero sair eu saio.” (inaudível).

Shnaider - E você, assim, mesmo quando saiu de casa, quando você foi pra longe, porque você disse teve uma época que você meio que sumiu, mesmo assim, você ficava pensando na tua casa, nessa responsabilidade?

Antônio - Ficava. Eu (inaudível) eu ficava pensando, mas não era tanto como (inaudível) não querer mais (inaudível) não queria mais voltar pra (inaudível) tive dificuldades pra conviver em Brasília. Mas como eu era de menor, eu cheguei a dormir debaixo de teatro em Brasília, eu dormi várias vezes (inaudível). E eu cheguei a dormir debaixo de teatro pra não falar, eu fui morar em pensionato que era tudo parente do meu pai ou era de amigo (inaudível). Como eu não arrumava emprego e nessa época ainda tava terminando (inaudível), tive que largar o estudo (inaudível). Nessa época, eu larguei os estudos, né? E eu fiquei afastado de casa, mas eu não queria mais voltar. Então, eu sentia, eu dizia: “Eu vou voltar pra quê? Pra sofrer no nordeste, ser criado ali no nordeste, (inaudível) o que eu vou me terminar é um dia morrendo (inaudível) violência ou talvez, como se diz lá, pistoleiro de aluguel (inaudível) uma vida assim. E depois (inaudível) pistoleiros de aluguel já morreram.” (inaudível) Tenho uma família de origem violenta, criado nesse meio, na violência, na vingança. São vingativos, né? Talvez seria isso que meu pai tem, hoje meus irmãos, de tomar o que é dos outros, tipo com a violência. Às vezes, eu falo: “Brigar com irmão que gosto tem? Se me matar ou eu te matar, que gosto que vamos ter? Só contraria a Deus e à nossa família. Porque você me vai fazer o mal e você não vai se sentir bem.” Se eu fosse com pagar o mal aquele que um dia me feriu, né? Se eu fosse pagar com o mal, eu hoje poderia estar arrependido (inaudível). Minha consciência (inaudível) arrependido, porque vivo consciente do que fiz (inaudível). Então, eu ia carregar isso na minha consciência. Pior do que meus problemas agora, né? Como hoje eu levo (inaudível). Mesmo assim, eu tenho que carregar esse lado porque eu errei (inaudível). A Angélica, ela tá comigo, eu tô levando meus problemas. E se eu tivesse levado outro problema de ter tirado a vida de alguém? (inaudível).

Eu não queria voltar pra lá, eu preferir sofre, passar fome em Brasília do que voltar pra lá. E ficar lá e ... Eu me lembro que tinha hora que eu falava (inaudível) um quartinho de madeira (inaudível) armava a rede, né? E é assim, eu vivia, né? Eu queria sair, mas mesmo assim, eu vivia no meio da bandidagem (inaudível) puxando droga de um lado. Eu nunca puxei droga (inaudível). Fui militar durante quase 7 anos, no Exército, na época da ditadura militar. Ia até pra os campos do norte de Goiás, não sei se você já ouviu falar da guerrilha de Changrilá que (inaudível) aquelas guerrilhas que colegas meus morreram (inaudível) no Paraguai (inaudível). Eu fui pro Exército (inaudível) então, fui amparado pelo Exército. No Exército, eu tive uma vida melhor. Não passei fome. Comia bem. Tinha quartel pra dormir, um bom alojamento. Fui muito bem cuidado no Exército. Eu queria ficar no Exército, mas como não tive chance de passar nos concursos que eu fiz, pra sargento, né? Se tivesse, talvez hoje eu seria tenente ou capitão do Exército, eu seria. Mas eu não tive chance. Não tinha capacidade mental, não soube ... Pra poder passar no concurso. Alguns colegas passaram, os colegas meus, 2(inaudível) todos passaram. (inaudível) 2º tenente, outro 1º tenente, outro capitão, né? (inaudível). Eu queria ser capitão do Exército (inaudível) particular aqui fora (inaudível) também tô no governo, né? Me deu chance (inaudível) eu estudei um pouco (inaudível). Fui pro Exército, no exército não tive mais (inaudível) esses problemas

meus (inaudível) com a família minha (inaudível). Às vezes, também no trabalho me perturba um pouco (inaudível).

Shnaider - Vamos terminar ...

## **CASO 3 – MARCELO**

**Idade: 23 anos**

### **1ª Entrevista com Marcelo – 01/07/2004**

Shnaider - Por que você procurou aqui o CAPS?

Marcelo - Ela já te falou, né?

Shnaider - Não, ela não me falou quase nada. Eu só pedi pra ela indicar algumas das pessoas daqui, para eu poder fazer uma entrevista, mas ela não me disse não. Me conta, então?

Marcelo - Ela não te falou que eu sou homossexual?

Shnaider - Não, ela não me disse isso. Eu acho também, que ela guarda sigilo, Marcelo. Tudo que você conta pra ela, eu acho, eu acho não, eu tenho certeza que ela não conta pra ninguém. Então me conta, me conta da sua vida, dessas coisas.

Marcelo - É, pra mim foi difícil. A vida inteira foi difícil pra mim aceitar isso, mesmo. Não tá em mim. Lá pelos meus 12 anos, 13 anos, eu vi que eu sentia atração era por homem mesmo. Desde pequeno eu já notava que eu era meio diferente. Aí, lá pelos 12, 11, 13 anos eu vi que realmente me interessava era por homem mesmo e isso era difícil pra mim. Aí, mais ou menos, lá pelos 15 anos eu comecei a jogar futebol no Vila Olímpica. Meu irmão, meu irmão, desde pequeno, sempre gostou muito de jogar bola. Ele treinava lá e automaticamente, meu pai falou: “Não, leva o Marcelo também, pra começa a treinar.” E eu treinei. Até mesmo que eu conhecia vários amigos, lá do Saraiva, de infância que treinava também. A gente ia todo sábado e domingo. E aí, a vida inteira, o problema é que eu me apaixonava por alguém, e ficava guardando tudo comigo. Mas mesmo assim, eu tentava gostar de mulher, eu tentava, eu olhava as mulher no clube, eu olhava elas de biquíni. Meus amigos do grupo, falava: “Nó, aquela mulher ali é gostosa e tal.” E falava que a mulher era gostosa, era isso e isso e aquilo e eu não sentia nada. Eu via, olhava, assim, eu vou falar no geral, pode fala?

Shnaider - Pode ficar à vontade.

Marcelo - Assim, eu olhava os seios dela, na bunda, nas coxa, olhava pra ver se eu sentia mesmo, mas eu não sentia nada. Eu sentia atração era por homem mesmo. E eu tentava acabar com isso, mas eu nunca consegui. E eu me apaixonava sempre era por homem, eu via um homem assim, achava bonito e me apaixonava e a minha vida inteira foi assim. Na 8ª série, eu me apaixonei por um amigo meu, o Alexandre. Aí, como sempre, eu vi que não tinha como, que não dava, que não era, tal. E eu também era muito novo, tinha 14, 15 anos, na época, não sei. Depois apaixonei no Guilherme, meu melhor amigo, do Clube Olímpico. A gente ficava sábado, domingo, o dia inteirinho junto, escutava um ao outro, só que eu nunca tinha coragem de falar. Aí, depois do Guilherme passou pro Geraldo lá do Bueno Brandão. Aí, eu já tava no colegial, depois o Kadu, pulou pro Paulo, do Paulo já pulou pro Geraldo e sempre foi assim. Uma paixão atrás da outra e aquilo não me supria. Porque eu pensava: “Nossa, nunca deu certo, um dia tem que dar certo.” E eu sempre, desde pequeno, tive muita fé em Deus, sempre, sempre. Deus pra mim, era muito importante pra mim. Tem uma história que me tocou muito, uma história que aconteceu com a minha mãe, sabe? Minha mãe não é de mentir, essa história é verdadeira. Quando ela perdeu a mãe dela, eu só tinha 42 dias, só. E aí, o meu irmão tinha um ano e meio, ela não agüentava cuidar da gente, porque ela entrou em

depressão, sofreu muito com a morte da mãe dela. Tudo pra ela tava ruim, a vida dela tinha acabado. E aí, ela não agüentava cuidar da gente, não tinha cabeça e mandou lá pro Prata, pra uma tia minha cuidar da gente. Tem uns tios meus que são de lá. E aí, um dia, muito tempo depois, uns 3, 4 meses depois disso, minha mãe teve um sonho. Ela sonhou que a mãe dela tinha, apareceu na casa dela. A mãe dela tava toda encharcada e aí, ela falou assim: “Mãe, o que é que foi que a senhora tá toda encharcada?” Aí, ela falava: “Minha filha, isso aqui são suas lágrimas!” Aí, ela: Mãe, entra e toma uma xícara de café.” “Minha filha, você tem que conforma, eu não sou mais desse mundo, não vai perde a sua vida.” Alguma, algo assim, as palavras mesmo, minha mãe lembra direitinho. Eu estou te falando mais ou menos por alto. Aí, eu só sei que ela falou assim pra minha mãe: “Filha, eu vou te falar uma coisa, você vai lá no Prata, você vai buscar seus filhos, você é a mãe deles. Quem tem que cuidar deles é você, você tem que reagir, levar a vida pra frente, porque a vida não acaba, a vida continua. Pra mim te provar que eu estou aqui em nome de Deus, eu vou te dar uma prova. Você vai acordar amanhã, você vai pegar o primeiro ônibus, vai lá pro Prata e vai buscar os seus filhos, porque são os seus filhos e você que tem que cuidar deles. Eles precisam de você. E pra te provar que eu vim aqui em nome de Deus, a madrinha do Marcelo deu um macacãozinho, um macacãozinho amarelo.” Aí, ela pega e acorda. Aí, parecia que era um sonho tão real, parecia que ela tinha visto a mãe dela de verdade, nem parecia sonho. Aí, ela acordou, já assustada, já aprontou e já foi pra rodoviária, foi pro Prata. Aí, de uma hora pra outra ela chegou lá. E minha tia até assustou: “Uai, a Marlene aqui? Você não falou nada que vinha.” Aí, minha mãe falou assim: “É, eu vim buscar meus filhos.” Aí, ela: “Ah, então entra!” Aí, minha mãe entrou. Aí, ela falou assim: “Deixa eu te mostrar o presente que o Marcelo ganhou da madrinha dele.” Aí, quando minha mãe foi lá, quando chegou lá, que ela abriu onde tava, era um macacão amarelo. Aí, minha mãe, né? Ou seja, aquele sonho realmente foi o que ela falou, foi em nome de Deus. Então, desde dessa história, eu sempre tive muita fé em Deus, sempre. E aí, a minha vida inteira eu pedia pra Deus, pra me livrar disso, pra me tirar essa atração por homem, pra me fazer esquecer isso, me fazer sentir atração por mulher, mas nunca, nunca, consegui e eu tinha muita fé, sempre tive muita fé em Deus. E quando meus pais descobriu que eu era desse jeito, né? Foi porque eu escrevi num, tipo, numa agenda. Só que eu escrevia nem ela e nem ele, eu escrevia aquela pessoa. Eu comecei, tipo uma história, desde a primeira paixão, que foi isso, que passou por isso. E a minha mãe, ela quis mexer nas minhas coisa. Eu acho que como mãe ela via que eu não, talvez ela ficou preocupada: “O Marcelo já tem 18 anos e nunca vi ele com namorada.” Mas acho que ela meio que começou a preocupar e também, quando eu era pequeno, eu meio que dava na cara um pouquinho.

Shnaider - Como que você dava na cara, Marcelo?

Marcelo - Eu não sei. Assim, eu tinha um jeito meio meiguinho, sabe? Assim, dá pra perceber quando tem um menino pequeno, tem uns menino que é mais meiguinho que os outro. Mas assim, eu nunca gostei de brincar muito de brincadeira de homem, nunca, nunca fui de gostar de futebol. Igual, eu treinei futebol lá no Olímpico, justamente porque eu gostava do Guilherme, um amigo meu. Eu treinava só pra ver ele. Aí, depois foi essas paixão platônica. Só que hoje eu vejo, eu vejo ele na rua, a gente pára, conversa, um cumprimenta o outro, pelo menos isso ficou, a nossa amizade, né? Graças a Deus, não teve, não chegou ao ponto de eu contar pra ele e destruir a amizade que a gente tem. Só que é muito difícil a gente se encontrar. Aí... Onde eu parei mesmo, antes disso?

Shnaider - Não, você tava contando da sua mãe.

Marcelo - Ah! Aí, um dia ela, eu tava chateado, eu tava meio depressivo, pelo Paulo. Paulo era um que eu tava treinando com ele no UTC. E na época que eu treinava no UTC, um dia lá, surgiu uma roda. Sabe aquela brincadeira, que o povo gira a garrafa, que tem que falar a verdade? Eu já desconfiava de alguns lá, que era, a metade lá era e a outra não era. Isso foi lá pra 90, 90 não, 2000. Eu comecei a treinar em 99 e isso foi em 2000. Aí, a gente

brincando lá e começou a falar as verdade. Aí, eles começaram, porque eles só falavam em gíria, o povo lá do UTC. Eu sempre era meio excluído, porque eles achavam que eu não era, então, sempre eles ficavam de fofquinha um com o outro, de cochichinho sobre isso, de contar um com o outro o que tava acontecendo e eu me sentia excluído do grupo. E eu raramente, porque eu era mesmo excluído lá, eu não tinha tanta amizade lá. Alguns eu tinha mais amizade, conversava mais, mas alguns não. Aí, um dia lá, o UTC tava vaziiinho, não tinha quase ninguém. Aí, a gente tava lá numa lanchonete que tava fechada, a lanchonete não tinha ninguém. Aí, a gente começou a fazer essa brincadeira. Aí, eles começaram a contar, falar. Aí, eu sério. Aí, eu fui e comecei. Aí, eu lembro direitinho que um amigo meu me perguntou: “Marcelo, você teria coragem de fica com um homem?” Perguntou desse jeito pra mim. Aí, eu falei assim, eu não lembro que eu respondi. Só sei que eu dei uma indireta, querendo dizer se acaso eu fosse interessar. Aí, eles assustaram, não acreditaram na hora. “Não, você tá brincando!” Aí, eu falei: “Sério.” Aí, eles confessaram lá que era e tal. Aí, a partir daí eu tive coragem, eu tive coragem de ir mais na boate gay, eu nunca fui na boate. Isso já foi em 2000. Mais ou menos no final de 2000, no ano de 2000. Na época chamava Heaven, chamava Heaven. Não, (inaudível), agora chama Heaven. Aí, eu fui, mas eu fui tremendo, tremendo de alguém conhecido me ver entrando lá dentro e tal.. Ah! não, mas era a história da minha mãe, né?

Shnaider - Não, não tem problema, você vai falando depois você volta.

Marcelo - Não, é tanta coisa.

Shnaider - Ótimo, a gente vai ter muito tempo .

Marcelo - É tanta coisa, que eu vou, volto, vou, volto, vou, volto. Aí, minha mãe um dia sentou no sofá assim, aí, eu tava contando, tentando explicar... Agora que eu lembrei, tava tentando explicar a história da minha mãe. Eu era apaixonado por um amigo meu lá do UTC, ele chamava Paulo. Só que ele não tinha jeito assim, só que todo mundo falava que ele era, só que eu não sei. Aí, um dia tava lá, tava tendo um jogo lá, do time feminino o SESI contra o UTC. Aí, chegou umas mulher (inaudível). Aí, eu contei essa história, tudo o que aconteceu comigo. E aí, a vida inteira foi de coincidência, esses negócio assim, muita coincidência e tal. Tava tão desanimado de tudo e ela me chamou pra ir na Igreja. Aí, eu fui lá, na Igreja São Pedro e quando eu cheguei lá, tava o Roger com a mulher, também na Igreja lá. Aí, eu falei: “Ah, não, eu mereço mesmo!” Aí, ela... Voltando na história, eu tava chateado por causa disso, eu tava lá no sofá jogando vídeo game, quando ela parou e falou: “Marcelo, o que que tá acontecendo com você?” Aí, eu falei: “Não, tô normal.” Aí, ela falou: “Não, você não tá normal. Eu tava lendo umas coisa sua. Eu li que você tava interessado por essa pessoa, por essa pessoa, mas que não deu certo, não sei o que que tem... Depois você se apaixonou por outra pessoa. Que aconteceu isso, aconteceu aquilo, você sempre fala essa pessoa, essa pessoa. Você não fala se é uma garota, o nome da pessoa. Por um acaso essa pessoa é homem?” Aí, eu falei, pensei: “Ah, um dia isso ia ter que chegar, né?” Aí, eu falei: “É.” Só falei assim: “É.” Aí, ela: “Então é verdade, então você sente atração por homem?” Aí, eu falei: “Verdade, eu sou isso mesmo.” Aí, ela tentou conversar comigo, falando que isso era da minha cabeça, que eu tinha que tirar isso e que não sei o que que tem... E aí, eu não lembro muito bem da conversa. Foi mais ou menos nesse sentido. E eu lembro que ela depois, ela ficou chorando pelos canto. Aí, daí, ela já falou pro meu pai depois.

Shnaider - E você chegou a conversar com o seu pai?

Marcelo - Cheguei.

Shnaider - Como é que foi?

Marcelo - Eu lembro direitinho que ele chegou no quarto, sentou na cama e ele falando a mesma coisa. Que isso era da minha cabeça, que ele ia me levar no psicólogo, que isso era da minha cabeça, que ia tratar, que ia tirar isso de mim. Aí, eu falei: “Não, pai não. Eu sei, eu sinto, eu já tentei livrar disso, mas não tem como. E aí, ficou por isso, né? Aí, ele até me

levou num psicólogo, psicólogo mesmo. Só fui uma vez só. Aí, eu cheguei a contar pra ela algumas coisas, assim, daquela época só. Porque depois daquela época, aconteceu muita coisa. E aí, ela falou pra mim que ela me explicando que, que ela ia até me mostrar uma revista, só que eu não voltei lá mais, ela disse que tinha uma revista Veja, um cara, umas pessoas, que ficavam, que era assim, mas que ficavam com depressão. E chega lá pelos 40 anos e acaba vendo que não é a vida, que não é a vida que queria mesmo e acaba separando. (inaudível), e que ela ia me mostrar essa revista. Aí, ela até ligou lá em casa: “Marcelo, você não voltou mais, né?” Só que lá tinha que pagar e eu não tava com situação financeira tão boa na época e aí, eu não voltei. Aí, ela: “Não, mais eu quero continuar o tratamento.” Aí, eu falei: “Mas eu não tô a fim não.” Aí, ela: “Não, mas eu quero continuar o seu tratamento, vem aqui tal dia.” Aí, eu até marquei, só que eu não fui, eu dei o bolo nela. Não, não por maldade. É que tava tudo confuso na época pra mim. Ter que contar isso pros outros, não tava acostumado a contar. Não era tão fácil pra mim contar isso pros outros. E eu nunca contei pra minha melhor amiga, nem pro meu melhor amigo. Minha mãe foi a primeira pessoa a saber. Mesmo assim porque ela me prensou e depois ela contou pro meu pai. Aí, a partir daí, ela me levou num centro espírita, porque tem, pra ver se era problema espiritual. Aí, lá no centro espírita, eu fui, fiz, a consulta com a... Não sei se a senhora conhece, Núcleo Servos Maria de Nazaré, já ouviu falar? Então, aí, eu fiz uma consulta com a médium. Aí, eu custei a falar pra ela. Aí, custando eu falei, falei pra ela que eu era assim, que na época eu tava apaixonado pelo Paulo, que eu tava sofrendo muito. E aí, ela falou assim pra mim... Aí, parece que quando ela conversava comigo, ela olhava pra porta, era como se ela tivesse conversando com um espírito, que tava ali, que a gente não pode ver, ela que tem esse dom de ver. Aí, eu não sei se é verdade, na época eu acreditei muito no espiritismo. Por uma lógica, eu acredito no espiritismo. Porque, porque se Deus fosse tão bom não tinha umas pessoas ricas, outras pobres, umas aleijadas, sem mão, sem pé e outras com saúde. Por que existe pessoa tão diferente no mundo? É como assim, se fosse você nessa vida, a senhora é, fosse muito rica, mas só que a senhora maltratou muito os pobres, colocou eles lá no chão, pisou em cima deles o tempo inteiro, desfez deles o tempo inteiro. Então, na sua próxima vida, a senhora vai ser a pessoa mais pobre do mundo. Aí, a senhora vai passar a vida inteira questionando: “Nossa, porque que eu sou pobre, porque que Deus é tão injusto? O fulano de tal tem uma casa enorme, chique.” Ou então essa pessoa que vem sem a mão, sem os braços e na vida passada você só roubou de tudo, roubou com as próprias mãos, então, na próxima vida ela vem sem as mãos. E ela vai passar a vida inteira: “Nó, por que que Deus é tão injusto? Eu vim sem a mão e porque que tem tanta pessoa que tem mão, pega as coisa e eu tenho que ficar dependendo disso, daquilo?” Assim, algumas coisas bate. E ela falou assim: “Marcelo, na sua vida passada, você era da Espanha e era toureiro. Só que você era muito mulherengo e você traiu um amigo seu com a noiva dele. E nessa vida agora, tá te impedindo.” Ou seja, assim, quando a gente desencarna, no espiritismo, a senhora vai pro plano espiritual. Uns fala que é céu, eu não sei se é o céu mesmo ou se é outro plano, eu não sei. É outro lugar. A gente não dá pra saber se realmente existe mesmo. E só que ele não foi, ele continuou aqui vagando. Aí, quando a senhora morre, a senhora fica vagando aqui. A senhora morre, quando a senhora acaba de morrer, aí, a senhora vê o corpo estirado, sua mãe, suas irmãs, seu irmão, o seu marido. Aí, a senhora fala: “Gente, eu tô aqui, vocês não tão me vendo?” Só que eles não tão te vendo, só que a senhora tá ali. Só que é só o seu espírito que tá ali, só que a senhora acha que a senhora não morreu. Aí, te leva, aí, a senhora tem que ir ou, então, dependendo da sua mentalidade, a senhora já vai direto já. Eu não sei explicar como é que é, tem um jeito que explica tudo isso. Assim, cada um pensa de um jeito (inaudível) Aí, ele ficou aqui vagando então, né? Aí, eu reencarnei, reencarnei de novo, descobri que agora sou eu Marcelo. Na outra vida eu era outra pessoa. Mas, mas a mesma pessoa, só que assim, a minha mentalidade mudou, porque a gente vem pra resgatar os erros do passado, ou seja, se na vida passada eu

fui muito mulherengo, geralmente um homem mulherengo ele desfaz de gay, quando é mulherengo, ou seja, se eu fui desse jeito um dia, nessa vida eu tinha que vir homossexual, pra resgata esse erro, ou seja, se eu fui muito mulherengo. Até hoje, eu nunca consegui ter um namoro sério com ninguém, eu só tive um caso só, fiquei uma vez só. E a primeira vez que eu fiquei foi com uma mulher, lá na boate gay, lá na Heaven, com 18 anos de idade, ela não sabia que eu era isso. Que a gente se conheceu no UTC, eles não falavam, ela não sabia. Ela era irmã de um colega meu. Aí, a gente entrou num quarto, dentro de um quarto escuro lá, pra zoar assim. Aí, de repente, quando eu vi ela me beijou. Aí, ela me beijou, aí, eu pensei: “É coisa da minha cabeça mesmo, então eu vou beijar ela, vou fica com ela. Aí, quem sabe eu não sinto atração por ela? Quem sabe a gente não começa a namorar. Todo mundo fala que é da cabeça.” Aí, eu beijei ela. Ela me apertava e eu beijava ela a noite inteira. Eu fiquei a noite inteira com ela, lá na boate gay. Sendo que na boate eu podia fica com homem, onde era a coisa mais normal do mundo e eu fiquei logo com uma mulher. Até aquele momento eu não me aceitava, pensava no que os outros pensavam. Aí, é tanta coisa...

Shnaider - Eu vou te perguntar uma coisa, mas, você pode ir falando à vontade, tá? Por que você resolveu vir aqui pro CAPS? O que aconteceu que você resolveu vir procurar atendimento aqui no CAPS, como é que foi?

Marcelo - Como é que foi?

Shnaider - É.

Marcelo - Então, essa é toda a história até chegar lá.

Shnaider - Ah, tá.

Marcelo - É um resumo de tudo que aconteceu na minha vida, de ter ficado, de ter surtado.

Shnaider - Então, continua de onde você parou. Você falou que tava ficando com uma menina. Como é que foi ficar com essa menina?

Marcelo - Eu não senti nada, nada, nada, nada. Não sentia atração, não sentia nada. Pra mim, eu tava beijando uma árvore, uma parede, não sentia nada. Aí, depois eu continuei indo na boate. Eu fui várias vezes, mas eu acho que fui umas 8 vezes no máximo, nessa boate. Na época eu já tava apaixonado pelo Jorge já, ele jogava no SESI, ele era rival. O SESI era o maior rival do UTC. Quando a gente se cruzava (inaudível) E aí, um dia eu tava desiludido de tudo assim. E aí, tinha um amigo meu lá, tinha um quarto lá que era meio promíscuo. Esse negócio, tem um quarto lá na, na boate, o povo faz de tudo. Aí, esse quarto entrava lá, aí, num dava pra ver. Uns acendia isqueiro, outros celular, pra ver o que tava acontecendo lá dentro. Era pra gente só fazer graça, lá dentro só. E aí, um amigo meu, ele era mais velho do que eu, deve ser uns 5 anos mais velho do que, aí, eu falei: “Você nunca entrou lá dentro?” Aí, ele falou assim: “Não.” Aí, eu tava meio desiludido da vida de tudo, peguei no braço dele e falei: “Então, vamos lá só pra você ver.” Só que assim, eu não tava pensando em nada, nada, nada, só entrar lá dentro mesmo. Aí, ele foi. Aí, eu não sei, eu acho que ele pensou que a minha intenção era fica com ele. Aí, ele foi e me beijou, lá dentro assim. Aí, a gente se beijou, ficou. E aí, quando eu vi, desceu o zíper assim e fez sexo oral em mim. É meio promíscuo falar isso.

Só que eu não tava a fim, porque não era a pessoa que eu gostava e como eu tava desiludido da vida, eu pensei: “Eu tô com 18 anos já. O povo fala assim, que a gente tem que ficar por ficar, que esse negócio de ficar esperando alguém que a gente ame, sendo que não tá nem aí.” Eu cai nessa. Só que antes de nada, eu já parei já e falei: “Não, não, não é isso que eu quero.” E aí, a gente parou. Não houve penetração nada, nada dessas coisa. Porque lá é escuro lá, sabe? Eu odiei porque eu fiz uma coisa promíscua. Hoje em dia, depois eu arrependi tanto. E aí, eu falei e ele tinha namorado, né? Só que lá ele tava sozinho nesse dia. Só que tinha muito tempo que não via o namorado dele, pra mim ele não tava. Aí, eu falei: “Você não tinha, tem namorado?” Aí, ele falou assim: “Tenho.” Aí, eu falei: “Uai e agora? Aí, ele falou

assim: “Uai, vou continuar namorando com ele.” Aí, aquilo pra mim foi, eu já larguei ele já, achei que ele me usou, né? Achei, me senti usado.

Aí, depois de tanto tempo, depois dessa desilusão, assim, um dia eu tava no terminal central e eu vi um, um rapaz. Só que ele parecia muito novo na época, tinha cara de criança, 14, 15 anos, na época. Aí, eu achei, eu achei ele bonito pra caramba, né? Mas, foi mais ou menos em março, maio de 2001. Eu, voltando da escola, pra comprar passe escolar, aí, eu achei ele bonito, ficava assim olhando pra ele e tal. Só que eu não vinha de ônibus, eu usava os passe pra treinar no UTC. Eu usava os passe pra ir treinar no UTC, eu ia e voltava da escola de a pé, lá de casa até escola. É uns 10, 15 minutos.

Aí, quando ele passou assim, eu desiludido de tudo, do Jorge, porque não dava certo mesmo, não ia dar certo. Porque ele me dava umas encarada, não dava pra entender, sabe? Toda vez que a gente se encontrava. Só que ele tinha namorada. Aí, eu não entendia porque aquelas encarada que ele me dava, assim, ficava uma coisa sem saber. Assim, um dia, até uma vez que, quando o UTC foi jogar contra o SESI, um time tem que bater na mão do outro, né? Aí, eu bati na mão assim, fiz até uma brincadeira com ele, eu bati na testa dele, porque eu conhecia ele lá do Bueno. Aí, 1 ano depois num outro campeonato do outro ano, campeonato mineiro de vôlei e ele lembrou 1 ano que passou, eu pensei: “Nó, que legal, né? Ele lembra daquele tapinha que eu dei na testa dele, tal.” Aí, eu fiquei meio assim, né? Quando a gente apaixonar por uma pessoa, qualquer coisinha que acontece a gente entusiasma, né? Pode ser qualquer coisinha que a gente leva aquela coisa lá em cima. Aí, só que não dava muito certo.

Aí, começou o Camaru, a época do Camaru. Aí, foi no show do Bruno e Marrone. Aí, eu fui, com uma amiga minha, com uma amiga da gente. Aí, nesse show ele tava lá, só que ele tava sozinho, ele não tava com a namorada dele e ele ficava me encarando, encarando. E aí, ele tava sem a namorada dele. Aí, ele me deu esperança, né? Eu pensei: “Nó, ele tá sem a namorada dele, tá sozinho, fica me olhando aí, tal.” Aí, depois, quando eu fui lá no Bueno Brandão, perguntei pra uma colega minha e ela falou assim, que naquela semana tava tendo campeonato mineiro feminino. Aí, eu falei: “Então é por isso, por isso que a namorada dele não tava com ele.” Porque a namorada dele jogava no time feminino do SESI. Aí, eu pedia pra Deus pra eu tentar esquecer ele, pra me ajudar a encontrar, toda vez eu fazia isso, toda vez que eu via que não dava certo, eu sempre pedia pra Deus pra me ajudar a esquecer a pessoa. Pra fazer eu apaixonar por uma pessoa que eu conheço. Que eu conheço não. Que é apaixonado por mim, que tem algo a ver. A vida inteira foi desse jeito.

Aí, eu desanimado de tudo, aí, eu lá no terminal central, já mais ou menos em setembro. Aí, quando eu menos, aí, aparece aquele rapaz, alto, parece que bem mais desenvolvido. Aí, eu até estranhei, tava até fumando. E aí, parece que eu já me interessei na hora assim, sabe? Aí, todo dia eu comecei a ir de a pé do Bueno Brandão até o terminal central pra chegar lá e ver ele. Só que eu nunca tinha coragem de chegar nele e conversar com ele. Eu nem sabia o nome dele, eu nunca tinha coragem de cumprimentar ele e ele ficava me olhando, tinha aquela troca de olhares. Assim, a vida inteira teve essas coisas, porque eu não era idiota de me apaixonar por qualquer pessoa, só que eu não tinha coragem de chegar na pessoa. Aí, eu guardava aquilo comigo. A vida inteira foi desse jeito. Aí, foi assim de setembro até dezembro. Eu saía do Bueno, ia pro terminal central pra encontrar ele, só pra ver ele, porque a gente não ia embora no mesmo ônibus.

E aí, um dia, chegou um amigo meu lá e aí, foi pra conversar com ele. E aí, eu fui e descobri. Aí, ele tava perto de mim e eu escutei a conversa e eu olhando pra frente, fingindo que não tava escutando, mas eu tava escutando o tempo inteiro. Aí, ele falou assim: “Como é que é? Não sei o que que tem...” Aí, falando que as coisas é mais cara, eu lembro direitinho, que a Coca-Cola lá era não sei o que lá, o triplo daqui, não sei o que que tem, um irmão e duas irmãs... Aí, uma hora, ele pegou e falou assim pra ele: “E as mulher lá são boas?” Aí, ele

parou assim e respondeu: “Lá tem muita loira, né?” E só. E aí, mudou de assunto na hora. Já perguntou lá da escola, estudava no Objetivo, no Objetivo não, no Anglo. E ele saía do Anglo, só que o Anglo saía 10 minutos depois do Bueno. Aí, eu saía do Bueno, ia de a pé até o terminal central, pra dar tempo de chegar lá e ele tá lá. Aí, ele me deu uma esperancinha, né? Porque ele não falou que as mulher lá era boa, era isso, ou feia, ou era isso, aquilo. Só falou isso: “Ah, cara, lá tem muita loira, né?” E só. Aí, eu fiquei meio assim, me deu uma esperancinha e tal, pelo fato da vida inteira sempre quando eu me apaixonava por alguém, quando eu esquecia, eu voltava a pensar no Guilherme. O Guilherme, um amigo meu, do Vila Olímpica. Porque o que eu sentia, porque era muito forte. Sempre, a vida inteira foi assim, foi a paixão mais forte que eu tive até o Gabriel. Aí, um dia, aconteceu que ele tava, o Guilherme, lá no ponto do 144 e eu tava no ponto do 115. Aí, chegou a esse ponto de tá o Guilherme no ponto dele, eu no meu ponto, assim, do lado assim (inaudível). Porque tem as plataforma, as grade. Só que é o mesmo ponto, só que na plataforma uma do lado da outra. Aí, vi o Guilherme assim, e sabe? Não senti nada, porque realmente até isso o Gabriel conseguiu tirar, aquela paixão que eu sentia pelo Guilherme.

Shnaider - O Gabriel era o moço do terminal?

Marcelo - Isso, que eu ainda não sabia o nome dele. Aí, depois conversando isso, né? E tal, aí, eu sei que ele é Uruguaio, veio do Uruguai. Ele até tinha um sotaque mesmo, ele conversando. Aí, eu entrei na internet, comecei a entrar na internet e comecei a tentar conversar com alguém que era do Anglo. E eu tentava conversar com todos os Gabriel lá no (inaudível), com a esperança de alguém ser ele. Aí, uma vez, eu coloquei um (inaudível) de Letícia e comecei a conversar com uma tal de Paula que era do Anglo, eu perguntei: “Alguém do anglo, alguém do Anglo?” E aí, a gente conversando e eu perguntei pra ela: “Você conhece um cara que veio do Uruguai?” Aí, ela respondeu: “O Gabriel?” Aí, eu não sabia se o nome dele era Gabriel. Aí, eu falei, eu comecei a dar as características dele: “Ele é meio branco, de cabelo castanho, usa óculos, vive de sandália, de bermuda.” Aí, ela: “É porque o Gabriel da minha sala, ele é Uruguaio e ele é desse jeito que você me falou.” Aí, eu falei que ele fuma. Aí, ela também falou que fuma. Então era ele mesmo. Ah! eu perguntei se ela não sabia (inaudível). Aí, eu falei que eu tava interessado nele, só que como mulher, né? (inaudível) ela não sabia que eu era homem. Aí, ela falava que não tinha como saber, porque ele era muito fechado e não tinha papo com quase ninguém. Ele sentava no fundo da sala, não conversava com quase ninguém, era muito fechado. Aí, ela falou assim: “Não, mas você pode deixar que a semana que vem eu te dou a ficha completa dele.” Ela falou desse jeito, aí, tal.

Aí, eu fiquei todo empolgado, né? “Nó, aí, a semana que vem, só esse final de semana, né?” Por causa do pulso, né? É só um pulso no final de semana. Aí, quando foi no outro final de semana, ela falou assim: “Ou, não deu pra descobrir muita coisa.” Mas ela falou assim que ele tinha feito um, eles fizeram um trabalho junto na Feira de Ciências lá do Anglo. Eles fizeram inseminação artificial e que ele tem 15 anos e que ele não tem namorada. Só que ela pegou e falou assim que quando ela, um dia ela chegou nele, pra falar: “Gabriel, tem uma menina interessada em você, não sei o que que tem...” Aí, tinha um colega dele do lado e falou assim: “Tá vendo? As garotas já tão fazendo fila.” Falou assim, brincando, rindo. Aí, eu fiquei assim, né? Chateado, né? Dele ter falado isso. Aí, ela falou assim, que achou ele muito convencido de ter falado isso, não sei o que que tem... Aí, eu já não sei, mas eu já tava já, praticamente apaixonado, mesmo por ele, né?

Aí, eu vim até o fim nisso. Aí, eu continuei indo no terminal. A gente nunca tinha coragem de falar, pelo menos um “oi” pra ele e nem ele falava um “oi” pra mim. Aí, o final do ano tava chegando... Não lembro, vai indo o remédio que agente toma, toma conta da gente. Aí, vai chegando o final do ano, as escolas libera a gente mais cedo, né? Cada escola liberava mais cedo porque faz prova, só prova. Aí, libera o aluno mais cedo e tal. E aí, não tava dando mais pra gente se ver, às vezes tinha semana que eu via ele, às vezes não. E aí, foi

indo, eu não tava mas me, me encontrando com ele. Eu tava desanimado de tudo, né? De pensar: “Nó, mais uma desilusão! A minha vida é cheia de desilusão e mais uma.” E aí, assim, também, (inaudível) de acontecer no terminal. Ele tá conversando com alguém, com um amigo dele e corria lá pro ponto. Já aconteceu várias vezes isso já, eu descer e ele tá lá na escada assim, conversando com alguém. Aí, ele via que eu tava descendo, corria pro ponto. Aí, eu pensava, né? “Nossa, será que é porque eu cheguei?” Bobeira assim, ao mesmo tempo não sei, era o que eu pensava no momento.

Aí, um dia eu tava tão desiludido, eu não via mais ele assim, eu fui andando assim, pela naquela praça lá, Tubal Vilela, da Igreja. Era mais ou menos umas 8 e meia da manhã, tinha liberado a gente, era hora dessa. E lá, no Anglo, eu não sabia que hora que tinha liberado mesmo, então eu pensava: “Ah, se eu for lá pro terminal, ele não vai tá lá, vai ser tão pior. Melhor eu desistir de vez, tocar a vida.” Aí, eu pensando, olhei pro topo da Igreja e pensei em Deus, no momento, no pensamento eu fiz uma oração bem forte, pensando em Deus. Porque ele podia tanto me ajudar, sabe? A esquecer ele, encontrar outra pessoa ou então, me dar uma luz, uma luz pra tudo aquilo que tava acontecendo. Aí, eu encontrei a Josi, a Lúcia e o Marcos. Aí, ela falou assim: “Você tá indo embora do Bueno?” Aí, eu falei: “Já. E vocês tão voltando pra lá?” Aí, ela falou assim: “A gente tá indo pagar conta, você não quer ir com a gente não?” Aí, eu tava ruim da vida, eu fui, né? Pra distrair, conversar. Aí, a gente foi pagar a conta dela. Aí, a Josi fazia karatê, ela tinha que ir lá na (inaudível), lá embaixo, comprar uma faixa de karatê. Aí, nós fomos até lá embaixo. Aí, tava com uma máquina fotográfica, né? Final de ano todo mundo leva, pra tirar foto dos amigos, né? Aí, tirava foto aqui, foto ali.

Aí, mais ou menos, lá pras 10 e meia, a gente chegou no terminal, nós fomos de ônibus. Aí, chegando no terminal central, ela queria tirar foto do Papai Noel, de coreto, pra coretar, né? E eu sou meio sistemático, falei: “Não, não vou tirar foto com o Papai Noel não.” Aí, tinha que subir lá em cima, né? Passar as catraca e subir lá em cima. “Eu não vou de jeito nenhum!” E ela: “Não, vamos Marcelo.” Aí, eu: “Vamos, só que eu não tiro foto não, com ele não. E eu posso até tirar de vocês com ele.” Aí, eu resolvi a ir. Aí, quando a gente sobe lá em cima, quando eu entro lá dentro, o Gabriel tava na lá na praça de alimentação, comendo um hambúrguer com um amigo dele. Aí, eu pensei assim: “Nossa, será, né?” Que foi Deus, né? Que eu tava pensando assim, coincidência e tal. Aí, nisso, depois eles tiraram a foto lá, nós descemos. Aí, a gente acabou de descer, não passou nem um minuto o Gabriel já desceu já. Aí, ele foi lá pro ponto, só que a gente tava parado na escada. Aí, eu pensei: “Nó, que que eu faço agora, pra me livrar deles, né? É o último dia pra mim ver.” Já era o último dia de aula, né? “O último dia pra mim ver ele, hoje, pelo menos pra puxar papo, conversar com ele.” Aí, ela falou assim: “Vamos lá pro ponto com o Marcelo.” Aí, eles foram comigo. Aí, não tinha jeito de conversar com ele. Aí, nós ficamos lá e o Gabriel tava lá encostado naquelas, já viu, né? Naqueles ferro lá do terminal que o povo encosta assim. Aí, ele tava lá encostado assim, antes de entrar pro ônibus, onde o povo faz fila. Aí, a hora que ele olhou pra trás, ele olhou bem pra mim. Ele me olhou com um olhar tão triste e parece que o olhar dele, parecia até que queria sair lágrima, sabe? Foi um olhar tão, nem sei explicar, me deu uma coisa tão assim. Aí, o meu ônibus chegou, eles despediram de mim, meus amigos. Aí, eu olhei pra ele de dentro do ônibus. E aí, quando eu desci do ônibus, quando eu tava abrindo o portão da minha casa, porque o ônibus pára umas duas casa, da minha casa, quando eu tava abrindo o portão da minha casa, o Gabriel tava olhando pra mim. Aí, quando eu olhei pra ele, que ele viu que eu vi que ele tava me olhando, ele foi e tirou o rosto na hora assim. Aí, depois disso eu não via mais ele. Passou 1 ano eu não via mais ele.

Aí, aconteceu um problema na família da gente, que um tio meu adoeceu com Aids, tava com Aids. Aí, tinha que ir na Medicina. Aí, teve um problema maior na família, que um não ia ajudar e outros ia. Porque lá, como ele é o homem, então quem tinha que posar

lá, tinha que ser homem. E aí, quem ia era eu, meu pai e um primo meu e os outros homem da família, ninguém ia, sabe? E assim, eu posava muito. A gente tinha que posar lá a noite inteira, ficar lá do lado dele, porque era só três enfermeiro, pra 10 pacientes, praticamente com o mesmo problema que o dele. Então, tinha sempre que ficar um lá do lado, pra se acaso ele passasse mal, talvez o enfermeiro não dava pra ver o que tava acontecendo.

Aí, quando foi mais ou menos, eu lembro direitinho, no dia 28 de fevereiro, eu tava sofrendo muito, porque eu tinha terminado o colegial já, não tinha como eu ver ele, eu não sabia mais nada dele. Aí, eu fui, tava passando uma oração na rádio, eu comecei a rezar pra Deus, de tanto que eu tava sofrendo, porque a paixão que eu sentia por ele era muito forte, o amor que eu sentia por ele. E chorava e rezava pra Deus, pra esquecer. E não era justo uma paixão atrás da outra e só desilusão a minha vida inteira, uma atrás da outra, ou então, pra ele me dar uma luz. Pelo fato de ter acontecido aquilo, né? Que eu achava que foi uma luz que ele tinha dado. Aí, nesse mesmo dia, a minha mãe chegou da escola, aí, ela falou assim: “Marcelo, vamos lá na Medicina comigo.” Pra visitar o irmão dela. Aí, eu não tava querendo ir porque só pode entrar um só: “Eu não, não vou. Porque eu tenho que ficar esperando a senhora lá embaixo, lá, sozinho.” Aí, ela: “Não, vamos, por favor, não sei o que tem...” Aí, eu meio desanimado e fui. Aí, parece até que era pra acontecer mesmo. Aí, eu chegando no ponto o ônibus tava saindo. Ou seja, se a gente chegasse 30 segundos antes, a gente tinha pegado aquele ônibus. Aí, tivemos que esperar o outro ônibus. Aí, o ônibus veio e quando a gente chega no terminal central, o Gabriel era o primeiro da fila. De tarde, já era umas 5:45, por aí, mais ou menos. Aí, eu assustei, né? Pensei: “Nó, será então que ele me ama mesmo? Deus tá me mostrando, tá me encaminhando?” E aí, quando ele me viu, deu uma assustada, deu um suspiro tão forte assim, que eu até, parece até essas coisas de filme, de novela, sabe? Um trem mais doido do mundo. Aí, por dentro eu fiquei bobo, eu não sabia, eu: “Ah, então Deus existe mesmo.” Por dentro eu pensava assim: “Então, Deus existe mesmo e então, quer dizer que um dia vai dar certo, a gente vai se encontrar, vai acontecer alguma coisa que vai encaminhar da gente se encontrar?” E aí, eu fiquei assim. Aí, tá.

Aí, tinha uma amiga minha, que lá em casa tem TV a Cabo, antes, quando não tinha TV a Cabo, ela gravava um seriado pra mim, Dawson’s Creek. Eu adoro aquele seriado, só que acabou já. Aí, ela gravava pra mim quando eu não tinha TV a Cabo em casa. Porque passava na Globo e eles cortaram. Aí, eu descobri que na TV a Cabo passava. Aí, ela gravava pra mim, aí, depois, quando cortaram, é, na casa dela, eu que gravava pra ela um outro seriado que ela gosta lá. E aí, uma amiga dela ia buscar a fita lá em casa pra ela. Aí, isso foi no dia 28. Aí, no dia 1º de março, quando eu tava passando na porta de casa e a menina, a gente tava no portão entregando a fita pra menina, o Gabriel tava lá dentro do ônibus. Aí, eu vi ele, aí, eu desconfiei: “Nó, será que o Gabriel tá estudando de tarde agora, né? Aí, eu já quis fazer curso de computação de tarde já e consegui pegar o horário. Até parece que umas coisas... O horário que tinha lá era das 4 e meia às 5 e meia. Eu meio que tive umas desconfiança que ele tava estudando de tarde. Era uma hipótese, eu não tinha certeza. Aí, eu comecei a fazer computação na Bit Company das 4 e meia às 5 e meia. Aí, eu ia lá pro terminal.

Aí, um dia, de uma hora pra outra, ele chega lá, assim e eu fiquei assim, né? Aí, foi. Sabe aqueles banco mais alto do ônibus? Tem do lado direito e do esquerdo. Aqueles mais alto é do lado direito, do lado do cobrador assim. Aí, eu sentei no ônibus, na janela, ainda pensei: “Nó, ele podia tanto sentar aqui do meu lado!” Aí, quando eu menos espero, ele sentou bem do meu lado. Aí, eu falei assim: “Ah, é hoje! É lógico que eu vou puxar papo com ele, né?” Falei: “É hoje, não pode passar de hoje!” Aí, eu fui e falei assim: “Você tá estudando de tarde agora?” Aí, ele falou uma coisa lá que eu não entendi, uma coisa meio enrolada, eu não entendi. Aí, eu fiquei sem graça. Aí, o ônibus começou a andar já. Aí, eu voltei a perguntar: “Você tá estudando de tarde agora?” Aí, ele falou brincando, falou assim: “Você me conhece?” Aí, eu peguei e falei assim, fiquei tão sem graça, né? Falei: “Uai, a gente

pegava ônibus todo dia de manhã cedo, praticamente 3 meses.” Nem tem como, eu acho que ele tava era se fazendo de bobo. Eu não sei ou realmente ele esqueceu mesmo. Aí, eu falei assim: “A gente pegava ônibus todo dia junto de manhã cedo, eu pegava o mesmo ônibus quando eu vinha embora da escola.” Aí: “Ah, bem que eu tava lembrando de você de algum lugar.” Aí, ele falou desse jeito. Aí, a gente começou a conversar sobre a escola: “Você tá fazendo que série?” Ele falou que tava fazendo 2º colegial. Aí, eu falei: “Você é novo então? Quantos anos você tem?” Eu sabia, dei um de bobo, né? Aí, ele falou: “16.” Aí, eu: “Não, mas você é novo demais!” Aí, ele falou assim: “É, mas nem parece, nem parece.” Não parece mesmo, parecia que ele tinha, na época, dezenove anos. Ele é alto, sabe? Desenvolvido, não parece que ele tinha 16 anos. Aí, eu comecei a fazer cursinho no Nacional, na outra semana, pro vestibular já.

Shnaider - Você que ia começar?

Marcelo - É, eu. Aí, eu falei assim pra ele: “É.” Aí, ele não perguntou meu nome. Aí, eu dei uma indireta pra ele saber que eu chamava Marcelo, eu falei assim: “É, eu tô fazendo um curso lá na Bit Company pra ver se eu arrumo um emprego e tal. Porque vai indo o povo começa a falar: ‘Nó, o Marcelo já tá com 20 anos e até hoje não trabalha, não faz faculdade’.” Eu falei assim, pra ele saber que o meu nome era Marcelo, só falei isso. Aí, a gente conversando sobre isso, aí, eu falei que eu ia fazer cursinho na outra semana e que pra mim ia ficar apertado, de ir da Bit Company lá pra casa. Que eu saia 5 e meia da Bit Company, de ir lá pra casa ainda, tomar banho, comer qualquer coisa, pra 7 horas estar no Nacional. E aí, ele falou assim: “É complicado mesmo. Pelo jeito você vai ter que ir direto.” Aí, só que eu não ia. Todo dia eu ia lá, na esperança de ver ele. Só que nem todo dia eu via ele. E aí, eu não via mais ele, não tava mais vendo ele, ele não ia lá. Aí, depois eu descobri porque, mais na frente. Aí, eu tornei a cair naquela da depressão. Não via mais ele, ficava chateado. Aí, eu pegava o ônibus das 6:25 pra ir pro Nacional. Aí, um dia, eu desiludido de tudo, comecei a pedir pra Deus, de novo, pra me ajudar (inaudível). Rezava pra Deus, depois de tudo que eu passei. Aí, aconteceu essas coisas. Eu encontrei com ele, conheci ele, né? Mas agora eu não tinha mais contato com ele. Me ajudar a esquecer, eu também, eu até fiz de bobeira, pra Deus, fiz um trato com Deus em pensamento. Eu pensava assim: “Vamos combinar assim, eu vou lá na Bit Company e vou tá lá no terminal, sentado esperando. Se ele aparecer nesse dia é porque vai ter alguma coisa e se ele não aparecer é pra mim esquecer. Só que o Senhor vai ter que me dar força pra mim aturar, desse jeito.” Bobeira minha, né? Aí, eu cheguei, fui lá na Bit Company, no terminal. Passou o 1º ônibus e nada. Aí, esse ônibus, toda vez, eu esperava mesmo passar. Eu pensei: “Ah, vou esperar passar o outro, o das 5:55 mais ou menos.” Aí, porque eu tava tomando banho antes de ir pra Bit Company, aí, eu, cheguei no terminal nesse dia e nada dele. E chegou outro ônibus e eu com aquela fé que eu tinha e também continuei esperando. E aí, já tinha passado das 6 horas, eram umas 6:10. Aí, eu pensei: “Não posso ficar aqui mais. 7 horas eu tenho que tá no cursinho, eu tenho que ir pra casa ainda, tenho que jantar, comer qualquer coisa.” Minha mãe fazia um mexedinho do almoço, ela já deixava na panela. Eu só chegava esquentava e ia, quando eu tinha coisa na Bit Company, era 2ª e 4ª. E aí, eu fui. Engraçado é que eu fiquei com força, sabe? Esse dia, não fiquei chateado com nada assim e eu cheguei lá em casa era umas 6 e meia. Já (inaudível) e corri pro ponto, doidinho pra não chegar atrasado na aula. Aí, eu peguei o ônibus das 6:40 ou 6:45, não lembro. Aí, quando eu entro dentro do ônibus, ele tava lá dentro. Aí, eu pensei: “Nossa, então será que Deus tem a ver com isso? Fez eu ficar lá no Terminal esperando os outros ônibus passar pra mim atrasar, pra mim não pegar o ônibus das 6:25, pra mim começar a pegar o ônibus das 6:45? Porque esse ônibus das 6:45, ele tava dentro desse ônibus.” E era lá que eu ia encontrar com ele toda semana. E aí, ele fazia kickboxer. E aí, nesse horário das 6:45, ele tava dentro do ônibus. Aí, quando eu vi ele assim, eu assustei, né? Aí, eu falei: “Nó, de novo? Mais uma vez!” Agora pra mim é coincidência, mas na época pra mim era luz, era

uma luz. Deus tava encaixando tudo, porque era tudo assim, tudo o que eu pedia acontecia. Aí, parece que tava encaminhando a gente mesmo. E aí, eu comecei a... E o engraçado, foi que ele deu um pulo do, do banco que eu até estranhei. Aí, eu fui lá e cumprimentei: “Bom? Jóia?” Aí, eu nunca perguntei o nome dele, né? Mas eu sabia que ele chamava Gabriel, eu que falei meu nome pra ele, né? Ele não falou o dele pra mim. Aí, eu só falava: “E aí, bom? Jóia?” Aí, ele lembrou de eu ter falado que ia fazer cursinho. Aí, ele: “Você tá indo pro cursinho, né?” Aí, eu falei assim: “É.” Aí, ele falou assim: “Nacional, né?” Aí, ele: “O do Federal é bom, né?” Aí, eu falei assim: “Ah, é. Tem um amigo meu que já estudou lá e passou de primeira. Mas é claro que depende da pessoa, né?” Aí, ele foi (inaudível) e desceu no ponto do Cajubá. Sabe aonde é o Cajubá? 2 pontos depois, no máximo 2 minutos. A gente só tinha 2 minutos pra conversar. Aí, foi. Era na 3ª e na 4ª que ele tava dentro desse ônibus. E aí, a gente começou a conversar toda 3ª e 4ª, que a gente conversava. E era engraçado que ele não... A menina falava assim, que ele era totalmente fechado, não puxava papo com ninguém e comigo, ele meio que puxava um papo. E engraçado, quando a gente não tinha papo, aí, tornava a mesma coisa, o cursinho, né? O cursinho e no Nacional, né? Aí, eu falei: “É.” Aí, ele tornou a falar: “Ah, o Federal também é bom, né?” Tornou a falar a mesma coisa, repetia, pra pelo menos ter papo pra conversar.

Aí, a gente começou a conversar um dia. Aí, ele me falou que ele fazia kickboxer. Aí, ele falou assim: “Bom que você aprende a defende de uns carinha.” Aí, falou assim e ele me olhava num olhar tão diferente, sabe? Mas eu não sei se é porque a gente é apaixonado na pessoa, aí, qualquer coisinha que acontece a gente leva a coisa lá em cima. Talvez seja isso. Eu achava que tinha algo e pelo fato de tudo isso ter acontecido, parece que tava encaminhando pra, sei lá, pra gente fica junto.

Shnaider - Marcelo, nós vamos ter que interromper. Mas eu gostaria que você continuasse do lugar que você parou, na próxima vez. Pode ser?

## 2º Entrevista com Marcelo – dia 19 de agosto

Shnaider - A última coisa que você tinha me dito... Mas antes disso eu queria, antes de você contar a última coisa que você tinha falado, que você me falasse porque que você escolheu Letras então? Porque é o começo do nosso assunto agora.

Marcelo - Eu escolhi Letras porque foi o que me veio na cabeça, né? Eu gosto muito assim, de movimento, de escola cheia de aluno, cheia de gente, né? É legal trabalhar com isso. Já que não me veio nada na cabeça, no momento. Antes eu já tentei prestar pra economia, mas depois eu fui pensar bem, eu acho que não era isso que eu queria também.

Shnaider - É?

Marcelo - Quando eu era pequeno, eu tinha vontade de ser ator, vivia fazendo teatro nas escola, sabe? Aí, eu escrevia peça mesmo, cheguei a escrever uma peça, até a M. leu uma peça que eu escrevi. Apresentei no Bueno Brandão, porque o Rondon Pacheco é do Bueno, né? Então, no colegial, o colegial inteirinho, a gente vivia apresentando peça lá no Bueno. O povo gostava pra caramba! O povo gostava tanto, que acabava que o povo da noite queria que a gente ia lá apresentar pra eles. Aí, a escola liberava um horário pra todo mundo ir lá no Rondon Pacheco ver a peça.

Shnaider - Você ainda escreve alguma coisa?

Marcelo - Não, não. Eu escrevia muito. Qualquer coisa assim, tipo, pra desabafar assim, escrever no papel, assim.

Shnaider - O que você acha que aconteceu que você desistiu de escrever, Marcelo?

Marcelo - Eu perdi o motivo... Eu perdi um sentido na vida, depois de tudo ter acontecido, sabe? Eu tava tentando te resumir a história, pra você entender o porquê.

Shnaider - Você tinha parado na última conversa que você teve com aquele rapaz, que ele te falava que tava lutando Kickboxer, lembra? Dentro do ônibus? Aí, ele disse: “Ah, é bom pra se defender”, acho que foi você que disse isso pra ele?

Marcelo - Ah, eu falei pra ele: “Ah, mas você faz isso?” Aí, ele falou: “Ah, é bom, é bom porque, pra se defender de uns carinha.” Tipo assim, na rua, alguém que tenta ameaçar ele. Mas, meio que eu disse, também é perigoso, né? Porque alguém pode tá armado e ele vai tentar se defender, a pessoa pode dar um tiro ou enfiar uma faca, sei lá.

Shnaider - Mas, você falou isso pra ele?

Marcelo - Não, não cheguei a falar não.

Shnaider - Aí, você parou nesse ponto da história me contando...

Marcelo - Uai, aí, eu não sei, né? Meio que eu já tava envolvido, eu podia parar aí, né? Mas, ao mesmo tempo eu pensei assim: “Nossa, uma pessoa que parece que gosta, não deve ser assim, né?” Mas, eu meio que já tava envolvido.

Shnaider - Não deve ser assim como?

Marcelo - Gay. Eu podia ter parado por aí. Mas sei lá, tem pessoas assim, de todo tipo escondido por aí, né? Fechado no armário, como o povo diz. E pelo fato das coisas ter acontecido, né? Então, eu continuei tendo uma esperança minha comigo. E sempre era assim, eu entrava dentro do ônibus, cumprimentava ele, a gente conversava, e uns 2 pontos depois ele descia. Antes, ele descia no ponto do Cajubá, só 2 pontos depois. Depois começou a ser três. Porque de vez em quando ele sumia. Eu falei esse negócio mesmo? É tanta coisa que aconteceu. Isso foi quase há 2 anos atrás, né? Tinha vez que ele sumia. E aí, uma vez ele sumiu, eu lembro que ele sumiu assim. E aí, eu tava voltando da Bit Company e ele apareceu. Aí, eu tava lá no ponto lá, esperando o 115. Aí, eu falei assim: “Você sumiu.” Aí, ele falou

assim: “É bronquite.” Só que ele tava fumando, né? Aí, eu falei assim: “Uai, e esse cigarro aí?” Aí, ele falou assim: “Ah, você acha que é por causa do cigarro?” Aí, eu falei assim: “Uai, o que que você acha?” Aí, ele foi, jogou o cigarro no chão e ainda pisou em cima, né? Eu achei até assim, né? “Nó, porque eu falei, né? Legal, porque eu falei assim, talvez ele levou em consideração, né?” Tem gente que não tá nem aí, né? A pessoa fala e a gente continua fumando mesmo assim.

Aí, nós entramos dentro do ônibus e aconteceu uma coisa engraçada. Ele pegou no meu braço e me empurrou: “Ó, o ônibus tá vindo.” Me empurrou, assim, mais pra frente. Aí, quando nós fomos entrar, tipo parecendo em filme assim, sabe quando a pessoa vai sentar e a outra fica sem graça, assim? Tá cheio de banco assim, aí, eu fui sentar num banco assim e ele já tinha sentado num banco antes desse. Aí, ao mesmo tempo que ele levantou, eu também levantei pra sentar num banco perto do outro, pra conversar. Aí, a gente ficou meio sem graça assim, rindo, sem graça. Aí, eu fui, sentei num banco, ele sentou do lado e nós fomos conversando. Aí, ele perguntou mais da minha vida. Perguntou se eu tinha irmão. Aí, eu falei que eu tinha, que meu irmão joga futebol e que ele não mora aqui. Aí, eu sabia que ele tinha irmão, eu podia até ter perguntado. Só que eu não perguntei porque eu sabia, eu fiquei calado. Aí, ele falando, se ele jogava em qual time? Aí, eu falei que o time dele é profissional, mas não é tão conhecido assim não, que era o Marília. Aí, ele falou assim que esse negócio é foda mesmo, alguém conhecido. Porque geralmente as pessoas chama a gente pelo “o irmão do fulano de tal”, não pelo nome da gente. As pessoas me chama o irmão do magrinho (porque meu irmão tem apelido de magrinho, por causa que quando ele era pequeno ele era magrinho). Aí, ele falou: “Não, quando for assim, você tem que ficar bravo com o povo: ‘Não, eu sou o Marcelo, meu nome é Marcelo. Não sou o irmão do magrinho’.” Sabe? Falava rindo assim. Aí, falou também da faculdade, que eu tinha vontade de fazer o quê? Aí, eu falava que ia prestar pra economia. Mas eu tinha vontade de fazer ciências da computação também. Tá vendo? A minha cabeça é meio confusa mesmo. Eu sempre pensava em economia, ciências da computação, alguma coisa assim. Aí, ele pegou e falou assim: “Ah, eu tenho vontade de ser lutador” (Risos). Aí, nisso ele já desceu. Ali, no ponto do Bretas, porque quando ele vinha do Anglo, ele descia no ponto do Bretas, pra de lá ir direto pra academia. Porque ele morava bem pra frente da minha casa, né? Pro lado do Santa Maria, eu moro no Saraiva.

Aí, de vez em quando ele sumia, né? E aí, me dava, tipo uma depressão assim. Eu não via mais ele, eu achava, eu pensava: “Nó, será que eu nunca mais vou ver ele? Vai ficar uma história assim, inacabada, né?” Pelo fato daquilo ter acontecido, né? De eu pedir a Deus e ele aparecer bem no dia. Outras coincidências também... Antes também, meio aquela coincidência também, lá no Terminal Central. E aí, eu achava que era tipo Deus que tava iluminando assim, me mostrando um caminho, porque a vida inteira, a vida inteira eu tive fé em Deus.

Aí, uma vez eu tava na internet assim, desiludido de tudo. E tava lá um link, tava assim: “Eu quero morrer.” Aí, eu cliquei no link e escrevi: “Então, é dois.” Pra puxar papo com essa pessoa. Aí, ela falou assim: “Porque que você quer morrer?” Aí, eu falei: “Ah, porque eu tô interessado numa pessoa que eu acho que não vai dar certo. É uma desilusão que eu tô tendo no momento. A vida inteira só me dá isso, só desilusão atrás da outra.” E eu perguntei: “Porque que você também quer morrer?” Aí, ela falou assim: “Ah, porque eu tô gostando de um colega meu lá do kickboxer.” Aí, eu falei: “Nossa, que coincidência, né?” Nossa, kickboxer, o esporte que o Gabriel faz. Aí, eu falei assim: “Que academia que você faz?” Aí, ela falou assim: “Lá na Pointer.” E é a academia que ele faz. Aí, eu pensei: “Nó, agora só falta ser o Gabriel, né?” Falei assim: “Como é que é o nome do menino?” Aí, ela falou o nome dele, na época. Era André e tal. Aí, eu fui e resolvi abrir o jogo com ela, né? Já que ela não conhecia mesmo, né? O nome dela era Vilma. Era não, é. Que ela ainda é viva, né? Pelo menos eu não tenho mais contato com ela, né? Eu não sei (Risos). Aí, eu fui e

resolvi contar a história inteira pra ela. Eu falei pra ela que eu era homossexual, se ela conhecia o Gabriel. Antes, eu tinha perguntado se ela conhecia o Gabriel, ela falou que conhecia, só que ela me falou a mesma coisa que a Paula, a menina do Anglo que conversou comigo. Ela disse que conhece ele só que de vista. Que ele é muito sério, ele é muito sistemático, não conversa com quase ninguém. A mesma coisa que a Paula me falou, ela também me falou. Aí, eu fui e resolvi contar a história pra ela. Conteí mais ou menos as coincidências que aconteceu. Conteí que eu saia lá do Bueno e ia pro Terminal esperar ele, do que acontecia, das trocas de olhares que às vezes acontecia. Aí, ela foi e falou: “Ó, posso ver o que eu posso fazer, assim, né? Pra te ajudar, pra ver se é mesmo ou não, né?” Aí, ela foi e começou a aproximar dele, puxando papo com ele. Aí, ela falou que conversou com ele, que ele é muito gente boa. E aí, nisso, depois ele apareceu de novo, voltou no ônibus de novo e a gente... E assim, é engraçado, que ela falava que ele era muito sistemático, não puxava papo com quase ninguém, ficava sério, na dele. E comigo não. Comigo era o contrário. Comigo ele que puxava uns papo, mesmo que seja repetido. Eu chegava lá, ele falava assim: “Ah, tá indo pro Nacional né?” Aí, eu: “É, tô indo.” Aí, ele falou: “É, o Federal também é bom, né?” Aí, eu falei assim: “É, tem um amigo meu que estudou lá e de primeira passou. Mas também vai da pessoa, né?” Aí, depois outras vezes, ele tornou a falar: “Você tá indo pro Nacional, né?” Eu falei assim: “Tô.” Aí, ele falou assim: “Ah, o Federal é bom, né?” Entendeu? Ele repetia os assuntos pra pelo menos puxar papo. E sempre era ele que puxava papo, independente do que fosse.

Aí, uma vez, ele foi e perguntou sobre o quartel também. Ele falou assim: “Você se alistou no quartel?” Aí, eu peguei e falei assim, que não. Que eu alistei, mas que, graças a Deus, eu não fui convocado. Que eu não queria entrar lá de jeito nenhum, né? Falei pra ele que eu não tava a fim, na época não, de jeito nenhum, de ser alistado. Ainda mais eu, né? Do jeito que eu sou, gay. Lá no meio do povo (Risos). Aí, ele pegou e falou assim: “Ah, tá chegando a época de eu alistar.” Aí, eu falei assim: “Mas você não tem 16 anos?” Aí, ele falou assim: “Não, mas eu vou fazer 17 agora.” Isso já era em julho, né? Só que eu podia ter perguntado que dia, né? Foi tanta coisa que eu deixei passar. Podia ter perguntado, né? Que dia que era o aniversário dele. Até a Vilma me falou que podia ver o nome dele completo lá na ficha. Que ela tinha contato com a recepcionista da academia. Só que eu não quis muito ficar em detalhe, pelo fato da internet ter muita coisa errada, né? Uma pessoa finge, fica geralmente 1 ano conversando com a outra e combina encontro. De repente, seqüestra a pessoa, rouba o carro ou mata a pessoa ou abusa da mulher. Isso passa no jornal direto. Vem em revista contando essas histórias assim. Então, eu não quis muito entrar aí. Ela só tocou nesse assunto um dia, mas eu não falei pra ela: “E você viu o nome dele completo?” Fiquei na minha. Eu até queria saber o nome completo, pra depois, mais pra frente você entender. Aí, ele falou: “Não, vou fazer 17 agora, né?” Aí, eu nem quis perguntar, na hora eu não pensei: “Que dia que você faz aniversário?” Pra mim saber, né? Aí, nisso ele desceu. Aí, eu pensei: “Não, mas ele não é do Uruguai, né? E se alistar aqui, no Brasil?” Aí, eu fiquei assim. Aí, deixa eu ver, é tanta coisa, eu não lembro de muita coisa, mas aconteceu muitas coincidências, sabe?

Eu não lembro a expressão correta, né? Aconteceu há 2 anos atrás, isso. Aí, deixa eu ver. Uma coisa que aconteceu... Uma coisa também que eu achei engraçada, eu não sei se eu te falei: Uma vez, ele chegou e falou assim: “E aí, tá indo pro cursinho?” Aí, eu falei: “Uai, é o jeito, né?” Falei desse jeito pra ele. Aí, tal... Aí, quando foi no outro dia, ele tava dentro do ônibus, eu falei assim: “E aí, tá indo pra luta?” Ele falou assim: “Uai, é o jeito né?” (Risos) Do Uruguai, tem um sotaque meio de estrangeiro, né? Ele falou bem: “Uai, é o jeito né?” Eu achei aquilo legal, assim, ficou engraçado. E (inaudível), às vezes eu ligava pra ela. E uma vez, a Vilma me falou, né? Também, falou assim, que eles estavam correndo, né? No treino, né? Quem faz esporte, antes de fazer o kickboxer mesmo, o esporte, no treino você aquece ou

faz corrida ou faz exercício. Na corrida deles a (inaudível) me disse isso, que eles estavam correndo e ia ter uma festa lá, no meio deles lá. E ela me falou assim, que perguntou pra ele: “E aí, Gabriel, você vai na festa?” Aí, ele falou assim: “Não, eu vou com quem?” Aí, ela virou e falou assim: “Uai, e a namorada?” Aí, ele falou assim: Não, não, não tenho não.” E já mudou de assunto. Ela me falou assim, que ele foi mudando de assunto. Aí, eu lembrei daquela época, né? No ponto de ônibus, que o cara perguntou pra ele: “E as mulheres lá no Uruguai são boas?” Aí, ele falou assim: “Ah, cara, lá tem é muita loira.” E já mudou de assunto na hora. Começou a falar de prova no Anglo lá, “a prova não sei o que lá, é dia tal, né?” Não sei o que que tem. E ela me falou isso, que ele sempre tenta mudar desses assunto de namoro, de mulher, dessas coisa assim. Aí, tem prós e os contra, né? Aí, eu me iludi cada vez mais e pelo meu jeito assim, da gente conversar um com o outro, sabe? Tinha aquele clima assim. Quando entrava no ônibus o jeito que ele me olhava era diferente.

Aí, teve uma vez também, não sei se eu já te contei, que eu fui chegando assim... Eu já te expliquei, no ônibus, onde ele sempre tava sentado, já? Assim, quando você vai entrando no ônibus, assim, tem aqueles bancos mais alto, né? E ele sempre tava sentado do lado de cá. Do lado, sempre tava vazio, sempre. Sempre ele tava sentado do lado de cá e do lado sempre tava vazio. E foi depois, da vez que a gente sentou, que eu sentei, a primeira vez que a gente conversou. Aí, um dia, eu sentava de vez em quando, aqui. Eu sentava na frente desses dois, só que eu sentava de lado assim, eu tava sentado de lado. E ele aqui, pra gente conversar assim. Aí, um dia, eu cheguei e ele pegou e falou assim: “Você quer sentar aqui?” Ainda bateu no banco, falou assim: “Você quer sentar aqui?” Bateu no banco assim, do lado dele, né? Eu estranhei, né? Falei assim: “Nó, um outro homem pedindo pra outro sentar do lado dele, assim.” Aí, eu fiquei sem graça e falei assim: “Não, não. Aqui tá bom.” Só que eu podia ter sentado, né? (Risos)

Shnaider - E como que a história transcorreu? O que aconteceu depois?

Marcelo - Uai, foi indo que o vestibular tava chegando, eu não sabia se eu ia passar, se o meu pai ia pagar mais o cursinho, continuar pagando o cursinho pra mim, se eu não passasse, porque eu não trabalhava, né? Era meu pai que pagava pra mim.

Shnaider - Isso durou quanto tempo, Marcelo? O tempo que você o conheceu no ponto de ônibus?

Marcelo - Eu conheci ele mesmo assim, de ver ele, foi em setembro. Mas a primeira vez que eu vi ele, foi no início do ano. Aí, eu lembrei dele em setembro. Agora de conversar com ele mesmo, foi desde... Quando foi? Foi em abril, não sei. Que eu conversei com ele a primeira vez então, foi em abril, março... Não, abril, maio, junho, julho, agosto, até setembro, só.

Ah, teve também da vez do, lá desse ônibus aí do... Desse ônibus aqui, do ônibus, dessa vez do terminal central, do terminal, que eu falei pra ele parar de fumar. Aí, ele falou assim: “Você acha que se eu parar de fumar minha bronquite não vai acabar não?” Aí, eu falei: “Não.” E ele tornou a perguntar: “Você acha que se eu parar de fumar minha bronquite não vai acabar não?” Aí, eu falei: “Não.” Aí, eu expliquei o problema do meu pai. Meu pai fuma e meu pai tem um problema sério de bronquite. Quando chega época do início do ano, ele chega lá em casa quase morrendo, sabe? Você vê ele sofrendo e você não pode fazer nada. Ele vai, faz inalação. Aí, eu expliquei isso pra ele. Ele falou assim que tinha ido no médico. Eu falei assim: “O médico não pediu pra você parar de fumar não?” Ele falou assim que não. Eu perguntei se a mãe dele sabia se ele fumava. Ele disse que ela sabia. “E eles não te aconselha a parar não?” E tal... Falava esses assunto assim. Aí, deixa eu ver...

Shnaider - Você tava contando que você não sabia se o seu pai ia continuar pagando cursinho pra você e tava chegando o vestibular...

Marcelo - E eu resolvi escrever uma carta. Aí, eu escrevi uma carta explicando tudo. Tudo o que aconteceu, desde que eu conheci ele até aquele momento. Das

coincidências... Só que eu não contei da Vilma porque era amiga dele lá do kickboxer. Talvez ele podia ficar bravo com ela, “nossa ela contando a minha vida pra um estranho, né?” Se acaso não tivesse nada a vê. Aí, eu expliquei das coincidências tudo. Na época eu, assim, eu sempre fui meio espírita. Eu até falei pra ele, sabe? Eu não sei se ele acreditava em espiritismo. Mas, tipo assim, o que a gente faz, depois a gente paga na vida, na outra. Talvez na vida passada eu odiei muito ele, fiz uma coisa muito ruim pra ele e nessa vida agora eu tinha que amar ele e sem ser correspondido pra resgatar esse erro meu. Pra pagar por esse erro meu. Até escrevi isso na carta. Foi bobeira minha, mas escrevi. Mas antes, eu expliquei na carta como é que é ser homossexual, pra ele entender, sabe? Que eu já tentei mudar. Que isso não tá em mim. Quer dizer, tá em mim, mas não foi eu que escolhi isso, que eu já tentei mudar, mas não consigo. E pelo menos pra ele entender. E depois, eu expliquei que eu me interessei por ele e que eu acabei me apaixonando por ele. E falei, terminando a carta, terminando a carta, eu falei pra ele que se acaso ele não fosse isso, que ele podia ficar tranqüilo que eu ia fingir que eu nunca mais, se acaso eu encontrasse com ele, eu nunca mais, eu ia fingir que eu não conhecia ele. Como se fosse uma pessoa que eu nunca vi na vida. Aí, eu peguei o e-mail, o meu telefone, né? Pra ele me falar alguma coisa, o que que ele tinha achado, sei lá. E aí, de repente, o meu computador estragou, na época, né? Eu nem ia falar, eu vou falar isso rapidinho. Aí, meu computador estragou. A carta tava no computador. E quando eu escrevi essa peça minha de teatro, que eu escrevi sobre drogas, ela deu 54 páginas à mão. E quando eu passei pro computador deu 18. E a carta deu 3 páginas. Eu tive que resumir minha vida pra ele, explicando tudo, detalhe por detalhe. E aí, eu pensei: “Nossa, o vestibular tá chegando, vai acabar eu não vendo mais ele e agora o computador estragou.” Aí, eu chamei um amigo meu, que não sabia direito, pra consertar o meu computador, Aí, o Lauro chegou lá em casa, falou assim: “Marcelo, pra arrumar seu computador só levando o seu HD lá pra casa de um amigo meu.” Ou seja, ele ia levar a minha vida inteira (Risos). Aí, eu pensei: “Nó, o que que eu faço agora?” Aí, eu deixei, eu pensei: “Ah, se o Lauro for meu amigo mesmo e ele ler essa carta, ele vai entender.” Aí, o Lauro levou o meu HD e minha vida tava nas mãos dele. Aí, ele foi, consertou, levou pra casa e eu fui imprimir a carta. E na última semana do vestibular, né? A prova sempre dava na 3ª ou na 4ª e na 3ªfeira, eu já entrei com a carta na mão, né? Eu lembro que já era 3 de setembro, né? Eu lembro direitinho. Aí, eu entrei dentro do ônibus, já meio que sabendo, né? Que podia ser o último dia que eu ia ver ele, né? Conversar com ele, sei lá. Aí, eu entrei já com a carta na mão, dobrada. Não tava com envelope nenhum, só 3 folhas sulfites grampeada só e dobrada no meio. Aí, nós conversamos. E teve um dia, antes disso, que ele perguntou onde eu morava: “Você mora aqui por perto?” Aí, eu: “Não, eu moro na rua de cima.” Eu podia perguntar pra ele: “E você? Onde você mora?” Teve muita coisa que ficou entre aspas. Podia ter perguntado a data que ele nasceu, no dia que ele falou que o aniversário dele tava chegando. Tinha vontade de saber se ele tem miopia ou hipermetropia, porque ele usava óculos. Bobeira, essas coisa à toa assim. Podia ter perguntado de onde que ele veio. Ah, um dia também, eu tava chegando do vestibular, aí, ele foi e falou assim: “Pra esse lado aqui não chove não?” Aí, eu fiquei assim: “O que que ele quis dizer com isso?” Aí, eu só respondi, eu falei assim: “É, tem muito tempo que não chove, né?” Ele queria, ele fez uma situação pra mim perguntar: “Por que? Você não é daqui não?” Podia ter perguntado isso, ele ia falar: “Não, eu sou do Uruguai.” Porque ele nunca me falou e na carta eu já sabia que ele era do Uruguai. Porque a Paula lá, amiga lá, do ano passado, tinha me falado. Eu já sabia tudo, que o nome dele era Gabriel. Eu te falei também, que ele nunca me falou o nome dele, eu nunca perguntei?

Shnaider - Acho que falou.

Marcelo - Um dia, eu que cheguei falando pra ele: “E aí, Gabriel, jóia? Ele ficou meio assim, né? “Como é que ele sabe o meu nome?” Aí, depois, outro dia, ele falou: “Bom, Marcelo?” Aí, lembra o dia que eu fiz aquela insinuação também, né? Eu mesmo falando o

meu nome, porque ele não tinha perguntado. Aí, eu cheguei e entrei com a carta, assim, na mão. Tem muita coisa que aconteceu, sabe? As coisa que eu tô te lembrando, na hora não vem assim, tem muita coincidência assim. É por isso que eu cheguei ao ponto de falar: “Eu vou entregar essa carta, porque eu acho que dessa vez vai dar certo!” Pelo jeito que ele me olhava, pelas coincidência tudo que aconteceu. Eu pedia pra Deus e Deus me ajudava. Aquela coincidência que eu pedi pra Deus e de repente ele tá lá dentro do ônibus, ou seja, eu achava que Deus fez que eu parasse de pegar aquele ônibus das 06:20, pra começar a pegar o das 06:45, que dentro daquele ônibus ele ia tá lá dentro. Ou seja, eu ia ter contato com ele.

E aí, eu pensava: “Nó, que quando eu entregar a carta, ele vai me fazer uma pergunta: ‘Que que é isso?’” Eu tava mais com medo de entregar a carta pra ele, não pelo fato de entregar a carta dele, por causa dos outros que tivesse dentro do ônibus. Ia achar estranho aquilo, um homem entregando uma carta pra outro homem ali dentro, né? E ele ia me perguntar: “O que que é isso?” E aí, eu já tava com a resposta na mente já, pra falar pra ele. Aí, nós conversando assim, eu lembro que ele ria, eu olhei bem pra ele, assim triste, né? Pensando: “Nó, é a última vez que eu tô conversando com ele!” Aí, quando ele levantou e falou assim: “Ah, falou, Marcelo, até mais.” Aí, eu peguei e falei assim: “Ah, Gabriel espera aí. Toma uma carta aqui.” Aí, eu entreguei pra ele e ele falou assim: “O que que é isso?” Já na porta do ônibus, né? Pra descer. Aí, eu falei assim: “Ah, isso é uma, uma matéria, tipo, que eu peguei da internet.” Aí, ele falou assim: “Ah, tá. Até mais.” Aí, desceu. Aí, depois quando chegou na 4ª feira, não me ligou nem nada. Corri, abri a internet lá em casa, pra ver se ele tinha respondido algum e-mail e nada. E quando chegou na hora de eu ir pro cursinho, eu fui e entrei dentro do ônibus. Ele não tava sentado no banco que ele sempre sentou. Aí, eu não vi ele. Aí, quando eu cheguei mais pro fundo, ele tava lá no fundo, lá no fundo assim, no meio, do lado depois da porta, sentado no meio do banco e do lado tava vazio. Aí, tava sentado, assim, com as pernas bem abertas, com o braço cruzado, com cara de sério, assim, cara de mau. Aí, por impulso, eu fui até lá e fiquei parado na frente dele, né? Aí, eu vi aquela cara de sério, de mau assim e na hora perdi até o movimento. Eu não sabia se eu andava pra frente, pra trás, se eu sentava. Aí, eu fiquei segurando no ferrinho, olhando pra fora do ônibus e sabendo que ele tava ali sentado. Sabendo já que a resposta dele era aquela. Foi a resposta que ele me deu, me ignorou, né? Como se eu não existia. Aí, eu fiquei firme, forçando ali, mal pra caramba. Aí, de repente, chegou a hora dele descer e eu tava na frente da porta. Aí, eu afastei e ele passou. Aí, eu fui, sentei no banco, né? Do lado que ele tava. Aí, de fora do ônibus ele ainda olhou pra mim, ele tava olhando assim, ele foi olhou pra mim, eu fui, e fiquei olhando pra frente.

Aí, eu cheguei lá no cursinho, tinha uma amiga minha que eu sempre falava pra ela, né? A Fernanda, uma colega do colegial, fazia cursinho comigo também e ela sabia, acompanhou a história inteira, né? Passo a passo. Aí, eu falei pra ela: “Não, não deu certo não, mas eu não vou te contar, porque senão, se eu te contar, eu começo a chorar aqui agora.” (Risos) É difícil, né? Você falar, quando você bota pra fora, você desaba. Aí, eu nem toquei no assunto. Aí, quando foi na 5ª feira, né? Que ele sempre tava ou na 3ª ou na 4ª. Quando foi na 5ª feira, eu fui, eu cheguei, eu tava lá no ponto e quando o ônibus passou, ele tava sentado na janela depois do cobrador. Aí, quando eu fui entrar dentro do ônibus, eu, eu voltei, que eu pensava: “Não, não vou entrar não. Não vou passar por ele assim, não sei se eu vou...”

Shnaider - Vamos lá, a gente foi interrompido, mas a gente pode continuar agora.

Marcelo - Aí, na 5ª feira, eu ia entrar dentro do ônibus. Só que eu não entrei. Não tive coragem de entrar dentro do ônibus, que eu achava que passar por ele, assim, eu ia começar a chorar, sei lá. Aí, eu não sei, depois eu arrependi também de ter feito isso. Aí, eu lembro que o ônibus passou, foi embora e eu sentei no ponto e eu chorava tanto, mais tanto, sozinho ali, né? Nossa, mas eu chorei tanto, depois de ter, de ter... Foi um choque pra mim,

né? Eu não esperava por isso. Eu achava que ia dar certo, pelo fato de ter acontecido tudo, aquelas coincidência. Pra mim, Deus tava encaminhando mesmo. Aí, tal... E quando foi na 6ª feira, ele também tava naquele ônibus de novo. E aí, já tava lá no ponto. Aí, eu não tive coragem de ir no fundo, eu sentei no primeiro banco ali. Aí, já era vestibular já, eu fiz uma prova péssima, né? Porque eu não tava com cabeça. Aí, depois, eu pensava: “Nó, mais como é que pode, né? Eu jurava que agora ia dar certo.” Eu não tava acreditando! Parece que foi um choque muito forte pra mim, por ter acontecido tudo aquilo. O que eu sentia por ele era muito forte. Eu não sei se eu ainda gosto dele, sabe? Às vezes, eu penso ainda, é difícil explicar, mas pelo fato de ter acontecido essas coincidência toda, eu pedi pra Deus, com fé mesmo e dar certo. Aí, acontece outra coisa, eu vou peço pra Deus e dá certo. Aí, vai, chega a internet com, de repente, lá um link “Eu quero morrer” e é uma pessoa que conhece ele, que podia me falar dele lá da academia. Aí, eu ia voltar a fazer cursinho de novo. Aí, eu fui lá, no Nacional. Foi eu, a Fernanda e uma amiga da gente, a Simone lá, fazer a matrícula, a inscrição, ver se ia ficar mais barato. Pra quem já era aluno eles fazia um desconto. E isso era mais ou menos umas 5 da tarde e o povo do Anglo libera lá pelas 5 e meia, umas 5 e meia. E aí, eu tava indo embora, aí, a Simone queria ir numa loja que tinha que passar na frente do Anglo. Aí, eu ainda falava: “Não, na porta do Anglo eu não quero passar não.” Ela não sabia, né? A Fernanda não sabia. Aí, a Fernanda, meio que já notou já. E ela: “Não, mas porque Marcelo, que você não quer passar na porta do Anglo? Aí, eu falei: “Não, não vou passar lá e tal, os aluno vai tá saindo...” “Não, mas agora que é 5 horas, né?” Eu falei: “Não, mas vai que acontece alguma coisa, sei lá.” E aí, quando nós estamos virando a rua assim, da João Pinheiro com a, entre a João Pinheiro com a Cesário Alvim ali, eu vou, olho pra trás e quando eu olho pra trás, o Gabriel tava vindo. Aí, foi a primeira vez que eu vi ele depois, né? Tava ele e dois amigos dele. Aí, eu fui olhei pra frente, assim, na hora, continuei andando. E aí, depois quando a gente desceu na João Pinheiro assim, ele tava indo lá pro Terminal Central. Aí, eu fui olhei pra trás de novo e reparei assim, que tava os dois amigos andando na frente e ele atrás desses dois amigo, tipo assim, meio desenturmado, sabe? Parece como sempre as pessoas falava que ele é mais na dele, fechado e conversava com quase ninguém. Aí, ele viu que eu olhei pra ele, ele foi e correu pros amigo e conversou alguma coisa, tipo, puxou papo na hora, conversando, chamando a atenção, sei lá. Aí, eu não descí. Aí, na hora, eu ainda pensei assim, sabe? Eu sou tão idiota, que quando eu tô apaixonado por alguém, eu sigo, como alguma coisa que me impulsiona, sabe? Mesmo sabendo que eu posso quebrar a cara, mas eu, eu ajo em direção àquilo, àquela meta ali. Aí, eu pensei em ir pro terminal central, pra chegar lá e encontrar ele no ponto, pra ver se, pelo menos, ele falava, pelo menos, um não, na minha cara ou falava assim: “Olha, é isso, isso e isso, não dá, tal...” Ah, falei com a Vilma, liguei pra ela e falei pra ela: “Ó, só que na carta eu não falei de você, né? Porque, senão ele podia ficar bravo com você, ficar chateado, tipo, falar assim, que você tava tipo, falando da vida dele pra um estranho.” E aí, ela falou assim que se acaso ela tivesse coragem de chegar nele e conversar com ele... Aí, ela disse que chegou nele, ela falou assim: “Vou fazer isso então.” Aí, ela foi e falou que ela conversou com ele e ela falou assim: “Gabriel, eu tava na internet, aí, eu conheci um rapaz...” E ela falou isso. Aí, ele falou assim: “Ah, já sei, é um carinha do ônibus.” Quando ela falou assim “o carinha do ônibus”, sabe? Eu fiquei tão mal, tipo, que agente é um nada, né? “Um carinha” do ônibus, tipo um zé ninguém.

Shnaider - Você se sentiu assim?

Marcelo - Senti. Aí, ela falou que ele falou assim pra ela que ele não tem preconceito de nada, mas só que ele não é gay, sabe? E agora vai ficar assim, cada um no seu canto.

Shnaider - Sei. E aí?

Marcelo - E aí, depois, mesmo assim, sabendo disso tudo, nesse dia, depois, quando eu encontrei com ele, eu fui até lá no ponto. Só que eu cheguei no ponto e não tinha

ninguém. Aí, eu lembrei, uma vez, que eu perguntei pra ele, dentro do ônibus, eu falei assim: “Uai, Gabriel, às vezes você não tá lá no ponto quando eu volto da Bit Company?” Aí, ele falou assim: “Não, é porque eu pego o 131, porque o Santa Maria, ele para na João Naves.” Então, ele pega o 131 e pára no ponto da João Naves, porque vai pra casa dele. É mais perto pra ele. É por isso que quando eu voltava da Bit Company, ele não tava no ponto. Aí, de lá, ele pegava o 115 que aí, a gente encontrava dentro do ônibus. Aí, eu pensei: “Ah, então eu vou pegar o 131. Aí, tal... Aí, mais pra frente, né? Quando começou o cursinho, só que eu não pegava mais o 115, eu pegava o 118. Porque o 118 passa numa rua depois da minha casa, desce na Duque de Caxias. Pegava o 118, pra evitar ver ele, né? Porque tem que isolar, porque se continuar vendo a pessoa que você ama, sabendo que não vai dar certo, você nunca vai conseguir esquecer.

E aí, uma vez, tinha uma festa na casa da Simone, né? Aí, ela me chamou pra ir e eu fui, né? Tava desanimado de tudo, fui lá ver gente, distrair um pouco. E tinha uma coisa comigo, engraçado, tipo uma intuição, tinha um rapaz lá no Bueno Brandão, eu nunca conheci ele na vida, eu nunca conversei com ele na vida, mas eu sentia que ele conhecia o Gabriel. Eu sentia isso, eu não sei te explicar, mas eu sentia que ele conhecia o Gabriel. E quando eu cheguei lá nessa festa, ele tava lá nessa festa, porque ele estudava no Bueno e a irmã da Simone estudava no Bueno, chamou ele. Aí, vai aqui, vai ali, né? Com a festa o povo começa a beber, anima um pouco... Aí, quando você bebe um pouquinho, você fica um pouco mais animado, você fica com mais coragem de conversar mais com as pessoas, né? Aí, eu fui, puxei papo com ele, falei assim: “Ó Thiago, você tem um irmão que chama Gabriel?” Aí, ele pegou e falou assim: “Não, mas eu conheço um Gabriel.” Aí, eu falei assim, pensei: “Ah, quantos Gabriel que existe na vida?” Aí, eu falei assim: “O Gabriel que faz kickboxer, que veio do Uruguai?” Aí, ele falou assim: “É, esse mesmo, ele mora perto da minha casa, ali no Santa Maria, ali, ele mora ali num predinho, no 3º andar.” E eu falei assim: “Nó, você conhece ele então?” Ele falou: “Nó, o Gabriel é gente boa demais, né?” Aí, de repente, ele começou a falar mais do irmão dele: “Não, mas o irmão dele que é gente boa demais. Você conhece o irmão dele?” Eu falei: “Não, o irmão dele eu não conheço não.” Ele falou: “Não, o irmão dele é gente boa demais, de vez em quando eles vai lá em casa tomar uma comigo.” Falou assim... Falou assim: “Aparece lá qualquer dia desse.” Aí, eu levei um choque assim, também, de pensar: “Quanto mais eu fujo, uma coisa me arrasta pra ele.” Pelo fato de eu também sentir que ele conhecia o Gabriel e ele conhecia ele mesmo. Aí, eu fui e já falei assim: “Não, não, eu e o Gabriel a gente não tem mais contato já, não se vê mais...” E eu já saí já, chamando a Fernanda, gritando: “Cadê a Fernanda, Fernanda?” Fiquei assustado na hora, pra mim contar isso pra ela. Aí, ela apareceu assim: “O que que foi Marcelo? Eu falei: “Não, não, vamos lá pra fora pra mim te falar uma coisa.” Aí, eu contei isso pra ela e de repente, e de repente, apareceu o povo tudo lá de fora e eu falei: “O que que tá acontecendo?” (inaudível) saí num desespero chamando a Fernanda. Aí, a Simone chegou lá, aí, eu falei: “Não, Simone tô precisando te contar uma coisa pra você.” Que ela não sabia de mim ainda, né? E aí, ela ficou com esse Thiago, a Simone tava ficando com ele. Aí, mais uma tortura ainda, né? Uma amiga minha ficando com um cara que conhece ele. Às vezes, a gente saía e não sabia que eu conheço ele... Aí, vai que uma vez ele vai e chama o Gabriel pra ir junto também e a gente encontra, sei lá, ficou meio assim. Aí, de repente, na próxima 2ª, já que era 2ªfeira, 2ªfeira o Gabriel nunca tava no ônibus e essa festa foi num sábado. Aí, na próxima 2ª, eu peguei o 115. Aí, quando eu entro dentro do ônibus, o Gabriel tava lá no mesmo banco de sempre, o ônibus tava vaziinho. Aí, eu entrei assim, ele olhou pra mim e me deu um sorriso assim, um sorriso não de cínico, um sorriso que se acaso eu chegasse e falasse: “E aí, jóia?” Eu acho que ele falava pra mim “Jóia!” Só que eu não tive coragem de chegar nele. Eu só olhei pra ele assim e já sentei no primeiro banco, já fiquei olhando pra fora do ônibus o tempo inteiro. Aí, depois, chegou no ponto, ele desceu. Aí, às vezes, eu ficava nessa: pegava o Pampulha, pegava o 115,

o Pampulha, o 115. Resolvi encarar de frente mesmo. Eu cheguei até a pensar que ele podia tá confuso, né? Que ele era ainda novo, não sei, pelo fato daquelas coincidência, tudo ter acontecido. Aí, de repente, foi no dia 1º de dezembro, quando eu abro meu e-mail, né? Que eu até trouxe aqui, não sei se você vai entender. Até na hora eu entendi essa carta aqui, uma carta não, um e-mail, tipo ele falando mal do Brasil. Só que eu não sei se é ele que me mandou. Tava assim: “G. S. Ribeiro.” Aí, quando... só que depois tava assim: “Gabriel de Souza Ribeiro.” Só que eu não sei se o nome completo dele é esse, Gabriel de Souza Ribeiro. Aí, tava assim: “Assunto Brasil.” Aí, tá lá: “Artigo 12, a bandeira, o hino, o escudo e as armas nacionais são de uso obrigatório em todo o país, não haverá outras bandeiras, hinos, escudos e armas, a lei regulará o uso dos símbolos nacionais”. Depois, artigo 115: “São brasileiros, nascidos no Brasil, filhos de pais estrangeiros não residindo esses à serviço do governo de seu país. Os filhos de brasileiros ou brasileira nascidos em país estrangeiro estando os pais à serviço do Brasil, fora deste caso, se atingirá na maioria optado pela nacionalidade brasileira.” Aí, quando eu vi esse texto, eu levei um susto, né? Eu pensei...

Shnaider - Você não entendeu?

Marcelo – Não. Será que foi ele mesmo que me mandou esse e-mail? Eu tinha essa dúvida ainda. Será que é ele que me mandou esse e-mail ou alguém fazendo graça com a minha cara? Mas quase ninguém sabia dessa história, só a Vilma. Mas a Vilma não ia fazer isso. Ficou um ponto entre aspas aí. Será que foi realmente ele que abriu? Porque na hora, eu achei que ele tava metendo o pau no Brasil, pelo fato de falar isso aqui, né? Que “não haverá outras bandeiras, hinos, escudos e armas, a lei regulará...” Tá querendo dizer (inaudível) é estrangeiro, né? Então, que o Brasil não aceita estrangeiro. Então, eu não sei se era isso o que ele quis dizer. Aí, mas aí, eu entendi isso. Mas o pior, só que o pior que aconteceu é que tinha um anexo no meio, tinha um anexo assim: “Roteiro. Pif.” Aí, quando eu fui abrir, o hot e-mail disse que era vírus. Aí, então, coisa boa no e-mail não era então.

Shnaider - Mas o e-mail, tinha e-mail só pra você, Marcelo?

Marcelo - Só pra mim. Porque geralmente tá lá, vários e-mails, né? Só pra mim só. E ainda com esse nome Gabriel, coincidência, ainda falou de lei, de estrangeiro aqui no Brasil. E ainda, eu tava (inaudível) me mandar 3 meses depois de eu ter entregado a carta e um e-mail desse jeito e ainda um e-mail com vírus, né?

Shnaider - E o que você pensou do vírus? O que que passou pela sua cabeça?

Marcelo - Uai, passou pela minha cabeça que talvez ele pensou que eu tava, como é que fala, espionando a vida dele. Porque eu expliquei pra ele que eu até conheci a Vilma pela internet, não a Vilma, depois a Vilma falou pra ele. A Paula sabia que ele era Uruguaio, do colegial, que a Paula me falou um pouco dele, isso tudo. Aí, ele pensou: “Esse cara tá espionando a minha vida.” Talvez ele me mandou esse vírus pra estragar o meu computador, pra não ter como eu... Talvez ele pensou que eu ainda podia tá em cima. Como eu conheci a Paula, conheci outras pessoas pra tá a par do que tá acontecendo da vida dele. Eu cheguei a pensar isso na hora. Aí, eu fui e tentei achar artigo na internet sobre isso e mandei outro e-mail respondendo. Uma semana depois eu respondi falando mais coisa. Que não é bem assim, como é que tava aqui. E aí, de raiva escrevi assim: “Artigo inventado por mim, nunca mande vírus para pessoas que entende do assunto.” (Risos) Eu escrevi assim, pra dizer que não infectou o meu computador, né? O vírus, né? E eu não sei se foi ele, mas pela lógica que deve ter sido.

Shnaider - E ninguém te retornou uma resposta?

Marcelo - Não. E nunca mais eu mandei um e-mail também, né? Pra esse e-mail, pra saber: “Ô, você que é o Gabriel, você que me mandou, o que que você quis fazer?” Eu nunca fiz isso. Só que aí, pensando bem, aí, depois esse, esse outro debaixo tá aqui, né? “Foram editadas na maioria optaram pela nacionalidade brasileira”, é tipo quartel, né? Um dia ele até chegou a me comentar, falou assim: “Não, eu já vou fazer 17, o ano que vem eu já

tenho que alistar já.” Talvez ele pensou em ser brasileiro, em optar pela nacionalidade brasileira. Vai ver que ele tá aqui há muito tempo e gosta daqui, eu não sei. Muitas coisas entraram na minha cabeça. E aí, eu fiquei assim, eu comecei a rezar pra Deus de novo. Como eu não tinha mais contato com ele e eu parei de pegar o 115 de novo, eu pegava o Pampulha. E o Pampulha é assim: sabe ali no Cajubá ali, você conhece o Cajubá ali? Naquela rua do Cajubá, o Pampulha sai. Ele desce ali um quarteirão antes de descer a rua do Cajubá, o Pampulha vira. E aí, como o Gabriel desce no ponto do Bretas, o Pampulha pode cruzar com o Saraiva do Cajubá até o Bretas. Aí, eu fui e rezei pra Deus de novo, sabe? Da mesma forma, sabe? Com aquele desespero, pedindo pra Deus me ajudar porque eu não conformava, que eu pedia, tudo que eu pedia pra ele acontecia... Eu via o Gabriel, eu pedia pra ele me fazer eu esquecer o Gabriel, pra mim esquecer ele, como que fala? Pra mim separar dele, nunca mais eu ver ele e Ele me ouviu, na época. E de repente, cada vez mais a gente se conhecia e cada vez mais eu conhecia ele. Tinha essas coincidências dessas pessoas que eu conhecia, da Vilma que tá lá na, junto com ele. Um dia até a Vilma mesmo me falou pra mim chegar lá na academia: “Chega lá, aparece lá pra você ver a reação dele.” Eu falei: “Não, vai dar muito na cara.” Aí, ela falou assim: “Não, mas você fala que foi lá pra ver uma amiga, pra você me vê.” E eu nunca tinha visto a Vilma pessoalmente, mas eu nunca vi ela pessoalmente. Ela me conhece por foto, eu mandei uma foto minha pra ela um dia. Aí, eu falei: “Não, não vou não.” Aí, eu não fui mesmo. Eu podia até ter ido antes de eu entregar a carta. Aparecer lá na academia, de uma hora pra outra, pra ver a reação. Ela queria que eu fizesse isso. Porque lá podia ir, lá pra ver o treino, qualquer um. Aparece gente demais e fica lá vendo o povo treinar. Aí, eu fui e pedi pra Deus. Aí, eu falei: “O que que tá acontecendo e tal... e o Senhor me mandou aquela luz...” Na época, eu pensava que era luz, um sinal. Hoje eu posso falar que é coincidência.

Shnaider - Você pode ou você fala que é coincidência?

Marcelo - Não sei. Não sei. Foi por isso que eu surtei, né? (Risos). Aí, eu fui e pedi pra Deus, fiz outro trato com Deus, eu falei assim, eu falei: “Deus, se isso tudo o que aconteceu não foi em vão, se mais pra frente...” Eu pensava que ele podia tá confuso, né? Ainda mais depois de receber um e-mail desses, que ele tava confuso, que ele era muito novo. Eu, quando eu tinha 16 anos, eu achava que isso ia sair de mim. Comecei a contar pros outros quando eu tinha 18 anos de idade. Eu sempre guardei isso comigo. Talvez eu pensava isso dele, que ele tava confuso, que talvez ele não tinha coragem, pensar: “Nó, como é que eu vou lidar com isso? Eu tô aqui no Brasil, se eu contar isso pros meus pais eles podem me mandar pro Uruguai de novo.” Um tanto de coisa me passava pela cabeça. Aí, eu fui e fiz um trato com Deus. Naquele dia era pra mim entrar no Pampulha e o Pampulha era pra cruzar com o Saraiva e eu ver o Gabriel lá dentro do Saraiva, do Pampulha. E assim foi. Eu entrei dentro do Pampulha. Aí, foi, chegou lá. O Pampulha foi, desceu na rua do Cajubá e nada. Aí, virou a rua do Bretas (e o Gabriel desce no Bretas) então já era. E tava nesse dia, subiu na Nicomedes e foi pra rua, pra ir pro terminal, só que nesse dia tava chovendo muito, tava chovendo forte. Aí, quando o Pampulha, antes do Pampulha entrar dentro do terminal, quase entrando dentro do terminal, o Pampulha cruzou com o Saraiva. Aí, quando eu olho pra dentro do Saraiva, o Gabriel lá sentado no mesmo banco de sempre. Tá vendo? Isso tudo é de deixar qualquer um louco, sei lá. Ou seja, aquele dia choveu tanto que o Gabriel não desceu no ponto, lá no Bretas. Ele deve ter pensado: “Não, não vou descer aqui não, porque tá chovendo, eu vou descer na volta. Que aí, o Saraiva vai pro terminal central, e na volta o Saraiva passa e desce no ponto do Bretas de novo, só que do lado de lá.” Ele pensou: “Até lá a chuva já parou e eu desço.” E aconteceu que nesse dia tinha acontecido isso, né? Que eu pedi pra Deus, pros ônibus cruzar e do ônibus eu ver ele lá dentro e foi o que aconteceu. Aí, eu fiquei assim, né? “Nó, e agora?” Só que aconteceu assim, sempre acontecia. Se eu entrava dentro de um ônibus. Aí, eu comecei a pegar o 115 de novo. Às vezes ele me olhava, ria, dava um sorriso. Só que

eu nunca tive coragem de chegar lá e falar: “Oi, você tá jóia?” E nada. Aí, foi, a vida inteira, eu entrando dentro do ônibus... E, às vezes, eu via o vulto dele e já via que ele tava ali e já virava, nem olhava pra cara dele e sentava no primeiro banco, olhava pra fora do ônibus. As primeiras vezes, umas vezes, ele deu uma tossida pra mostrar que ele tava lá dentro. Não sei se ele tossiu de propósito. Nas primeiras vezes, depois de eu ter entregado a carta pra ele, na primeira vez, eu olhei ele e sentei. Na segunda vez, eu já olhei pra baixo, entreguei a passagem e sentei no primeiro banco. Não sabia que ele tava ali. Aí, ele começou a tossir, começou a tossir lá na hora que ele apertou o ponto, assim. Eu não sei se era pra me mostrar que ele tava ali, se foi de propósito pra me mostrar que ele tava ali, tossindo alto mesmo.

Aí, depois, eu fiz vestibular. Antes também, engraçado, que ele sumiu, né? Quando tava quase chegando o vestibular já. Aí, na 5ª feira, antes do vestibular, aquela 5ª feira que eu não tive coragem de entrar dentro do ônibus, foi assim, na última semana do vestibular. Aí, depois no outro vestibular, na última semana do vestibular ele tava dentro do ônibus. Tinha muito tempo que ele não tava. Ele tava dentro do ônibus. Aí, engraçado, que ele tava no ônibus no vestibular passado. Aí, ele me olhou, assim ainda, sorrindo do mesmo jeito, poucas vezes eu tinha coragem de olhar pra ele. Poucas vezes eu tive coragem de olhar no rosto dele, depois que aconteceu isso. E aí, ele tava olhando pra mim e com um sorriso assim, sabe? Eu nem sei te explicar. E depois acontecia alguma coisa, ele sumia na época do vestibular e na última semana do vestibular, na 3ª feira, ele também tava, também, engraçado, né?

Shnaider - Então você, essa história tomou o vestibular de julho e tomou o vestibular de janeiro, foi isso?

Marcelo - Foi em setembro. Eu entreguei a carta pra ele em setembro. Porque deu aquele problema na UFU de greve. Então, o vestibular atrasou, passou pra setembro, o outro foi em fevereiro e o outro vestibular que eu fiz foi em julho do ano passado. Eu tava fazendo cursinho, no ano passado.

Shnaider - Foram 2 vestibulares que você tá contando essa história, só pra eu me situar. Marcelo, tá bom. Eu tô preocupada com o teu horário. Já são 15 para o meio-dia. Vamos terminar, a gente tenta continuar outro dia, tá bom?

### 3ª Entrevista com Marcelo – 20/08/2004

Marcelo - ... é meio perigoso ir pra academia naquele bairro. E eu falei pra ele: “Nossa, aquele ponto que você desce é até meio perigoso e você vai de a pé até lá, né? Você podia descer um ponto a mais também.” Que era o ponto do Bretas. Ele descia no ponto do Cajubá. (inaudível) minha vontade era dele ir até o terminal comigo e de lá do terminal ele pegava outro ônibus pra ir, parava lá perto da academia. Que tinha como, se ele pegasse o Pampulha, o Pampulha não, o Patrimônio, aquele ônibus que vai lá perto do Praia e parava lá perto.

Aí, depois, a gente conversando, esse dia (inaudível). Aí, quando ele foi descer do ônibus, ele falou assim: “Ah, pode deixar que eu vou pensar naquele assunto que você me falou, vou pensar muito bem naquele assunto que você me falou.” E aí, ele desceu. Eu não sei se foi sobre parar de fumar ou o ponto que ele descia. Aí, ele sumiu depois. Aí, eu não via mais ele.

Aí, um dia, outra coincidência também, que eu tinha ido no banco pagar a mensalidade do Nacional, era mais ou menos 1 e meia da tarde. Aí, quando eu tava voltando, quando o ônibus passou no ponto do Bretas, ele entrou. Aí, ele sentou assim, só que ele não me viu, eu tava lá no fundo. Aí, eu pensei: “Eu não vou até lá na frente não, cumprimentar ele não.” Aí, quando eu fui descer do ônibus, quando chegou a hora de descer, aí, eu bati na cabeça dele, dei uma batidinha na cabeça dele e falei assim: “Ou, você sumiu?” Aí, ele me olhou assim, só que a porta já tinha aberto pra mim descer, né? Aí, eu fui descendo, ele ainda me falou uma coisa, só que aí, eu fui descendo... Aí, nesse dia mesmo, quando eu tava indo pro Nacional, ele já tava dentro do ônibus já. Porque eu achei, vai ver que ele tinha pagado a mensalidade nesse dia, ele foi lá pagar a mensalidade da academia. Aí, outra coincidência também, né? Aí, foi isso aí, foi cheio de coincidências para chegar o ponto de eu ...

Shnaider - ... e você falou: “Ah, eu até surtei.” O que é isso para você? O que foi que aconteceu? Você tava contando do dia de uma chuva forte...

Marcelo - (inaudível) foi tanta coincidência que aconteceu, mais tanta, tanta, tanta, que parecia que ia dar certo, que ele gostava de mim, que a gente ia dar certo, ia entregar a carta. Aí, eu, meio que tava com quase absoluta certeza que ia dar certo dessa vez. Porque a vida inteira, eu tive desilusão, uma atrás da outra, pensei que uma hora vai ter que dar certo, né? O amor que eu sentia por ele era muito forte. Aí, eu entreguei a carta e aconteceu que não deu certo. E aí, eu fui e (inaudível) para Deus: “Não pode, tudo ter acontecido, isso e nada ter dado certo, né? Me mostra uma luz, né? Pra me ajudar a esquecer ou então se for pra ser mesmo, o Senhor me mostrou isso. Eu pedia pro Senhor me livrar dele e o Senhor só me unia. O Senhor sempre me unia, cada vez mais eu entrava na vida dele.” Aí, eu fui, meio que pedi pra Deus, né? Se não fosse bom aquilo que tinha acontecido, pra mim encontrar com ele naquele dia. Só que eu pegava o Pampulha. Eles vão se cruzar e do Pampulha eu ia olhar pro Saraiva e ver ele lá dentro. Aí, acabou que no outro dia choveu, deu uma chuva forte e quando o ônibus tava indo pro terminal, antes de entrar no terminal, eu olhei pro, o Pampulha cruzou com o Saraiva, aí, eu olhei e ele tava lá dentro. E era pra ele ter descido lá no Bretas, lá no ponto, né? Lá atrás. Quer dizer, não era pra ele tá dentro do ônibus. Só que ele não desceu por causa da chuva. “Não vou desce agora não, vou pro terminal, quando o ônibus voltar, a chuva já parou e aí, eu desço.”

Só que depois aconteceu outra coisa. Depois, mais pra frente, que eu voltei a fazer outros cursinhos. Uma vez choveu muito forte e ele tava dentro do ônibus. Só que aí, eu tava no Saraiva nesse dia. Só que ele desceu, mesmo chovendo forte ele desceu, porque eu tava dentro do ônibus. Acho que por minha causa, né? Pensou: “Não, vou te que descer nesse, porque ele tá aqui dentro do ônibus, talvez ele vai pensar que eu tô aqui por causa dele.” Acho que ele deve ter pensado isso.

Aí, o cursinho acabou. Outra coisa engraçada que aconteceu também, né? No último cursinho que teve, que eu fiz, na 5ª feira, eu não ia pegar ônibus, sabe? Eu esqueci de te falar isso. Aí, quando eu tava saindo pra virar a Duque de Caxias apareceu um menino que é vizinho meu, que mora mais pra cima e falou assim: “Marcelo, você vai pegar o Pampulha?” Eu falei: “É.” “O Pampulha acabou de descer.” E aí, eu ia atrasar pro cursinho, né? Aí, eu tinha que pegar o Saraiva. Aí, eu desci, eu fui pro Saraiva. Aí, ele tava lá dentro e tinha muito tempo que eu não via ele, na 5ª feira do vestibular.

Aí, foi, passou o cursinho de novo. Por outra decepção também e outros problemas além disso. Um tio meu que tinha Aids. Tinha que ir na Medicina e a maioria do povo não ajudava. Sempre era eu, meu pai ou um primo meu que ia na Medicina. Era esses problemas da minha mãe também. Depois, ele saiu da Medicina e foi pra morar na rua, na rua não, na casa de frente da nossa. Porque lá em casa é duas casas. Meu pai tem uma casa na frente. Aí, uma tia minha saiu da casa e eles conseguiram quitar a casa pra eles irem lá pro Santo Inácio. Aí, eles mudaram pra lá e deixou a casa liberada pra esse tio meu morar, porque ele não andava, ficou três meses na maca, né? Na cama, e os nervo atrofiou e ele não andava. Então, era só cama e tudo tinha que pegar no colo. Sempre era eu. Aí, eu ia ajudar meu tio, a minha mãe. E tudo carregou em cima da gente. A família não tava nem aí. Sempre era a gente. Eu e minha mãe, minha mãe é que me incomodava mais pra trocar ele. Saia com ele. Se dependesse até da mulher dele, ele ficava na cama o tempo inteiro, não colocava ele na cadeira de roda, pra sair com ele, passear com ele. E eu via aquilo tudo e achava aquilo muito injusto, né? Só minha mãe que ajudava e as outras irmãs que é parente, não movia uma palha pra ajuda. Tinha que comprar fralda, tinha que comprar remédio, tudo era minha mãe, só uma outra tia que ajudava também e as outras nada, nada, nada. Isso tudo revoltou muito também.

Aí, depois, era assim, cada dia uma tia tava indo. Um dia era minha mãe, aí, era a Elis que é a mulher dele. Depois, no outro dia, tinha que ir a Maria, depois a Márcia. Aí, ia revezando. Só que chegou um ponto que as minhas tia não ia mais. Aí, era só minha mãe, minha mãe, minha mãe, minha mãe. E do jeito que tava indo, não tinha jeito, porque além do meu tio tava com esses problema, ele deu problema na cabeça. Eu não sei se era problema na cabeça mesmo, porque ele conhecia todo mundo, falava normalmente. Só que ele xingava todo mundo. Eu mesmo ia lá, ele me xingava de tudo, esses nome, desgraçado, essas coisa assim; xingava a mulher dele de puta, de piranha. Minha mãe também. A gente colocava ele na mesa pra come, ele xingava cada nomão! Não deixava a fisioterapia dele, pra vê se ele voltava a anda, né? Eles arranjaram um fisioterapeuta pra ele, mas ele xingava de tudo.

Shnaider - O que você acha, que problema você acha que ele teve na cabeça?

Marcelo - Eu não sei, me falaram que deu (inaudível) no cérebro, né? Eu não sei, eu não sei que doença que era, minha mãe sabe. Por mim é uma doença de idade mesmo. Agora, eu não sei se deu doença nele mesmo, porque com as pessoas ele era normal, conversava normal, conhecia todo mundo. Só que ele tinha esse problema, essa agressividade assim. As pessoas mais próximas dele, ele xingava e xingava do que for. E essas outras tias minha que chegava lá, sabe? Só faltava, sabe? Modo de dizer e eu não entendia aquilo. Aí, chegou num ponto que aquilo não tinha como continuar mais, sabe? Tava muito difícil pra minha mãe, tava muito difícil pra mim, tava muito difícil pra todo mundo e eles resolveram internar ele na (inaudível). Engraçado, (inaudível) até hoje continua acontecendo a mesma coisa. Todo sábado minha mãe vai lá, todo sábado minha mãe coloca ele na cadeira de roda e sai com ele. E minha tia nem vai lá. Vai quando, se der algum problema que a minha mãe não pode ir. Aí, elas vão. E mesmo assim com muita dificuldade de ir. Minha mãe e uma sobrinha dela, uma prima minha, a Patrícia. E ainda tem o problema de cigarro, problema de fralda. Sempre minha mãe e outra tia minha que tem que pedir dinheiro pra comprar fralda, cigarro, essas coisa que tava precisando. Sempre isso, e isso me revoltava muito, né? Saber que tem muita gente na família e se dividisse, todo mundo, ficava pouco pra todo mundo, né? E só que

a minha mãe tem bem mais dívida. Tem que pagar água, luz, energia, essas coisa, as coisa da casa normal que a pessoa compra, roupa, essas coisa. Tem que pagar, sendo que ela tem mais uma irmã que podia ajuda, né? O dinheiro ficava menor, dividido com mais gente.

Aí, mais esse problema meu com Gabriel também, que aconteceu, pelo fato de ter sido mais uma desilusão. Mais uma desilusão de ter metido Deus no meio e acontecido essas coincidências, que hoje eu posso falar que é coincidência, porque não deu certo. Foram muitas, né?

Shnaider - Mas parece que você não achava que era coincidência?

Marcelo - Não. Eu achava que era um sinal de Deus mesmo, uma luz. E aí, eu não passava no vestibular. E sempre quando chegava a época do vestibular eu tava meio nervoso, porque ao mesmo tempo que eu pensava: “Nossa, se acaso eu passar, eu não vou mais vê ele.” Eu pensava isso na hora da prova.

Também no cursinho, eu me interessei por um professor meu. Só que eu não cheguei a amar ele não. Mas, pelo menos, na época eu esqueci o Gabriel. O de biologia, o João, o mais velho do Nacional. Chama João ele. E aí, no último dia, ele falou uma coisa lá, que assim, todos os professores do cursinho sempre fazia brincadeirinha de gay, essas coisa. E ele nunca fez, nunca, nunca, nunca, nunca. (inaudível) Aí, no último dia de aula, assim, eu não entendi. Até me surpreendeu da forma que ele falou, foi de uma forma promíscua, ele falou: “É, não sei o que lá, você quer que eu como o seu cuzinho?” E alto! Todo mundo ouvindo.

Shnaider - E ele falou pra você?

Marcelo - Não, falou brincando, brincando. Mas, assim, pra sala inteira ouvir, uma sala enorme. Falou assim: “É, você quer que eu como o seu cuzinho?” Não sei o que lá, uma coisa assim que ele falou. Aí, me deixou assim, meio assim, né? Uma decepção grande, assim também.

Shnaider - Decepção em que sentido por ele?

Marcelo - Não, eu sentia admiração por ele, né? E ele falar uma coisa dessas, assim, né? Aí, eu também não passei nesse vestibular e foi o vestibular que eu mais estudei.

Shnaider - Você prestou vestibular pra quê?

Marcelo - Nessa época, eu tinha prestado acho, que pra economia. E no passado, eu tinha prestado pra letras e eu tinha ido pra segunda fase. No passado, de fevereiro.

Shnaider - Letras sempre foi o que você prestou mais vezes?

Marcelo - Não. Acho que eu prestei 2 pra economia, e 2 pra letras. O último, agora, foi letras. E esse vestibular que eu estudei, o último cursinho que eu fiz, foi o vestibular que eu mais estudei. Além de presta atenção mesmo lá no cursinho, em casa eu estudava 1 hora e meia por dia ou mais. Pegava a apostila, e ia estudar mesmo, tinha quase certeza, pelo menos pra segunda fase tava garantido (inaudível) Eu fiquei inconformado, fiquei decepcionado mesmo. Aí, é que a minha vida tinha acabado, né? Eu perdi o sentido de viver, eu perdi a ilusão de viver. Por mim eu queria morrer. Sabe quando você chega num ponto que você não tem mais sentido pra viver?

Shnaider - Você começou a sentir ?

Marcelo - Senti. Tipo quando eu era da 1ª, eu sabia que no próximo ano eu ia tá na 2ª. Aí, quando tava na da 2ª. Aí, no próximo ano, eu sabia que ia tá na 3ª... E depois, de repente, acaba o colegial e começa a fazer cursinho e não consegue nada. E uma vez, eu tinha tentado entrar na ACS, nesse ano mesmo, eu não consegui, eu não passei na dinâmica. Aí, eu perdi totalmente o sentido de viver, pelo fato de ter acontecido essa decepção com o Gabriel, eu não conformava, não conformava nem um pouco. Aí, eu perdi a fé em Deus, eu acho. E perder a fé em Deus, pra mim, é a mesma coisa que tá perdendo a vontade de viver. Porque pra mim, Deus significa que existe justiça no mundo, sabe? Em algum lugar longe daqui,

onde a gente mora, vai pra algum lugar onde só existe justiça, pessoas boas, algo assim, eu perdi essa fé.

Aí, uma amiga minha ligou lá em casa e falou assim: “Ó Marcelo, (inaudível).” Eu desabafava tudo com umas amigas minhas, a L., a F., a P. Conheci a P. por meio da L., que era amiga dela. E eu contava tudo, ela sabe tudo da minha vida e eu sei tudo da vida dela. Aí, um dia, ela ligou lá em casa: “Ah, Marcelo tem, tá tendo inscrição lá na praça, do lado do terminal. É negócio da ICASU e da ACS. Vai lá, quem sabe, você não, você não consegue?” Aí, eu fui. Fiz a inscrição, passei na prova, depois passei na dinâmica também. Depois tinha que fazer outra dinâmica lá na ACS. Quando eu chego lá, era a mesma psicóloga. Aí, eu lembro que antes, da primeira vez que eu fiz essa dinâmica lá na ACS. Antes, a gente entrou numa salinha e foi um cara lá da ACS e ele falou que se a gente não passasse, era pra gente ser persistente e ligar e pedir outra dinâmica. Que eles não gostasse que ligava lá, mas que era pra gente tentar E eu fiz isso. Quando eu não passei, no mesmo dia, eu cheguei lá em casa e liguei lá, em B.H. e falei: “Não, tem como marcar outra dinâmica pra mim não?” Porque todo mundo falou pra mim: “Nó, Marcelo, eu tinha certeza que você ia passar na dinâmica. Eu tinha certeza que você era um dos que ia passar. Como é que você não passou?” Porque eu tinha saído bem, né? Só que eu não sei, né? Qual era o critério lá, que ela não me escolheu. E todo mundo, no final, falou que achava que eu ia passar. Aí, chamaram ela e falaram assim: “Quem foi a psicóloga?” “Ela chama Cíntia. Espera aí, que eu vou chamar ela.” Aí, colocou ela no telefone. Eu não ia desligar, né? Eu tinha que falar com ela e eu falei: “Ô, Cíntia, eu sou o Marcelo, eu fiz uma dinâmica com você hoje, eu não passei, me dá outra chance de fazer outra dinâmica, eu tenho capacidade.” E ela: “Não, eu não posso fazer isso, porque se eu abrir mão pra você, eu vou ter que abrir mão pra todo mundo que não passou.” Então, ela meio que lembrava de mim, né? E aí, quando eu chego lá, na outra vez, na outra dinâmica, ela tava olhando pra mim, me conheceu, né? Eu vi que ela tinha me conhecido. E era pra Pousada do Rio Quente essa dinâmica. E tava ela e uma, tipo uma gerente da Pousada do Rio Quente lá. Aí, essa dinâmica eu também não passei. Só que tinha outras, outras psicólogas lá e ela falou assim: “Ô, pessoal, eu vou falar o nome das pessoas que passou e as outras que não passou, nós vamos entrar em contato com vocês, pra vocês fazerem treinamento pra outro projeto. Só que na ACS é assim, todo mundo sabe que eles sempre falam isso e passa 2, 3, 4, 5 meses e nada, eles não te ligam. Aí, eu já meio que, né? Pensei: “Ah, não vai me ligar nada não, falou assim por falar.” Aí, de repente, me ligaram lá em casa, falando: “Marcelo, você que é o Marcelo?” Falei: “Sou.” “Olha, aqui é da ACS, você começa o treinamento dia tal, trabalha no projeto tal.” Aí, já me deu uma animada, né? Aí, eu comecei a fazer, eu fiz 3 dias de treinamento. Era da 1 hora da tarde até meia noite, é puxado. Não, três da tarde até meia noite, o treinamento. Aí, depois, como era meia noite, não tinha horário, o povo da ACS, quem trabalha nesse horário leva eles de van. Aí, eu meio que pensei: “Nossa, agora eu vou começar a trabalhar.” E já tava meio sem, sem um sentido na vida já. Eu não sei, eu sei que, de repente, eu comecei a ver tudo diferente. Eu lembro que eu cheguei lá em casa, no último treinamento, último dia, eu só fiz três dias, era 15 dias, era 2 semanas. Aí, eu cheguei em casa tinha um parente meu, do Prata, ele tava gritando com o meu pai. E de uma hora pra outra, comecei a cismar que a minha vida tava sendo investigada, onde eu tava tinha câmara me filmando, eu comecei a ficar meio fraco mesmo, de uma hora pra outra assim.

Shnaider - Como que foi, o que que você sentiu? A vida tava normal, tava no seu trabalho, tinha feito o treinamento...

Marcelo - Não, eu tava no treinamento, eu só fiz 3 dias.

Shnaider - Certo. Você ainda tava no treinamento ...

Marcelo - Tava, eu ia começar a trabalhar ainda, o treinamento também é eliminatório.

Shnaider - Como que era o treinamento ? Me conta um pouco do treinamento que você tava fazendo.

Marcelo - O treinamento, era na parte de celular, trabalhar sobre o atendimento da operadora CLARO. Só que na época era TESS, ainda não tinha CLARO. Aí, era pra aprender sobre o serviço do celular, mensagem de texto, serviço de celular. Era muita, muita, muita coisa e tinha que aprender aquele tanto de coisa e, ao mesmo tempo, tinha que ficar no computador e é puxado, é 9 horas, né? Você ficar ali, dentro de uma sala, sabendo que é tanta coisa. E, às vezes, ainda falavam assim, que era 120 atendente, mais ou menos, que tava treinando e desses 120 ia passar uns 70. Que o resto ia ficar de stand by. Então, não era garantido o emprego também, né?

Shnaider - Você falou que foi pra casa e tinha um tio seu lá?

Marcelo - Primo.

Shnaider - Um primo seu.

Marcelo - Aí, eu comecei a ver as coisa diferente assim. Isso foi numa sexta. Aí, num sábado, eles queriam marcar de ir lá no Tangará. A gente não é sócio não, só que mandou ligar lá pra ver se pagava o convite. Aí, eles falaram que, eu lembro direitinho, era 10 reais cada pessoa, só que tinha um almoço, tinha direito a um almoço. Aí, nós fomos. Só que eu não tava muito bem, eu não tava me sentindo bem. Eu não tava me sentindo bem, meio diferente. Não sei explicar como. Parecia que tava tudo diferente ao meu redor. Via as pessoas diferentes, eu já não tava me sentindo muito bem já.

Shnaider - Mesmo que você não saiba explicar como. Mas, tenta me falar o que você vai lembrando na sua cabeça. Assim, tudo diferente, como assim?

Marcelo - Eu não sei. Eu lembro direitinho, assim, uma hora que a gente tava almoçando lá no Tangará e o meu pai tava comendo carne. Aí, entre eles, eles falaram que aquilo não era carne, era outra coisa. E eu ouvi isso mesmo. Agora eu não sei se eu tava ouvindo demais. Só sei que eu disse: “Que isso? Você tá comendo é carne.” Eles: “Não, isso aqui é não sei o que lá.” Mas era carne, eu vi que ele tava comendo era carne, sabe? Só que pra todo mundo era outra coisa. Só que eu não lembro o que que era. Uma coisa, uma coisa mais doida do mundo, não sei. Aí, lá no Tangará tem uma piscina de água quente, né? Tem uma área coberta. Aí, eu entrei lá dentro, assim, meus priminhos queriam entrar lá dentro mais meu primo e eu fui junto com eles, nessa piscina. Só sei que quando eu entrei, tinha um senhor, já deve ter 40 anos, ele tava com um bebezinho.

Shnaider - Ele tava com que?

Marcelo - Um bebezinho. E na água, quando eu olhei pra esse bebezinho, o bebezinho era a cara do Gabriel, engraçado. Era a cara mesmo, era a mesma coisa que ver, parecia até que era um filho dele do tanto que parecia. E parece que ele mexia tanto, mexeu o braço, a cabeça. Um bebezinho daquele tamanho não tinha como mexer tanto, aquilo me estranhou. Aí, eu cheguei perto dele e falei assim: “O que que tá acontecendo?” Aí, ele pensou: “Esse cara não tá normal não?” Ele nem respondeu. Aí, eu lembro que umas priminhas minhas queriam nadar na piscininha e eu fui lá com elas. (inaudível) De repente, parece que veio na minha cabeça que cada pessoa ali era alguém que eu conhecia. Só que tava, tipo usando o corpo delas. Tipo quando (inaudível). Minhas primas, eu via elas como se elas fossem gente grande. Elas conversavam, mas não conversavam com idade de 4 anos, 6 anos. Elas conversavam como se elas tivessem 20 anos, 30 anos. Eu tava assustado com aquilo. Eu tava com alucinação mesmo. Aí, eu acho que a minha mãe viu que eu não tava muito bem e aí, quando a gente chegou em casa, minha mãe (inaudível) me deu um chá de erva-cidreira. Mandou eu ir dormir pra melhorar, porque eu não tava bem. E aí, parece que, do meu quarto eu ouvia uma mulher conversando com o meu pai lá de fora, tipo fazendo uma entrevista com ele. Falando “quem era o Marcelo”, “Como que o Marcelo era” (inaudível) eu

tava ouvindo coisas. Eu não sei se eu tava ouvindo coisa a mais ou se realmente tava acontecendo.

Shnaider - Você não lembra o que seu pai respondia?

Marcelo - Não, não. Eu só sei tava fazendo uma entrevista com ele. Aí, essa noite, eu comecei a conversar minha vida inteira. Era como se alguém me perguntasse e eu falava. Eu passei a noite inteira conversando sozinho. Minha vida inteira, desde pequeno. Das paixões que eu já tive. Eu falava um por um. Eu falava um por um como aconteceu, a história... Eu nem sei se meu primo escutou (inaudível). Eu lembro que eu falava mesmo. E, de repente, eu batia palma como se eu tivesse num ginásio, alguma coisa muito grande e que eu tava sendo entrevistado, sabe? E eu batia palma, eu via mesmo, batia palma. Eu tava ouvindo coisa. Aí, antes desse sábado também, eu tava vendo televisão, o povo saiu (inaudível). Eu tava vendo aquele “Altas horas”. Só que foi coincidência que, nesse dia tava tendo uma promoção (inaudível). Agora eu sei, porque era loucura minha na época. (inaudível). E aí veio todo mundo da platéia tentar tirar foto da câmera. E eu já tava meio cismado que o povo tava me investigando, me filmando (inaudível).

#### **4ª Entrevista com Marcelo**

Shnaider - Eu acho Marcelo, que é isso mesmo, você tava falando...

Marcelo - Um covarde, você lembra?.

Shnaider - Acho que você já tava conversando quando... não, aquela segunda vez que você foi conversar com ele.

Marcelo - Ah.

Shnaider - Que te deu a sensação ruim...

Marcelo - Na palma da mão dele.

Shnaider - Na palma da mão dele.

Marcelo - É, eu falei isso pra ele. Aí, ele pegou e falou: “Não, mas o que que você tá fazendo aqui agora?” Aí, ele me perguntou: “O que que você tá fazendo aqui agora?” Aí, eu não tinha outra saída, eu tive que falar, né? “Na palma da sua mão.” Só que eu falei aquilo por impulso, eu não queria ter falado aquilo. E outra coisa também que ele fez, ele pegou, ele meio que começou a disfarçar também. Ele tinha falado assim que um dos amigos meus, era o Diabo em pessoa. Aí, eu peguei e falei assim: “Mas você não tinha falado que um dos amigos meus era o Diabo em pessoa?” Aí, ele foi e falou assim: “Não, mas no mundo em que nós vivemos hoje todo mundo é, tem um pouco de diabo dentro.” (inaudível) e do jeito que ele tinha falado antes, eu pensei que era o próprio demônio, sabe? Porque ele falou mais pra me assustar mesmo (inaudível). Aí, eu lembro que depois a gente tava saindo assim, eu tava saindo, quer dizer, né? Ah! Aí, ele pegou virou pra mim e eu falei pra ele assim: “Você não falou assim que de uma hora pra outra assim era pra mim esquecer que era o Joaquim que tava lá? Que era um amigo meu de muito tempo que tava lá, quem que é esse amigo meu?” Aí, ele pegou e falou assim: “É... que era um amigo meu de muito tempo, que não sei o que que tem, que depois ia ver se entrava em contato com ele.” Aí, eu fiquei até calado assim, falei: “Nossa! Que isso? Como é que tem coragem de inventar tanta coisa pra mim?” Na hora, eu achei que era tudo... Mas, ele falou muita coisa a respeito, que quase ninguém sabia mesmo, sabe? Não tinha como. Eu não conversava com ninguém do povo lá do UTC pra ele saber aquilo. Eu não sei como que ele descobriu. Aí, depois, aí, ele pegou... Ah! Ficou combinado de eu ligar pra ele depois e ele falou assim que ia ver se entrava em contato com essa pessoa, assim, através de, eu não sei como, se através de sessão espiritual, alguma coisa assim, não sei. Ele falou isso, que depois ele ia conversar com essa pessoa e era pra mim ligar pra ele pra ele me falar algumas coisas e tal. Aí, eu peguei o telefone, o telefone da casa dele e

tal. Só que aí, depois eu liguei, um tempo depois, sabe? Aí, eu vi que ele meio que tava assim...

Shnaider - Você voltou a ligar?

Marcelo - Voltei, ainda voltei a ligar, ainda. Só pra terminar essa história e tal, né? Pra ver, eu queria ir até o fim, né? Pra ver onde ele ia.

Shnaider - O que te intrigava assim, nessa história, exatamente, ele saber essas coisas?

Marcelo - É. Parece que ele falou tanta coisa de mim, né? Sobre meu respeito, que eu não falava pra ninguém, né? Como é que ele sabia daquilo tudo? Aquilo me assustou. Das coisas que ele falava pra mim e pelo fato assim, de ele, de ter mais, mais experiência, assim. Uma pessoa mais velha e tal, né? Por isso que eu tinha procurado ele. Pra ver se ele me dava, pelo fato de ter sido a primeira vez que tinha acontecido aquela coincidência, né? Pra ver se ele me falava alguma coisa, falei: “Nó, dessa vez vai dar certo e tal.” Que parecia que ele tinha poder assim. Aí, eu lembro que eu tava, antes de eu ligar pra ele, também, eu lembro que eu tava saindo assim, aí, ele... Ah! Lembrei. Aí, tinha um espelho assim, né? Aí, ele pegou e falou assim: “Aqui, o que que você tem que fazer. Você tem que olhar pro espelho de vez em quando.” Eu peguei e virei falei assim: “Não, mas eu faço isso todo dia.” (Risos). Aí, eu vivia dando corte nele, né? Aí, ele parece que ele falou uma coisa nesse sentido assim, né? Faz tempo, eu não lembro. Aí, a gente tava saindo assim, ele quis me dar um beijo na testa de novo, igual lá na boate. Aí, eu peguei e passei, porque lá tinha grade, então tinha gente passando na rua, aí, eu peguei e falei assim: “Não, não tem gente passando.” Aí, ele olhou pra rua e viu que tinha um homem passando e falou assim: “Tem algum problema alguém paga as minhas conta?” Aí, me deu vontade de falar pra ele: “Mas você não paga as minhas e mesmo se acaso pagasse, eu não, não queria me expôr assim.” Aí, eu fui e saí assim e tal, despedi dele. E depois eu liguei. Só que aí, depois ele meio que me enrolou, sabe? Aí, depois não liguei mais, nunca mais eu liguei mais. Depois assim, eu não voltei, eu não voltei atrás mais. Aí, voltando lá no ponto de ônibus. É que tinha um cara parado quando eu cheguei no ponto, tinha um cara parado, né? E o cara assim, eu acho, eu não sei se ele é, se ele é paulista, sabe? Ele tem um sotaque meio assim. E o cara tinha um sotaque igual ele, parece que a voz, até a voz era igual, sabe? E ele é mais ou menos da minha idade, esse rapaz. Só que ele é gordinho, assim e tal. Aí, ele conversando assim e como eu tava meio fraco da cabeça, né? Eu não tava entendendo nada do que tava acontecendo, pra mim eu tava num inferno e tal, sei lá. Aí, ele, meio que começou a conversar. Aí, eu peguei e falei assim que ele era o Joaquim e tal. Só que ele tava mascarado. Aí, o cara: “Que que isso, você tá maluco. Meu nome é não sei o que lá.” Ele falava qual era o nome dele e não sei o que que tem. Aí, depois ele pegou e falou assim, né? Aí, uma hora ele foi e me deu uma (inaudível) ele me empurrou, do jeitinho que o Joaquim fez lá na boate com aponta do dedo assim. Aí, que me deu a sensação que ele era o Joaquim mesmo. Aí, eu já comecei a gritar mesmo, sabe? Eu nunca fiz nada, mas como eu tava doido de tudo, eu falava que ele era o Joaquim sim, que não sei o que que tem, que ele tinha destruído a minha vida. Aí, na mesma hora eu meio que pensei que foi ele que me separou do Gabriel, fez alguma coisa pra me separar do Gabriel, sendo que não tem nada a vê uma coisa com a outra. E aí, ele pegou e falou assim que eu era doido, que ele é de São Paulo, ele veio aqui a trabalho. Muita coincidência ainda, né? Não, coincidência não, porque ele tem o sotaque paulista mesmo e que ele veio aqui a trabalho e que não sei o que que tem. E aí, ele me falou: “Você é doido... e não sei o que lá.” E saiu pra pegar outro ponto, sei lá. Aí, eu fui e fiquei lá sentado naquele ponto assim. Aí, de repente chegou ali mais ou menos uns 7, assim homossexual, sabe? Assim, quando de noite eles tão de grupo assim? E aí, eu peguei e entrei. Lá eu lembro deles, um era o Pedro que fazia a peça “Reinações de Narizinho”, quando eu tinha 13 anos de idade. Só que ele era da parte do figurino, era, 7 oficina, né? Era interpretação, sonoplastia, é... Como é que fala? Dramaturgia... Era um tantão. Era 7 e eu

lembro que ele fazia parte do figurino. Aí, eu vi ele e falei assim: “Pedro, não sei o que que tem...” Antes, eu lembro do Pedro também lá na boate, também, na época (inaudível). Uma vez eu encontrei com ele lá, até que eu tinha ido conversado com ele. Aí, ele falou assim: “Aí, você sabe meu nome?” Aí, eu falei: “Sei.” “Da onde?” Eu falei assim: “Lá do “Reinações de Narizinho”, aquela peça de muito tempo lá no Grande Otelo.” Aí, ele virou pra mim e falou assim: “Gente, ele me conhece, que não sei o que que tem...” Aí, eu falei assim: “Você também, eu lembro de você.” Um moreninho que ele, que ele é filho da empregada lá na frente de casa. Aí, eu falei, perguntei isso pra ele: “Você não é filho daquela mulher que é empregada lá da Ilma em frente de casa?” Aí, ele falou assim: “Nossa, ele também me conhece que não sei o que que tem...” Aí, o outro, eu acho que era lá do Bueno, não sei. Eu falei: “Você também não estudava no Bueno? Aí, todo mundo ficava assim, né? “Quem que é esse cara que conhece todo mundo?” Eu tenho memória boa, assim, fisionomia, sabe? Se eu ver a pessoa eu talvez, eu não consigo lembrar o nome dela, mas eu sei da onde que eu conheço ela. Aí, eu lembro que eu tava desesperado, eu tava chorando e eles falaram: “Que que foi que você tá chorando?” Aí, eu: “Não sei. É que eu tô perdido, eu não sei onde é que eu estou, eu não sei se eu volto pra minha casa, eu não sei se, se eu tô no inferno, se eu morri.” Aí, eles ficaram assim, né? “gente, esse cara não tá normal não, né?” Aí, tinha um que era todo meio assim, afeminado, né? Aí, ele veio assim pra conversar comigo, eu falei assim: “Mas por que você faz isso moço?” Aí, ele falou assim: “Por que? Eu falei assim: “Assim, desse jeito, né?” Peguei e falei assim: “Por isso que o povo tem preconceito, né? Você quer, você quer se sentir mulher, virar mulher, que não sei o que que tem...” Foi uma parte de preconceito da minha parte também. Eu achei porque se ele se sente bem daquele jeito, né? Vai viver a vida dele e tal. Só que aí, eu peguei e falei isso pra ele. Aí, ele falava: “Não, que não sei o que que tem...” Eu não lembro, eu sei que teve um assunto assim, que eu falei isso, que povo tem preconceito por causa das pessoas que são assim. Que quer virar mulher, quer colocar peito, hormônio pra crescer peito e tal. Aí, eu lembro que eles começou: “A gente tá indo pra um lugar tal, você não quer ir?” Eu falei: “Não, eu não. Eu não sei pra onde que eu vou.” Aí, eu lembro que eu não sei o que que me perguntaram, falou assim, se eu tava acompanhado com quem, seu não tinha ninguém? Aí, eu pegava e não, que eu não tinha ninguém. Aí, eu comecei a falar que eu me apaixonei pelo Júlio. Já apaixonei pelo Márcio. Já apaixonei por... Aí, eu fui falando de um por um, o tempo inteiro, fui falando de um por um, até chegar na última paixão, até o Gabriel. Aí, eles foram e saíram e eu fiquei lá assim. Eu não sabia pra onde que eu ia. Aí, eu lembro que tinha na, na porta desse, na, na porta, que tem na frente desse ponto tinha um... tinha não, ainda tem lá, um lanchinho lá. Aí, uma mulher, uma senhora de idade tava acabando de sair do lanchinho e entrar dentro do carro. Aí, eu cheguei pra ela assim e falei assim pra ela: “Pra onde a senhora tá indo, né?” Aí, ela, lógico, deve ter pensado que eu era um assaltante, qualquer coisa assim. E nisso, o cara do lanchinho já saiu e mandou eu afastar. Eu acho que ele escutou as gritarias que eu tava fazendo no carro lá, por causa de cliente, né? Só que eu tava de costas e eu não vi. Talvez ele até tava lá, pra saber o que que tava acontecendo. Aí, a mulher já assustou, entrou no carro, assim, mas já ligou o carro e foi embora. Aí, eu fui e voltei pra trás, fui voltando, voltando, voltando. Eu lembro que eu tava com sede, né? Aí, tinha um bar, um barzinho assim. Aí, eu fui entrando, entrando assim e fui e entrei lá onde fica, funciona só o bar mesmo, depois do balcão. E peguei o copo e fui abrindo a torneira mesmo. Aí, eu pensei: “Não, não vou beber água da torneira.” Tinha essa mentalidade de pensar isso: “Não vou beber água da torneira porque eu quero água pura.” Aí, eu fui abrindo a geladeira e eu não via nada, né? Só via uns garrafão. Aí, chegou o dono assim pra mim e falou assim: “O que que você quer?” Aí, eu falei assim: “Eu quero água.” Aí, ele pegou e tirou um garrafão vermelho assim. Aí, eu falei assim: “É água pura?” Aí, ele pegou e falou assim: “Não.” Aí, eu peguei fui e sai. Aí, eu lembro que tem uma escola, não sei se é 1º de Abril. É uma escola depois que tem assim. Aí, eu cheguei nela assim depois

e fiquei olhando assim, sabe? Toda escola tem um, tipo um memorial, não tem? O dia que a escola foi fundada, quem fundou e tal, assim. Aí, eu tava olhando aquilo assim, aí, de repente, chegou o dono do bar e dois policial. Aí, eu acho que o dono do bar eu acho que ele implicou, né? De eu ter entrado lá dentro e tal. E eu só entrei pra pedir água. Tá certo que eu não podia ter entrado lá dentro, mas eu tava com a cabeça ruim, assim. Aí, ele, os policial já chegou assim já e já me pôs... E engraçado que nem foi os policial lá, igual tem nos filme. Engraçado que nem foi os policial, foi o próprio dono do bar que mandou eu ir já encostando na parede e foi me mandando eu pôr a mão na cabeça e foi pegando as minhas perna assim e vendo se eu tinha alguma arma, alguma coisa assim. E naquela hora eu assustei, né? Eu lembro que eu comecei a chorar, porque eu pensei, né? “Nó, esses dois policial e esse cara e eu aqui nessa Monsenhor Eduardo aqui, uma hora dessas, isolado. Eles podem me matar aqui.” Por que existe tanto isso, né? De polícia matar os outro por matar. A hora que eu comecei a chorar, na hora eu pedi, pensei em Jesus e falei alto, falei assim: “Ai, Senhor Jesus, me ajuda!” Aí, quando eu falei “ai, Senhor Jesus, me ajuda” e o dono do bar foi e me deu uns tapão assim na nuca e me deu um chutão na bunda e falou assim: “Você sai daqui e não volta nunca mais.” Aí, eu saí. Aí, eu fui andando, andando, andando. Aí, eu não sabia pra onde que eu ia.

Shnaider - O que você tava sentindo, Marcelo?

Marcelo - Que eu tava perdido.

Shnaider - O que passava pela sua cabeça?

Marcelo - “Pra onde que eu vou agora? Se eu voltar pra casa...” Eu lembro que eu saí de lá correndo dos meus tio. Pra mim eles era o demônio em pessoa. Aí, eu não, não tinha lugar pra ir, tava assim: “Pra onde que eu vou?” Aí, de repente começou a vir uma voz, né? Que me acalmava até, sabe? Parecendo que ela tava conversando comigo. Falando que era pra mim acalmar e que tudo ia dar certo. Mas eu pensava: “Como? Pra onde que eu tenho que ir, pra onde que eu vou?” Aí, eu tinha que voltar, eu até pensei em voltar pra casa, né? Só que eu voltar pra casa eu tinha que passar naquele bar de novo, tinha que passar naquele lanchinho e eu não queria passar. Aí, eu pensei em dar a volta. Aí, eu dei a volta assim, subi assim. Ah! Não. Antes disso, lembrei, antes disso também eu tava passando assim e tinha uns caminhão, um caminhão de lixo parado. E os lixeiro tava parado comendo. Aí, eu lembro que eu parei assim e fiquei vendo eles comer assim, né? E ficava olhando. Aí, eles falavam assim: “O que que você quer? Você quer carona?” Aí, eu falei assim, só, mexia assim. Não falava mais nada. Aí, eles: “Não, não pode não, que não sei o que que tem...” Aí, tá. Aí, eu fui e continuei, dei a volta. Aí, quando eu dei a volta assim, mais na, eu não sei se eu dei volta demais, eu sei que tinha três lixeiro parado assim, sentado. Aí, eu acho que eles lembrou de mim, da hora que eu fiquei parado lá, olhando eles comer. Aí, eu, eu achava que um, um era o Júlio, um era o Rogério lá do Nacional e que um era o João. E eles tava cochichando sem graça com a minha cara, sabe? E assim, de verdade mesmo. Só que eu achava que era como se eu tivesse assim, fingindo que era eles. Como se tivesse dentro do corpo deles, na hora eu achava isso. Aí, eu parado assim, ficava olhando pra eles, né? Eu não lembro mais ou menos assim, faz tanto tempo. Mas eu lembro assim, mais ou menos o assunto que era. Aí, eu fui saindo assim, passei na porta do terminal. Aí, eu resolvi vim pela João Naves. Aí, eu vim pela João Naves, vim vindo, vim vindo, vim vindo. Aí, tinha, lá na João Naves de noite, né? Era mais de meia-noite ou uma 1 da manhã, não sei. Eu lembro que eu andei tanto. Aí, era cheio de assim, prostituta assim, né? Vendendo o corpo, até homossexual mesmo e tal. Aí, eles mexia e tal. Falava se eu não queria ir lá? E aí, eu ficava calado, né? Aí, eu, eu andando assim, de repente deu a sensação que eu tava no inferno mesmo. Parece que eu até sentia isso, gente do meu lado assim. Só que eu não via, eu sentia do meu lado assim, gente andando um pouco comigo. Só que eu não via nada. E eu pedindo pra Deus, pra me tirar de lá, daquele inferno. O que que tava acontecendo? Que eu não tava entendendo mais nada! Aí, deixa eu ver... Aí, eu fui andando assim. Aí, eu lembro que tinha um cara parado assim. E pra tudo eu queria achar

resposta, né? Pra ver se alguém me dava uma luz, pra o que tava acontecendo. Aí, só que eu não tinha voz, eu só ficava parado, ficava olhando pra pessoa. Aí, falava assim: “O que que você quer aqui? O que que você quer aqui? Isso aqui não é pra você não, sai daqui. Não sei o que que tem... Seu lugar é outro, sai daqui.” Eu lembro que ele falou assim, aí, eu saí, sabe? Aí, eu lembro que eu tava andando, andando, assim e passei na porta do... E nisso eu tava perto do Center Shopping. Aí, eu lembrei das amigas minhas, sabe? Que elas fuma escondida, né? Ninguém pode saber. E elas faz isso toda vez. Sabe, agora eles colocaram uma gradinha lá separando o Center Shopping do Carrefour. Só que antes, bem antes, na época não tinha aquelas gradinha. Elas ia lá nas gradinha assim, um lugar que elas fumava lá, pra ninguém ver. Aí, na hora, na hora eu pensava: “Nó...” Eu pensava que elas era o demônio também. De fazer eu ir lá, me levar pro mau caminho, né? Por causa do cigarro e tal. Tudo passava assim, qualquer bobeirinha passava na minha cabeça. Eu falava que ela não era minha amiga nada e tal. Que não sei o que que tem... Até pelo fato assim, dela ser uma amigona minha, sabe? Só que, só que tem, às vezes que assim, eu não concordo com ela assim. Já aconteceu uma vez da gente ir na Calorada, né? E tem uns amigo dela que eles assim, mexe com maconha, esses coisa assim e uma vez ela fumou. Eu ainda virei pra ela: “Isso aí?” Aí, ela virou pra mim e falou assim: “É.” E ainda virou pra mim: “Você quer?” E eu, falei: “Não.” Eu tava tentando falar pra ela não fazer aquilo, né? Só que ela fuma. Mas diz ela que maconha não é química, é natural. Que não vai viciar em coisa pior que isso. Aí, pelo fato de eu ainda ter lembrado isso, que eu pensei aquilo, sabe? Aí, tá. Aí, eu continuei andando mais assim. E aí, começou as voz de novo. Aí, sabe aquela que tem ali depois do Center Shopping? Tem uma pontinha ali, até que passar a Rondon debaixo. Aí, eu tava numa vontade de mijar, né? E aí, eu lembro que eu mijei de lá, lá pra dentro. E eu fui que nem uma criancinha. Na hora eu tinha virado uma criança. Que era cheio de buraquinho. Aí, eu mirava um pouquinho, parava. Ia em outro buraquinho, parava. ia em outro buraquinho. Fui até parar. E aí, os carro, uns que ia pra lá e outros vinha pra cá. Aí, uma voz falou assim pra mim, falava assim: “Tá vendo Marcelo, você tá se sentindo num inferno.” Aí, ela falou: “Assim, assim é o inferno: os carro andando pra lá era como se as pessoa tivesse indo pro inferno e os carro indo, voltando, indo pro lado da UFU, era como se os carro tivesse saindo do inferno, entendeu? E assim, assim é a vida , é uma contradição, as pessoas vão e volta.”

Shnaider - Você ouvia uma voz, Marcelo?

Marcelo - É tipo...

Shnaider - Que voz que era, voz de quem?

Marcelo - Eu não sei te explicar, era tipo uma coisa que fundia com meu pensamento. Mas não era eu que pensava aquilo. Entrava, sabe? Era, era uma voz, eu não sei te explicar, como é que era. Aí, eu fui andando assim. Aí, eu até pensei em procurar o prédio do Gabriel, sabe? Só que, graças a Deus, alguma coisa não deixou.

Shnaider - Por que o prédio dele era lá perto?

Marcelo - É, era ali perto, ali no Santa Maria, pra aqueles lado ali. Só que eu não sei que prédio que é. Eu só sei que ele mora num prédio, mas ali são tantos. Aí, eu andei assim, eu querendo achar a minha casa, entendeu? De repente eu pensei que pelo fato de Deus ter falado isso, eu tinha passado da ponte, então quer dizer que eu tinha saído do inferno. Aí, eu queria encontrar a minha casa, né? Encontrar um lar, uma casa, mas cadê? Aí, eu tinha achado que a minha vida inteira eu morava era com demônios , né? Na minha cabeça só passava isso só. Aí, eu lembro que tinha uma casa que tinha um povo festejando, né? Até engraçado, né? Que aconteceu isso, porque a primeira vez que eu entrei na ACS (eu só fiz três treinamento e depois eu adoeci, que me aconteceu isso), eu entrei lá e tinha, era assim, era PA. Eu entrei no projeto da PA e na PA tinha a ATL e a TESS. Só que meu nome, na verdade, tava na ATL. Só que tava uma correria danada na hora lá e o povo falava assim: “Não, a ATL era lá em cima, a TESS é lá embaixo.” E o povo não explicava nada com nada.

Aí, só que antes do treinamento, o guarda falou assim pra gente: “Ó, caso uma pessoa que é do projeto PA entrar dentro da TIM, tá demitido porque eles são concorrente, né?” E aí, ele falava assim: “Ó, é sala três, lá em cima.” Aí, eu fui e entrei lá dentro. Só que aí, lá em cima tem várias sala três, não me explicaram que sala três que era. Aí, eu lembro que eu entrei assim numa sala, né? Aí, eu até lembro que eu encontrei com um amigo meu que tava lá dentro. Aí, eu falei: “Bom?” Aí, ele falou: “Você quer pra ATL, né? Aí, ele falou assim: “Não, você tá doido? Isso aqui é TIM. Aí, eu falei: “O quê?” E eu tava lá no departamento da TIM. E eu falei: “Nossa, que eu faço agora?” Porque eu tava com um crachá e crachá lá identifica em qualquer lugar que você tá. Você passa numa roleta e um computador mostra em qualquer lugar que você tá. E eu falei: “Nossa, me ajuda! Meu treinamento começa tantas horas, não sei agora o que que eu faço, não sei aonde é que é.” Aí, ele: “Não, pergunta pra recepcionista.” Aí, eu fui lá pra recepcionista e ela não sabia me informar. Aí, eu desci lá embaixo e falei: “Senhor, onde tá o povo da ATL?” Aí, o cara falou assim: “Não, o povo da ATL é lá embaixo.” Aí, eu desci lá embaixo. Só que lá embaixo era o povo da TESS e pra mim era ATL e eu entrei. Aí, eu entrei assim, a sala tava muito apertada. Aí, ela pegou e falou assim: “Nó, mais um?” Eu falei: “Não, mandaram eu vim aqui pra sala aqui pra baixo.” Aí, eu entrei. Só que não era lá. Na verdade era na ATL. Aí, tal.

Aí, depois, só pra você entender, né? Quando eu entrei, assim, cheguei que tava uma casa o povo festejando, aí, eu apertei a campainha. Tava um povo rindo, tava uma harmonia tão grande lá dentro assim. Aí, veio um carinha, até o cara estudava lá no Bueno. Eu lembro dele lá no Bueno, só que eu nunca conversei com ele não. Um moreninho, assim, até parece comigo mesmo. Aí, ele abriu a porta assim e eu não falava nada. Ele falava: “Bom?” E eu: “Bom!” Ele falava assim: “Entra.” Difícil isso, né? A pessoa nunca me conheceu na vida assim e foi pegando no meu braço e foi me levando assim. Aí, eu passei na sala e ele tava com umas pessoa de idade já, tipo os pais assim. E aí, falaram: “Ah, seja bem-vindo e tal, e tal...” Aí, foi me levando assim pra casa assim e lá pra área eu vi um tantão de casazinho assim de namorado. Aí, eu me senti meio rejeitado, assim, por que, né? Pelo fato de todo mundo estar com alguém. Aí, eu olhava assim... Aí, eles pegaram e falaram assim: “É que eu acho que você enganou de casa.” Ele falou assim. Olha que coisa mais doida, né? Ele me fazer entrar lá dentro assim. Só que eu não falava nada, nada, nada. Eu tava parecendo um zumbi, assim, vagando. Aí, ele deve ter pensado: “Olha, ou esse cara, ou ele deve tá sonâmbulo ou drogado. Qualquer coisa assim. Aí, ele me pegou no braço e falou assim: “Não, eu acho que você errou de casa.” Aí, pegou no meu braço assim e foi me tirando assim de novo. Aí, ele falou assim: “Aqui é a TIM.” Eu escutei ele falar. Sério! Eu escutei ele falar: “Aqui é a TIM.” Aí, eu lembrei lá daquele rolo que aconteceu lá na ACS, né? Sério, isso aconteceu mesmo, assim. Aí, depois eu sai. Aí, eu entrei num (inaudível). Eu meio encucado em achar o edifício era do Gabriel. Aí, só que o edifício chamava João não sei o que lá. João era um cara do colegial, ele me detestava, sabe? Eu nunca fiz nada pra ele, só que eu sentia que ele não ia com a minha cara. Nunca que ele foi com a minha cara e eu não sei porquê. Aí, eu lembrei dele. Aí, eu falei: “Não, então não é aqui e tal.” Aí, tinha um outro edifício, assim, um predinho. Não era bem um edifício, era um predinho normal assim, pequeno. Só que tinha mais ou menos uns, 2, 3, 4, 4 andares assim, mais ou menos. Aí, eu lembro que tava assim, 3. Aí, eu apertei a campainha 3, porque eu lembro do Thiago ter falado assim que o Gabriel morava no 3º andar. Aí, eu cheguei a apertar o três. Só que ninguém respondia, mas já era madrugada já, né? Acordei o povo, vai ver. Aí, eu fui, desisti, sai. Aí, quando eu olhei lá pra trás, uma, acendeu uma luz lá. Vai ver que era nesse andar que eu apertei, essa campainha. Aí, eu continuei andando, andando, andando e sem saber, né? Se eu voltava pra casa mesmo. Isso, eu já tava indo quase pra minha casa já. Aí, uma hora eu, eu cheguei assim... Ah! Lembrei. Aí, tem o Caldo da Dona Maria. Dona Maria, não sei se você já ouviu falar. É ali pertinho de casa. Aí, eu entrei nele e a moça, mora lá perto de casa, ela trabalha lá. Uma, uma senhora. Aí, ela, ela

pegou, eu lembro que ela falou assim (inaudível) Aí, eu não entendi porque “já é o Marcelo já.” Por quê? Será que eu fui uma outra pessoa ou tava uma outra pessoa dentro de mim. Eu entendi isso. Eu não entendi nada. Aí, eu só lembro que eu sentei lá e ficava vendo televisão e tal. Aí, o povo falou assim: “Nossa, a gente já fechou o expediente, tá fechando o expediente da gente.” O cara falou com a maior educação. Aí, eu não respondia nada. Aí, eu fui e sai. Aí, eu lembro que eu cheguei, fui andando assim e tinha um, tinha um predinho e tinha umas, sabe aquelas pedrinha branca? Pedrinha branca, que eles coloca assim na porta, de enfeite, sei lá? Aí, eu lembro que eu peguei 7 pedrinha. Eu peguei 7 numa mão e 7 na outra e fiquei com 7 pedrinha, assim. Aí, eu fui andando, andando, andando, andando. Aí, mais na frente, nesse mesmo quarteirão do Caldo da Dona Maria assim, tem escrito “Marcelo” de letra gorda assim, sabe? Assim, Marcelo assim, grandão. Aí, eu peguei e coloquei uma pedrinha branca em cada letra. Aí, engraçado, que Marcelo tem 7 letra né? Aí, foi as pedrinha de uma mão. Aí, eu fiquei com as outras 7. Aí, eu fui e dividi essas pedrinha. Era como se branca... porque eu lembrei de paz, Deus, né?

Shnaider - E o que passou pela sua cabeça, o que que você lembra, quando você viu “Marcelo?”

Marcelo - Não, não sei. Assim, é meu nome, né? Aí, eu fui e coloquei essas pedrinha, mas querendo dizer que eu ia tipo me iluminar, né? Porque as pedrinha era branca, né?

Shnaider - Mas seu nome, assim, lembra o que pra você?

Marcelo - Uai! Lembra eu, né? Minha pessoa, né? Claro que tem vários Marcelo por aí. Mas, na hora, eu identifiquei comigo. Aí, eu continuei andando assim e tinha um cara com uma espingarda, né? Era um predinho em construção, então era o guarda da construção. Só que de uma hora pra outra eu pensei que ele era um amigo do meu pai, né? E aí, tudo, tudo pra mim, todo mundo era louco ou era ruim na história pra mim. Aí, eu lembro que eu cheguei mais lá longe e peguei uma pedrinha branca e joguei no chão com tudo assim. Que aí, eu joguei foi no chão e sai correndo. Aí, eu fui, dei a volta assim. Chegou na Praça São Pedro, assim, lá na igreja, lá perto de casa já. Aí, eu acho que uma pedrinha eu joguei na igreja, não sei. Acho que eu joguei uma pedrinha perto da igreja. Aí, eu continuei andando. Aí, eu parei na porta de casa já. Aí, eu não sabia se eu entrava, se eu ficava.

Shnaider – Por que eram 7, Marcelo? Você acha que tinha 7 letras no seu nome...

Marcelo - É, coincidiu.

Shnaider - É, o que coincidiu? Passa alguma coisa na sua cabeça?

Marcelo - Eu não sei, talvez até podia até passar, no sentido porque que eu peguei 7 numa e 7 noutra, só que eu não lembro. Aí, eu cheguei na porta de casa, eu pensei, né? Ah! E uma coisa me falava assim: “Não, ainda tá de noite. Se tá de noite é porque eu ainda tô no inferno. Então, será que eu tenho que esperar amanhecer pra mim entrar lá dentro?” Isso passava na minha cabeça.

Shnaider - Fazia muitas hora que você tava andando!

Marcelo - Fazia. Eu acho que eu cheguei em casa era umas 3 horas da manhã.

Shnaider - E você saiu eram quantas horas, você tinha idéia?

Marcelo - Eu sai de manhã, né?

Shnaider - É?

Marcelo - Depois eu voltei. E depois de tarde, não de noite, eu sai. Eu saí era umas 7 horas da noite eu acho.

Shnaider - Você andou todo esse tempo sem descansar, parar?

Marcelo - Tudo, tudo, tudo. Não, eu só sentei lá no Caldo da Dona Maria só, né? Na mesma hora eu já levantei porque eles falaram assim, que tinha encerrado o expediente já.

Shnaider - O que você sentia no corpo, Marcelo?

Marcelo - Ah, eu tava, eu tava acabado.

Shnaider - É?

Marcelo - Parecia, parecia mesmo que eu tava morto, eu tava sentindo tudo dolorido, o corpo inteiro, de tanto andar.

Shnaider - Se sentindo morto? Conta assim mais, como é que é essa sensação?

Marcelo - É. Porque eu, pra mim eu tava no inferno, né? Se eu tivesse no inferno, então, eu só podia ter morrido, sei lá. Eu queria achar uma resposta pra aquilo tudo, pra aqueles sofrimentos tudo que eu já passei na vida. Assim, pelo fato de ser o que eu sou, sabe? É difícil! Eu não sei te explicar, é tanta coisa. Assim, eu tô te contando, assim a partir, mais ou menos dessa história que... Que a minha infância toda, assim, sabe? Foi, foi muito sofrida, assim pelo fato de, sabe? Não sei te explicar. Aí, eu tava parado lá na porta de casa e eu, eu não sabia se eu ia, se eu voltava. Aí, eu lembro que eu até peguei uma pedrinha, fiquei jogando pra cima, brincando com ela, jogando pra cima e pegava. Só que eu não deixava cair não. Ah! Tá. Aí, eu não sei se eu lembrei de comentar que lá em casa, que lá em casa tem 2 casa né? A da frente é a que minha tia morava lá e tal. Aí, tava construindo uma casa lá, uma casa não, reformando a casa da frente e o primo do meu pai, que tava, tava começando a implicar comigo. Eu acho que eu cheguei a comentar, ou não?

Shnaider - É um do cachorrinho? Quem foi que tava implicando com o seu cachorrinho?

Marcelo - Era o meu tio, não.

Shnaider - Não, esse você não falou.

Marcelo - Pois é. Ele começava a me implicar, eu acho. Eu não sei se é porque ele queria que eu ia ajudar lá na construção. Só que era, era a época que eu tava estudando. Eu fazia cursinho, então, eu tinha que estudar. E foi o vestibular que eu mais, foi o último vestibular que eu fiz. Eu acho que ele implicava, sabe? E aí, eu lembro que eu cheguei assim, olhava aquela casa assim. E todo mundo falava que aquela casa tava com alguma coisa. Que aquela casa não ia pra frente, que não sei o que que tem... Aí, eu lembro que eu peguei uma pedrinha branca e joguei com a maior força no vidro da casa lá. Lá da minha casa dava pra jogar, né? E aí, eu não sei, eu acho que quebrou, chegou a quebrar. Eu vi que a pedra passou pra dentro da casa. Aí, eu lembro que eu, que eu cheguei assim, entrei. E aí, a minha mãe já chegou lá na porta e assustada, né? E preocupada e falou: “Marcelo e tal...” Só que eu não, eu não lembro o que que ela tinha falado. Aí, eu lembro que ela veio me abraçou assim. Aí, eu fui lá pra cachorra também. Ah! E lembrei também uma coisa que me falava também. Falava assim, sobre cachorro. O povo falava assim que o cachorro é o melhor amigo do homem, só que cachorro não é o melhor amigo do homem, o cachorro é o melhor amigo do dono porque no outro ele morde, né? Aí, eu, eu lembro que eu vi minha cachorra lá, na verdade era do meu pai. Aí, eu peguei uma pedrinha joguei lá dentro do canil dela. Assim, querendo dizer que aonde eu jogava aquelas pedrinha ia tipo, acabar o mau, sabe? Eu achava, aquelas, aquelas pedrinha era como se fosse um, tivesse algum poder na minha mão assim. Aí, as pedrinha já tava acabando, devia ter umas 3, eu acho. Aí, eu lembro (inaudível) pra minha mãe: “Toma aqui essa pedrinha pra senhora, né? Ela pegou assim na mão dela e ela não deve ter entendido porquê. Mas eu tava querendo dizer que se ela fosse um demônio aquela pedrinha... Aí, eu entrei assim dentro da casa e achei a casa estranha, né? Aí, eu tava sentindo falta de uma coisa, mas eu não sabia o que que era e era do meu pai, né? Aí, eu lembrei do meu pai, falei assim: “Cadê meu pai?” Eu lembro que a cama dele tava toda arrumadinha e tal. Não tinha nem colocado travesseiro nem nada, virol essas coisa assim. Aí, eu pensei: “Será que ele morreu?” Na hora eu eu não podia pensar que ele tava era me procurando na rua. Aí, de repente, foi a minha mãe arrumando a minha cama, ainda falou assim: “Não, é melhor você ir dormir, Marcelo e tal, que não sei o que que tem...” Aí, chegou meu pai e meu primo, né? Ele trabalha num moto táxi. Meu pai tava com ele, andando pelo Uberlândia a fora procurando. Aí, ele já chegou. Só que eles foram e trancaram a porta.

Shnaider - Do seu quarto?

Marcelo - Não.

Shnaider - Da casa?

Marcelo - É. lá da cozinha. Tem a da sala e a da cozinha. Só que a da sala é sempre trancada, foi a da cozinha mesmo. E aí, aquilo me... (inaudível) “Ah, por que que eles trancaram? Então, vai me prender de novo. Então, eu não podia ter entrado aqui dentro.” Eu pensei. Aí, eu já virei um monstro já. E já xingava eles já, de demônio, que não sei o que que tem. Que eles não ia conseguir me prender lá dentro, que eu ia consegui sair de todo jeito... E sabe? Aí, de repente quando eu vi. O que que eu fiz com o negócio do telefone? Ah! Eu lembro do telefone também. Eu estranho, né? Estranho, né? Engraçado você falar pelo telefone e sua voz sair lá. Pode até sair até lá do outro lado do mundo, como é que pode uma coisa dessa, né? Sendo que eu não tô lá? Através dos fios e tal, passa a minha voz. Eu achava que isso era coisa de demônio. Que não tem como. Ou então, é tipo uma tapeação. Tipo assim, eu tô conversando com você por telefone, mas na verdade não sou eu que tô conversando com você, entendeu? Na hora me passava isso pela cabeça. A televisão também. Começava a me passar isso tudo. Tipo você ver novela, você tá vendo lá os artista lá, mas ao mesmo tempo eles não tá lá. Eles tá na casa deles. Mas como que eles pode se você vê eles lá direitinho lá, assim? Como é que pode uma coisa com a outra assim? Isso tudo me passava na cabeça. Isso era tudo coisa de, que não, que não era ele. Era tipo espírito ruim ou alguma coisa assim. Aí, eu lembro que chegou uma prima minha que, na verdade, ela é minha madrinha, mais o marido dela. E aí, eu xingava eles tudo. E aí, eu lembro que o primo meu que tava lá de fora, na porta, na porta trancado, do lado da porta, do lado de fora, trancado, querendo dizer que ele, né? Se acaso eu conseguisse passar, ele tava lá pra não deixar eu passar. Eu tava me sentindo como um preso mesmo, sabe? E aí, de repente, eu olhei no olho da minha mãe e o olho dela, eu via diferente. Eu via no meio do olho dela, eu via tipo um rajadinho. E assim, é igualzinho o olho do Gabriel, não do Gabriel, o Gabriel que era namorado do Joaquim. Aí, uma hora eu pensei que era ele. Só que tava lá no corpo da minha mãe ou, ao mesmo tempo, era ela. Pensei (inaudível) só que quando eu via ele era ele e quando eu via minha mãe era a minha mãe, entendeu? Quando, ao mesmo tempo, todas as pessoas que eu conhecia, como se fosse poucas pessoa, mas era como se elas pudessem mudar de corpo, se transformar em outras pessoas. Aí, eu chamava ela de Gabriel. Falava que ela era o Gabriel, namorado do Joaquim, que não sei o que que tem... Chamava ele de Gabriel e que... Xingava. Eu sei que eu falava tanta coisa, só que eu não lembro, foi muita coisa. Eu fiquei um tempão batendo boca lá dentro. Aí, eles devem ter pensado: “É, o Marcelo não tá normal mesmo não, né? A gente vai ter que internar ele.” Sei lá. Aí, nisso eu lembro que eu fui lá pro quarto, assim, deles e tinha, sabe aquela Santa Nossa Senhora, que fica dentro de uma gruta? Uma imagem numa gruta, assim, uma gruta assim e tal? Aí, eu lembro que eu vi ela assim e falei assim: “Pra que que aquela Santa tá presa dentro daquela gruta? Por que que vocês prenderam ela lá dentro?” Aí, eu xingava eles. Aí, eu lembro que eu peguei o negocinho e joguei no chão com tudo. E “paf”, quebrou assim. Só que aí, eu fui e peguei a santinha, né? Só, ela. Ela era petitinha assim, mas ou menos desse tamanho assim. E fiquei com ela na minha mão. Aí, eu, eu tentando sair daquilo, tentando dar um jeito de sair de casa. Só que tava tudo trancado, não tinha jeito. Graças a Deus... eu podia até pensar em pegar uma faca e matar eles tudo, né? Só que em nenhum momento veio isso, graças a Deus. Porque pra mim eles era o demônio em pessoa, podia fazer qualquer coisa pra mim revidar contra eles.

Shnaider - Você pensava que eles fariam o que com você?

Marcelo - Me prender. Era como se eu tivesse alguma coisa que, que eles não, não queriam, entendeu? Eu não sei te explicar. Pelo fato das coisa que eu escutava, era como se eu tivesse uma coisa que, que eles tinha que me prender, eles não podiam me deixar solto.

Shnaider - Todo tempo tinha uma voz falando com você?

Marcelo - Às vezes, nem todo momento. Aí, eu não, eu não lembro. Sei que tinha, tinha uma hora que eu fui pra cima, sabe? Eu pensei em pelo menos tentar despistar deles. Aí, eu falei: “Não, deixa. Eu vou na onda deles, eu vou tentar. Só que eu lembro que quando eu tentei, de repente, já chegou um cara lá de uma hora pra outra. Eu nunca vi esse cara na vida. E assustei com aquilo, né? Aí, eu falei: “Uai, eles me enganaram, né?” Aí, de repente, chegou dois policial. Aí, na mesma hora eu pensei: “Uai, por que dois policial, será que foi por causa daquele dia lá no Banco do Brasil, eu tentei entrar dentro do Banco do Brasil e agora vão me prender? Ou por causa do terminal central, né?” Aí, eu lembro que, que de repente me deu uma coisa dentro de mim que ninguém conseguia me segurar. Juntava meu pai, juntava minha mãe, juntava meu primo, juntava esses policial e ninguém conseguia. Eles tentava até me pegar, mas eu dava um jeito que eu conseguia tirar eles. Aí, foi indo, juntou todo mundo e foi me levando e eu xingava esse povo. Ah! Não, lembrei. Eu, eu fui porque tinha um policial que ele era, ele era tipo como se fosse o Gabriel, sabe? Aa cor do Gabriel, o cabelo do Gabriel. Ele usava óculos ainda. E aí, uma hora ele me olhou assim e era como se Deus tivesse me mostrando uma luz, entendeu? “Não, pode ir que vai dar tudo certo.” Aí, eu meio que me acalmei assim, sabe? Só que mesmo assim eu ainda tava meio, meio que reagindo ainda, não, não querendo ir. Outra coisa também, que eu não te contei, que eu lembrei. Tem um atrás, assim, o dia, o dia que eu, o dia que eu, antes de eu sair, pra, pra rua, quando eles ia me levar pro médico, eu fugi do táxi. Eu lembro que eu levantei da cama e eu só tava com o virol só, não tinha nada lá. Só o virol tampando tudo assim. E a minha mãe assim, assim na cama dela e eu comecei a conversar com ela sobre a dinâmica lá na ACS. E naquele dia eu tinha treinamento, né? O dia que eu surtei. Aí, lá na dinâmica da ACS era assim: tinha explodido a guerra, acontecido aquela guerra lá no, não, como é que fala? Aquela época lá das torres gêmeas lá que explodiu e tal. Aí, perguntou, a psicóloga falou isso. A dinâmica é desse tipo, tinha explodido a... o negócio lá. Então, houve uma guerra por causa daquilo e o mundo inteiro acabou. E não tinha mais condição de viver aqui. Aí, ela só tinha uma nave e nessa nave só cabia ela e mais duas pessoa. E pra, e tinha um cantinho lá na Lua e que ela só podia levar ela e mais duas pessoas. Aí, a gente ia tentar convencer a levar a gente. Aí, só que era pra dar uma qualidade pra cada uma pessoa. Aí, a gente tinha que tentar convencer ela a levar a gente. Comentando com outra pessoa pra levar a gente, sabe? Aí, ela deu as qualidades. Era assassino, assassino, padeiro, eu lembro que eu fui, negócio de escola, como é que chama mesmo?

Shnaider - Professor?

Marcelo - Não, esqueci agora. Tem até um negócio na UFU, pra esse curso na UFU.

Shnaider - Pedagogo?

Marcelo - É, pedagogo. Eu saí pedagogo, eu lembro. Aí, tinha que convencer, tipo assim: vamos supor que você sai enfermeira, aí, tem que bater eu contra você. Você fala: “Não, ela tem que me levar porque eu sou enfermeira, se acaso ela der alguma doença eu posso cuidar dela e tal.” Aí, eu falo: “Não, mas eu tenho que ir porque...” Aí, eu tinha que argumentar, sabe? Porque eu era pedagogo, pra ensinar ela as coisas se acaso ela fosse uma analfabeta. E eu não tinha muito argumento assim, mas na hora lá eu consegui me virar. Só que nesse primeiro eu não passei. Nessa, nessa primeira eu não passei. Passou poucas pessoas. Eu lembro que eu passei na outra, 3 meses depois. Aí, eu lembro que eu ... Que quem passou nessa dinâmica foi a prostituta e o padre. Olha só que divergência, né? Era as duas pessoa que ela ia levar pra Lua. Aí, eu comentando isso com a minha mãe. Só que quando eu olhava na minha mãe lá na cama dela, eu não olhava, eu não via a minha mãe, eu via era o rosto do Gabriel. Sério! Não era bem o rosto dele nítido assim, mas era, era, eu lembro que era assim, uma imagem branca com óculos, cabelo meio castanho assim, um pouco meio castanho assim. E assim, tava, ela tava toda encolhidinha no cobertor. Então, só dava pra ver o rosto

assim. E eu, eu via o rosto dele. Eu conversava com ela, mas eu olhava, parecia que era ele. Aí, eu, eu olhava assim e ria. Pensei que era ele que tava o tempo todo ali, sabe? Eu não sei te explicar. Eu já tava, eu tava tendo alucinação também antes. Aí, depois coincidiu que aí, o guardinha parece com ele. Aí, eu peguei e falei assim: “ ah deve ser um sinal, alguma coisa assim.” Aí, nisso eu mais ou menos, eu fui, eu lembro que eu fui descendo a rampa e eles me segurando. Aí, chegou lá dentro eu vi um furgão. Assustei com aquele furgão lá. Aí, eles foram pra me prendendo à força assim e eu não queria entrar. Aí, o guarda, eu lembro que o guarda até me enforcou assim, pegou assim e enforcou. Eu dei uma olhada bem assim no olho dele e fiz uma cara bem séria. Na hora ele até me soltou. Eu não entendi aquilo, ele me soltou assim, só que foi indo eu resolvi entrar. Aí, eu entrei dentro. Aí, eu fui. Só que eu não tava entendendo nada.

Shnaider - Alguém falava alguma coisa pra você, Marcelo?

Marcelo - Não, eu não lembro se falar, sabe? Porque isso já tem mais de um ano, sabe? Eu não lembro se falar e eu não tava com cabeça mesmo na, na, no dia, né? Aí, eu só sei que, “Pronto! E agora pra onde que eles tão me levando?” Aí, me levaram pra, pra lá, assim, na Medicina. Todo mundo me segurando e me amarraram na maca e amarraram meu braço, meu, minhas perna, os dois braços, assim, sabe? Tava, tava tão, numa angústia tão grande! Não tava entendendo porque que eu tava amarrado e tal. “O que que tá acontecendo?” Aí, eu lembro que chegou uma enfermeira pra me dar tipo um sedativo, vai ver, né? Nos 2 braços, no esquerdo e no direito. E engraçado que eu não, não desmaiava nem nada. Eu ficava assim, ó um tempão, assim. Aí, até, teve uma coisa estranha e tal, sei lá. Eu não sei, de repente assim, me veio na cabeça assim que, que o mundo tinha realmente acabado, sabe? E, de repente, precisava de alguma coisa. Na hora eu cheguei a pensar isso, na hora assim. E aí, de repente eu senti que, pra você ver, de uma hora pra outra assim, uma pessoa passava pra outra. O João, sabe aquele professor do Nacional que eu falava que eu tinha um sentimentinho assim por ele? Assim, de repente parece que eu, que ele chegou. Só que ele não tava em pessoa assim, parece que era como se ele tivesse em espírito ali, sabe? E eu, eu senti ele deitando em cima de mim. Sério! Eu senti isso, assim. Eu, eu nunca transei na vida, assim. Mas eu senti, juro! Eu senti assim, sabe? De repente meu corpo ficou tão quente, ele queimava mesmo e eu sentia (inaudível). Eu não sei te explicar. Na maca. Só que eu ficava meio fechado. Eu sentia mesmo. Eu não sei te explicar. Foi o trem mais doido do mundo! Eu sentia mesmo. Assim, é tão esquisito falar. Aí, eu lembro que eles me levaram pra um, pra um, tava me levando pra um lugar e eu fingindo que tava desmaiado. Eu tava fingindo que eu tava desmaiado. Aí, de repente, eles me colocaram num, eu não sei se é tomografia que fala (inaudível) “Não, aqui tá apertado.” Eles devem ter pensado: “Não, mas como que pode, depois de tudo que a gente aplicou nele?” Isso também que eu acho diferente. Não é, pelo fato de eu não ter desmaiado, sabe? Era pra mim dopar mesmo, sabe? Era pra me deixar desmaiado mesmo. Aí, depois eu lembro que, depois disso eu já não, não podia, quando eu acordei, já tinha amanhecido. Eu já tava lá na, já preso lá dentro da psiquiatria mesmo, né? Aí, eu lembro que quando eu acordei eu vi minha prima. Aí, eu não sei se tava minha mãe ou meu pai. Aí, eu lembro que depois chegou um cara que tava lá, eu até achei estranho. Foi outra coincidência também. Chegou ele assim, ele tava internado lá. Aí, ele parou, sentou assim do meu lado assim, no chão, eu tava na maca, só que ele tava comendo alguma coisa. Eu não sei o que que era. Aí, ele pegou e falou assim: “É, não sei o que que tem... Foi difícil pegar o peixe, mas eu consegui.” Aí, ele pegou, fingindo que tava pegando o anzol, fazendo assim, né? Com a vara assim: “Aí, o peixe é pesado, é difícil mas eu fui lá. Eu fiz assim, eu fiz assim, eu fiz assim, mas eu consegui pegar o peixe e eu segurei o peixe.” Aí, na hora eu pensei que ele tava falando era sobre mim. Que conseguiu me prender lá dentro, que foi difícil mas conseguiu. Aí, eu pensei: “Nossa, então, né? me prenderam aqui mesmo e tal.” Aí, eu fiquei um tantão de tempo lá dentro. Fiquei mais ou menos uns dez dias lá dentro, sabe? Nos primeiros dias eu meio que não

aceitava meu pai, minha mãe. Eu não aceitava as visita, sabe? Eu fugia de todo mundo. Aí, aos poucos eu fui, sabe? Recobrando, assim, recordando, vendo que eu tive alguma coisa, algum surto. E eu queria sair de lá, mas o médico não me dava alta. E eu conversando assim, com o médico e ele: “Ah, esse cara tá normal.” Só que ele não me dava alta porque não tinha saído os resultado ainda, dos eletro. Aí, uma coisa também que me prejudicou: a vida inteira também eu falei pra minha mãe: “Mãe, isso aí ainda vai acabar dando problema.” É porque a minha mãe tem convênio, né? Porque ela é professora. E aí, a vida inteira, até os 21 ano eu sempre fiz exame, né? Eu, meu irmão, pra ver se tava tal, assim e tal... Aí, um primo meu tinha dado um problema uma vez. É, tinha dado uma convulsão, eu não sei qual que era a doença dele. Eu sei até que ele chegou a tomar Gardenal. Só que hoje ele tá de boa. É até aquele que eu te falei que passou pra administração e tal. E ele, e aí, minha mãe deixou ele consultar com o meu nome, como se ele fosse o Marcelo. Aí, ele fez exame e deu problema no eletro dele. E ficou esse arquivo lá na Medicina. É, tava lá dentro, o problema. Só que o médico não chegou a comentar isso. O médico só chegou a comentar isso depois que a gente saiu de lá, depois que eu sai de lá, quando ele marcou o retorno, né? Talvez, talvez até por isso que eles me prenderam muito tempo lá dentro, porque eu acho que eles viram que tinha algum problema, que eu tinha dado um problema lá antes, né? Eles queria tentar achar os motivo que eu tinha dado isso de novo, talvez.

Shnaider - Você falou que você dizia pra sua mãe que isso ia te dar problema?

Marcelo - Eu não sei se deu. Quer dizer, não deu. Talvez pelo fato de eu ter ficado muito tempo lá dentro, né? Não sei. Aí, depois que eu sai de lá que ele mostrou esse exame pra gente. Aí, eu peguei e falei assim: “Tá vendo mãe?” Falei assim pra ela, na frente do médico. Aí, minha mãe teve que falar a verdade: “Não doutor, isso aí é porque é um primo dele e tal, sobrinho meu, que fez exame no nome dele, foi até um erro meu.” Aí, ele escreveu lá assim, cancelado. Aí, eu até pensei: “Nó, que legal, né? Só precisou de eu, de eu passar de, de doidão, eu meio que ficar doido, pra chegar a alguma coisa que não era a verdade.” (Risos)

Shnaider - Como assim, Marcelo?

Marcelo - Assim, eu achei legal, né? Eu falei assim: “Pelo menos teve um, um sentido nessa história.”

Shnaider - Como é que é a frase que você falou?

Marcelo - Eu achei assim, né? Foi, até foi bom ter acontecido isso porque, pelo menos, tirou uma coisa que não era verdade, entendeu? Eu precisei entrar lá dentro como louco pra tirar uma coisa que não era verdade. Mas não meu primo que ficou louco, ele só deu um problema.

Shnaider - Não, eu entendi. Mas, você tá falando da sua condição, porque aconteceu essas coisas?

Marcelo - É, assim eu achei legal. Por que tirou isso, entendeu? Eu não sabia, eu não sabia que ele tinha feito exame. Assim, que ele fez exame eu tinha sabido, mas eu não sabia que ficou arquivado lá na Medicina. Porque esse negócio foi pelo convênio, né? E meu nome, “Marcelo Souza do Carmo”, né? Aí, tirou, e eu achei legal, né? Porque aí, eu falei: “Nó, bom, né?”

Shnaider - Pois é, você tá falando isso, mas agora mesmo também você disse que muito antes dessa história com o Gabriel, você tava pensando “quem que você era?” Você pensava nisso?

Marcelo - É, pelo fato assim de espiritismo, entendeu? Tipo assim, eu não sei se você acredita. Eu também não sei se eu acredito mais, eu já acreditei, eu já cheguei a acreditar muito, muito, muito, muito, muito. Igual na encarnação passada eu era da Espanha, eu era o toureiro e tal, eu era muito mulherengo e trai meu melhor amigo com a noiva dele. A médium lá do centro, disse que ele tá desencarnado e descobriu aonde eu estou, no momento. Que agora, aqui, sou eu, e tal. E ele tá me seguindo pra me prejudicar. Que ele fica do meu lado o

tempo inteiro pra me prejudicar. Eu não sei. Mas, ao mesmo tempo que eu fui aquele toureiro, agora eu sou o Marcelo agora, no momento agora, operador de Telemarketing, entendeu? É a mesma pessoa, só que a gente vem evoluindo, entendeu? O que você faz numa vida de errado, você volta pra resgatar. E assim é a vida, uma evolução, você vem e volta, vem e volta, vem e volta, pra evoluir seus erros. Aí, você vai evoluir seus erros, melhorar, aprimorar, entendeu?

Shnaider - Tá,. Pois é, mas antes dela ter te dito isso, você também ficava pensando o que você era, assim?

Marcelo – Também. Engraçado que a vida inteira eu, eu sempre acreditei nesse negócio de vidas passadas e nunca tinha ido num centro espírita. A vida inteira assim eu acreditava nisso.

Shnaider - Como que você pensava nisso antes de você ir lá e conversar. Como é que foi?

Marcelo - Eu não sei. Eu acho que pelo fato assim, também do sonho da minha mãe, entendeu? Eu já te falei daquele sonho dela?

Shnaider - Já, mas se você quiser falar de novo hoje. Acho que é legal, eu me lembro de você contar.

Marcelo - Então, é porque assim. Minha mãe, muito tempo quando a mãe dela morreu, eu só tinha uns 42 dias de vida e ela morreu e minha mãe deu depressão. Minha mãe acabou, a vida dela acabou. Ela não tinha cabeça pra nada, sabe? Acabou. Aí, ela foi e pediu pra uma tia minha lá do Prata criar eu e meu irmão, por uns tempo. Ficar lá por uns tempo. Só que, mas a gente ficou mais ou menos 1 mês, 1 mês e meio, eu nem sei. Depois, pode até perguntar pra minha mãe quanto tempo foi. E aí, um dia a minha mãe sonhou com a mãe dela. Só que era, foi um sonho tão real, parece que ela tava vendo a mãe dela de verdade. Só que foi um sonho, sabe? Ela , ela falou assim: “Minha filha!” Ela tava, minha mãe falou assim, que ela tava toda encharcada. E aí, ela falou assim: “Por que que a senhora tá toda molhada desse jeito?” Aí, ela falou: “Não, minha filha, isso aqui são suas lágrimas, não sei o que que tem...” Aí, ela: “Não, entra. Vamos tomar uma xícara de café lá.” Ela falou: “Não, eu não sou mais desse mundo, você tem que conformar.” Aí, ela falou que ela tinha que viver a vida dela e que pra provar, pra provar que aquilo lá era um sonho, mas só que ao mesmo tempo ela foi lá em nome de Deus, sabe? Era uma, uma prova ... Quando ela acordasse era pra ela pegar o primeiro ônibus e ir lá pro Prata buscar os filho dela. Porque ela que era mãe, ela que tinha que criar a gente, que a gente precisava dela. E pra provar que aquilo era real, era um sonho, mas ela veio em nome de Deus, ela sempre repetia isso, em nome de Deus, ela falou assim: “O Marcelo ganhou um macacão lindo da madrinha dele, um macacão amarelo.” Aí, minha mãe acordou. Aí, ela já aprontou e correu pra rodoviária, pegou o primeiro ônibus e foi. Aí, quando ela chegou lá no Prata, a minha tia até assustou, né? Que ela não sabia que ela ia chegar lá, ia lá buscar eu, nem nada. Aí, depois ela, minha tia, falou assim: “Vem cá. E eu quero te mostrar um presente que a madrinha do Marcelo deu pra ele.” Minha mãe nem chegou a comentar nada, né? Ela não deixou falar nada mesmo. Aí, quando ela chegou, era um macacão amarelo. E sabe, desde que a minha mãe contou isso pra mim, sabe? A vida inteira eu acreditei muito em Deus, tive muito fé em Deus, a vida inteira, por causa desse sonho, sabe?

Shnaider - Pois é, mas que sentido que faz assim, dentro dessa pergunta que você disse que sempre fez pra você...

Marcelo – Não. Eu não sei. Porque eu acho tão injusto.

Shnaider - O quê?

Marcelo - De eu ser assim. Eu queria ser normal, sabe? Eu queria poder sentir atração por mulher. Ter uma namorada, sair por aí, abraçado e tal, como todo mundo faz, mas eu não sou desse jeito. E também pelo fato assim, se pelo menos eu tivesse um namorado,

entendeu? Mas a vida inteira eu, só uma decepção atrás da outra. Eu só me interesso por pessoas erradas. É isso que eu não aceito e talvez, pelo menos, uma coisa com a outra bate. Se na outra vida eu fui mulherengo demais, nessa vida hoje eu sou o quê? Eu não tenho ninguém e eu sofro por causa disso. E geralmente as pessoas mulherengo demais, ela machuca o coração das pessoas. Tipo, um cara bonito demais, um garanhão aí. Hoje tá com uma fulana de tal, vai ali, barulha ela, vai pra cama e tal. Aí, depois, nem lembra dela mais. Ela, do lado dele assim, como se ele tiver com outra, nem lembra mais, sabe? Machuca o coração de todo mundo. Então, eu acho que pra resgatar esse erro, talvez eu tinha que vir assim como homossexual e sofrer. Não sei se eu vou ter que sofrer a vida inteira. Porque depende da minha parte também. Eu sei o lugar onde eu tenho que ir, sabe? Só que, ao mesmo tempo, eu também sou fechado. Eu acho que eu ainda, muitas pessoas sabe, mas eu ainda estou dentro do armário ainda. Não que, que eu vou desmunhecar tudo. Que eu sempre vou ser a pessoa do jeito que eu sou, sabe? Eu não vou falar que, que eu, assim, se a pessoa prestar bastante atenção em mim, ela desconfia na boa, que eu sou isso.

Shnaider - Como que ela desconfia, Marcelo?

Marcelo - Uai, eu não sei. Às vezes depende do jeito que eu conversar, da pra notar que eu sou.

Shnaider -É, você acha?

Marcelo - Eu acho.

### **5ª Entrevista com Marcelo – 04/10/2004**

Shnaider - E aí, aí, aí essa foi a segunda vez que você ficou em surto, e depois?

Marcelo – Aí, depois, eu lembro que eu tava lá na, lá na ponte ainda e tal, aí uma moça me perguntou as horas, ela falou: “Quantas horas que é?” Aí, eu falei: “2:03h.” Isso era 2:03h, agora que eu lembrei, 2:03h. Aí, antes disso, eu lembro que lá na Fernanda, um

dia que eu tava com a Fernanda e a Flávia, numa praça ali e um cara de repente começou, chegou, sabe? A gente até ficou meio assim, meio com medo, porque, sabe aquelas pessoas que tem jeito de mala? E, de repente, ele começou a vim com uns papo, com uns assunto, que ele já foi traficante, que ele já foi não sei o que lá, não sei o que lá.

Shnaider - Tava conversando com vocês?

Marcelo - É, ele só pediu um cigarro pras menina só. E aí, de repente, ele sentou e ficou lá, sentado conversando com a gente, na praça, um tempão. Ee falando que foi traficante, que não sei o que que tem, que não sei o que que tem e tal. E aí, ele, de repente, ele começou a falar não sei o que lá, de maçon, só que ele falava “maçônico”, dava vontade até de rir, só que tinha que segurar, né? ele falava assim: “Você sabe o que que é maçônico?” Ele falava desse jeito. Ele tinha um jeito de falar engraçado e aí, ele falava um negócio de ímpar, um negócio não sei o que lá, que a banda era número ímpar, e eu não sei. Eu acho, eu não, não sei esse negócio de maçon, esse negócio de maçon tem, a maioria do povo fala que é negócio de demônio, a maioria do povo fala, que não é coisa de Deus, que é tipo uma, uma seita, sabe? Que o povo tá lá naquela religião pra ganhar dinheiro, pra vender a alma pro diabo. Um tanto de gente fala isso. E ele falava que é pra isso que tem que ser número ímpar. Aí, eu tinha falado pra mulher que era 2:03h, aí, eu terminei com 3. Aí, eu continuando: “Não, não é 2:03h.” Porque eu lembrei disso na hora, entendeu, pra terminar com o número 2, o número 2 é par, aí que bobeira, né? Tá vendo a... Nesses ponto a minha cabeça tá meio fraca mesmo, eu não sei, na hora me, achou que eu tinha que falar número par porque ele tinha falado aquilo e desde quando eu falava das, das pessoas, dos tipo, o tipo das pessoas, que, que, sabe? Que são assim, alguma coisa assim, tipo assim, egoísta, vários, assim, de, de pessoas egoístas, sabe? Que tem. Geralmente passava as pessoas elas me olhava com uma cara assim, sabe? Tipo que elas tava assustada, era como se eu tivesse ali e tudo o que eu pensava tava todo mundo vendo meu pensamento e parece que elas ficava com a consciência pesada e, aí, eu olhava assim. Isso já tava quase desabando já, caindo de chuva já, mesmo assim, eu tava lá na ponte, eu fiquei ali um tempão.

Shnaider - Ficou debaixo de chuva?

Marcelo - Não, na hora não. Um tempão fiquei lá, fiquei, fiquei, fiquei, fiquei, aí, de repente, começou a pingar e eu tava de boa. Aí, de repente, Deus me falava que, que ia, sabe? Que falava assim, é, falava assim: “Marcelo, o que que você acha se o mundo acabar agora?”

Shnaider - Aí, essa voz, você tinha percebido que era a voz de Deus?

Marcelo - Eu achava.

Shnaider - Mas essa voz era diferente das outras?

Marcelo - Não. Era, era a mesma.

Shnaider - Era a mesma. Eu não, eu não sei te explicar se era bem uma voz, era uma coisa que eu não consigo explicar, sabe? Parece que falava comigo, tipo, por pensamento, entendeu? Eu não sei te explicar, parecia que era uma voz, mas ao mesmo tempo não era. Aí, falava assim, o que que você acha se o mundo acabar agora?” Sabe? Eu falava, eu pensava: “Por mim, de boa!” Entendeu? Porque eu, eu sei dos meus atos, meus atos pelo menos eu domino pra falar. E aí, quando, aí, eu lembro que quando eu, eu pensei assim, eu lembro que o povo que passava tava tão assustado, eles passava e me olhava com uma cara tão assustada pra mim, sabe? E tava dando na cara mesmo que tava acontecendo aquilo, era como se, se Deus tivesse baixado na Terra e tava conversando comigo e todo mundo tava ouvindo nossa conversa e cada um tava, tava com medo do que podia acontecer dali pra frente. Aí, eu pensei: “Nossa! E agora? Eu não sei se eu vou embora, se eu continuo aqui.” E aí, nisso já começou a meio que chover. Só um pouquinho, aí nisso eu vim aqui pro terminal, aí, eu entrei lá dentro, desci lá embaixo, paguei a passagem, aí, eu fui lá pro ponto do 115. Aí,

antes, antes quando era, agora mudou de ponto, né? O 115, agora ele é no meio da plataforma, antes ele era na ponta, lá, antes, na, na época quando eu encontrava com o Gabriel, quando eu estudava no colegial, lá na, no, no, na ponta. Aí, eu fui lá pra ponta por causa disso, aí, eu ficava lá olhando, né? Aquela plataforma lá assim e pensando as coisa que já aconteceu, né? E aí, falaram comigo, Deus falava assim, falava assim: “É, você tem que, é, seguir a sua vida, sabe? O que passou, passou.” Uma coisa assim. Aí, eu lá, eu comecei a pensar mesmo, falando assim: “É, eu fiz de tudo, de tudo o que eu podia fazer, revelei pra ele que eu era afim dele, dei meu telefone, meu e-mail e não aconteceu nada, nada, nada.” A não ser aquele e-mail, né? Que me mandou em nome de Gabriel e falando sobre o Brasil e tal, das regra de um estrangeiro morando aqui e tal, não sei, né? Se foi ele, vai ficar um ponto de interrogação minha vida inteira. Aí, aí, eu lembro que eu comecei a ficar cantando uma música na cabeça, aquela do, aquela lá, como é que é o nome dela mesmo? Eu até gravei ela no CD pra você. É, como é que é mesmo? É, não sei o que lá, não sei o que lá, não sei o que lá, eu preciso, não sei o que lá, é, respirar o ar que você respira, eu preciso do mesmo ar que você respira, alguma, uma música assim, mais ou menos. Aí, eu comecei a cantar essa música no meu pensamento, aí, eu sai e tal, aí eu lembro, né? Assim, isso não foi influência do, do seriado, sabe? Não, não tem nada a ver. Igual aquele dia que você me perguntou assim, qual, qual seriado que você gosta de assistir, aí, eu falei pra você, eu gosto, eu também gosto de “Charles”, “Charles” é , são três bruxas, três irmãs, que, que luta contra os demônio, né? Cada episódio aparece um demônio diferente e ela tem que destruir ele e tal. Aí, isso não tem nada a ver, me influencia de eu pensar que as pessoas são demônio, sabe? Aí, eu lembro direitinho que eu comecei a cantar essa música e coloquei a mão no bolso, e sai andando, sabe? Assim, andando, andando, andando, aí, eu lembro que quando eu tava andando assim, a menina ainda pegou e falou assim: “Nossa, igualzinho, igualzinho.” Aí, quando ela falou assim, “igualzinho”, aí, eu lembrei dum, dum quando tava quase acabando o seriado Dawson’s Creek, a Joey, eu lembro que ela foi pra... A vida inteira ela tem vontade de ir pra Paris, né? Ir lá conhecer. Aí, o penúltimo episódio, era no penúltimo episódio, termina ela lá em Paris e passando essa música, ela andando na rua, com a mão no bolso e pensando, assim, mostra a voz dela, né? Assim, como se ela tivesse pensando e na legenda, embaixo, o que ela fala. E eu tava daquele jeitinho. Aí, que eu fui me tocar, que eu tava cantando aquela música com a mão no bolso e daquele jeitinho, andando. Aí, eu lembro que eu, que eu saí assim, quando a menina falou isso: “Nossa, igualzinho!” Aí, que eu, aí, eu falei: “Nossa, será que ela tá falando do...” Aí, que eu fui me tocar, sabe? Nó, pior! Aí, eu lembrei dessa cena. Aí eu saí do terminal, ainda lembro que eu comprei passe, né? Que eu tinha acabado de receber, comprei passe de uma senhora, aí, ela veio andando, pegou e falou assim: “Vamos comprar passe de mim, que eu tô com o meu esposo em casa quase morrendo.” E rindo. Aí, eu falei: “Não, que isso? Você não pode falar assim não!” Ela: “Não, a gente tem que rir pra alegrar, que não sei o que que tem, tem que brincar um pouco pra alegrar a vida e tal.” Aí, eu continuei indo lá. Aí, eu lembro direitinho, que, que eu passei aqui nessa, nessa praça aqui. e tem um cara que vende mexerica. Não sei se tem o cara que vende ainda. Aí, e no, no seriado justamente chega uma, uma cena que ela fica vendo umas fruta numa banca e na rua, igual tá ali, só que o cara não tava, eu tava querendo comprar uma mexerica só que o cara não tava. Eu perguntei: “Cadê o moço daqui?” Aí, ela falou assim: “Não, não sei. Deixa eu olhar.” E aí, entrou dentro de uma banca, de um, de um lugar que tem lá, tipo um galpão que tem ali. Aí, ela falou assim: “Não, ele não tá ali não.” Aí, eu: “Não, então tá, obrigado então.” E tava tudo batendo aquela cena e eu, eu não tava pensando em, em fazer aquela cena. Engraçado que quando eu, eu vejo as fruta, aquelas, aquelas mexerica assim, eu falei: “Nossa, igualzinho no seriado e tal. Aí, eu continuei andando, aí, eu, nessa hora, eu fui pra porta do Bueno depois, eu fui pra porta do Bueno, porque a vida inteira eu sempre gostei do Bueno Brandão, sabe? Uma das melhor fase da minha vida foi lá, eu gostei muito do colegial que eu fiz lá, foi 4 anos, porque eu repeti o

terceiro, né? Não quis fazer recuperação. Aí, quando eu passei lá na porta do Bueno, meio que já tava querendo começar a chover já. Aí, meio que começou já a pingar, eu tava debaixo da árvore, mas de frente o Bueno. E nisso, o povo tudo começou a correr e aí, eu fiquei lá, pensando que ali eu tive inimigos. Assim, mas na verdade, eles não foram meus inimigos e sabe, eles que quiseram ser meus inimigos, mas, na verdade, nunca foram. Que ali eu tive amizades, os melhores amigos da minha vida eu conheci foi ali. Aí, comecei a lembrar de cada um e, de repente, começou a cair aquela chuva, o povo tudo correndo e eu de boa, lá assim. Aí, eu comecei a cantar aquela música que eu te falei, sabe? Comecei a cantar aquela música, mas ela tem mais efeito depois que eu vou te explicar e tal. Aí, eu cantei ela inteirinha ali e alto, cantava alto, não tava nem aí. Aí, eu saí. E chovendo e eu debaixo de chuva, andando devargazinho, a chuva caindo, meu bolso cheio do meu salário que eu tinha acabado de receber e eu não tava nem aí, se tava molhando, porque pra mim, pra onde eu ia não ia precisar de dinheiro mesmo, sabe? Eu não tava nem importando com dinheiro. Aí, eu comecei a andar e fiquei pensando nas, nas coisa, né? Na vida inteira e tal, aí, eu lembro que quando eu cheguei, antes do, do, do viaduto ali, que tem aquele é, Jânio, não sei se é Jânio Tânus, que chama aquele viaduto, o viaduto ali da Duque de Caxias, né? Que eu tenho que passar ali pra ir embora. Aí, antes de eu chegar nele eu parei, aí, eu lembrei de uma música, sabe? Uma música “Don’t Speak”, sabe? Passava na “Malhação”, ela passava na “Malhação” a muito tempo atrás e eu lembro que ela passava em forma orquestrada, é tipo, de um piano e eu gostava de, de ouvir ela quando passava. E, às vezes, quando, antes, antes quando eu era apaixonado pelo Guilherme e essa, essa música me lembrava muito dele, entendeu? Aí, eu lembrei dele. Aí, de repente, eu lembrei do, do, pelo fato de eu ter visto o Joaquim, eu lembrei do Joaquim naquela, na, na época da boate. Aí, eu pensei, né? Eu pensei, eu perguntei pro Joaquim, eu falei, ele falou assim, que eu perguntei assim pra ele, é, que eu tô confundindo agora, confundindo não, é, engasgando, eu perguntei assim pra ele se alma gêmea existia, aí ele falou assim que existia. Aí, eu fui, olhei pra ele e falei assim: “Eu tenho um amigo que a, a vida inteira eu, eu nunca esqueci ele.” Nessa época eu nem conhecia o Gabriel ainda, aí eu falei assim: “Ele, ele chama Guilherme.” Aí, eu falei assim: “É, ele.” Aí, ele virou pra mim e falou assim: “Não, que não.” Aí, na hora, eu pensei, que, que como ele, ele me enganou aquele tempo inteiro, então porque que ele me enganou naquela hora. Aí, naquela hora, eu já pensei que era o Guilherme que, que na verdade que era a paixão da minha vida, que, que a gente ia dar certo e tal. E aí, chovendo e eu parado. Eu, eu, eu parei pra pensar nisso, eu lá parado assim dá pra ver, porque é morro, né? Aí, você vê, né? Aquele tanto de casa assim olhando pra aquilo lá e lembrando do Guilherme e tal, e pensando nessa música que eu te falei. Aí, quando eu, eu comecei a andar na, na ponte mesmo, no viaduto, tem uma parte que tá pinchado uns nome, tá assim, r, h, g. Aí, eu achava que aquilo era tipo, um sinal, r, eu pensei r de quê? Aí, eu pensei no Gabriel. H de quê? Eu nunca me apaixonei por, por ninguém que começasse com a letra h, só que eu lembrei do Hugo, entendeu? Que também foi uma pessoa que, que também foi muita coisa na minha vida, pelo fato que ele me implicava muito, entendeu? Eu passei muita coisa, sabe? Na convivência com ele. Ele é, ele é o tipo de pessoa que assim, fazia uma piadinha em cima de outra pessoa pra se promover, ou seja, pra, pra todo mundo rir. E pior que as piada dele era tão engraçada, que, que a própria pessoa que ele tava criticando ria, sabe? Às vezes, até eu não agüentava, ele tava criticando, me falando cada coisa, sabe? Mas do jeito que ele falava era tão engraçado, mas tão engraçado, que até eu começava a rir. Aí, chegou um dia que eu não agüentei, que eu parti pra, pra cima dele e briguei, tal. Não sei se eu cheguei a te comentar isso, cheguei a te falar isso?

Shnaider - Não me lembro, você brigou com ele?

Marcelo - Uma vez... É porque a gente escrevia poesia, né? Sabe? E cada poesia, sabe?

Shnaider - Ah, me lembro, você contou.

Marcelo – É. Aí, um dia ele escreveu uma, uma, não uma poesia, ele escreveu uma, uma coisa, rimando, pra me prejudicar e só sei que começaram... Por que que eu era diferente? Por que que eu sou daquele jeito? Por que que eu não sei o que lá... E jogou em cima também e falava: “Lê, lê, lê.” E eu falava: “Tira isso daqui.” Aí, ele pegava e jogava em cima da minha mesa de novo: “Lê!” Aí, eu tirava da minha mesa, eu sei, foi umas 4 vezes que ele fez isso e eu pedia, falava pra ele: “Hugo, tira isso daqui fazendo favor!” Aí, ele, pelo fato daquele trem, por que que eu sou diferente? Aí, eu acho que ele desconfiava que eu, que eu era gay, entendeu? Eu acho assim, não, porque assim, igual eu te falei, na convivência, qualquer um dava pra perceber, na família inteira todo mundo. Alguém, eu tenho certeza que desconfiou, que sabe disso, eles só, eles só, antes, eles só não tinha certeza porque eles nunca ouviram da minha boca, mas essa vez agora eu falei pra, pra eles, agora. Aí, com certeza, talvez, ele falando alguma coisa nesse sentido, porque eu não terminei de ler a poesia, aí, nisso, eu já levantei, já dei um chute nele assim, sentado. Caiu do outro lado assim, com a cadeira assim. Aí, a professora mandou a gente ir pra fora da sala. Eu lembro que ela é até casada com o meu primo, a Rose, era professora de Química e tal.

E g , né? Pelo Guilherme, né? Eu tinha acabado de pensar nele, né? Aí, eu andei mais pra frente, tava assim, Rodrigo. Não tava escrito Rodrigo, não tinha o “o”, tava, tava ruim, aí eu pensei... Aí, aí antes também, eu tinha pensado num cara lá da ACS, chama Ismar, sabe? Eu cheguei a sentir alguma coisa forte por ele, foi umas poucas pessoas depois do Gabriel, sabe? Eu senti algo tão forte assim, só que antes de eu me apaixonar de vez, quando ele tava subindo no ônibus, ele falou coma moça assim, pra apoiar e eu vi uma aliança, de, de compromisso na mão dele. Aí, ele até chegou a conversar uma vez lá e tinha aquela troca de olhar assim, sabe? Então, que nem eu te falei, sabe? Agora eu não sei mais, eu cheguei num ponto que quando eu vejo um cara bonito e tal, e se acaso eu interessar, eu já ponho na cabeça que não, que não, que não vai dar certo, que é melhor eu partir pra outra e tal, e seguir a vida. Eu tenho é que, se eu vou encontrar, se eu tenho que encontrar alguém, essa pessoa vai ser lá na boate, porque lá pelo menos, vai, vai ser desse jeito, da pessoa normal lá, mas a maioria é, 80 por cento, 90 por cento lá é assim. Aí, eu lembrei do Ismar, no i. Aí tal, “Rodri”, o d, que que eu lembrei do d, não, não lembro. Ah! Lembrei do Daniel, Daniel igual da outra vez eu, eu, ele falava que ele tinha coisado a família da gente, só que era ele, que ele tava mascarado, aí, eu tava contando tudo de novo, entendeu? Era como se aquela, aquela, aquela pichação lá, fosse alguma coisa pra me, me mostrar alguma coisa. Aí, eu fui, eu lembro que eu continuei chegando. Aí, quando eu parei lá no, lá na esquina de casa tem o... Tá vendo, às vezes, some da minha cabeça. Esse negócio, ainda bem que não acontece no meu serviço senão já tinha sido demitido já. O armazém lá, a vendinha lá na esquina e essa mulher é que levou meu pai lá naquele homem do Luizote, né? Aí, na hora, eu pensei assim, né? Eu falava assim: “Quem, por que que Deus dá algumas pessoas poder e outras não? Será que é verdade mesmo e tal, né?” Eu fiquei, eu cheguei a pensar nisso, aí eu, na hora, eu tava com medo, porque eu lembro que chovia tanto e só eu ficava debaixo da chuva, lógico, quem ia ficar debaixo da chuva molhando? Era como se aquela chuva fosse, fosse pra abençoar as pessoas, só que, que as próprias pessoas não queria ser abençoada, elas fugia, porque elas queria continuar fazendo os erros delas, elas queria continuar aqui na Terra fazendo os erros delas. Deus deu uma escolha pras pessoas e cada um faz aquilo que quer. De repente, me veio na cabeça, aí, eu lembro que tinha um cara assim e pra mim, pra mim passar, eu tinha que passar na frente do cara, só que eu tava com medo de, de quando eu passar, e o povo ficava me olhando, o povo de dentro do armazém ficava todo mundo me olhando com aquelas cara assim, parecendo que eu, como, como se eu fosse uma pessoa que eles queria me, me pegar, sabe? Aí, eu fui e olhei pra, lá tem uma arvrinha assim, cheia de, já tava na época que tava cheia de, de rosa já, umas rosa bonita, umas rosa cor-de-rosa e tal. Aí, eu olhava assim, aí falava comigo: “Aí tá, olha só pra essa rosa aí. Como que você não, você

não acredita na minha existência? Por que que você deixou de acreditar na minha existência esse tempo todo?” Aí, eu olhava pra aquela rosa e ficava rindo, feito um, um bobão e o povo que tava tudo me olhando assim. Aí, falava assim pra mim: “Você tem medo de, de seguir em frente? Pode seguir em frente, você tem medo de quê, se acaso, se acaso, é, for te derrubar, sei lá? E você morrer, você sabe pra onde você vai vir?” Aí, eu fui, aí, eu andei e tal. Aí, eu lembro que tava uma enxurrada assim que vai descendo a chuva, né? E a, a água vai desviando, tava uma enxurrada, isso já era já... Aí, eu comecei a cantar aquela música em pensamento, aquela música “Kiss the rain”, sabe? Até gravei esse CD pra você. Aí, eu comecei a chutar que nem criança, virei um criança e chutava, a rua, a rua não a, a enxurrada, aí, de repente, quando eu olho assim, vem, vem um carro assim e o carro vai e pára um pouquinho na minha frente e eu olho pra dentro do carro, eu vi o Gabriel. Assim, eu vi ele direitinho, aí na hora eu, sabe? Eu fiquei assim, mas eu pensei, mas não era o Guilherme, né? Aí, quando eu, aí eu aproximei mais, quando eu aproximei mais do carro não era o Gabriel, era um senhor, eu que vi o Gabriel, mas eu vi ele mesmo, sabe? Era, era uma pessoa de óculos, um senhor de óculos, mas de longe parecia que era o Gabriel, eu vi o Gabriel direitinho dentro daquele carro e na hora eu pensei que era ele, que ele tinha aparecido lá e tinha vindo me buscar. Era como se o mundo tivesse acabando, sabe? E ele tinha vindo me buscar, sei lá, eu cheguei a pensar isso. Aí, nisso, eu fui e, e parei na porta da minha casa já e chovendo e eu pensava: “Eu não sei se eu entro, eu não sei se eu entro ou se eu, se eu continuo aqui. Eu tenho medo de entrar e me acontecer aquilo tudo de novo que aconteceu da outra vez.” Aí, eu voltei pra trás, aí eu subi a rua, né? Lá na, na, esquina, um quarteirão depois da minha casa tem uma praça onde tem a igreja, né? Aí, eu lembro que nesse dia mesmo, nesse dia mesmo, eu tava ouvindo, essa noite eu passei a noite inteirinha ouvindo um radinho, eu esqueci de te falar também. Essa parte é bem importante e tal. Eu, parece que todas as música que passava batia comigo, sabe? Falava, falava que, era, geralmente música de pessoa que tá separada da outra, mas que vai acabar voltando, que não sei o quê que tem. E, às vezes, eu sentia alguém me encostando, encostando, sabe? Sério! Na cama mesmo, eu sentia alguém me encostando, eu sentia alguém me abraçando de verdade, eu não tava entendendo, eu já não tava normal já, a partir daquela noite já, a partir daquele dia que aconteceu aquele negócio na, na, da porta, lá na ACS. Também, antes, um dia antes, antes disso, que esse dia era minha folga, todo mundo me olhava diferente, de uma hora pra outra, parece que, como se todo mundo tivesse prestando atenção no meu atendimento, como se tivesse tendo algum, algum, como é que fala? Alguma, alguma competição lá dentro da ACS, sabe, e, e alguns atendente tava dentro dessa competição, pra saber qual dos atendente tirava a maior nota e ia ganhar algum prêmio. De uma hora pra outra começou a vir isso na cabeça e parecia que todo mundo tava prestando atenção em mim, e eu tava dando carona pra uma pessoa nesse dia. Carona é assim, a pessoa que tá lá fazendo treinamento, pra atender, pega carona, carona é sentar do seu lado, coloca um, um fone dela lá no, e fica ouvindo sem atender, coloca lá no ouvido, o rádio-fone no ouvido e escuta sem atender. E parecia que todo mundo tava me observando naquele dia também. Aí, tá voltando lá pro outro dia, aí eu, eu da onde que eu tava dava pra ver as praça e a igreja. Aí, eu lembrei do, do pastor, que eu lembro que de manhã eu coloquei numa rádio evangélica e o pastor começou a falar de... O que que ele falou mesmo? Ah, dos pais que, que os pais fazem tudo pros filhos, tem aqueles pais protetor demais. Aí, eu lembrei dos meus tio, dos meus tio que dá as prova pros filhos dele passar na UFU, porque, porque um dia quando, quando os pais morrer, a casa cai em cima dos filhos. Porque a vida inteira foi os pais que fez tudo pra eles, eles, eles nunca deram a chance pra eles, pra tentar se, fazer as coisas sozinho. Então, quando os pais morrer a casa vai cair em cima deles. Eu lembro disso que ele falou, falou uma coisa assim, um pastor. E falou negócio de igreja também, que as pessoas vai na igreja todo domingo as pessoas tá lá na missa, tá lá na missa, ta lá na missa, não adianta ir por ir, porque elas não cometem os, os atos de pessoa correta, entendeu?

Geralmente elas fazem mal, mal, mal e tá lá na igreja. Só de ir por ir e acha que só porque tá indo na igreja, antes essa pessoa tiver onde tiver com a fé que ela tem, se ela pedir pra Deus e tal, proteção pra Deus e tal, e ser uma pessoa boa, honesta, sabe? E parece que batia muito comigo que eu nunca fui de ir em igreja e tal, eu sempre pedi à Deus, sempre, sempre no meu pensamento, sabe? Eu agradeço as coisa boa que acontece comigo, peço, peço perdão por alguns erros se, acaso, eu cometo. E peço pra me ajudar em certas ocasião, a vida inteira foi assim. Aí, eu olhando pra igreja e, e pensando nisso. Aí, eu lembro que saiu um cara, um cara de dentro de uma casa assim e entrou dentro do carro. Ainda falou, olhou pra mim e falou assim: “Ó, quer dizer que tá caindo, caindo chuva?” Aí, eu olhava assim pra ele e não respondia nada e ficava na minha. Aí, eu voltei, aí, eu resolvi entrar dentro de casa. Já tô meio “branquicento” já, né?

Shnaider - Tá com sede Marcelo?

### Interrupção

Marcelo - Ah, já, valeu. A gente conversa, conversa, conversa. Ainda bem que lá na ACS a gente pode levar garrafinha pra beber água. Senão, é 6 horas, falando o tempo inteiro, credo! Aí, aí eu lembrei, eu entrei dentro de casa, aí, tava meu priminho, né? Lá, filho do Jair, do meu tio que tem AIDS, né? Aí, ele me viu assim, minha mãe chegou, viu que eu tava todo encharcado, aí eu falei pra minha mãe assim: “É bom tomar um banho de chuva.” Aí, ela: “Não, mas o que que foi Marcelo?” Eu falei assim: “Ah, eu tava lembrando do tempo que eu era criança, que eu brincava na chuva, tava bom demais da conta!” E ria. Aí, eu lembro que eu tirei a camisa assim e comecei a torcer lá, assim, na varanda assim, e tal. Meu priminho chegou assim: “Marcelo...” Aí, ele falou assim: “Marcelo, eu quero bis.” Aí, eu falei assim: “Ah, você quer? Então, você vai comprar!” Olha o tanto que eu fui mau! Assim, eu nunca fui desse tipo, só que na hora eu tava achando que as pessoa tava assim, sabe? Se fazendo de outras, entendeu? E ele, ele tem quantos anos? 3 anos, 2 anos, não sei. Não, acho que é 3. Só que era como se, de repente, na verdade, fosse até uma pessoa que tivesse 50 anos, mas que tava ali dentro de um corpo de uma pessoa de 3 anos. De repente, eu comecei a ter aquele mesmo pensamento que eu tive da primeira vez que eu surtei, como se eu tivesse num mundo fictício onde todo mundo, entendeu? Sabe das coisa, mas algumas pessoas não e elas, elas depende de mim. Não só de mim, mas de outras pessoa que faz ruim pra alguma coisa. Sabe, tem gente pra puxar a energia da gente, alguma coisa assim, eu chegava a pensar essas bobeira. Assim, aí, eu entrei assim, corri pro banheiro pra, tomei banho e tal, e cantava. Cantava umas, umas música mais antiga, sabe? Tipo, “Só pra Contrariar”, umas música antiga, que eu gosto ainda, “Raça Negra”. E cantava, cantava. Aí, eu saí e tal, aí, ela assim: “Vou ver se ele tá de boa, né?” Minha mãe deve ter pensado, né? Que eu tava, ela estranhou, né? Que eu saí de manhã cedo e só cheguei lá pelas 4 hora da tarde, né? Da outra vez foi de noite e dessa vez foi de manhã. Não, quer dizer, de dia. Aí, o que que eu lembro mais que aconteceu? Ah, lembrei. Nesse dia passou aquele, aquele filme da Xuxa lá, o “Lua de Cristal” e tal. Sabe aquela música assim, aquela música que ela passa, fala assim: “Tudo que eu quiser, não sei o quê lá, o cara lá de cima vai me dar?” Aí, que coincidência também de passar um filme que fala disso, entendeu? “Um cara lá de cima vai me dar”, e tal, e eu tendo essas conversa que eu achava que era com Deus, assim, sei lá. É tão incrível, sabe? Assim, as coisa que acontece, né? Se você ligar uma coisa com a outra... Aí, eu lembro que eu tava lendo um jornal e nessa, nessa, nesse dia tinha viajado um povo da UFU, né? Pra fazer uma excursão, não sei pra onde. Aí, deu um problema, um acidente, deu um acidente com esse ônibus e morreu não sei quantas pessoas. Aí, eu só sei que, que eles falaram, quando eles começou a falar, ele falou assim: “Márcio e Camila.” E Márcio e Camila é o nome dos meus primos. Só que quando falou Márcio, falou Márcio com outro sobrenome, Aí, depois falou Camila e falou

outro sobrenome. Olha que coincidência também! E aí, quando, porque quando tava falando aquele negócio lá dos pais, dos filhos que não sei o que que tem, que só pensa nos filhos e tal, e um dia quando os pais morrerem, a casa vai desabar em cima dos filhos, sabe? Aí, pra você ver que coincidência, né? De morrer assim, Márcio e Camila e justamente com o nome dos meus primos, irmão e tal. Olha que coincidência! E eu tava pensando neles naquele dia por causa disso. Aí, deixa eu ver... Aí, eu fiquei vendo televisão lá, a noite inteira, aí eu coloquei naquele seriado pra ver, Dawson's Creek, sabe? Eu tenho muito episódio gravado. Eu comecei a colocar pra ver aquele, aquele, aquele seriado, comecei a ver e tal. E via, via, via, via, via, aí, de repente parou. Não, espera aí. Deixa eu ver. Aí, de repente, como tava ainda na 4ª temporada, aí, as vezes, eu coloco a fita, alguns episódios da 3ª temporada. Aí, de repente, me veio no pensamento, porque a minha vida, a vida inteira sempre teve algumas, algumas coisa assim de... Sabe quando você tem, já aconteceu com você, de você sentir... Nossa, parece que isso já aconteceu, você tá num lugar e, de repente, vem aquele trem assim... Nossa, parece que já aconteceu, parece que você tá repetindo aquilo?

Shnaider - Você tinha essa sensação?

Marcelo - Não, a vida inteira eu tive isso. Até, até agora eu tenho isso. Mas não é diretamente, geralmente isso acontece de 2 em 2 meses, de 1 em 1 mês ou talvez até mais, de 3 em 3 meses. Mas a vida inteira acontecia isso comigo, me da aquela coisa tão forte que parece que aquilo já aconteceu. Aí, Deus me, Deus me explicou, ele falou assim que essas coisa é porque volta alguma coisa pra consertar um erro que não podia ter acontecido que era melhor voltar pra todo mundo esquecer. Vamos supor, vamos supor assim, vamos supor assim que passa uns 2 anos depois de agora, aí, acontece muita coisa, muita coisa que não podia ter acontecido aquilo. Aí, como foi há 2 anos atrás tem que voltar aqui, agora. Aí, a gente esquece tudo, tudo o que aconteceu, volta pra aqui, agora, entendeu?

Shnaider - (inaudível)

Marcelo - Não, não repetir as coisa. Algumas coisa vai acontecer, mas tem outras coisas que não podia acontecer, vai acontecer, vai acontecer alguma coisa pra aquilo não acontecer, sabe?

#### **6ª Entrevista com Marcelo – 18/10/2004**

Shnaider - Tá. Mas eu queria que você me falasse mais assim, dessa sensação de que talvez você podia, já era hora de você ter morrido mesmo.

Marcelo - É, eu acho que por causa disso, entendeu? porque eu cheguei num ponto que eu não, assim eu cheguei num ponto que assim, que eu não, pra mim acabou,

entendeu? Depois de ter acontecido essa história do Gabriel, pra mim acabou, eu não vejo mais sentido, eu acho que daqui pra frente agora se eu ver uma pessoa bonita, tal, e eu me interessar, eu comigo mesmo, eu vou falar, não, eu sei qual a opinião que vai ser, não sei, sabe? Eu não tenho expectativa nenhuma mais, sabe? Da vida assim. Eu quando eu era pequeno, eu tinha muita vontade de ser ator, a vida inteira eu fazia peça na escola, teatro na escola, eu tinha muita essa vontade. Eu já, até aquele, muito tempo pra trás, um, quando vieram uns artista fazer, tipo um curso aqui, eu até fiz aquele curso, entreguei a minha peça pro Emanuel Jacobina, sabe? Emanuel Jacobina é o autor da Malhação, ele que fez o início, que escrevia aqueles primeiro episódio, cheguei a entregar a minha peça pra ele em disquete. Aí, eu coloquei o meu e-mail lá no disquete, só que ele não me respondeu. Lógico que ele não ia me responder, né? É contra ética, ele é escritor, né? Uma pessoa vai, entrega outra peça pra ele. Eu falei: “Nó, vê o que você acha e tal e responde alguma coisa pra mim.” Lá no disquete mesmo eu escrevi alguma coisa pra ele, eu lembro até que eu meio que chamei a atenção dele.

Shnaider - É?

Marcelo - É, porque foi assim, eu tenho uma memória muito boa, né? Assim, referente a quando eu vejo as coisa assim, os seriado, alguma coisa, eu gostava muito de Malhação, eu via muito quando eu era mais novo. Tinha um personagem que ela chamava Luísa, né? E ela gostava do Dado e aí, muito tempo depois eles separaram, a Luísa, ela resolveu fazer uma viagem no mundo, e o Dado continuou lá na Malhação. E ela saiu da Malhação. Aí, tá. Beleza, aí depois de muito tempo depois quando o Fabinho e a irmã da Luísa continuou na novela. Então, aí ele, o Fabinho, virou pro Dado e falou assim: “Ah, Dado, a Luísa tá voltando, ela tá voltando e tal, ela vai chegar dia tal.” E o Dado ficou todo empolgado, né? Porque ela também é uma das paixão da vida dele. Aí, ele foi lá com o Fabinho esperando ela. E aí, de repente, ela não chegou. Chegou foi um, um rapaz. Aí, ele falou: “Fabinho!” Até o Fabinho conhecia esse cara e “nossa, não sei o que que tem, quanto tempo.” Aí, ele falou: “Nó, Fabinho, não te conto a maior. Eu e sua irmã a gente tá junto há muito tempo já e a gente, e você vai ter que me ajudar a domar a fera da sua mãe.” Ele falou: “Por quê? Ele falou assim: “Não, porque eu acho que sua irmã tá grávida, né?” Aí, o Dado ficou todo assim, né? Despedaçado, né? Porque ele não esperava por aquilo, ele foi pra lá ao encontro dela, de repente, ele chega lá e encontra um cara que fala que tá com ela e ainda acha que ela tá grávida. E ela não apareceu mais na história. Aí, depois de muito tempo depois, não sei quantos anos depois, o Dado tinha até saído da Malhação, já era outros personagens, teve uma festa que ele queriam reunir todos os artista da Malhação antiga, sabe? E foi muito personagem antigo que voltou. Aí, de repente, tava lá o Dado e a Luísa lá. Aí, de repente, eles chegaram e a Luísa colocou a mão assim no rosto do Dado. E quando ele virou era ela. Aí, eles ficaram nessa festa, se beijaram e ficaram nessa festa. Aí, depois, um tempo depois, o Dado chegou lá, depois de muito tempo que eles tinham saído. Só foi um episódio que eles voltaram. Aí, o Fabinho continuou, né? Aí, o Dado chegou pro Fabinho e ele pra, porque ele tava fazendo uma viagem pra, essas floresta, essas escalção, se o Fabinho tinha intenção de ir com ele e assim ele não tocou mais em assunto de Luísa, então, dava a impressão que ele não tava mais com a Luísa e também antes, quando ele ficou com a Luísa não teve o assunto com o cara, se realmente ela tava com ele, se realmente ela tava grávida ou não. Aí, eu falei isso pra ele, pro Emanuel Jacobina, que eu achei meio, ficou sem sentido essa história.

Shnaider - E aí?

Marcelo - Uai, ele não respondeu o e-mail, né?

Shnaider - Ah, você escreveu?

Marcelo - É. Eu escrevi no disquete e entreguei junto com a peça. Eu fiz um bloco de notas e deixei lá do lado lá, se acaso um dia, ele tivesse interesse de ver o que que tava escrito, não sei se ele leu, não me respondeu o e-mail.

Shnaider - Tá, mas você tava falando que gostava de teatro, de representar e fez o curso, você gostou? Como é que foi?

Marcelo - Não, aquilo lá praticamente foi mais pra ganhar dinheiro, né? Eu achei.

Shnaider – É?

Marcelo – É. Porque na propaganda eles falavam que, assim, dava chance pra entrar em novela. As propaganda, eles fazem uma coisa toda e lá, na hora, depois que você tá lá dentro, você vê que é só pra figurino, você ser figurinista só. Figurinista é, tá lá assim, personagem principal, aí, de repente, você tá ali. Aí, de uma hora pra outra eu passo atrás de você, com se tivesse numa rua, os pedestre passando. Era só isso só e era só 8 pessoas só. Até um amigo meu, ele passou, só que ele não foi, sabe? Ele nunca, eu nunca vi ele comentar que foi, ele foi um dos 8 que foi escolhido.

Shnaider - Tá, mas mesmo que não fosse isso, você gostava de representar?

Marcelo - Não, a vida inteira eu gostei, sabe? A vida inteira. Lá no Bueno principalmente, depois que eu entrei no Bueno. Porque o Rondon Pacheco é do Bueno Brandão, né? Então, a gente sempre apresentava lá direto, a gente apresentava lá, peça. Tinha uma peça lá que chamava é, “Os Loucos”, era um Hospício. Coincidência, né? Esses negócio ter acontecido comigo e a peça também ser desses negócio, chamava “Os Loucos”. Era num Hospício e eu fazia um doutor, um doutor dum hospital e era uma peça de comédia, já que todo mundo era doido. E aí, a peça teve o maior sucesso e todo mundo queria ver, sabe? E o Bueno enorme, né? Tem não sei quantos mil aluno que tinha lá e o povo da manhã que queria ver, era o povo da tarde queria ver, era o povo da noite que queria ver e a gente apresentava essa peça de manhã, a gente apresentava essa peça de tarde, a gente apresentava essa peça de noite. Aí, levava as salas lá pro, do Bueno tem uma passagem que vai direto pro Rondon Pacheco, não tem necessidade de dar a volta, aí, levava a sala inteira pra lá, não inteira, porque não cabia todo mundo lá dentro. Fazia sessão e nós apresentou essa peça umas 10, 15 vezes, eu acho e outras também, né? Aí. depois eu consegui escrever a minha, consegui convencer a professora de apresentar a minha porque ela falava que era muito violenta, que achava minha peça muito violenta.

Shnaider - Como é a história da sua peça?

Marcelo - Ah, é sobre drogas, depois, eu até falei que ia trazer, né? Só que depois eu trago ela, na próxima vez eu trago. E foi uma correria lá em casa hoje, minha mãe falou que (inaudível) aí, eu acabei esquecendo. Depois, já tive vontade de ser jogador de vôlei, gosto muito de vôlei. Depois eu comecei a treinar no UTC e a vida inteira também eu jogava, né? Educação física eu sempre jogava era vôlei, na praça lá de casa, juntava um povo lá, a vizinhança tudo, a gente jogava lá na praça, armava rede na praça e brincava.

Shnaider - Você não faz isso hoje?

Marcelo - Não. Depois eu comecei a trabalhar e parei, acabou, ficou difícil, até mesmo por causa da idade, né? Acho que não tem nenhum lugar que treina da minha idade. Aqui em Uberlândia também o vôlei masculino caiu também.

Shnaider - Mas nem pra brincar, pra lazer, você não joga mais?

Marcelo - Assim, eu gosto, mas eu não, eu perdi contato, né? Com o povo do UTC.

Shnaider - E lá na sua rua não tem ninguém que goste?

Marcelo - Lá na minha rua lá, todo mundo mudou, sabe? todo mundo na minha infância, era tanta criança, tanta gente da minha idade, que assim, na época que a gente era criança mais era tanta gente, tanta gente que juntava aquelas 30 pessoa na rua. Vinha o povo da rua de cima, da rua de baixo, do outro quarteirão de lá. Também, igual eu te falei assim, a vida inteira também, eu passei por isso porque a vida inteira eu não sabia que eu era assim, sabe? E às vezes, os amigo da gente lá na infância tinha essas brincadeirinha disso, de gay,

daquilo e tal, sabe? Eu sempre saia machucado assim. E, às vezes, quando eu era mais criança eu dava mais na cara, sabe? Eles me chamava de gayzinho.

Shnaider - Dava mais na cara como?

Marcelo - Não se , eu acho que eu tinha jeito. Assim, eu não tô falando que eu não tenho jeito, eu acho que sempre, ( inaudível ) só que quando eu era mais novo, dava mais na cara ainda, eu acho que o jeito, eu acho que a minha voz era muito fininha e tal, sabe? E eles me chamava de gayzinho, gayzinho, sabe? Só que na mesma hora que brincava de boa, só que qualquer dos assunto que surgia, qualquer implicância que surgia, me chamava, tinha que me chamar de gayzinho, sabe? A vida inteira eu passei por isso.

Shnaider - E assim, você tinha me contado a história que a sua mãe foi lá na casa da sua madrinha buscar você e seu irmão...

Marcelo - Na minha tia.

Shnaider - Na sua tia... Sua madrinha que te deu o macacãozinho amarelo...

Marcelo - Isso.

Shnaider - Aí, depois, quais são as lembranças que você tem de como que era a sua vida? Nessa época você era muito pequenininho, você não vai lembrar, mas e depois de você, da sua mãe, como é que era sua vida, do seu pai?

Marcelo - Eu e meu pai, a gente sempre, eu sempre fui mais fechado com meu pai. Meu pai nunca foi aquele pai de levar os filho pro parque, pro clube, sabe? Nunca foi de levar a gente muito pra passear, não deixava a gente muito ficar na rua, sabe? A gente brincava mas era quando ele não tava em casa, sabe? Mas quando ele chegava a gente já tinha que entrar pra dentro da casa, meu irmão até fugia, meu irmão, pulava o muro, aí, eu dava cobertura pra ele. Meu irmão é doido, tadinho, mas meu pai batia muito na gente, sabe? Quando a gente desobedecia ele, sabe? Assim, mas não é muito assim também, qualquer coisinha ele sempre batia na gente. Eu lembro que até, eu não sei o que que aconteceu, eu acho que eu tava discutindo com o meu irmão, isso ficou na minha cabeça, eu tava colocando comida no prato e aí, eu não sei o que que aconteceu que ele me empurrou, sabe? Meu pai me empurrou e eu tava com o prato na mão, caí com o prato e o prato quebrou e podia ter entrado um caco dentro da minha barriga. Eu não sei se ele pensou isso, eu acho que ele agiu por impulso, na hora ele nem pensou que podia acontecer isso, me derrubar, pro prato cair no chão e quebrar e entrar um caco dentro de mim. Naquela hora eu falei assim: “Nossa!” Eu achei um monstro, mas ele é um coitado, sabe? Agora, hoje, sabe? Só que eu tenho, sabe? Essa revolta pelo fato de quando a gente era pequeno ele não sair com a gente, ele sempre foi muito sistemático, não sei se é porque ele teve uma infância muito sofrida, sabe? O pai dele maltratava muito ele, sabe? Ele era tipo, um filho meio que excluído.

Shnaider - Como assim hoje ele é um coitado?

Marcelo - Assim, modo de dizer, sabe? Ele é uma pessoa muito boa, sabe? Trata muito bem só que quando eu precisava disso quando eu era pequeno e, não agora, precisava disso quando eu era pequeno.

Shnaider - E a sua mãe?

Marcelo - Minha mãe, minha mãe é uma mãezona eu acho. O que ela puder fazer pra ajudar os filho ela sempre fez. Ela sofreu muito, né? Depois que meu irmão foi embora. Aí, às vezes, eu até comento, sabe? Às vezes, eu tenho até vontade de sair, sei lá, morar sozinho, ter uma casa, sei lá, e tal. Aí, ela fica assim, pelo fato do meu irmão já ter ido embora, né? Porque ele tentou, ele tentou seguir a carreira dele, ser jogador de futebol, ela sofria muito pelo fato de ter um filho longe, sabe? Isso é muito triste pra uma mãe.

Shnaider - Você pensa, você tem vontade de sair e ela ficar de que jeito?

Marcelo - É pelo fato dela já ter sofrido isso com ele, entendeu?

Shnaider - Mas você fala pra ela que você gostaria de ir?

Marcelo - Ela ficou muito chateada pelo fato do meu irmão, ele saiu quando eu tinha 15, 14, é, acho que era 15 anos, eu acho. E depois disso, eu continuei na casa, né? Então, ela tá mais acostumada comigo. Então, eu acho que se eu abandonasse ela eu acho que ia ser pior, mais ainda pelo fato dela ter acostumado mais comigo. Porque, praticamente, eu fico muito na casa, entendeu? E ela também assim, minha mãe e meu pai, sabe? Eles não aceita isso de mim, sabe? Ao mesmo tempo que a minha mãe aceita, que ela entende? Ela fala que isso é psicológico. Igual esses tempo pra trás tava passando no Superpop, eu cheguei do serviço e tava vendo Superpop, tava tendo uma, um rapaz, só que ele tem corpo de mulher, sabe? Só que ele é homem, aí minha mãe, eles estavam num comentário todo, numa polêmica toda, quem falava, se ele tinha que operar ou não porque tem voz de mulher, se todo mundo ver na rua fala que é mulher. Até fizeram umas entrevista, um repórter lá e perguntaram pros homem: “Você acha ela bonita, você acha que ela daria pra modelo? Todo mundo falava: “Nó, que que isso e tal, e tal!” Aí, depois falava assim: “E se eu te falasse que não é ela, é ele, é um homem?” Aí, os homem já assim: “Nossa, só se ela me contasse, eu nunca ia adivinhar e tal!” Aí, minha mãe falou, né? Esses tempo pra trás ela comentou comigo, falou assim: “É igual aquilo lá, Marcelo, aquilo lá realmente é um problema, aquilo é um problema, mas é diferente de, tem as pessoa que tem o problema e tem as pessoa que tem problema psicológico.” Ela acha que meu problema é psicológico, ela acha, ela acha que se eu, depende de mim querer mudar. Aí, às vezes, eu converso com ela, falo: “Mas, mãe, é assim, assim, assim, assim, isso, isso e isso.” Sabe, parece que ela não entende. Só que depois, qualquer coisa que acontece, ela sempre joga na minha cara, que é psicológico, é psicológico, é psicológico. Agora meu pai já nem toca no assunto. Ele sabe, mas ele fica na dele, sabe? Nem toca no assunto. Só que, às vezes, quando já aconteceu muito de eu comentar isso com a minha mãe e minha mãe começar a chorar, aí, ela chega lá em casa, meu pai chega lá em casa vê ela chorando e: “Que que acontece?” Aí, aí eu lembro que, a última vez que aconteceu, eu peguei, falei brincando, tava eu, minha prima, minha mãe, minha prima sabe, aí, eu falei, rindo, brincando, falei assim: “Não, qualquer dia desse eu arrumo um homem pra mim e fica tudo beleza.” Eu falei assim brincando, né? Aí, minha mãe começou a chorar por causa disso e aí meu pai chegou, aí meu pai falou: “O que que foi?” Aí, ela falou: “Não, o Marcelo tá com uns assunto bobo hoje, que daqui uns dia ele vai arrumar um homem pra ele, não sei o que que tem.” Aí, meu pai virou pra mim e falou assim: “Nossa, eu já deixei bem claro...” Que uma vez ele falou isso pra mim mesmo, ele tornou a falar isso, isso me machucou muito, ele falou assim: “Ó, se você quiser levar a sua vida porca, você leva a sua vida porca pra lá, você não traz pra dentro de casa não!” E isso me machucou tanto, falar isso, “sua vida porca”, eu acho que é pelo fato de ter que ser anal e tal, eu acho que é por causa disso, sabe? Mas me machucou tanto, sabe? Isso aí, eu acho que eu nunca vou esquecer. Só que assim, ele me trata muito bem. Igual, eu não acredito muito nisso não, essa Igreja aqui, sabe? Que tem aqui na, João Naves, aqui, sabe? O povo pede dinheiro demais, tudo pra eles é, como é que chama? Campanha, campanha de não sei o que lá, vem tantas 3ª, ou vem tantas 6ª. Aí, você tem que dar dinheiro, sabe? Teve um negócio de fogueira santa, meu pai pagou 430 e a gente não tem condição, eu acho que foi, foi por causa de mim pra ver se eu mudo isso, eu tenho certeza que foi por causa disso.

Shnaider - Ele fez essa campanha pra você?

Marcelo - Eu acho que foi, ele não fala pra que que é, mas foi por causa de mim, porque depois que eu falei esses trem lá em casa, depois que eles descobriram isso, que meu pai deu depressão, a vida do meu pai acabou. Quando meu pai, direto, meu pai já chorou muito à respeito disso pra ela já, sabe? E aí, eu me sinto tão mal com isso, sabe? Aí, eu passei a sofrer, mais ou menos eu me culpo. Aí, na Igreja, nessa Igreja, tudo é por causa de demônio, o demônio tá na sua vida, o demônio tá na sua vida, não sei o que que tem. Aí, tem uns trem que eu acredito, eu não sei se eu acredito mais em Deus já, pelo fato daquelas, não ter dado

certo a história do Gabriel lá. Tudo que eu pedia pra Deus, aí, acontecia, só que no final não deu certo. Até depois disso, ainda continuou tendo mais, mais coincidência, né? Aí, eu falei: “Nó, aconteceu tudo aquilo e não deu certo, né? O senhor me dava, mostrava um sinal, pra mim era um sinal que tava acontecendo.” Aí, eu fui e pedi mais uma, uma luz, né? Pros ônibus cruzar. Ainda estranho porque os ônibus não cruzou, era pro Gabriel descer no ponto do Bretas, ele não desceu no ponto do Bretas porque aquele dia choveu muito, de uma hora pra outra choveu muito, aquele dia e os ônibus só foi cruzar quando aqui, chegando perto do terminal central, cruzou aqui, nesse quarteirão aqui mesmo, o Saraiva e o Pampulha passou juntinho os dois. Quando eu olho pra dentro do Saraiva o Gabriel lá dentro, e justamente o que eu tinha pedido pra Deus, sabe? É por isso que, às vezes, eu não, eu não sei, sabe? Mais na frente, daqui a alguns anos se a gente vai encontrar e vai dar certo, ou sei lá. Mas eu não posso pensar isso porque já vai fazer 1 ano que eu não vejo mais ele, dei meu telefone, dei o meu e-mail e, sabe? É por isso que eu não sei, eu já pedi pra Deus já, pra me fazer eu morrer de uma hora pra outra, só que eu não tenho coragem de me matar, eu não sei, sabe? Se acaso existe vida após a morte mesmo um suicida sofre muito, entendeu? Porque não precisa, se a gente vem pra cá, tem uma razão da gente tá aqui, todo mundo tem uma razão pra tá aqui, todo mundo tem, a gente não sabe pra quê, mas tem e se você, de repente, se mata e sendo que só faltava um tempo pra você continuar aqui, você paga por isso, sabe? Eu tenho medo porque eu já pensei já, só que eu não tenho coragem. Então, a minha solução foi pedir pra Deus me tirar, já rezei muito, muito, muito, muito, pedi, sabe? Chegar a chorar, pedir pra me levar daqui que eu não agüento mais, sabe? É só sofrimento, um atrás do outro, mas ainda eu tô aqui vivo.

Shnaider - É a sua vida Marcelo. E o que que você tem comentado com a Márcia, o que você tem entendido da sua vida lá com a Márcia?

Marcelo - Ah, a Márcia, eu mais, tentei explicar a história do Gabriel pra ela, só que lá é muito pouco tempo lá no CAPS, sabe? Assim, quando eu consigo conversar com ela é só 20 minutos, sabe?

Shnaider - Não da tempo?

Marcelo - Não, não dá, não dá. Às vezes, eu converso com ela de 2 em 2 semanas, às vezes, porque, às vezes, não tem sala disponível e quando tem, assim, é só 20 minutos, no máximo, sabe? A última vez que eu conversei com ela, ela perguntou: “E aí, como é que tá a sua vida, né?” Aí, eu falei: “Ah, eu tô vivendo por viver.” Aí, ela virou pra mim e falou assim: “Nossa, mas quanto pessimismo!” Mas aí, o que que eu vou falar, eu vou falar que tá tudo bom sendo que não tá? Eu não sei, sabe? Igual assim, quando você pediu pra mim trazer aquelas coisa que eu escrevi, sabe? Por um lado eu até achei bom porque tinha tanto tempo que eu não lia, que eu não lia aquelas coisa, eu lia aquilo lá e ouvindo música, sabe? Aquelas música de seriado, sabe? Era umas música bonita e aí lendo, ao mesmo tempo que eu ouvia, eu lia e eu chorava tanto, foi até bom. E eu pensei assim: “Nossa, eu já passei por isso tudo, né? E não sinto mais nada e tal.” Esses dias mesmo, eu encontrei o Jorge lá no ponto, ali no terminal central, aí, eu cheguei, cumprimentei ele, né? Você lembra que eu te falei, eu que ignorei ele uma vez?

Shnaider - Acho que sim, Marcelo.

Marcelo - Quando a gente tava jogando no campeonato, todo mundo tem que cumprimentar antes do jogo e depois do jogo, quando foi passar pra bater a minha mão na mão dele, eu não bati na mão dele, eu ignorei ele, né? Aí, ele não entendeu porquê. Aí, depois, nunca mais a gente, nunca mais, toda vez que eu via ele eu passava direto. Aí, ele deve ter pensado: “Por que será que ele tá fazendo isso será?” Aí, uma vez que eu tava meio dopado mesmo, na época quando eu sai da Medicina, da última vez, lá agora, tava eu e minha mãe andando no centro, né? Eu tinha que pagar umas conta minha, da internet, tv à Cabo, essas coisa assim. E a minha mãe tinha que ir comigo, aí ele passa, eu tive coragem: “Jorge,

bom?” Aí, ele: “Bom, bom e tal.” Bateu na minha mão, bateu no meu ombro, tal. E aí, sabe quando você cumprimenta andando, só rapidinho, beleza? Aí, depois nesse dia, eu já cheguei lá, já tava com a cabeça boa já, não tava mais tão dopado assim não, aí eu falei assim: “Jorge, bom?” Aí, a gente começou a conversar, ele falou que tava trabalhando na Zoggy. Sabe esse povo que fica aí, com camisa da Zoggy, aquele negócio de investimento? Não sei, ele me explicou mais ou menos, por alto, ele tava trabalhando. Toda vez que eu ia pra ACS quando o ônibus passava, eu via ele parado ali, entregando panfleto pros outro. Aí, ele falou assim: “Eu tava trabalhando lá mesmo e não sei o quê que tem e agente tinha que ficar lá na porta dos concorrente e sobre o investimento da Zoggy e tal.” Ele falou assim que ganhava um tanto de comissão, que ganhava bem pra caramba, só que parou lá, porque tá no último ano da faculdade. Aí, eu perguntei: “O que que você tá fazendo?” Ele falou, que tava fazendo administração. Aí, eu: “Eu tô lá na ACS.” Aí, ele falou: “Eu também tô trabalhando na ACS, só que eu trabalho à noite.” Eu vi ele uma vez, quando eu tava fazendo dinâmica, quando a gente tava passando pra ir pra sala da dinâmica, eu vi ele lá na, na lanchando lá. Aí, eu fui e comentei pra ele, né? Falei assim, que eu tinha, ele falou assim: “Não, quanto tempo você tá lá?” Aí, eu falei assim: “Já vai fazer 1 ano já.” Aí ele: Não, então, você tá quase virando supervisor já.” Aí, eu falei assim: “Não, que isso, e tal.” Aí, pegou e falou assim... Que que ele tinha falado mesmo? Eu não lembro que assunto que surgiu que eu peguei e falei assim pra ele, falei assim, que eu já tava até atendendo. Uma vez aconteceu isso mesmo, mas eu não tenho vontade de crescer lá dentro da ACS. Porque aquilo lá não é um serviço que eu quero pra mim. Uma vez, antes dessa, desse ano agora, depois, a minha supervisora, uma vez, ela me chamou, ela falou assim: “Marcelo, dá uma estrela não sei o que lá.” Quis dar o telefone pra mim, sabe? Assim, eu achei legal, né? Pensei: “Nó, que legal, ela tá achando que eu sou um atendente bom, tem responsabilidade.” É assim, você é a supervisora e tava cheinho de atendente aqui, aí, eu vi um atendente que tava atendendo um cliente que surgiu alguma dúvida, aí, você vai lá na mesa e você atende e fala isso, isso e isso. Ela colocou pra mim fazer isso, né? Aí, eu cheguei a comentar, a falar isso com ele. Eu tava, só que aí, eu adoeci e tal, aí ele falou: “O que que foi, e tal?” Aí, eu falo, sabe? Eu não tenho vergonha nenhuma de falar isso: “Ah, eu meio que surtei, deu uns problema aí.” Aí, engraçado que ele acredita em espiritismo, sabe? Aí, ele falou assim: “Ai, você surtou, mas como assim?” Aí, eu falei assim: “Ah, sei lá, eu ouvia voz, via alucinação...” E eu meio que resumi, só falei isso só, mais nada. Só, aí, ele falou assim: “Não!” Falou assim: “Não, tem um amigo meu que tinha o mesmo problema que você aí, aí depois, ele começou a freqüentar centro.” Aí, ele começou com assunto de centro espírita e desenvolveu a mediunidade dele, hoje ele entra no centro espírita, ele não sabe nem quem é vivo nem quem é morto, ele falou assim pra mim. E a vida dele melhorou demais, sabe? “Você tem que ver a mediunidade, sabe?” Já me falaram isso mesmo, sabe? Que eu tenho uma mediunidade muito grande. Até o Jorge mesmo falou, agora eu não sei se tudo que ele me falou foi enrolação ou se, pelo menos, um pouquinho das coisas que ele falou tem um pouquinho de verdade. Eu não sei se é porque ele tava querendo me ganhar, sabe? Eu não sei, ele me falou esses negócio de mediunidade, não foi a primeira pessoa, outras pessoas já me falaram já, outros centro espírita que eu fui. Que eu tenho uma mediunidade muito grande, que eu tenho que desenvolver, porque isso vai acabar me prejudicando e o pior é que prejudicou mesmo, eu não sei se é por causa disso que me deu esse surto, que é espírito que fica ao meu redor e que de uma hora pra outra faz eu surtar, eu não sei. Aí, ele falou que eu, que eu, aí eu falei assim: “Não, eu fazia até tratamento, só que eu parei e tal.” Aí, ele falou assim: “Não, volta, volta, não sei o quê que tem, porque senão isso aí vai te prejudicar mais na frente de novo.

Marcelo - Você me dá um copo de água fazendo favor, a gente vai conversando a boca vai ficando seca.

**Entrevista com a mãe de Marcelo, Marlene – 03/12/2004.**

Shnaider - ...dele quando pequeno, então a senhora pode continuar a me contar.  
Marlene - Isso.

Shnaider - Me fala um pouco, então.

Marlene - Como eu tinha te falado antes, né?, da gravidez do Marcelo, apesar que eu só conversei com certas pessoas que não tem nada a vê., Quando eu fiquei grávida do Marcelo eu esperava uma menina, então pra mim era uma menina, era uma menina...

Shnaider - Como assim a senhora esperava uma menina ?

Marlene - É porque eu tive o mais velho, é o Ricardo, é o pai da menininha, né? Aí, veio o Marcelo. Aí, eu ia no doutor R. e ele falava: “agora é uma menina”. O doutor R. mesmo falava pra mim, “agora é uma menina, ih mas é menina mesmo”. Ele olhava a minha barriga que era menina, então era uma menina, então eu já pus até o nome da menina, era Ricardo e Aline, sabe? Aí, eu esperava, eu fiz enxoval pra menina, e era uma menina, mas só que se fosse homem também, eu não ia recusar não, entendeu? Nunca na vida pra mim era, ou seja, foi bem vindo. Aí, bom, Aí, o Marcelo nasceu. Eu lembro direitinho quando ele nasceu, eu ainda falei pro doutor: “Doutor e Aí, é uma menina?” Ele ficou nervoso, sabe? Nem me deu resposta. E era um menino. Aí, lá no quarto a enfermeira veio e falou: “Ah, e agora? Tem que colocar o nome no menino.” Eu olhei bem pra enfermeira e falei assim: “Nossa, eu não tenho nenhum nome pra pôr nele!” Ela falou assim: “Mas não acredito!” Eu falei assim: “Não, porque eu tava esperando uma menina. Era Aline. Agora veio menino homem.” Aí, ela falou pra mim assim: “Ah, põe Marcelo ou Leonardo, põe um dos dois.” Aí, eu falei: “ Ah, então eu vou por Marcelo.” Aí, o Natanael foi e registrou. Mas aí, o Marcelo já nasceu assim nervoso, desde de novinho ele era nervoso, dava tapa no meu rosto, sabe? Ele me dava muito tapa , ele batia no meu rosto, e às vezes eu fazia assim, eu pensava assim: Gente, eu não sei se eu posso deixar ele me bater, né? E eu danava com ele, mas assim, ele foi criado com maior carinho, sabe? Aí, depois, ele já foi crescendo , eu olhava no rostinho dele assim, e eu pensava: “Nossa, mas eu pensava tanto que era uma menina, e era homem, né?” Entendeu? Então veio assim desde a minha barriga, era uma menina que eu esperava, era uma menina, até o povo fala assim: “Ó, essa neta sua é a menina que você esperou. Agora que ela veio.” Eu falo: “Não gente, não tem nada a vê não. Neto é neto, filho é filho, não tem nada a vê.” Aí, Aí, o Marcelo nasceu, então o Marcelo era sempre nervoso, ele sempre não gostava muito de ficar com o irmão dele, sabe? Assim, toda vida, desde novinho ele foi indiferente, ele não foi, assim de muito amigo. Mas quando ele tinha mais ou menos assim uns, uns... quando ele começou na 5ª série, ele invocou com uma menina. Aí, era gamado nessa menina, aquela coisa, queria ir pra casa da menina, invocado com a menina, e a menina eu acho que não quis ele não. Aí, depois (Inaudível) ele não é o que eu tô pensando não porque ele gosta da menina. Aí, eu não sabia se ele gostava da menina por outra coisa, mas ele fala assim: “Não mãe, hoje eu penso assim, acho que eu nunca gostei dela não”. Até esqueci o nome dela.

Shnaider – Mas, quando a senhora fala assim: “Não é o que eu tô pensando”, o que que a senhora pensava ?

Marlene - Não, não é porque eu achava ele diferente. Assim, ele tinha um traço de mulher, não sei é eu que sonhava que era mulher, assim, já veio, vinha na minha mente. Não sei se até eu também, pensava assim: “Nossa...” parecia que tinha hora que eu olhava pro rostinho dele assim, parecia assim, que era menina, sabe? Até eu, acho que até eu fiquei com aquilo na mente. Aí, depois, ele foi crescendo mais normal, na escola ele é normal , ele nunca, ninguém nunca falava nada. Ah, não. Às vezes ele ia na praça ali, brincava com os menino. Aí, ele ia lá chamar o mais velho (que o mais velho era rueiro, sabe?), Aí, os meninos falavam assim: “Ah, gayzinho...”, chamava ele de gayzinho, porque ele ficava chamando o irmão dele mais velho. Ele chegava aqui, e falava: “Mãe, não gostei.” Eu falava: “Que que foi Ricardo?” “Ah, os meninos lá ta me chamando eu de gayzinho, de veadinho, só porque eu fui chamar o Ricardo,sabe? Eu não vou chamar meu irmão mais.” Falei: “Não, então tá, meu filho. Então não vou mandar chamar seu irmão mais não.” Aí, foi passando. Aí, depois, depois de muito tempo ele tava... tem uns 4 anos mais ou menos é que ele chegou em mim e no pai dele. Aí,

sentou aqui comigo, o pai dele, falou assim: “Ó, eu vou contar uma coisa pra vocês. É o seguinte: eu sou gay, eu não gosto de mulher, eu gosto é de homem, só que eu não gosto de qualquer homem, eu nunca fiquei com homem, e eu sou virgem até hoje.” Aí, aquilo me adoeceu, eu não conformei. Mas é normal, né? A gente não conformar, porque pra mim o Marcelo é assim, tão macho, tão homem, que eu não esperava. Aí, eu pensava: “Ah, será que foi porque eu esperava uma menina, será que ficou na cabeça dele e tal?” Aí, eu fui pras igrejas, eu ia na igreja, eu fui num homem lá no Luizote, tudo que você pensar eu procurava, sabe? Se falasse: “Ah, isso assim ...” E fui no (inaudível) “Ele não é isso, isso Aí, é menina que você tava pensando que ia nascer, é a Renata. Isso Aí, é uma alma, não sei o que lá...” (inaudível) Aí, fui em um homem da Igreja Católica, o homem também falava: “Não, ele não é isso. O Marcelo não é isso. Isso é uma coisa que tá passando pela cabeça dele, isso é uma tentação, um tormento, ele tá atormentado.” Aí, eu vinha embora Aí, até quando ele começou a fazer o tratamento, ele, o médico passou o remédio pra ele, e ele começou a tomar o remédio, o remédio fez tudo efeito contrário, eu tirei o remédio, ele já tinha dado um surto muito forte. O Marcelo ficou 1 ano sem tomar remédio. E nesse 1 ano, foi o ano que ele tava muito melhor, mais calmo. Sem remédio o Marcelo é melhor do que com remédio, só que infelizmente, fazendo o exame de sangue acusou que ele tem falta de lítio. Então, Aí, depois disso, ele chegou em mim, ele falou assim: “Mãe, eu apaixonei por um cara.” Eu acho que ele deve ter te falado. Aí, essa paixão dele é que foi tão grande assim, sabe? Que ele guardou com ele, é que foi que deu o primeiro surto. Aí, começou, depois deu o segundo, começou a dar o terceiro, mas é porque ele não tava medicado. Aí, agora ele toma o remédio, mas ele fala: “Não, mãe eu não gosto mesmo de mulher, eu não gosto de mulher, mas também eu não gosto de homem nenhum agora, agora eu tô numa boa comigo, eu não gosto de ninguém, tá bom demais, mãe.”

Shnaider - E assim, é, eu queria que você me contasse um pouquinho mais sobre a gravidez, enfim, o que que você pensava, nessa coisa de “Ah, eu vou ter uma menina, Aline.” As coisas que passavam pela sua cabeça, as conversas que você tinha, por exemplo, com seu marido sobre isso...

Marlene - Não, eu, eu realmente eu achava que era uma menina, então eu ficava feliz, então eu sonhava com essa menina, eu sonhava com essa menina. Aí, meu marido também era doidinho por causa de uma menina, ele ficava assim: “Ah, a não essa menina vai nascer...” e eu ia no médico e ele falava: “Nossa, mas essa menina...” E até o médico ficava assim: “Nossa, mas essa menina tá tão desenvolvida, ela vai nascer um mundo, vai ser uma menina muito grande.” Então, todo mundo. Eu falava pra minha família: “Ah, ainda bem que vai ser uma menina e eu vou ligar agora, não vou ter filho mais.” E até quando foi pra mim ter o Marcelo, eu fiquei muito nervosa, porque Aí, eu ia ligar mesmo e eu pensava: “Mas e se não for menina?” Aí, eu tinha já marcado já pra ligar, tudo direitinho. Eu pensava: “Nossa, mas e se não for menina, como é que eu faço?”

Shnaider – Mas, então passava pela sua cabeça que podia não ser uma menina?

Marlene – Passava. Às vezes passava. Só que eu pensava assim: “Mas e agora, e se vier um homem, eu vou ligar, eu já marquei.” Já tinha, já tinha acertado tudo com o médico. E aquilo, parece que na hora que eu internei, aquilo me abalou, porque a anestesia não pegou direito, sabe? Deu um trabalho danado. Eu acho que é por isso que ele me deu a má resposta. Eu falei assim: “Ah, é menina?” Ele nem respondeu de tanto trabalho que eu dei. Teve que colocar, como é que chama? Aquela... balão de oxigênio, sabe? Que dava falta de ar, tudo porque eu pensava assim: “Ah, mas e se for homem? E agora eu tô ligando, depois eu não posso ter uma menina.” Sabe? Aquilo ficou na minha cabeça. Aí, o Marcelo nasceu, eu acho que isso aí, não sei se isso junta pra acarretar... eu sei que o Marcelo teve esses problemas tudo.

Shnaider – Mas, mesmo quando você diz... quando ele era pequeno, você achava que ele tinha um certo jeito, alguma coisa assim, é isso Marlene ?

Marlene – É, às vezes eu imaginava. Eu não sei se tava na minha mente, ou se realmente era dele. Depois de adulto ele vem e me fala isso, mas ele nunca assim, demonstrou, ele nunca, ele nem, sabe? O Marcelo é muito reservado. Então, desde novinho , sabe? Ele estudava, ele era um menino normal, ficava com os colegas dele, sabe? Mas assim, sempre olhava nele assim, e pensava assim: “Nossa , ele parece, ele tem o jeito de uma menina mesmo.” Assim, eu não sei se isso ficou comigo, e se ficou com ele também, sabe? E que veio acarretar na vida dele, sabe? Eu não sei, até hoje eu não sei, eu nunca procurei sabe? Até quando a menina veio... (Aí, ó, eu já começo a chorar) até queria procurar um médico (choro) ... Ah, mas dói, né?

Shnaider - É realmente muito difícil, né?

Marlene - Então, eu não sei se...

Shnaider - Quando veio a menina, a você disse...

Marlene - A Ana Clara, né? Até eu ia, eu ia trata. Falei: “Nossa, tô precisando de médico também.”

Shnaider - É, porque Marlene ? Me conta um pouquinho...

Marlene - Não, é porque eu acho que fui eu que atrapalhei o Marcelo. Eu não sei também se é. Muita gente fala: “Não, Marlene. Não tem nada a vê não.” Porque esse problema dele é mais é psicológico, não é, você não acha ?

Shnaider - Se você tá me dizendo que é só quando ele tá no surto que essas coisas acontecem ... a gente tem que tentar entender um pouquinho ...

Marlene – Não, assim, sem o surto, ele também fala: “Não, mãe, eu sou, eu sou gay mesmo.” Só que ele fala só comigo, entendeu? Ele não conversa com ninguém, pra ninguém e nem deixa eu comentar com ninguém. Ele esconde. Mas você não vê nada disso no Marcelo. E na rua... Ah, outra coisa, o Marcelo não gosta de amizade com gay, ele detesta gay, e tem mais essa e é uma coisa séria, né? Ele não gosta. Ele entra no Saraiva, aí, tem um rapaz aqui subindo, aí, o rapaz vem conversar com ele, ele muda de banco. Se deixar ele desce noutro ponto pro cara não descer, nem conversar com ele, sabe? Teve um dia que um parente meu veio aqui, ele tava meio surtado. Aí, ele começou a falar: “Ah, porque eu sou gay, porque não sei o que lá, porque não sei o que lá, porque não sei o que lá...” Aí, a minha prima falou assim: “Engraçado, eu tô achando que é isso aí é que levou o Marcelo a vir a surtar. Esse problema dele falar que é gay, que é gay, que é gay. Quem é gay não sai falando não, quando tá desse jeito não. Não sai falando não. E porque que ele tá falando logo agora no momento?” Aí, esse primo meu foi e falou pra ele assim: “Ah, Marcelo procura o Marquinho do salão então, começa a andar com o Marquinho do salão, vai te ajudar muito.” E, mas pra que? Aí, ele apelou na hora, sabe? Aí, ele não corta cabelo no Marquinho do salão, porque o Marquinho do salão é desse jeito. Então, o que ele puder evitar esse tipo de pessoa, ele evita, eu não entendo isso.

Shnaider - É Marlene, assim, quando veio a sua neta pra casa , você disse que até precisava procurar um médico ?

Marlene - Isso.

Shnaider - Me conta um pouco .

Marlene – Não, é porque eu pensei assim: “Ah, eu vou no médico pra conversar, pra poder eu ajudar o Marcelo.”

Shnaider - Mas por que a vinda da sua neta provocou isso em você ?

Marlene – Não, é porque não tem como eu sair com ela, dificultou né? Fica difícil. Mas eu falo: “Ah, passa rápido, num estantinho ela cresce, né?”

Shnaider – Então, mas isso não te impede também, né? De, de ver isso depois, né? Mas assim, então fica sempre isso na sua cabeça, que você, tem coisas que você pode ...

Marlene - É tem culpa, né?

Shnaider - Você às vezes tem culpa ...

Marlene - É, apesar que também eu não fui culpada, porque eu não queria isso, né? E engraçado, que até o médico, né?, até o médico também me provocava porque ele falava: “Não, é uma menina, é uma menina, é uma menina...” Então, eu esperava uma menina. Agora, tem gente que fala assim: “Não, mas antigamente todo mundo achava que era menina e vinha homem, achava que era homem e vinha menina, não tem nada a vê Marlene.” Agora, eu não entendo se tem alguma coisa a vê.

Shnaider - Mas assim, os primeiros momentos que...

Marlene - Não, os primeiros momentos do nascimento do Marcelo, ele foi muito sem sorte, porque assim que ele nasceu, eu perdi minha mãe, eu tava de resguardo dele. E aí, daí, ele tinha, ele tinha trinta dias quando eu perdi minha mãe. Foi assim... e minha mãe era... (se eu falo da minha mãe eu vou chorar).

Shnaider - O Marlene, eu não quero te provocar isso.

Marlene - Não, mas é bom que desabafa. Aí, ela faleceu de infarto. Assim, foi muito rápida a morte dela. Aí, eu não dei conta de olhar o Marcelo e nem o Ricardo. Aí, eu ficava 1 mês lá no Prata, minha cunhada me ajudando... Então, eu entrei em depressão. Eu fiquei, acho que uns quatro anos com depressão.

Shnaider - Logo depois (inaudível).

Marlene - É. Eu sofri muito. E nem um médico falou: “Não, você tem depressão, é isso e aquilo...” Então, eu tenho muita dó, porque na hora que ele mais precisou, né? Eu tava doente, né?

Shnaider - O que que você sentia ?

Marlene - Eu queria morrer, eu queria, tudo que eu queria.

Shnaider - Você acha que foi, o que tava na sua cabeça foi ocasionado pela morte da sua mãe ?

Marlene - Foi, também ajudou.

Shnaider - Mas você se lembra, se na sua vida, você tinha tido alguma coisa parecida com isso, Marlene, ou essa foi a primeira vez ?

Marlene - O que, depressão ?

Shnaider - Isso.

Marlene - Não, foi a primeira depressão.

Shnaider - Tristeza ...

Marlene - Não, foi a primeira. Foi depois que a minha mãe faleceu. E ainda pegou assim, eu de resguardo, eu tinha ligado, o Marcelo tinha nascido e eu tinha ligado, né? Então, era duas cirurgias. Aí, foi uma depressão muito forte, sabe? daquelas bem forte. Eu via a minha mãe, eu achava que eu tava morrendo. Então, foi juntando tudo...

Shnaider - E o Marcelo e o Ricardo ficaram ...

Marlene - Não, ficavam os dois com nós. Ficaram só 1 mês no Prata. Aí, depois de um mês eu busquei eles, mas assim, com depressão, entendeu? Então, foi muito difícil pra eles, né? Pra eles e pra mim, né?

Shnaider - Você resolveu levá-los pro Prata pra ficar com quem, você disse?

Marlene - Não, não, ficou com uma cunhada minha.

Shnaider - Com sua cunhada, irmã do seu esposo.

Marlene - É, a irmã do meu esposo, ficaram lá 1 mês. Os dois, o Marcelo novinho, tinha um mês só.

Shnaider - Como você ficou, nesse 1 mês, assim ?

Marlene - Quando os meninos tavam pra lá? Não, eu acho que eu nem tenho muita lembrança, eu só lembro que eu queria só chorar, só morrer, mais nada, sabe? Eu queria embora também. Então... Eu ficava vendo minha mãe sem parar, eu ficava achando que ela

tava sentando no sofá, escutava o rastro do chinelo dela, sabe? O tempo todo, era 24 horas. Eu dormia e sonhava com ela. Aí, um dia, até eu mesmo sonhei com a minha mãe. Aí, eu acho que nem era minha mãe não, porque ela já morreu. Era Deus mesmo, sabe? Porque ela disse que era pra mim buscar meus meninos, que eu tinha que criar meus filhos. Era um sonho, ela falava assim: “Olha, eu vim aqui em nome de Deus minha filha, porque você precisa buscar seus filhos, eles precisam muito de você, E vai lá pra você ver que eu vim aqui em nome de Deus, vai lá no Prata, busca eles. O Marcelo ganhou um macacão lindo da madrinha dele, amarelo. Vai lá.” Aí, no primeiro ônibus, eu peguei o ônibus pro Prata, sabe? Cheguei lá, a hora que eu cheguei minha cunhada falou assim: “Não, não acredito que você tá chegando aqui não.” Falei: “Não, eu vim buscar meus meninos.” Aí, ela falou assim: “Vem cá pra você ver o que que o Marcelo ganhou.” Que ela abriu assim, o macacão amarelo, do jeitinho do sonho, sabe? Eu acho que era Deus assim, me dando força e me mostrando ela no meu sonho, sabe? Aí, eu trouxe eles, nunca mais precisou de ninguém cuidar deles não. Aí, logo eu já comecei, eu já voltei a dar aula. Mas sempre assim, eu lá na escola eu sentia bem e quando eu chegava em casa eu já chegava com depressão. Lá na escola eu distraia. A hora que eu chegava em casa vinha aquela depressão forte.

Shnaider - O que você acha que acontecia que você chegando em casa você sentia depressão, o que você pensa ?

Marlene - Não, eu até hoje eu não entendo. Eu não sei se é porque eu chegava em casa vinha aquela, sabe? A minha mãe assim, eu ficava com aquela saudade dela, porque eu ia chegando, ela tava sempre me esperando. Eu acho que era falta dela mesmo.

Shnaider - Ela morava com você ?

Marlene - Não, mas a gente sempre tava junto, morava perto, sabe? Ela não saía da minha casa e eu não saía da casa dela. A gente era muito assim, muito unida, eu mais a minha mãe.

Shnaider - E assim, ela não tinha ficado doente ?

Marlene - Não, não, não, foi enfarto assim, muito rápido. Foi dentro de 13 dias ela faleceu e foi tudo assim, no resguardo que eu tive quando o Marcelo nasceu. Então, o Marcelo sofreu muito também, né? Porque novinho, né? Quando mais precisa, né? A gente sabe que precisa, depende. Então, eu já tava doente já, já tava acumulando tudo, então o Marcelo cresceu assim, muito nervoso. Parece que ele já cresceu assim, revoltado, sabe? Ele era nervoso, ele me dava tapa e dava tapa no irmão, sabe? Ele era assim... Depois não, hoje o Marcelo, até que assim, ele é nervoso ainda, sabe? Mas ao mesmo tempo ele é amoroso, difícil ver um rapaz igual ao Marcelo, o tanto que ele é amoroso com a gente, preocupado.

Shnaider - Nesses 4 anos, que você passou com depressão, você disse que tinha durado 4 anos, foi justamente os 4 primeiros anos da vida do Marcelo ?

Marlene - Foi, foi.

Shnaider - Como você lembra que transcorreu esse tempo, você com a sua depressão, o Marcelo, como que ele era, além desse nervosismo que você tá falando ?

Marlene - Não...

Shnaider - Às vezes você tem alguma lembrança, pode contar.

Marlene - Não, eu lembro só que ele era nervoso só. Mas assim, tirando disso, eu não lembro de outras coisas não, só lembro que ele era nervoso e ... Mas assim, toda vida o que eu pude fazer pra eles eu fiz, toda vida, toda vida eu fui daquelas que, sabe? Se eu puder fazer, eu faço mais pra um filho do que pra qualquer pessoa. Então... Mas eu só achava ele nervoso.

Shnaider - E, nesse tempo de depressão assim, que coisas você sentia, nesses 4 anos assim, essa vontade de morrer, de ir. Eu queria que você me contasse o que você sentiu ?

Marlene - Ah, o meu sentimento... Não, era só isso mesmo. Assim, sobre o problema do nascimento do Marcelo, eu não revoltei em nenhum momento por ele ser

homem também, eu falar assim, que eu revoltei, de jeito nenhum, sabe? Foi a melhor coisa do mundo. Nasceu. Pra mim é meu filho do mesmo jeito. Então, eu não lembro assim que teve outra coisa não.

Shnaider - E você, nesse tempo, você às vezes olhava e ficava lembrando de uma menina que você podia ter, alguma coisa assim, isso te vinha na cabeça?

Marlene - Não, a única coisa que veio assim, foi muitos anos assim, sabe? Porque eu liguei, né? Eu fui ligada, né? Aí, eu não podia ter filho mais. Então, eu não podia ter uma mulher mais. Mas assim, de eu ter tido o Marcelo eu não revoltei, de ele ter vindo homem, entendeu? A única revolta minha é de eu ter ligado e não ter tido a menina. Mas assim, não foi nada a vê com o Marcelo, eu acho então. Porque já era a ver com a cirurgia, né? Eu pensava: “Nossa, agora eu não posso ter a menina mais.”

Shnaider - E , e nesse período todo assim, o Marcelo veio a ter o surto, quantos anos ele tinha? 18, 19 parece que ele falou?

Marlene - O Marcelo? Nossa, agora você me apertou, deixa eu ver, deixa eu lembra. Não, ele tá com 20 e... Ele fez 22 em fevereiro, ele vai fazer 23 já. Não, o Marcelo já tinha 20 quando ele surtou.

Shnaider - Pois é, como que foi?

Marlene - 21.

Shnaider - Com que foi pra vocês assim, como é que vocês foram percebendo que tinha alguma coisa de diferente? Vocês perceberam alguma coisa antes?

Marlene - É engraçado, que esse surto do Marcelo, a gente contar pras pessoas nem não acredita. Ele tava numa fase mais boa da vida dele. Inclusive, ele tinha ido lá na ACS. Ele fez uns teste lá pra entrar, ele falava assim: “Mãe, eu quero trabalhar, tô cansado de ficar em casa, vou trabalhar, depois eu vou estudar.” Aí, ele fez os teste, passou nos teste. Aí, fez aquelas dinâmicas, passou nas dinâmicas, passou por psicólogo. E ele tava fazendo o treinamento, já pra começar a trabalhar quando ele veio a surtar. Então, ele tava dos mais feliz porque tinha arrumado um emprego, sabe? Eu não... Isso aí é que eu não entendo também. Ele tava numa fase muito boa. A única fase difícil assim, que ele fala é esse rapaz, que ele diz que gostou muito desse rapaz e que não deu certo. Mas ao mesmo tempo, do outro lado, ele tava bem e não falava assim com a gente, não deixava nada passar assim, pra falar assim: “Eu tô com problema, mãe.” Não, em nenhum momento.

Shnaider - Você não percebeu nada de diferente?

Marlene - Não, não. Às vezes ele ouvia música, as música dele assim, ele gosta de umas música mais triste, eu falo: “Não, Marcelo, essa música tá parecendo música de velório, tira isso.” Aí, Marcelo, mas sempre ele gostou desde novinho, até hoje ele gosta. Então, não foi assim, pra falar que foi só naquela época, toda vida ele gostou de música assim. Não, ele não deixou transparecer isso não .

Shnaider - E o que foi acontecendo que vocês foram vendo que tava acontecendo alguma coisa com o Marcelo ?

Marlene - Quando ele surtou ?

Shnaider - É.

Marlene - Não, eu percebi que, primeiro foi a insônia. Ele deitou e não conseguiu dormir, Aí, eu lembro direitinho que ele não conseguiu dormir, Aí, quando foi na outra noite, ele deitou de novo. Ele não conseguiu dormir de novo, quando foi na terceira noite, ele deitou de novo, Eu falei: “Marcelo, você tá com algum problema?” “Não mãe, não tô não.” “Você não tá dormindo direito, você disse que não tá dormindo.” “Não mãe, não é nada não, mãe, deve ser por causa do serviço lá. Eu fico preocupado.” Falei: “Não, meu filho, então se for assim, tiver te dando problema, meu filho, corta volta, não fica não.” “Não, mãe. Mas não é não.” Aí, nisso ele dormiu, ele levantou já, eu acho que ele levantou já sentindo mal. Aí, ele levantou, foi lá no quarto, ele me olhava assim, ele me olhava, foi quando, eu

acho que ele já tava começando a surtar. Ele me olhava e ele falava assim: “Nossa, parece que eu não tô conhecendo a senhora. A senhora, Deus me perdoa! A senhora, a senhora, a senhora não ta querendo me usar não, né?” Eu falei: “O que é isso Marcelo, pelo amor de Deus meu filho, eu sou sua mãe!” “Não, eu não tô lhe entendendo não, eu tô com medo.” Aí, ele começou a ficar com medo das pessoa, achar que as pessoa era demônio. Ele começou a achar que eu mais o pai dele queria usar ele de noite. Aí, ele falou pra mim assim, que ele tinha tido relação com esse rapaz. Que ele tava tudo molhado, que ele tava fedendo. Essa madrugada, ele falou: “Mãe, eu tô fedendo mãe. Eu tive relação com o Gabriel. Eu tô num fedor, eu tô tudo sujo.” Aí, eu falei: “Nossa, Marcelo, você tá sentindo mal, Marcelo!” Aí, eu já levantei, já fiquei preocupada com ele, e ele: “Eu tô fedendo!” Eu falei: “Vai tomar banho meu filho, vai tomar banho então, porque você tá fedendo, você vai melhorar.” Ele foi pro banheiro. Ele tomava banho. Ele não parava de tomar banho não. Não saia do chuveiro, passava sabão. E diz ele que quanto mais sabão ele passava, mais ele tava fedendo. Mas que ele tava tudo sujo porque ele tinha tido relação com esse rapaz. Aí, primeiro ele me estranhou. Ele disse que não tava me entendendo, porque ele tava com medo de mim, porque ele tava achando que eu podia usar ele. Eu já comecei até a chorar, fiquei sentida. Aí, ele tomava banho, tomava banho. Aí, ele já veio, eu já achei ele estranho. Aí, eu fui e mandei atrás do meu esposo. Aí, ele veio: “Ó, o Marcelo não tá normal não, aconteceu isso, isso e isso...” Tudo depois que ele saiu pra trabalhar. Aí, eu falei assim: “Vamos marcar um médico pra ele.” “Não, então você marca lá que eu venho pra gente ir.” Aí, eu marquei. Aí, na hora do almoço ele veio. A gente chamou um táxi porque tava sem carro. Aí, o táxi veio, a gente entrou no carro. A hora que a gente vai descendo, ele abriu a porta do táxi e saiu correndo. Aí que eu vi que ele tava era louco mesmo, assim. Aí, a gente já saiu correndo atrás dele, e já perdeu ele. Aí, ele já sumiu lá pro lado do Santa Mônica, aqueles lados. Depois ele voltou já de tardezinha. Aí, ele voltou. Pra você ver como é que é as coisas, a gente... Aí, eu contei pra uma cunhada minha, irmã do meu esposo. Aí, ele foi e falou: “Nossa, Marlene, Nossa. Esse trem do Marcelo não tá normal não. Eu vou lá na Rosita. Eu vou conversar com a Rosita.” Aí, foi lá na Rosita, a mulher da carismática, não sei se você já ouviu falar, na Igreja Católica, ali (inaudível). Aí, ela foi lá na Rosita. Aí, ela veio e falou assim: “Nossa, a Rosita diz que é pra você e o Natanael hoje sem falta lá no louvor, ela precisa demais de fazer uma oração. É pra levar um documento do Marcelo, porque aqui na sua casa tem um feitiço que tá feito aqui no quintal.” Eu falei: “Pronto, meu Deus! Eu não acredito assim, nessas coisas não. Se existe eu nem sei, porque eu acho que Deus é tão maior, sabe? Aí, eu falei: “Ai, meu Deus, então vamos!” Aí, chamei minha irmã e falei: “Fica aqui com o Marcelo, porque eu não posso deixar o Marcelo sozinho.” Ela veio. Aí, o Marcelo ficava assistindo só política na televisão, ele brigava com os homens na televisão, ele já tava assim, ele não tava normal mais. Aí, no médico, eu não consegui levar ele. Aí, o médico foi mandou uma guia pra mim, pra internar ele na psiquiatria. Já leva ele direto pro médico. Aí, meu esposo que foi lá conversar com o doutor, ele falou: “Não, já tem que encaminha ele pra uma psiquiatria. Não pode deixar.” Aí, eu fui, a gente tá lá no louvor, conversando, fazendo oração pra ele e nisso ele chamou minha irmã de demônio, meu cunhado de demônio, xingou minhas sobrinha tudo e falou que deixou eles aqui na porta e saiu correndo e sumiu de novo. Deixaram ele sumir. Aí, eu cheguei e nada do Marcelo. O Marcelo só chegou aqui era 3 e meia da manhã. Assim que ele chegou, a gente já chamou o corpo de bombeiro pra levar porque ele não obedece a gente. Aí, já levou ele, pra internar. Esse foi o primeiro surto, na psiquiatria. Aí, já internou ele e ficou internado 13 dias.

Shnaider - Quando você viu essas coisas acontecendo, o que você pensava que podia estar acontecendo, você lembra ?

Marlene - O que eu achava? O que me ocorria? Ai, menina, eu pensava: “Gente, será que o ...?” Não, pra mim eu achava que o Marcelo tava ficando louco assim, sabe? Mas eu nem entendia muito dessa doença, dessas coisas. Nunca, como se diz, igual eu

te falei, eu tive depressão assim, após o resguardo, né? O resguardo, que a minha mãe tinha falecido, mas nem eu assim, não cheguei a surtar, não cheguei a passar por essas coisa. Então, eu não imaginava essas coisas assim. Então, eu pensava: “Nossa, o que que tá acontecendo, será que o Marcelo tá ficando doido, será o que que tá acontecendo com o Marcelo, meu Deus?” Eu só punha na mão de Deus, né? E aí, ele ficou internado lá 13 dias na psiquiatria. Mas aí, a psicóloga de lá conversava com ele, ele falava com ela. Aí, ele falava lá que ele era gay, contava pro médico. Aí, ele contou pra todo mundo na psiquiatria, sabe? Assim, quando ele tá surtado. Aí, a psicóloga foi e falou pra mim assim, eu lembro direitinho: “Marlene, o Marcelo ele tem uma luz dentro dele, eu tenho que encontrar. E o Marcelo nem ele se conhece direito e a gente tem que fazer esse trabalho e se você quiser que eu te ajudo, eu te ajudo.” Só que aí, depois o Marcelo saiu da Medicina e não quis procurar psicólogo. Ele não quis. Até ela até me deu o telefone dela, ele: “Não, porque eu não gosto, eu vou conversar pra que? Eu falei: “Marcelo, precisa.” Ele: “Não porque eu não gosto, eu não gosto disso, ficar contando a minha vida. Não mãe, eu não tenho nada pra contar não.” Eu falava: “Meu filho, tem sim.” Aí, ele não quis procurar ela. Aí, depois, ele começou com a, não... aí, a outra já foi a M.. Ele conversou com a M., depois eu acho que, não sei se não teve continuação, que ele vai lá e quase não conversa com ela. Depois ele falou em você. E vai... Eu falo: “Não, Marcelo você tem Unimed agora, vamos tratar direitinho e tal...” Ele fala: “Não, mãe eu já tô conversando, eu não tenho nada.” hoje mesmo ele já falou pra mim: “Mãe, eu não preciso nem de lítio mais, eu não tenho nada.” Falei: “Precisa! Marcelo, eu sinto muito, mas a semana que vem nós vamos no médico. Você vai fazer os exame tudo de novo, se não você vai pôr eu doidinha!” Aí, ele me obedece. (inaudível) me obedece: “Não, mãe, então tá, então nós vai, nós vai no médico. Eu tenho que levar ele senão ele não vai não.

Shnaider - E com essa história toda de você dizer assim: “ Ah, eu preciso procurar um médico pra ajudar o Marcelo”, em que sentido você pensou que conversando com alguém você poderia ajudá-lo Marlene ?

Marlene - Você fala do Marcelo? Não.

Shnaider - É, porque você falou assim: “Ah, fiquei com vontade de procurar...”

Marlene – Não, assim, de procurar assim, não de mudar o Marcelo, entendeu? De ajudar ele assim, né? A, como se diz, ele fala assim: “Não, mãe, eu sou assumido sim, mãe. Eu assumo sim, mãe.” Mas ele não assume. A gente vê que no fundo, no fundo, o Marcelo esconde, sabe? Assim, por vários motivos, ele fala assim: “Mãe, eu tenho duas amigas, mãe, elas falam assim: ‘Ah, Marcelo eu vou te levar você lá naquela, (não sei se ele já te comentou), numa boate de gay, eu vou te levar lá, Marcelo’.” Aí, ele falou assim: “Mas, mãe, nem mãe, eu não tenho coragem não. Já pensou os outro me ver lá?” Ele fala assim: “Mãe, uma vez eu entrei lá mãe, Deus me perdoe, se a senhora vê o tanto de gente, mulher com mulher, homem com homem, Nossa mãe do céu! E um cara querendo me agarrar lá, eu sai, sai correndo, não gosto mãe, não gosto.” Tadinho do Marcelo, né? Porque a mesma hora que eu acho que ele é assumido, no mesmo momento ele me passa que não é assumido. Eu sendo a mãe dele eu percebo isso, sabe? Assim, aqui em casa, que ele esconde, sabe? Assim, vamos supor se ele for lá pro Prata. Ah, e outra coisa, ele é cismado. Se ele for lá no Prata assim e os homens tiver todo mundo conversando, ele já cisma que o fulano tá pensando mal dele, que o outro tá, sabe? Assim, aí, ele vem e me comenta, ele fala: “Não, mãe parece que o fulano tava rindo pra mim diferente, parece que o outro me olhou diferente.” E ninguém nunca percebeu do Marcelo, todo mundo conversa com a gente, é só na cabeça dele, sabe? Agora hoje não, hoje todo mundo sabe do problema dele, porque quando ele surta ele sai contando. Então todo mundo fala: “Não, o Marcelo tá é doente.” Mas, pode até que ele seja também, né? Ninguém também fala nada, entendeu? Então, eu tinha vontade assim, do Marcelo realmente procurar uma ajuda, pra ele, como se diz, ou assumi o que que ele for, que a gente não sabe, né? Então, eu falo direto pra ele: “Não, meu filho, você tem que procurar

uma ajuda. Porque pra te ajudar, pra você....” Às vezes pode até melhorar assim, esse humor dele, não sei se lítio tem que tomar pro resto da vida, tudo isso tem que conversar. Ou se é só enquanto ele tá assim, numa fase, sabe? Ou se todo mundo que toma isso é a vida inteira...

Shnaider - O que o médico disse pra você que ele tinha tido?

Marlene - Qual médico?

Shnaider - Quando vocês levaram ele lá pra Medicina.

Marlene - Lá da Medicina?

Shnaider - É.

Marlene - Não...

Shnaider - Ou outros que vocês, que vocês encontraram.

Marlene - Não, o médico da Medicina mesmo, ficou por entender. Achou assim, que ele melhorou muito rápido lá na psiquiatria. No mesmo estantinho ele melhorou, no mesmo estantinho ele queria ajudar as pessoas, sabe? Na mesma hora que o Marcelo surta, assim... Mas só que conforme o remédio, o Marcelo fica pior, ele fica mais louco. Então, o único remédio que deu certo pro Marcelo é o lítio. Os outros remédios só fez o contrário. Então... Mas aí, mesmo aqueles remédio forte assim, parecia que no mesmo estantinho ele sai daquele surto, ele fica só uns dia assim, ele acha assim que a gente é demônio, ele fica vendo demônio. Eu acho que isso aí, tá na doença, né? Fica vendo demônio, ele acha que a gente é demônio, ele acha que a gente tá indo lá assim, pra mandar os médicos dar remédio forte pra ele, sabe? Então, até essa última vez que ele internou, ele nem queria eu dentro da psiquiatria, não queria não, sabe? Mas eu não saí de dentro, eu não largo ele lá sozinho, nunca larguei ele, se ele ficar lá dez dias, eu fico dez dias lá dentro.

Shnaider - Como você faz, você fica lá?

Marlene - Durmo lá, fico lá acordada, sabe? Os doentes vai lá e fica assim...(choro)

Shnaider - E esses 13 dias, você ficou lá os 13 dias, Marlene?

Marlene - Fiquei, porque eu não largo ele.

Shnaider - Quando você teve que deixar os seus filhos, por causa da profunda depressão que você tava, depois que você foi buscar, como que você sentiu, que você se sentiu ?

Marlene - Quando eu busquei meus meninos? Não, parecia que eu tinha... quando eu busquei eles, parece que eu fui com uma força tão grande e, eu vim pra ela, sabe? Assim, aquela força de criar eles, sabe? Assim, não sei se foi meu sonho. Não foi meu sonho, eu tenho certeza que é Deus.

Shnaider - Mas na época você pensava que tinha sido seu sonho, o seu sonho tinha sido...

Marlene - A minha mãe.

Shnaider - A sua mãe?

Marlene - É.

Shnaider - Na época você pensava isso ?

Marlene -É. Na época, depois assim, que você vai, sabe? esclarecendo, que a gente vai conversando, né? A pessoa entendendo. Inclusive, a minha mãe tinha uma irmã que era freira. Então, eu conversando com ela, ela falava assim pra mim: “Não, é sua mãe mesmo que veio no sonho.” Mas depois, eu conversando com outras pessoas: “Não, Marlene, sua mãe já morreu, acabou. Então, é Deus mesmo que pôs ela no seu sonho.” Ele falou assim: “Não, eu vou pôr a mãe dela no sonho pra dar força pra ela, né?” Então aí, com o tempo é que eu fui esclarecendo isso.

Shnaider – Quer dizer então que você pensava que o que tinha te dado forças pra você ir buscá-los...

Marlene - Era minha mãe.

Shnaider - Era sua mãe, que tinha te ...

Marlene - É, no começo foi. É, no começo era. No começo eu pensava que era minha mãe mesmo. Aí, depois eu fui esclarecendo, assim, que eu fui entender. “Não, minha mãe não podia fazer uma coisa dessa não, ela tava morta, né?” Aí, que eu fui entender que era Deus mesmo. Inclusive, a minha depressão, eu ia no médico, tratava, ninguém falava que eu tinha depressão. Eu queria largar do meu marido, eu queria que ele sumisse da minha vida, eu achava que ele era, que ele tava me cansando. Os 4 anos eu achava que meu marido me cansava, eu queria era separar dele também. Então, foi muito difícil. Aí, um dia eu fui numa, numa senhora amiga da minha mãe, falei pra ela: “Nossa, eu não agüento mais, eu vou largar do Natanael.” Ela falou: “Nossa, não vai de jeito nenhum! Você vai na igreja porque Deus tem que ter misericórdia de você, da sua família, pelo amor de Deus!” Aí, ela foi e me levou na igreja, até era um louvor que tem aqui na São Pedro. O primeiro louvor que eu fui, eu fui curada, é difícil, né? Eles falava assim: “Não, Deus não cura assim da primeira vez.” Mas eu fui curada na primeira vez. Primeira vez, eu entrei na igreja, eu lembro direitinho, eu entrei, sentei. Aí, nisso começou os canto de louvor e o rapaz lá, conversando, falando umas palavras bonitas. E nisso eu vi, parece que arrancando aquilo tudo assim de mim, eu chorei de alegria. Aí, ele até falou assim: “É, tem uma pessoa aqui que recebeu uma graça.” Eu chorava. Aí, ele me chamou lá na frente que era pra mim contar a graça. Eu falei... (Não, porque eu sou muito chorona, eu choro mesmo. Eu sou forte, só de ficar na psiquiatria treze dias né?) E aí, eu falava: “Não, sou eu mesmo.” E ele falou: “Não, então vem cá contar a graça que você recebeu.” Mas eu não tinha força porque eu chorava muito mesmo, eu não dava conta de conversar, então, não comentei no dia. E nunca mais eu vi barulho da minha mãe, arrastando. Eu via minha mãe achava que ela tava no quarto, eu deitava achava...

Shnaider - Nesses 4 anos, justamente esses 4 anos, que você tá falando?

Marlene - Do Marcelo, que o Marcelo tinha nascido, é. Eu deitava eu achava que a minha mãe tava ali no quarto, eu achava que ela tava debaixo da cama, eu achava que ela tava atrás do guarda-roupa, eu pensava: “Nossa, ela vai aparecer pra mim!” Eu deitava eu via luz assim ascendendo assim, claridade de luz na copa, eu pensava: “Nossa, é minha mãe! Ela vem. Não mãe, pelo amor de Deus, não vem não!” Eu cobria a cabeça, sabe? Eu não sei te explicar como eu conseguia dar aula. E na escola, pra eles lá, eu era a melhor professora, sabe? Inclusive, tinha uma supervisora minha, acho que ela era meia, sabe? Aí, de vez em quando eu faltava, o dia que eu não tava bem eu não ia na escola não. Aí, a diretora: “Nossa, mas a Marlene todo mês ta faltando, né?” Aí, ela chegava em mim: “Ó, Marlene, fulano falou assim, assim e assim de você. Mas eu já dei a resposta pra ela. Menina, você pode faltar até 15 dias.” Que é quase o dobro, o triplo das outras. (inaudível). Ela ainda me dava força, né? Como se diz, né? Mas eu faltava muito, eu faltava umas duas vezes por mês. O dia que eu não queria ir na escola, eu não ia não. “Ah não, hoje eu não saio.” Eu não ia nem no portão.

Shnaider - É?

Marlene - É. Aí, vinha aquela ansiedade, aquela coisa ruim, sabe? Aí, depois no outro dia eu ia numa boa dar aula.

Shnaider - Você falou assim, que às vezes você via na copa luz, como assim?

Marlene - Luz. É. Uma vez eu deitei e apareceu uma luz assim, na copa. Mas era uma luz diferente, não era uma luz dessa aqui, era uma luz totalmente diferente. Aí, eu senti que a minha mãe tava ali, que ela ia aparecer pra mim. E aí, foi me dando aquele medo, aquele medo e eu falava: “Deus, pelo amor de Deus, não deixa minha mãe aparecer pra mim não.” “Não vem não mãe!” E mandei a coberta assim, a hora que eu abri o olho tava tudo escuro, sabe? E uma vez também, quando foi numa véspera de dia das mães, eu deitei, à noite, tava dormindo... Tudo isso, eu não sei se era da depressão, se era eu que via. Aí, arrastou a cadeira assim, na minha cozinha e veio andando, porque minha mãe tinha mania de arrastar o chinelo. E ela veio arrastando o chinelo. Aí, ela veio e sentou assim, na cama assim, onde eu tava deitada e me encostou o corpo assim, eu senti ela me encostando o corpo. Aí, me

deu aquele medo, eu falei: “Natanael, acende a luz que a minha mãe tá aqui, sentada aqui e me encostando.” Aí, ele falou assim: “Não, Marlene, não é sua mãe não. É o Ricardo. eu falei: “Não, é minha mãe.” Ele falou: “Não, é o Ricardo, eu vi ele passando aqui, ele passou aqui e deitou.” Eu falei: “Não, é minha mãe. Ela tá sentada aqui do meu lado.” Aí, ele acendeu a luz e não tinha ninguém. Aí, ele foi e tornou a apagar a luz. Daí um pouquinho, veio de novo lá da cozinha, de novo arrasou a cadeira, veio andando de novo. Daí, sentou de novo e me encostou. Eu falei: “Natanael, agora é minha mãe.” Ele falou: “Não, agora é o Ricardo mesmo, agora é o Ricardo, agora eu vi mesmo, agora eu vi até ele levantando da cama e passando aqui.” Aí, eu falei: “Não é.” Ele acendeu a luz e não tinha ninguém de novo. Aí, eu falei assim: “Não, deixa a luz acesa que eu vou rezar um pouco.” Aí, deixou a luz acesa, eu rezei e sumiu. Aí, também não sei te explicar se era minha mãe, sabe? Ou se era da depressão. Só que meu marido também via, mas ele via meu menino, eu via a minha mãe. Ou se é alguma coisa ruim, Deus me perdoe, (inaudível) eu não sei. Que aproveita da gente tá fraca, né?

Shnaider - Você disse que assim, nesse momento...

Marlene - Mas no começo eu achava que era a minha mãe que tava aparecendo pra mim mesmo.

Shnaider - Nesse momento que você tava passando você achava que era ela?

Marlene – Era. Não, nessa época eu ainda tinha depressão ainda. Eu tinha a depressão ainda nessa época do sonho, nessa época da luz, que a luz acendeu, sabe? E aí, eu falei assim: “Nossa, agora é a minha mãe!” Pra você ver, foi 4 anos assim, que o Marcelo tava novinho, que eu fiquei doente, né? Bem fraca, né?

Shnaider -Como que você cuidava dos 2? Você disse que tava com depressão

...

Marlene - Eu não sei. Eu com depressão cuidava dos 2, cuidava de casa e ainda dava aula ainda, sabe? E assim, eu pagava uma menina pra ficar com eles no período que eu tava fora de casa. No período que eu tava em casa, aí ela era muito lenta, então, nessa idade eu era muito esperta, sabe? Então, mesmo com a depressão, no período da manhã eu dava conta de deixar a casa brilhando e nessas épocas se deixasse, eu queria lavar até o telhado. Eu queria limpar a casa, eu queria lavar o telhado, eu queria lavar tudo, tudo tinha que brilhar. Meus armário era lavado toda semana, tudo que tava dentro do armário, era doença, né? Lavava tudo. Então, eu dava conta de tudo até na hora do almoço. Então, eu acho que eu nem dava assim muito carinho pros meus meninos, porque eu não tinha tempo. Então, na hora assim, eu dava comida, aquela correria, fazia almoço e já deixava a menina só por conta deles.

Shnaider - E assim de manhã, a menina também é que cuidava deles?

Marlene - Cuidava.

Shnaider - ...enquanto você cuidava da casa ?

Marlene - Corria com o serviço. Eu deixava ela por conta deles também pra eles não ficarem longe comigo. Hoje que eu vejo minha neta aqui, eu falo: “Nossa, meus menino me perdeu, né?” Porque eu não dei conta de fazer isso por eles, o que eu faço pra Ana Clara, eu não fiz pros meus filhos. Eu não tive como fazer porque eu dava aula. Na época do Ricardo, o mais velho, era mais fácil, porque eu era sozinha, só tinha o Ricardo, eu não tava doente, eu não tinha depressão, minha mãe era viva, né? Então, de manhã ele ficava com a minha mãe, quando eu chegava depois do almoço, eu já levava ele comigo. Ele ficava só comigo. Eu que fazia o serviço e cuidava dele, dava conta de fazer tudo. Aí, quando o Marcelo nasceu, aí já era dois. Aí, já não tinha minha mãe mais. Aí, eu já tinha que arrumar alguém pra me ajudar, mas geralmente quem eu arrumava não dava conta de fazer o serviço no período da manhã. Aí, eu tinha que trocar. Aí, eu falava: “Não, vai cuidando deles aqui.” Mas eles tava ali junto comigo, eu tava sempre junto, né? De tarde eu chegava da escola

ficava com eles, à noite, entendeu? Mas, de manhã eu tinha que correr com o serviço e à tarde eu tava na escola.

Shnaider - Como foi assim, com seu marido depois do nascimento do Marcelo. Porque ele também vivia a expectativa, como você como o médico falava de que podia ser uma menina...

Marlene - Tinha, ele também tinha.

Shnaider - Aí, depois nasceu...

Marlene - Não, mas ele também, o Marcelo também ...

Shnaider - Nasceu o Marcelo, um homem, vocês o receberam e tal, mas vocês conversavam, falavam sobre isso?

Marlene - Você fala quando eu tava grávida ?

Shnaider -É, quando você tava grávida e depois que o Marcelo nasceu.

Marlene - Não, depois que o Marcelo nasceu, nem meu marido nunca mais me comentou, assim, que tava esperando menina. Não, ele... Aí, nasceu homem, ele ... ficou dos mais satisfeito.

Shnaider - Nesse momento da sua depressão, desses 4 anos, como que vocês foram se virando, assim, você e ele ?

Marlene - Eu e o Natanael?

Shnaider - De ter vindo um menino e a questão da depressão.

Marlene - Não, além assim, o meu marido também é muito nervoso. Inclusive, quando assim, eu falo pra ele... Assim, já conversei com o médico, falo assim, se surtar for doença hereditária, que eu não sei se é, eu acho que meu esposo também já surtou. Porque assim no meu casamento, tava tudo tão bem, tudo normal, menina, de repente meu marido ficou louco.

Shnaider - Que época foi Marlene ?

Marlene - Foi em 79.

Shnaider -Isso você já tinha tido o Ricardo ?

Marlene - Não, não.

Shnaider - Vocês estavam casados, mas ainda não tinha o Ricardo?

Marlene -É. É. E ele corria assim, sabe? Mas só que foi rapidinho ele já melhorou. Ele nunca assim, fez exame pra ver se ele tem falta de lítio. Ele nunca, mas toda vida ele foi muito nervoso.

Shnaider - Como que foi assim, que você tá chamando de surto?

Marlene - Não, eu não sei, eu acho, eu que penso, sabe?

Shnaider - É sua hipótese, né?

Marlene - Isso, isso.

Shnaider - Como que foi, agora que você pensa assim: “Eu acho que era isso?”

Marlene - Não, às vezes é porque eu conversando assim, com a psiquiatra, né? Que eu levei o Marcelo na doutora M. Aí, ela me perguntando: “Mas na família tem alguém assim e tal.” Lá na Medicina o médico falava assim: “Mas na sua família tem alguém assim, que já quis suicidar. Porque tem a doença suicida também, né? Então, na sua família tem alguém que quis já suicidar, porque essas doenças geralmente...” Aí, eu falei: “Não, na minha família eu não lembro de ninguém que quis suicidar.” E o Marcelo também, ele fala pra mim, que nunca teve vontade de suicidar, não é o caso dele, a não ser que disso aí, pode vim a causar. Também não entendo, por isso que eu tô te falando , eu preciso conversar com uma pessoa (risos) pra me esclarecer, né? Porque não é ruim? Aí, ele fala assim: “Não mãe, eu nunca passou pela minha cabeça de eu suicidar.” Mas lá na psiquiatria, lá na CAPS, tem gente lá que fala pra ele direto que quer suicidar. Que o pai suicidou e que quer suicidar também. Aí então, a doutora M. falando, falei: “Não, mas você sabe que você perguntado assim sobre surto, eu acho que eu não sei mas, eu acho que meu esposo deu um pequeno surto, porque ele

tava assim, de repente ele fugiu.” E até hoje se ele ficar nervoso assim, ele fica fora dele, sabe? Ele fala, ele fala coisa que não deve. Ele fala as coisas, ele fica todo doido assim, de repente passa. Não sei se é porque ele já tá mais velho agora, hoje em dia ele já tá mais velho, mas quando ele era mais novo também, ele era assim. Além dos meus menino pequeno ainda tinha a depressão, né? Ele era assim ciumento, sabe? Eu não podia ir no portão, eu não podia conversar com quase ninguém. Ele tem ciúme da minha família, ele tinha ciúme da minha mãe, sabe? Toda vida ele foi assim muito nervoso, sabe? Então, mas de vez em quando assim, se ele cismar com alguma coisa assim, ele foge, meu esposo, sabe? Aí, de vez em quando, hoje eu falo pra ele brincando: “Ah, Marcelo, Natanael, eu tô achando que você tem essa doença e o Marcelo te puxou.” Aí, ele fica assim... “Você tá ficando doida?” Eu: “Já, você já surtou uma vez.” Uma vez ele surtou assim, ficou perdido mais ou menos umas 3 horas sem saber o que que tava acontecendo com ele, sabe? Aí, depois ele melhorou. Mas assim, nunca procurou médico. Mas nervoso ele é também e mal-humorado. Ele tá assim, se ele tiver um problema, ele não pode ter problema, sabe? Assim, não pode ter preocupação que ele fica assim meio, meio no ar, sabe? Meu esposo. Então, mas assim, mesmo assim na época ele era mais nervoso, mais novo, mais ciumento, ignorante, né? Porque não é amor, né? Mas só que ele me ajudava muito com os menino, sabe? Ele chegava de tarde, ele dava janta, ele me ajudava a arrumar cozinha. De noite se tivesse que dar mamadeira, ele fazia mamadeira, ele trocava meus menino. Toda vida ele foi um pai assim, pra me ajudar é difícil ter um homem assim, sabe? E até hoje, até a netinha. Ele levanta de noite, ele dá mamadeira, ele chega e dá sopinha, sabe? Ele adora ajudar. Só que ele é nervoso também. Ele é assim meio mal-humorado. Às vezes as pessoas vem aqui e fica assim: “Ah, mas eu não vou na sua casa não, eu tenho um medo do seu marido.” Aí, às vezes fala: “Nossa, mas seu marido é bonzinho demais.” Eu falo: “Gente, ele é um coitado! De vez em quando é que ele tá mal-humorado, tem que saber o dia que ele tá bom.”

Shnaider - Você tá falando um coitado ?

Marlene – Não, um coitado assim, que eu falo assim, ele não é a pessoa que as pessoa imagina, né? Assim, eles acha que ele é ruim, né? Que ele é assim esquisito, né? Eu falo: “Não, não é não.” Aí, minhas amiga vem aqui, ele faz cafezinho, sabe? Ele arruma a mesa, ele busca lanche, se tiver bolo, ele vem chama, sabe? Ele faz tudo. Aí, elas falam: “Nossa, Marlene, eu tinha assim, eu pensava tão mau do seu marido! Mas ele é tão bom!” Eu falo: “Não, mas ele é bom mesmo.” Ele só tem esse problema. Então, eu não sei se ele também tem o mesmo problema assim, do Marcelo que não é, né? É lógico, mas ele também, igual a doutora M. falou, que falta de lítio chama doença do mal-humor, né? E meu esposo também, ele tem hora que ele é mal-humorado, muito.

Shnaider - É?

Marlene - É, e se perde também de vez em quando.

Shnaider - Você disse também porque às vezes o Marcelo se perde também , é isso ?

Marlene - Não, não. O Marcelo, o Marcelo se perde só quando ele surta, né? Nunca se perdeu assim não, de nervoso não. Agora já o Natanael, se ele tiver um problema assim, ele fica assim meio fora dele. Aí, eu não sei se o Marcelo puxou o pai dele ou se não tem nada a vê uma coisa com a outra.

Shnaider - Tá bom Marlene. Espero que nós possamos continuar de uma próxima vez.

**FICHA CATALOGRÁFICA**

Elaborado pelo Sistema de Bibliotecas da UFU - Setor de  
Catalogação e Classificação - mg / 04/05

**S237c** Santos, Shnaider Alves, 1969-  
Considerações sobre as especificidades na estruturação da  
psicose do adulto e da infância / Shnaider Alves Santos. -  
Uberlândia, 2005.  
275f.  
Orientador: João Luiz Leitão Paravidini.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlân-  
dia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.  
Inclui bibliografia.  
1. Psicanálise - Teses. 2. Psicopatologia - Teses. 3. Psicose  
infantil - Teses. I. Paravidini, João Luiz Leitão. II. Universi-  
dade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia. III. Título.

CDU: 159.964.2 (043.3)  
159.97(043.3)

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.